

**SABOR
DO TEMPO QUE PASSA**

24. **Natal do Meu Coração** (2ª ed.)
Heitor Morais, S.J.
25. **Quando Orardes, Dizei: «Pai»**
Jean Lafrance
26. **O Risco de Amar – Um Perfil de Comunhão – Ir. M. S. Betencourt**
Margarida Maria Gonçalves, R.S.C.M.
27. **O Poder da Oração**
Jean Lafrance
28. **Perseverantes na Oração**
Jean Lafrance
29. **Elucidário Espiritual**
Manuel Simões
30. **Notas do Meu Diário**
Dário Pedroso, S.J.
31. **Liturgia das Minhas Horas**
Paulo Guerra, S.J.
32. **De Mãos Erguidas**
P. António M. Martins, S.J.
33. **Cartas da Vida**
Dário Pedroso, S.J.
34. **Dizer com Actos – Reflexões ao Ritmo do Ano Litúrgico**
Domingos Monteiro da Costa, S.J.
35. **Dia e Noite**
Jean Lafrance
36. **Sentir com a Igreja – Reflexões ao longo do ano**
Dário Pedroso, S.J.
37. **Missa em Sim Maior – Para viver melhor a Eucaristia**
Paulo Guerra, S.J.
38. **Sinfonias do Amor** (2ª ed.)
Dário Pedroso, S.J.
39. **Se Tu Soubesses o Dom de Deus – Ensaio sobre Oração** (2ª ed.)
Luís Rocha e Melo, S.J.
40. **Rezar com a Bíblia**
Dário Pedroso, S.J.
41. **Pão da Palavra – I**
Paulo Guerra, S.J.
42. **Como Leve Pena... – Orar ao sopro do Espírito**
Agostinho Tavares, C.S.Sp.
43. **Pão da Palavra – II**
Paulo Guerra, S.J.
44. **Falando com o Pai Nosso**
Carminda de Sousa Marques
45. **Mestre, Onde Moras? – Temas evangélicos acerca da oração**
Evaristo de Vasconcelos, S.J.
46. **Sabor do Tempo que Passa**
João Paiva

João Paiva

SABOR DO TEMPO QUE PASSA



Editorial A. O. – Braga

Orientação gráfica: *Rita Paiva e Elias Couto*

Capa
(arranjo gráfico): *Virgílio Cunha – Editorial A. O.*

Paginação: *Editorial A. O. – Braga*

Impressão
e Acabamentos: *Fabigráfica – Pousa – Barcelos*

Pode imprimir-se: *Amadeu Pinto, S.J.*
Provincial

Imprima-se: *† Jorge Ferreira da Costa Ortiga*
Arcebispo Primaz

Depósito Legal nº 222193/05

ISBN 972-39-0625-2

Março de 2005



©
**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

L. das Teresinhas, 5 – 4714-504 BRAGA
Tel.: 253 201 220 * Fax: 253 201 221
livros@snao.pt; www.jesuitas.pt/AO/AO.html

Índice Geral

PRÓLOGO	7
PREFÁCIO	9
1 – ESPERANÇA	13
2 – NASCER	27
3 – SABOR DO TEMPO QUE PASSA	37
4 – MUDANÇAS	143
5 – RECOMEÇAR	167
6 – HÁ GENTE ESPECIAL QUE NOS ANIMA.....	193
ÍNDICES	205
Índice Remissivo	207
Índice de Pensamentos	212

Prólogo

Aceitei, do Padre Dário Pedroso, o repto de, durante dois anos, escrever a “Boa Nova de Cada Dia” para a revista “Mensageiro”. Desse conjunto de pensamentos, ligeiramente reorganizados, nasceu este livro.

Gostaria de o ter chamado “pensamentos de um amador”. Mas o título não seria por si elucidativo e acabou por ser abandonado, preferindo-se o “sabor do tempo que passa”, aludindo ao grosso dos pensamentos, que se reportam ao chamado Tempo Comum, a vida de todos os dias, onde a liberdade espreita ao tentar traduzir em vida o Evangelho...em *full time!*. Gostaria, contudo, de elucidar o duplo sentido da palavra “amador” na primeira versão do título, pois, desta forma, explico o meu estado de espírito nestes textos: o “amador” é, antes de mais, um não profissional em textos bíblicos, um não especialista em psicologia, um não escritor, um não teólogo. Por outro lado, o “amador” é o que tenta amar, como o pescador tenta pescar e o soldador tenta soldar.

A organização do livro, em coerência com os pensamentos que estiveram na sua base, é a dos movimentos litúrgicos: Esperança (Advento), Nascer (Natal), Sabor do Tempo que Passa (Tempo Comum), Mudança (Quaresma), Recomeçar (Páscoa) e Há Gente Especial que nos Anima (pensamentos sobre Santos da Igreja). Muitos pensamentos, têm uma forte componente de “animação apostólica”, dirigida a Católicos Apostólicos Romanos, porventura até, particularmente, aqueles que estão empenhados nas mais variadas actividades cristãs. Presumo, porém, que muitas das linhas poderão ser lidas com prazer e proveito, por pessoas não religiosas.

Tentei promover a “navegabilidade” do livro (virá da minha relação com os hipertextos digitais?) através de um glossário de palavras/temas fortes e de um título dos pensamentos (além do índice principal). É assim possível ler o livro “avulso”, em coerência com o momento litúrgico ou com estados de espírito/ideias como “alegria”, “morte”, “filhos”, “eucaristia”, “sofrimento”, “liberdade”, “Igreja”, etc. A cada pensamento do livro está associada a passagem bíblica inspiradora. Uma das formas de usar estas páginas pode ser escolher um pensamento e ler os textos da bíblia correspondentes ou vice-versa. Mas, mais fecundo, claro, será traduzir em vida, dia a pós dia, o que as palavras nos sugerirem. Desta forma, estaremos,

tão só, a sentir o “sabor do tempo que passa”. Este é, pois, mais do que um livro para meditar, um livro para a vida.

Quando hesitei dizer sim ao desafio de escrever um pensamento por dia, durante dois anos, estava com receio de tal obrigação, aparentemente incoerente com o meu estilo de vida e os múltiplos compromissos familiares, profissionais e sociais em que estava envolvido. Fiz bom balanço do compromisso, precisamente por me ter “obrigado” a parar, a aprofundar os textos bíblicos e a tentar produzir alguma coisa capaz de me ajudar a mim e aos outros a viver a “Boa Nova de Cada Dia”.

A compilação destes textos e o seu arranjo em livro encerram também algum risco. “Uso-os”, pessoalmente, além da resposta a alguns leitores da revista que me encorajaram a fazê-lo, para me assumir comprometidamente como Cristão (o que nem sempre é óbvio e fácil). Mas o meu desejo maior, como se compreende, é que estas palavras possam ajudar alguém a ser mais feliz! Não devo esconder, contudo, que este livro, como muito do que fazemos, brota da minha própria fragilidade e da carência que tenho em ser amado.

Os meus agradecimentos vão para o Padre Jesuíta Dário Pedroso que me lançou para este desafio e que teve a paciência de prefaciar estas palavras. Saúdo também todos os seus “irmãos de Companhia”, com quem tenho tido a sorte de me ir cruzando e que, de uma forma ou de outra, me vão cada vez mais ajudando a conhecer o fantástico carisma de Santo Inácio de Loyola. Agradecimentos especiais para a Rita que ilustrou o livro e para muitos amigos, incluindo o meu sogro, Albertino, que deram preciosas sugestões de linguagem. Uma palavra especial para todos os meus amigos e amigas que, independentemente das suas convicções, me foram espelhando uma vida que vale a pena viver. Destaco a Jacinta, minha mulher, e os meus filhos André, Afonso e Ana pois a vida de todos os dias com eles trouxe-me e continua a dar-me alegrias e crescimentos pessoais enormes, que se reflectem nos pensamentos deste livro.

Prefácio

Que gosto o meu de poder prefaciá-lo este livro!!! Agradeço ao Autor, meu amigo João Paiva, o ter-me pedido uma palavra para o Prefácio, pois encanta-me «o sabor do tempo que passa», qual vento divino que sopra, que inspira, que inquieta, que queima, que deixa marcas naqueles que são tocados por Ele, esse Espírito que está na Palavra, que fez a Palavra, que gera a Palavra e que nos ajuda a alimentar-nos dela.

O tempo a que o Autor alude no título, é não só o tempo do nosso quotidiano, mas o tempo litúrgico, marcado pelos grandes momentos da vida da Igreja, o tempo marcado pela vida dos Santos, que são «gente especial que nos anima», como lhes chama o Autor. Ora um livro que nos põe em comunhão com a Palavra lida na liturgia, que nos ajuda a «comê-la», a rezá-la, a saboreá-la como verdadeiro alimento do espírito, é um livro espiritual que compromete a vida e a insere em cada pensamento, em cada comentário, em cada pequena meditação, qual naco de pão que se vai comendo. Pois é da vida quotidiana que se trata. E um livro que nos ajuda a rezar a Palavra e a vida, conduz-nos à santidade. Os Santos, de que o Autor trata na 6ª parte, foram aqueles cristãos e aquelas cristãs que souberam meter a Palavra na vida, souberam viver a vida ao ritmo da Palavra, souberam tecer a vida e a Palavra, fazendo um só tecido: a santidade.

Pequenos comentários, «nacos», não muito grandes, para serem saboreados dia após dia, trazem ao livro uma simplicidade e uma profundidade que nos encantam. E encanta também que a palavra de Deus seja repensada com a palavra humana de alguém que, inserido na vida familiar e profissional, quer viver a Palavra e ajudar outros a fazê-lo. Os comentários, se forem meditados, serão fermento para uma vida nova, com sabor evangélico. Cada um, com tonalidade e matiz diferente, vai evangelizando o nosso interior e fazendo do leitor, homem e mulher da Palavra rezada e feita vida. E vai ajudando a vida a ser Palavra, ser alimento para os outros, ser fermento de outras vidas novas, com sabor evangélico.

O «Glossário» que nos é apresentado no fim do livro, será uma preciosa ajuda para uma escolha seleccionada de palavras-chave, de temas importantes, de pedaços de vida com mais intensidade. Facilita a procura e é

Sabor do Tempo que Passa

um bom cicerone para nos fazer entrar pelo caminho delicado da Palavra rezada e saboreada.

Alegro-me por ter pedido ao Autor, o meu querido amigo João Paiva, que escrevesse durante dois anos no *Mensageiro do Coração de Jesus*, a revista de que sou Director. Alegro-me por saber que na vida, e sobretudo na vida familiar com a Jacinta e os filhos, todos procuraram dar vida à Palavra. Daí que o que aqui se compila, não são uns textos «intelectuais», mas vida passada a texto, com sabor ao Espírito, a esse «sopro que passa», dando vida e calor ao «sabor do tempo que passa».

Parabéns ao Autor. Estou certo que estas páginas vão ajudar muitos a rezar e a dar à vida quotidiana um sabor divino. É isso que o Autor, com seu coração e sua vida tão cristã, deseja. Estou bem certo disso. Parabéns.

Dário Pedroso, S.J.

À Jacinta
Ao André
Ao Afonso
À Ana



ESPERANÇA

1 | *Hoje vimos maravilhas*

Lc 5,
17-26

A leitura de Isaías anuncia um futuro de paraíso, onde «floresce a terra árida» e onde se chega «com brados de alegria e com eterna felicidade». Para nós, este futuro torna-se presente com a vinda de Jesus. Ele é o elemento de transformação. Jesus transforma o paralítico, porque ele e os seus amigos desejam ver Jesus e acreditam na Sua força. Jesus, cura em duas medidas: cura a alma (perdoando os pecados) e cura o corpo (fá-lo andar). O encontro de Jesus com os homens é, pois, absolutamente humanizante. Este modo de actuar de Jesus gerou na multidão a exclamação «hoje vimos maravilhas!». Inspiremos a nossa caridade deste estilo cristão, que vai ao encontro do homem como um todo, **promovendo o espírito e o corpo**.

2 | *Mas a sabedoria foi justificada pelas suas obras*

Mt 11,
16-19

O Evangelho foca a questão do puritanismo. Jesus deita por terra a valorização do que é superficial e preconceituoso, opondo-se ao modo farisaico de enfatizar as regras em detrimento do coração (o puritanismo faz sombra à pureza). Sejamos auto-críticos enquanto Igreja e rectifiquemos o nosso discurso, para que não falemos em nome de Jesus envolvidos do puritanismo que Ele próprio combateu. No dia-a-dia, não valorizemos o que é externo, como «o rabo-de-cavalo daquele rapaz», «a maneira de vestir daquela rapariga» ou «o carro daquela pessoa». Olhemos os outros e nós próprios inspirados na vida de Jesus, para quem a sabedoria foi justificada pelas obras e **nunca pela aparência**.

3 | *Faça-se em mim segundo a tua palavra*

Lc 1,
26-38

Maria realiza em si aquilo que também nos vai fazendo a nós: **abrir-se aos desafios** do criador e deixar encarnar em nós a palavra de Deus. É esta abertura que nos torna, também a nós, mais felizes. Maria não é calculista mas aventura-se, não pergunta mas realiza, não duvida mas acredita, não se recusa mas oferece-se. Façamos também nós assim. Peçamos-lhe que, por sua intercessão, a consigamos imitar. Estaremos, então, a preparar o Natal.

4 O Senhor do Universo há-de preparar um banquete
com manjares suculentos

Is 25,
6-10a

O livro de Isaias conduz-nos à abundância das coisas de Deus. Em tempo de Advento, de espera, há que gozar o presente que sabe tão bem quando há futuro! Trata-se de saborear as tantas e tão boas coisas que Deus nos dá. Também o Evangelho põe tônica na abundância de Deus (multiplicação dos pães). Muitas vezes temos a tentação de **“passar a correr” por tanta coisa boa**: um pôr do sol, o sorriso de uma criança, o alívio de uma dor, um pedaço de pão, um copo de água, umas braçadas numa piscina, um respirar.

5 O meu jugo é suave e a minha carga é leve

Mt 11,
28-30

Talvez pudéssemos sintetizar os desvios da Igreja que somos, ao longo da História e ainda hoje, como resultando, em certo sentido, do esquecimento da frase que sublinhamos, dita pelo próprio Jesus. Ele diz de si próprio “o meu jugo é suave e a minha carga é leve”. Seguir Jesus pode ter a ver com “portas estreitas” mas é sempre, no fundamental, um alívio de felicidade. Sejam críticos quando o cristianismo se fizer passar por algo ascético e pesado e, ao contrário, vivamos e passemos aos outros um **Jesus de “carga leve”**.

6 A vinha em flor exala o seu perfume

Cant 2,
8-14

O livro dos cânticos “embala” a nossa alma para receber o filho de Deus. Os apelos aos milagres da natureza são evidentes. Saibamos interpretar cada pedaço da criação como antecipações do “Deus que está para vir”. O nosso Deus não se manifesta num plano teórico mas vai de encontro ao que podemos verdadeiramente sentir. Inspirados no apelo da “vinha em flor” que “exala o seu perfume” lembremo-nos, hoje, diante de tantos cheiros bons que estão ao nosso alcance (cheiros de flores, cheiros de bebés, cheiros de um bom cozinhado), que **Jesus quer entrar nas nossas vidas** e abramos-lhe o coração.

7 *Não é da vontade de meu Pai que se perca um só destes pequeninos*

Mt 18,
12-24

Deixar noventa e nove ovelhas para procurar a centésima tresmalhada evidencia uma lógica divina que, muitas vezes, se opõe à lógica humana. Numa sociedade em que a produtividade e o esbanjamento proliferam, em que a eficácia se tornou um deus, somos convidados a valorizar, a perseguir e a **amar o que se tende a abandonar** ou «a deitar fora». Uma pessoa idosa, um toxicodependente, um filho mais esguio, um aluno mais perdido, um vizinho mais original podem ser a «ovelha tresmalhada» que Jesus nos pede para amar. Sem nos impormos nem forçarmos, tentemos neste dia contribuir para a unidade do rebanho de Deus.

8 *Judá: tu és um leão novo*

Gen
49, 2.
8-10

O livro de Génesis apresenta-nos o anúncio de um “leão novo” de Judá, “a quem os povos hão-de obedecer”. Trata-se, para nós, do próprio Jesus, o homem-Deus que nos preparamos liturgicamente para receber. De entre as várias imagens e nomes que associamos nas escrituras a Jesus existe esta de “leão novo”, belo, enérgico, renovado, activo. Na medida do possível, mesmo que com falta de forças externas, tenhamos alma, também nós, de “leões novos”. Tenhamos, assim, um advento activo e dinâmico, como alguém que espera, **mas espera fazendo...**

9 *Raquel chora os seus filhos e não quer ser consolada, porque eles já não existem*

Mt 2,
13-18

Tinha sido anunciado pelo profeta Jeremias e é repetido no Evangelho de Mateus: “Raquel chora os seus filhos e não quer ser consolada, porque eles já não existem”. Esta frase, escrita no contexto da matança de crianças inocentes levada a cabo por Herodes, exprime a imensa dor e a enorme impotência associadas à dor de uma Mãe que perde os seus filhos. Se a morte é de si um mistério insondável e doloroso, é-o, em particular, quando envolve crianças e mais ainda quando se desencadeia por horrendos e perversos actos. Muito pouco podemos fazer quando somos espectadores ou actores da “estupidez da morte”. Uma fresta de luz sempre se abre com o próprio abandono e morte de Jesus, com quem a união, de vivos e mortos, é o sentido do “sem sentido”... **é o sentido da morte!**

10 Habitarei para sempre na casa do Senhor

Slm
22, 1-6

«Habitarei para sempre na casa do Senhor», proclama o refrão do salmo. Este convite à fidelidade (para sempre) é dos dons mais preciosos da nossa Fé. Para alguns, a fidelidade soa a monótono e “sem aventura”. Ser fiel, porém, é **permanecer e saborear a abundância**, como o fez a multidão que se saciou com o pão que Jesus multiplicou. Neste dia, poderemos não ter a capacidade de imitar Jesus na multiplicação das coisas, mas podemos continuar a sua vida distribuindo, como Ele, o pão (Ele próprio) por quem precisa. Que pão tenho eu, hoje, para distribuir? A quem o posso dar?

11 Nem todo aquele que diz “Senhor, Senhor” entrará no reino dos Céus

Mt 7,
21. 24-
27

O Evangelho faz-nos reflectir numa questão muito central para a vida dos cristãos: a coerência entre a oração (quem diz “Senhor, Senhor”) e a vida de caridade (“aquele que faz a vontade de Meu Pai”). Ao longo da história e ainda hoje, muitos de nós não temos esta **coerência**. Os que se afastam da fé, pensam, por vezes com razão: «aquele vai à missa mas é egoísta nos seus gestos». Tentemos neste dia ser modelo deste equilíbrio, louvando a Deus e vivendo em conformidade com quem reconhece o criador. Ou, noutra perspectiva, vivendo de tal maneira que a própria vida seja oração.

12 Será chamado Emanuel, que quer dizer “Deus conosco”

Mt 1,
18-24

O nome da criança que Maria tem dentro de si diz tudo sobre a sua importância: Deus conosco. Jesus é doado ao mundo e a cada um de nós como verdadeira, eterna e confiada presença. É «conosco». É «comigo». É «contigo». É «com ele». Maria não pode fazer outra coisa se não acolhê-Lo e oferecê-Lo. Façamos nós também assim: **acolhamos Deus conosco** e, pela nossa paz, demos este Deus ao mundo.

13 Curai os enfermos

Mt 9,
35-10,
1. 6-8

Somos convidados a reflectir sobre o modo de evangelizar do Cristão. Jesus pede aos Seus discípulos (e a nós) que anunciem «está perto o reino dos Céus» e, ao mesmo tempo, refere «curai os enfermos, sarai os leprosos». Significa que “o estilo de **Jesus**” **não é moralista e autoritário**. Ele não deu aos discípulos uma “varinha do condão”. Parte da pessoa humana como ela é, escuta-a, cura-a e, respeitando-a, convida-a a conhecer o Amor do Pai. É bom que, inspirados nestas palavras de Mateus, purifiquemos o nosso modo de evangelizar, para que não seja uma missão teórica e irreal mas antes vá ao encontro de cada um.

14 Os jovens cansam-se e fatigam-se e os adultos tropeçam e vacilam

Is 40,
25-31

Há certa tendência em achar que a geração actual e o mundo de hoje são afectados de agitação e fragilidade particulares. Se é verdade que a contingência humana se evidencia, nos nossos dias, de forma específica, convém notar que há centenas de anos esse mesmo diagnóstico era apontado pelo profeta Isaías. Um aviso, talvez, para não condenarmos a **geração de hoje** e os tempos modernos, com problemas delicados mas repletos de virtudes. O homem é o mesmo, vulnerável mas promissor, tanto mais aliviado quanto procurar caminho n’Aquele que se oferece como jugo suave...

15 O Senhor é clemente e compassivo, paciente e cheio de bondade

Slm
144, 1,
9-13ab

O salmo 144 caracteriza de forma muito bonita o indizível que é Deus: um Deus clemente e compassivo, paciente e cheio de bondade. Um Deus paciente que nos convida a recomeçar, que «nos dá a mão direita» e que contraria a nossa tendência autodestrutiva face aos nossos desvios. O nosso Deus não se impõe mas antes nos convoca para O coadjuvamos na história. Sejamos, por isso, hoje, **homens e mulheres** pacientes e **cheios de bondade** para com os nossos irmãos.

16 | *A minha boca cantará a vossa glória*

Slm
70, 3-
17

O refrão do salmo pode constituir uma excelente motivação para o advento, para a preparação da nossa vida face à chegada de Jesus Menino. Cantar a glória do Senhor, proclamar a Boa Nova com um coração grande e rasgado, é viver o advento. Podemos perguntar para que usamos a nossa boca. Para dizer mal de quem? Para (auto?) promover quem? Ou para **cantar glória ao senhor**?

17 | *Na figueira começam a brotar os primeiros figos
e a vinha em flor exala o seu perfume*

Cant 2,
8-14

A leitura do Cântico dos Cânticos reproduz um autêntico romance, cheio de vigor e força, com referências belíssimas à natureza. Deus não se comunica ao homem de forma etérea. Já no Antigo Testamento a «linguagem de Deus» é de aproximação ao homem. Para falar da Sua beleza e bondade, Deus usa, pela boca dos profetas, as **coisas belas das criaturas e da natureza**. O amor entre a amada e o amado, os elementos encantadores da primavera, servem de matriz para anunciar as maravilhas do Senhor. Para nós, estas são palavras de «aperitivo» da aproximação das aproximações de Deus à humanidade, consubstanciada na encarnação de Jesus. Vivamos esta alegria!

18 | *O lobo viverá com o cordeiro*

Is 11,
1-10

Isaias fala-nos antecipadamente de um mundo onde «o lobo viverá com o cordeiro». É o desígnio da Unidade, pelo qual Jesus foi enviado até nós, para nos apresentar a chave, que é o amor até à cruz. Podemos perguntar-nos: onde estão «lobos e cordeiros» por conviver, e se, em alguns casos, não somos nós próprios que impedimos a **harmonia** dos filhos de Deus. Tensões entre ricos e pobres, sogras e noras, patrões e operários, clero e leigos, pais e filhos, professores e alunos, às quais assistimos ou nas quais participamos, esperam pelo nosso protagonismo na profecia de Isaias...

19 | Aos famintos encheu de bens e aos ricos
despediu de mãos vazias

Lc 1,
46-56

O Magnificat que contemplamos contém em si toda a história da salvação. Concentremo-nos na frase: “Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias”. Perguntemo-nos: sou faminto de Deus? Preciso d’Ele e dos outros? Implico a minha felicidade na felicidade dos outros? Ou, pelo contrário, sou rico (de mim)? Todos nós oscilamos entre a pobreza que nos faz felizes, quando nos colocamos de mãos vazias, e a riqueza que nos ocupa as mãos e nos inibe de receber. Maria faz esta experiência de despojamento de si, acolhendo o Senhor. Tentemos nós fazer assim também, ser **pobres de mãos vazias** para que Deus nos possa enriquecer.

20 | Na verdade, a mão do Senhor estava com ele

Lc 1,
57-66

A forma como termina o texto de Lucas põe em destaque o protagonismo de Deus na Sua missão nobre de possibilitar aos homens, feitos à Sua imagem e semelhança, a felicidade plena. As coisas extraordinárias associadas ao nascimento de João Baptista tinham “o dedo de Deus”. Em certo sentido, tudo na nossa vida “é extraordinário” e tudo resulta do amor prévio de Deus. É importante o esforço, a vontade e a dedicação que brota da nossa liberdade para ir ao encontro do Senhor. Mas percebe-se a importância de não valorizar os nossos méritos, diante da infinita e **gratuita generosidade de Deus**.

21 | Aquele que diz conhecê-Lo mas não guarda os seus
mandamentos é mentiroso

1 Jo 2,
3-11

A escritura chama-nos à atenção de que o encontro com Deus não pode ter uma única dimensão **vertical** (homem – Deus). Igualmente, o encontro do homem é também incompleto na exclusiva dimensão **horizontal** (homem – homem). É o cruzamento destas duas realidades, horizontal e vertical que representa, para nós Cristãos, a plenitude de vida. É curioso que, esteticamente, o cruzamento do vertical com o horizontal representa nada mais, nada menos, do que uma cruz...

22 Caminhemos à luz do Senhor

Is 2,
1-6

O livro de Isaías faz um bom mote para o advento litúrgico. “Caminhar à luz do Senhor” é viver, progredir, dar um sentido ao passado, projectando-o num futuro de encontro e de esperança. Façamos em relação à nossa própria vida esta “ligação dos tempos”: amados por Deus desde sempre, existimos e esperamos n’ Ele. Vivemos o presente como que “amparados” neste sentido: acreditamos que, do amor, fomos feitos para o amor. Por isto **vivemos**, hoje, agora e aqui, **para o amor!**

23 Eu te bendigo, ao Pai, porque (...) as revelaste aos
mais pequeninos

Lc 10,
21-24

Jesus chama à atenção dos doutores da lei (e de cada um de nós) para a simplicidade de coração que é necessária no acolhimento do nosso Deus. Para esperar em Deus (Advento) é necessário não complicar e, por vezes, quase que ser ingénuo (“O menino meterá a mão na toca da víbora” – Isaías). Acreditar no amor e esperar em Deus, num mundo onde a ambição desmedida e o egoísmo humanos ainda espreitam, é missão dos “mais pequeninos”. Peçamos a Deus, hoje, para **sermos** mesmo “**pequeninos**”.

24 Um povo que pratica a fidelidade

Is 26,
1-6

Isaías anuncia a abertura de portas para “um povo que pratica a fidelidade”. A vida pessoal de cada um, mesmo para além da caminhada espiritual, tem uma relação forte com critérios de fidelidade. A fidelidade, bem o sabemos e experimentamos, dá-nos mais coerência e liberdade. Não sendo fácil, a fidelidade não é prisão! Ser fiel, hoje, com Deus, connosco próprios, com os outros ou com alguém especial, é ajudado pelo advento de um sempre melhor amanhã. **Procuremos** esta **fidelidade**, “fazendo a vontade d’ Aquele que está nos Céus”...

25 Nesse dia os olhos dos cegos hão-de ver

Is 29,
17-24

Podemos sempre esperar um mundo melhor. “Os olhos dos cegos hão-de ver”, diz o profeta Isaías. Também Jesus se cruza com dois cegos que desejam ver e confere-lhes a vista. Pensemos na nossa cegueira pessoal, naquilo que, consciente ou inconscientemente, ainda não conseguimos ver. Peçamos a Deus a graça de confiar que “**veremos melhor**”, o futuro do nosso filho, o diagnóstico daquela doença, a solução daquele problema, o mundo mais “composto”.

26 Os teus pecados estão perdoados

Lc 5,
17-26

A passagem do Evangelho põe em evidência uma realidade nem sempre clara na nossa vida apostólica e não só: é mais importante **curar a alma (o fundo)** do que a superfície. Diante de Jesus e dos homens está o “perdão dos pecados” e a “cura do parálítico”. Jesus trata primeiro da alma como que dizendo: “encontrando a face da misericórdia de Deus, podes encontrar-te e ser feliz para sempre, mesmo que tenhas problemas exteriores, físicos ou outros”. É “maravilhoso”, como diziam os que assistiam àquele quadro que, por testemunho e por via da própria misericórdia de alcance profundo, o parálítico passa a andar.

27 Não deixará as noventa e nove nos montes para procurar a tresmalhada?

Mt 18,
12-24

Em termos de espera, de esperança, podemos ir preparando terreno para entrarmos na “lógica do Senhor”. Uma lógica diferente da nossa, meramente humana, mas que dá sentido à vida. **Deixar o rebanho para procurar a ovelha perdida** é, antes do mais, um gesto de abertura e de rasgo. Opõe-se a esta atitude algum narcisismo apostólico, algum conservadorismo ou preocupação de manter o que está em vez de contribuir para a história do Reino de Deus. De facto, sabendo nós que está a vir o Deus do Amor, como nos podemos calar? Como nos podemos contentar com o que somos, sem apelar a todos, com um sorriso verdadeiro, que vale a pena viver?

28 Não apareceu ninguém mais do que João Batista

Mt 11,
11-15

A figura de João Baptista marca, em certo sentido, a fronteira entre o Antigo e o Novo Testamento. É ele que anuncia que está próximo o reino de Deus, com Alguém que virá, maior do que Ele. Os antigos profetas anunciavam a esperança de um amanhã melhor (“transformarei o deserto em lago” – Isaías) mas com João Batista esse **“novo tempo” começa a ver-se** de forma mais concreta, aproximando-se a própria encarnação de Deus, Jesus Cristo. Demos graças a Deus por uma revelação tão perceptível e libertadora.

29 Quem vos segue, Senhor, terá a luz da vida

Is 48,
17-19

Inspiremo-nos no refrão do Salmo para iluminar a nossa própria vida: “Quem vos segue, Senhor, terá a luz da vida”. Se repararmos, pequenos e grandes sofrimentos da nossa vida, representam faltas de luz. Sofremos, muitas vezes, porque não vemos o amor, sempre escondido atrás de cada dor, espreitando a confiança no essencial. Tentemos, hoje, quando “virmos pior”, usar o Senhor, para ter **luz na vida**.

30 Mas em vez de o reconhecerem fizeram tudo o que quiseram

Mt 17,
10-13

As palavras que Jesus diz a propósito de Elias podem ajudar-nos a sermos mais sensíveis no nosso dia-a-dia. Assim como Elias não foi reconhecido nos seus méritos proféticos, também nós, por vezes, passamos “ao lado” de situações, principalmente de injustiça, violência ou sofrimento. Importaria denunciar e intervir mais nestes focos de espaços e tempos por dignificar ao nosso lado. Trata-se, como refere o Evangelho, de não “fazeremos tudo o que quisermos”, sabendo reconhecer, de facto, quem sofre, e agindo em conformidade. Estejamos **atentos a todos os sinais**.

31 | *A virgem conceberá e dará à luz um filho que será chamado Emanuel*

Mt 1,
18-24

Na semana que antecede a festa do nascimento de Jesus a liturgia insiste naquelas pessoas que são centrais na própria história da salvação. Maria, mãe de Jesus e nossa Mãe, é uma dessas criaturas importantes e especiais nos planos de Deus. Tomemos Maria como modelo e, nesse sentido, tentemos imitá-la. Imitemo-la, particularmente, neste gesto de doação, de deixar que, de dentro dela, brote a salvação dos outros. Aproximemo-nos de cada pessoa que conosco se cruza com esta predisposição Mariana, de **que de nós saia vida em abundância** para cada homem.

32 | *Vós sois a minha defesa e o meu refúgio*

Slm
70, 3-
17

O Salmo que rezamos convida-nos a cantar a glória do Senhor. Este hino de louvor é a natural reacção dos homens aos tempos de esperança e certeza que vivemos na história. Não obstante esta confiança no Senhor, o mundo, nós próprios e as pessoas que nos rodeiam possuem, por vezes, alguma agressividade e violência. Percebe-se que, em pequenos ou grandes desafios da nossa vida, precisamos de protecção. Saibamos que esperar, é também ter em Deus este “escudo”. É Ele e não outra pessoa, outra coisa ou outro sonho, a **“minha defesa e meu refúgio”**.

33 | *O próprio Senhor vos dará um sinal*

Is 7,
10-14

Em tempos de Advento as leituras bíblicas colocam ênfase nos sinais que Deus deu, dá e dará ao seu povo. A nossa esperança reside na fé mas há sinais que vão confirmando os nossos passos, amparando os nossos “mergulhos”, dando luz aos nossos “saltos no escuro”. **Procuraremos sinais**, hoje, deste Deus amor que está para vir. Há sinais à nossa mercê que precisam desse esforço dos nossos olhos. Assim como quem pega num grão discreto de areia e nele pode ver cristais de beleza impressionante, também todos os rostos, mesmo os mais rudes, são sinais de um Deus que criou e assiste todos os homens.

Manifestou o poder do seu braço
34 e dispersou os soberbos

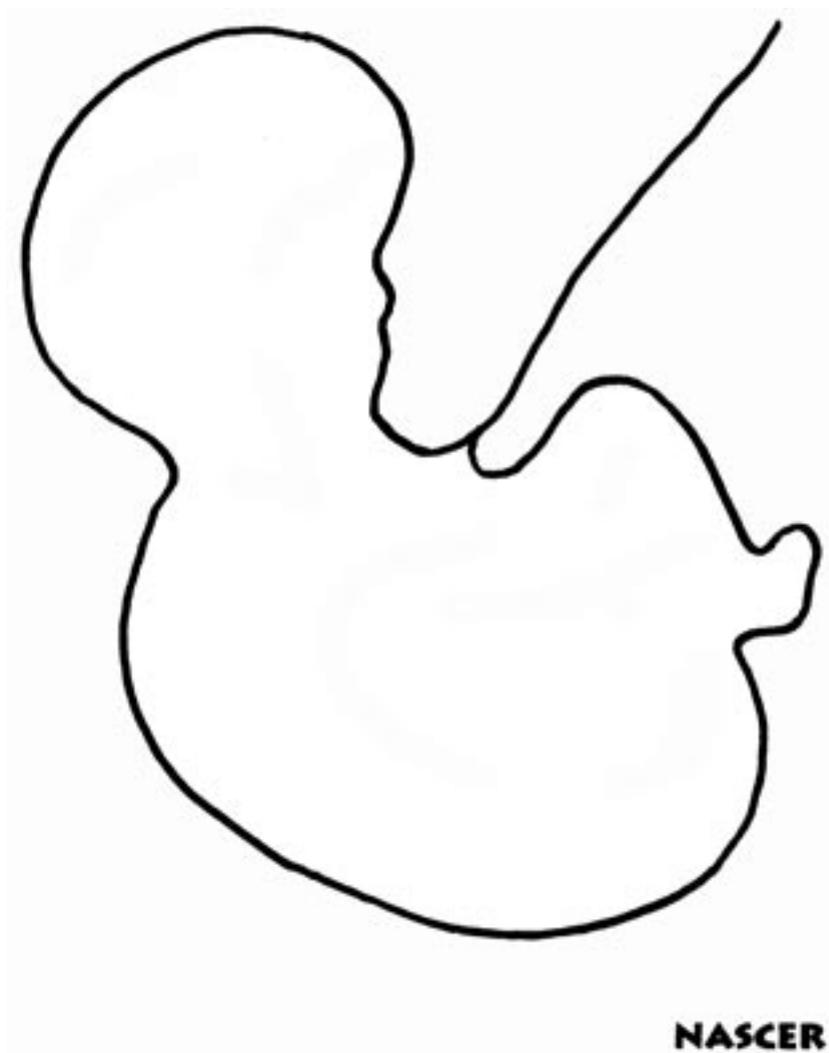
Lc 1,
46-56

O Magnificat representa um momento central na história da salvação. Maria explicita o Deus que intervém e, por seu intermédio, Se revelará em Jesus Cristo. As palavras do Magnificat mostram que nada será como dantes. Isto é, Deus entra no homem e na História para fazer progresso, crescimento e salvação. Preparemo-nos, pois, não para um Deus que deixa tudo na mesma, mas para acolhermos um Deus que, “usando-nos” também a nós, **nos muda a nós próprios** e ao mundo... para melhor!

Dirigir os nossos passos no caminho da paz

Lc 1,
67-79

As palavras que Zacarias pronuncia, a propósito do seu próprio filho João Baptista, são pretexto de louvor a Deus. Zacarias justifica o seu filho na missão de abrir portas de amor ao homem. Ao dizer que dirigimos “os nossos passos no caminho da paz”, ajuda-nos a criar um bom guião de Advento e de Natal: em final do tempo de espera, caminhamos, agora, gozando a presença do Salvador. Importa, pois, não ficar parado e só expectante. Importa caminhar e o Evangelho ajuda a responder à necessária pergunta “para onde caminhar?”. Os nossos **passos**, escreve-se, **vão no caminho da paz!**



NASCER

36 *Maria ficou junto de Isabel cerca de três meses*

Lc 1,
39-56

Maria trazia no ventre o que de melhor veio ao mundo, Jesus, Filho de Deus. Foi visitar Isabel, sua prima, que em primeira mão pressentiu o Salvador. Maria anuncia uma Alegria e serve discretamente a quem anuncia. Não podemos ficar alheios às últimas palavras do Evangelho que referem aquilo que por outros evangelistas é escrito com mais detalhe: o serviço de Maria a Isabel. Fixemo-nos em Maria, nesta “estratégia” de anúncio: que a alegria de termos a Fé, de conhecermos Jesus se manifeste por “visitações” a outras pessoas a quem, mais até do que por belas palavras, **podemos servir**.

Tu és sacerdote para sempre
37 *segundo a ordem de Melquisedec*

Hebr
7, 1-3.
15-17

Melquisedec é o “rei da paz”, referido no Antigo Testamento como aquele que abençoou Abraão. Melquisedec não tem genealogia e aparece sem Pai nem Mãe. Impõe-se pelas suas virtudes pacificadoras e pelo desígnio de Deus sobre ele. Algo de semelhante se passa com Jesus, que não vem de qualquer linhagem humanamente eleita, mas nasce numa manjedoura para dar testemunho do Amor de Deus. O divino, de facto, vem do mais simples e discreto. É bom reflectirmos sobre o excessivo valor que podemos dar a expressões como “boas famílias”, “bons colégios”, “bons intelectuais”. Não tanto porque “no melhor pano cai a nódoa”, mas porque **no menos valorizado pode estar muito valor...**

Mas aquele que faz a vontade de Deus
38 *permanece eternamente*

1 Jo, 2,
12-17

S. João coloca em oposição os critérios “do mundo” e a “vontade do Pai”. De facto, embora estando no mundo e convidados a ser felizes no mundo e pelo mundo, é bom que não “sejamos do mundo”. Todos nós temos a experiência do que significa ser do mundo: pequenas ou grandes experiências em que o nosso deus foi coisas ou honras, deixam-nos incompletos e sozinhos. Pelo contrário, quando as nossas vivências, no mundo, é certo, são marcadas pelo Amor (que é a vontade de Deus), sentimos uma alegria completa e um estado de alma que, **selado no amor**, possui uma dimensão de eterna companhia.

39 | Se não vos tornardes como as crianças, não entrareis no reino dos Céus Mt 18, 1-5, 12-14

As crianças são dóceis, simples e alegres. Não vêem mal nos acontecimentos nem nas pessoas e desfrutam de coisas pequenas (ainda que nós, adultos, por vezes, lhes criemos necessidades que não teriam...). **Vale mesmo a pena ser criança** e só com um pouco dessa “ingenuidade” infantil conseguiremos olhar o mundo bonito, conseguiremos ser felizes, “entrar no reino dos Céus”. Por vezes somos “excessivamente adultos” a encarar as situações: imprimimos bastante seriedade aos momentos, racionalizamos em demasia, avaliamos sistematicamente. O amor, porém, começou por ser uma criança!

40 | Todo aquele que tem n’ Ele esta esperança torna-se puro como Ele é puro 1 Jo 2, 29-3, 6

A epístola de S. João focaliza a **relação pessoal com Jesus Cristo**, como condição para a salvação, isto é, para a felicidade. Podemos reflectir sobre a nossa forma de sermos cristãos, se não enveredamos por uma religiosidade demasiado teórica e moralista. Se não “apostamos no cavalo errado” para crescer espiritualmente já que, como se frisa na leitura, o que importa é a relação pessoal com Jesus, pois n’ Ele mora, de facto, toda a nossa esperança. Jesus, Ele próprio, nos dá uma pista para tornar constante esta relação com Ele: vê-Lo, a Ele próprio, em cada irmão. Tentemos, hoje, viver assim.

41 | Que procurais? (...) Vinde ver. (...) Jo 1, 35-42

O diálogo que Jesus trava com os discípulos de João Baptista resume, em certo sentido, a história da revelação de Deus por intermédio de Jesus Cristo. De alguma forma, também a nossa história e a nossa vida pessoal encontram neste diálogo um precioso eco: a nossa sede de alegria faz-nos **procurar** algo que dê sentido à existência. Jesus, pela forma como vive, como perdoa e como ama, faz-nos **ver** um estilo de vida que tem sentido e nos torna felizes. Não podemos fazer nada mais do que permanecer fieis e segui-Lo, exclamando em palavras e actos “**encontrámos o Messias**”.

42| *Porque Deus é amor*

I Jo 4,
7 – 10

Na carta de João lemos uma pequena frase, centralíssima na nossa fé: “Deus é amor”. Esta identificação de Deus com o amor é crucial. O amor, mais que um atributo de Deus, é o próprio Deus! Nas conversas que certamente mantemos com pessoas sem fé, sobre as questões de fé, esta chave deve estar presente. Não que seja suficiente ter clara esta ligação entre Deus e o amor, ao nível das ideias. É que se essa identificação for verdadeira, o amor “salta” para a vida e, só assim, perceberemos um pouco do próprio Deus. Vale também a pena pensar que a frase de João, dita do fim para o princípio, nos faz concorrer com os poetas que tão dificilmente definem o amor. O **amor é Deus**.

43| *Nós sabemos que passamos da morte à vida, porque amamos os irmãos*

I Jo 3,
11 – 21

S. João diz na sua epístola uma frase muito incisiva: “Nós sabemos que passamos da morte à vida, porque amamos os irmãos”. Na realidade, muitas experiências “de morte” se nos deparam. Em particular, custa-nos muito sermos espectadores do sofrimento. Causa-nos autêntica “morte interior” ver a injustiça, assistir ao desencontro dos homens. A sugestão litúrgica é que passaremos da morte para a vida precisamente pelo amor, em particular pelo amor aos protagonistas desse sofrimento. É mais “por aí” do que pela filosofia ou pela razão. “Perante a inquietante pergunta: “Porque é que está este pobre a meu lado?” respondamos com uma outra pergunta: “Para quê estou eu ao lado dele?”. **Deus colocou-nos ambos “aqui”...**

44| *De Nazaré pode vir alguma coisa boa?*

Jo 1,
43-51

A pergunta irónica de Natanael espelha a realidade de desconfiança que se vivia naquela época. Natanael suspeitava de tudo o que vinha de Nazaré e, afinal, de lá viria o Salvador. Os tempos de hoje são outros mas o preconceito do homem, seja ou não Cristão, mantém-se. Em vez de Nazaré, perguntamos com a mesma ironia: “Daquela família vem alguma coisa boa?”. “Daquele clube?”. “Daquela religião?”. “Daquele partido?”. “Daquela pessoa?”. Pois bem, **por detrás** destas realidades, de que muitas vezes desconfiamos, **está Jesus libertador...**

45 Jerusalém louva o teu Senhor

Slm
147,
12-20

Jerusalém é um lugar carregado de simbologia. No Antigo e no Novo Testamento, Jerusalém, é um local “de passagem” de Deus, na Sua revelação generosa ao homem. O facto desta cidade ser, hoje, palco de tensões e guerras constantes, faz-nos reflectir sobre o quanto falta fazer nesta missão histórica de Paz. Cada um de nós contribua, na sua cidade, na sua terra, na sua Jerusalém, para louvar o Senhor. É esta a resposta que podemos dar a um mundo incompleto onde muita dor, fome e guerra imperam ainda: amar e louvar o Senhor “no nosso canto”, em conjunto com todos os homens de boa vontade. Deste modo uma onda de amor alastrará a todos os confins.

46 O Espírito Santo desceu sobre Ele como uma pomba

Lc 3,
15-16.
21-22

O sinal com que Deus sela o baptismo de Jesus é uma pomba branca. Esta pomba representa o Espírito Santo, o legado divino que também nós recebemos no nosso baptismo. A pomba branca é, no sentido mais universal do termo, o símbolo da paz. Podemos reflectir na cumplicidade existente entre o Espírito Santo e a paz. Pensar no Espírito Santo é ligar-se à paz. Ouvir o Espírito Santo, é ouvir a paz. Dar o Espírito Santo é dar a paz. Viver o Espírito Santo é **viver a paz!**

47 Não foi aos anjos que Deus submeteu o mundo futuro

Hebr 2,
5-12

Na carta aos Hebreus o apóstolo justifica, de certo modo, o facto de Jesus ter sofrido por nós. A dor, o sofrimento, a angústia e a morte, a nossa e a de Jesus, serão sempre um mistério para nós. Subjacente à nossa natural reacção ao que “não corre bem” ou “nos dói”, está um desejo íntimo de possuímos a divindade, de sermos anjos. Deus, porém, dando-nos Jesus, **quis doar-Se a nós**, feitos de carne e osso, **e não aos anjos**. Vivendo como homens de Fé e saboreando o amor de Deus, carregando a nossa cruz, podemos viver com óbvios aperitivos de paraíso. Em certo sentido, viver como anjos...

48 Sabemos que conhecemos Jesus Cristo se guardamos os seus mandamentos 1 Jo 2, 3-11

A primeira epístola da carta de S. João, começa com um convite ao que poderíamos chamar “a coerência cristã”. Conhecer Jesus e guardar os Seus mandamentos, é acreditar e agir ou, de outra forma, apostar na fé como nas obras. Trata-se de uma boa postura para conservar neste tempo de Natal: agora que nos alegramos com o nascimento de Jesus, façamos por viver nesta linha de coerência: por acreditarmos no amor, tentemos amar concretamente. **Por amarmos mais concretamente, acreditemos mais no amor.**

49 Eu sou a voz que clama no deserto Jo 1, 19 - 28

João Batista é coerente com o seu papel na história da salvação. Ele diz de si próprio “eu não sou o messias”, anunciando que não é mais do que aquele que abre portas ao Cristo, a quem “não é digno de desatar as sandálias”. João declina honras e afasta-se do culto da personalidade. Tentemos, neste sentido, ser como João Baptista, **anunciar com simplicidade** uma vida que vale a pena, com os olhos postos em Jesus Cristo. Há muito “terreno deserto” para nele ecoar a nossa voz.

50 Quem permanece n’ Ele não peca I Jo 2, 29 - 3

Permanecer em Jesus é apostar na relação pessoal com Ele. O Evangelho, apela-nos para a pessoalização da relação com Jesus, como caminho de crescimento na fé. Esta relação “**tu a Tu**”, de facto, vale mais do que a moral, do que a teologia, do que a tradição. Vejamos e vivamos cada vez mais Jesus como outra pessoa, como A pessoa com quem podemos e devemos relacionar-nos com simplicidade e profundidade. “Que queres que eu faça?”, “o que faço com esta situação?”, “como devo lidar com aquela pessoa?”, “ajuda-me a aceitar esta fase da minha vida”, “dá-me a mão para eu olhar para dentro de mim”...

51 Caríssimos, não deis crédito a qualquer espírito

I Jo 4,
1 - 6

Ouvimos S. João a chamar a nossa atenção para um certo espírito crítico que nunca devemos perder. Nas relações profissionais, sociais, afectivas, convém sempre pensar “com a própria cabeça” e não confundir amizade ou alguma necessária obediência com qualquer seguidismo cego. Também nas coisas da fé, não devemos perder de vista o modo próprio e pessoal de ver, não querendo isto dizer que há ausência de sentido em “fazer diferente do que penso” ou mesmo silenciar algumas palavras, em nome da unidade. Demos graças a Deus por **sermos pessoas únicas**, com ideias próprias.

52 Ele me enviou a proclamar a redenção aos cativos e a vista aos cegos

Lc 4,
14 - 22

Cimentemos na nossa vida a coerência da fé e das obras. A Boa Nova coloca como indissociáveis o anúncio da salvação e os actos de amor a quem precisa, isto é, a todos os homens. Isto mesmo diz Jesus no Evangelho: “Ele me enviou a proclamar a redenção aos cativos e a vista aos cegos”. Proclamar a redenção aos cativos, anunciar a Boa Nova liga-se à promoção dos outros, a “dar a vista aos cegos”, que significa **ajudar os outros a ver o amor!**

53 Mas Jesus costumava retirar-Se

Lc 5,
12 - 16

A leitura do Evangelho ajuda-nos a consubstanciar melhor a nossa atenção aos outros. Jesus Cristo, depois de curar o leproso, evita o espectáculo e o culto de si próprio e retira-se para rezar. Cada um de nós pode pensar na forma como vive, dentro de si e para fora, os momentos “pós-caridade”. Nomeadamente, aproveitemos para abandonar todos os comportamentos de “pose”, de ostentação e de construção de uma estátua pessoal, para que todos digam como somos generosos. **A estátua a edificar é a de Jesus**, por quem agimos e que queremos glorificar.

54 Ele deve crescer e eu diminuir

Jo 3,
22 - 30

A frase que João Baptista diz da sua relação com Jesus Cristo resume bem o perfil e a missão do precursor do Salvador: “Ele deve crescer e eu diminuir”. É uma frase que podemos “levar à vida” e que, em certo sentido, está presente na vida de Maria, Mãe de Jesus e nos próprios apóstolos. Ao contrário daquilo que a tendência meramente humana nos impele e no sentido igualmente contrário ao *marketing* contemporâneo do sucesso, encarnemos a ideia de “diminuirmos” para que “outros cresçam”. Colegas de trabalho, esposo ou esposa, filhos, vizinhos, amigos nossos, **possam todos crescer com a nossa humildade.**



SABOR DO TEMPO QUE PASSA

55 | As vossas palavras, Senhor, são mais doces que o mel Slm
118,
97-104

O salmo que hoje rezamos é um convite à intensidade com que podemos viver todas as coisas, materiais e espirituais. Saborear a doçura da Palavra, as “delícias” das ordens do Senhor, sentindo profundamente o privilégio de ter um sentido para a vida, que engrandece as nossas limitações. Saborear também as pequenas coisas, com um olhar, um toque ou até um respirar vale mais do que “milhões em ouro e prata”. Hoje, **tome-mos o sabor de todas as coisas.**

56 | Cristo dirigiu preces e súplicas, com grandes clamores e lágrimas Hebr 5,
1-10

O facto de Jesus ter chorado e clamado ao Pai, de ter vivenciado como cada um de nós as contrariedades da vida e da morte, deve fazer-nos pensar. Por herança histórica de uma cultura cristã desproporcionadamente ascética, ou pela nossa própria natureza, propomos aos outros, muitas vezes, um Deus que não chora nem deixa chorar. Quando quisermos levar Deus aos outros, principalmente ao outro que sofre, não lhe sequemos as lágrimas de “cima para baixo”. Ouçamo-lo, sirvamo-lo, acolhamo-lo como ele é. Só por essa identificação de amor concreto, só com esse **respeito pelas suas lágrimas**, ele perceberá que, na realidade, este mesmo Cristo que clamou e chorou, se tornou “causa de salvação eterna”.

57 | Pedi e dar-se-vos-á Lc 11,
5-13

Há quem diga, com bastante lógica, que a vida de cada um de nós consiste em **pedir, dar, receber e recusar**. Na ordem sobrenatural também existe esta dinâmica, isto é, podemos, face a Deus, pedir o que queremos, dar o que fazemos e o que somos, receber a abundância que vem de Deus ou, quando Lhe viramos as costas, recusar o que Ele nos quer dar. A liturgia insiste, particularmente, na faceta de pedir. Sabemos que pedir não é uma atitude simplista: há que pedir a Deus prontos para receber e para dar. A nossa fé pressupõe que pedimos não tanto para a mágica metamorfose da nossa vida, mas mais para sabermos estar, aceitar ou recusar o que vivemos.

58 | A nossa protecção está no nome do Senhor

Slm
123,
1-8

A propósito do refrão do salmo, reflectamos sobre quais são as nossas “protecções”. Nós somos seres frágeis e é natural que nos protejamos, que nos defendamos do que é externo, para amparar o vaso de barro que somos. Podemos proteger-nos com vaidades ou com poder. Podemos ostentar para nos protegermos ou até ser agressivos. Podemos fechar-nos como forma de protecção. Até o silêncio pode ser um chapéu protector da chuva verbal que nos pode magoar. Hoje, é tempo de **termos no Senhor a nossa protecção**. Tê-lo como protector é servir e, em certo sentido, ironicamente, é não nos protegermos.

59 | Julgarei cada um segundo as suas acções

Ez 18,
1-10.
13b

Tema central no texto de Ezequiel que hoje lemos é a “factura” que filhos e pais deverão pagar pelos pecados de uns e de outros. Na realidade, Deus diz que julgará cada um segundo **as suas** acções. Este convite auto-responsabilizante é útil para todos nós. O escrúpulo de carregar os fracassos dos outros (pais, filhos, esposos, etc.) não está muito distante de grandes dilemas pessoais contemporâneos. Muitos de nós vivem a vida dos outros – principalmente dos afectivamente mais próximos – no mau sentido da palavra, sem lhes conferir autonomia e responsabilidade. Amar é dar a vida e estar com o outro, sem dúvida. Não é, nunca, viver a vida do outro!...

60 | O Senhor fez maravilhas

Slm
97, 1-4

Nas palavras do salmo encontramos um claro hino à oração plena, à “oração da vida” ou à “vida em oração”. “Desde o **nascer ao pôr do sol** seja louvado o nome do Senhor”, invocam tantas vezes os salmistas, referindo-se à intensidade com que podemos louvar o Senhor. Ainda que não seja com palavras, momentos ou espaços físicos deliberadamente “religiosos”, somos convidados a viver louvando, todos os segundos, as maravilhas do Senhor: acordar, lavar os dentes, tomar o pequeno almoço, falar com os vizinhos, guiar, trabalhar, ir buscar os filhos à escola, almoçar, fazer trabalhos domésticos, jantar, dormir, etc. Isto é, desde o nascer ao pôr do sol. E, pelo dom da fé, nesta altura do ano em que o céu pode estar cinzento, bem sabemos que o sol lá está, não visível, mas presente para além das nuvens.

61 Como o barro nas mãos do oleiro,
assim estais vós na minha mão

Jer 18,
1-6

A leitura do Livro do profeta Jeremias, apresenta-nos uma das mais belas imagens que podemos ter da nossa própria existência. Possuímos várias resistências face a esta aventura maravilhosa de sermos obras-primas de Deus: por um lado, muitas vezes, não nos deixamos trabalhar (moldar), porque rígidos e incapazes de nos desafiarmos pelo amor. Por outro lado, muitas vezes, desejámos ser obras-primas já completas, peças acabadas tipo “chave na mão”. Mas não, somos **obras-primas em construção**, pessoas em caminho, confiantes “no Oleiro”.

62 Senhor: queres que mandemos descer fogo do céu
que os destrua?

Lc 9,
51-56

Jesus e os discípulos dirigiram-se a uma povoação na Samaria, não tendo sido bem recebidos. Tiago e João, ou por amarem e quererem defender o Mestre, ou por certa imaturidade no amor logo sugeriram: “Senhor: queres que mandemos descer fogo do céu que os destrua?”. Jesus, porém, repreendeu-os. Vejamos na nossa vida os laivos de Tiago e João que também possuímos: as vezes em que bem desejaríamos surdas vinganças e insucessos para aqueles que nos receberam mal. Podemos até “não lhes querer mal”, como tantas vezes nos desculpamos, mas bastará maldizer ou não abrir o coração a esses que nos fizeram menos bem, para, em certo sentido, **desejar para eles fogo vindo do céu...** Apostar neste rancor, é não estar em sincronia com Jesus.

63 Toda a vara que em mim não dá fruto, Ele corta-a

Jo 15,
1-8

A linguagem da videira, do fruto e da poda, tem uma coerência interna muito grande e é síntese de toda a nossa fé. Sabemos que damos fruto se estivermos ligados à videira, que é Deus-amor. Concentremo-nos na poda que é necessário fazer, nos ramos que precisamos de deitar fora. Quando alguém nos aponta um defeito, uma atitude menos correcta, um vício, temos natural tendência de “deitar as garras de fora”, de nos defendermos e até de “contratacar”. À luz do Evangelho tenhamos um entendimento diferente das críticas que nos são feitas: acolhamo-las como dom de Deus, como instrumentos de reflexão para eventual “poda”, para dar mais fruto!

Quando entrardes em alguma casa,
64 ficai nela até partirdes

Lc 9,
1-6

As indicações dadas por Jesus aos apóstolos aquando do seu envio para anunciar a Boa Nova são caracterizadas por traços de simplicidade e confiança. Fixemo-nos na sugestão de Jesus subjacente à frase “quando entrardes em alguma casa, ficai nela até partirdes”. A propósito da nossa vida, que deve ser “vida de apóstolo”, reflectamos sobre as nossas **dificuldades** em aceitar o amor dos outros, **em ser servidos**. Quantas vezes, de facto, temos escrúpulos ou cerimónias excessivas em receber a caridade dos outros, em “ficar em suas casas”? Não será falta de humildade recusar gestos a nós dirigidos, grandes ou pequenos, que sejam bons para nós e deixem os outros felizes pelo amor que praticam?

Emendai os vossos caminhos e as vossas acções
65 e Eu vos deixarei habitar neste lugar

Jer 7, 1
-11

Ouvimos na leitura a profecia de Jeremias contando o envio de que foi alvo por parte do Senhor levando o profeta ao templo. O mote desta narração é a coerência entre a presença no templo e a vida de cada um. Para nós, cristãos, este aspecto é de grande importância. Quantas pessoas não se afastaram da Igreja por observarem enormes incoerências entre a presença na missa e a vida descristianizada de muitos cristãos? Quantos gestos temos durante o nosso dia que não são dignos de quem vai à missa, de quem louva e acredita no amor? Tentemos, pois, estar mais dignos no templo ou, melhor ainda, fazer do palco da vida o nosso templo!

À ida vão a chorar (...), à volta vêm a cantar

Slm
125,
1-6

O Salmo 125 coloca-nos num dinamismo que diz respeito à nossa vida: o salmista fala nos homens (nós) que “à ida vão a chorar” mas “à volta vêm a cantar”. Saber que o regresso é de júbilo torna possível e até animada uma partida sombria. Ter futuro, ter esperança no Senhor, ter certeza no cantar, suporta o nosso presente e ampara a nossa dor. Este processo repete-se em pequenos e grandes ciclos da nossa vida e, às tantas, o futuro e o presente confundem-se, **chora-se cantando** e vive-se a eternidade.

67 *Não pensais que Eu vim trazer a paz à Terra*

Mt 10,
34
– 11,1

Propomos uma outra tradução mais adaptada à linguagem dos nossos dias das palavras de Jesus, para as instruções dadas aos discípulos e transcritas no Evangelho de Mateus que hoje lemos. Seja: “eu não vim trazer a «tranquilidadezinha» mas um encontro dinâmico, que pressupõe até o uso da espada (de «luta»)". Seria o caso de dizermos “graças a Deus que assim é”, ou seja, ainda bem que a paz não nos é oferecida de bandeja sem a termos de conquistar. Ainda bem que Deus não carrega por nós a nossa cruz mas nos dá condições para nós próprios o fazermos. Ainda bem que o mundo unido não está feito e está diante de nós como um desafio. Ainda bem que somos peças com vontade no puzzle da criação. Ainda bem que temos de **lutar, optar, decidir, para participarmos e edificarmos o Reino de Deus!**

68 *Alegrei-me quando me disseram
“vamos para a casa do Senhor”*

Slm
121,
1-5

O salmo 121 é frequentemente cantado na entrada das nossas celebrações litúrgicas. Nada melhor, de facto, quando nos preparamos para a festa no templo de Deus, do que enfatizarmos a alegria que sentimos por esse facto. Mas a dimensão da eucaristia, como sabemos, ultrapassa a componente celebrativa. **Vivamos a missa “fora da missa”**, quando nos oferecemos para ser alimento de amor para os outros. Assim, alegremo-nos quando entrarmos “noutras casas do Senhor”: na nossa casa, na casa da vizinha, na casa do café, na casa da escola, na casa dos amigos, na casa do estádio de futebol, na casa do hospital e até, pela graça de Deus, na casa do cemitério.

69 *Esforçai-vos por entrar na porta estreita*

Lc 13,
22-30

A “**porta estreita**”, bem o sabemos, não é a mais fácil de passar. Certo é que a vida nos vai mostrando que o “mais fácil” (porta larga) nem sempre anda de mãos dadas com “o melhor para nós”. Da gestão dos bens materiais, à relação com os outros, passando pela saúde do nosso corpo ou pela vivência da nossa sexualidade, vamos experimentando isto mesmo. O facto da “porta ser estreita”, porém, deve ser motivo de gozo e não de drama para nós próprios. Uma fasquia alta vale pelo prazer e pelos frutos de a superar e nunca pela estéril e culpabilizadora sensação de que se não consegue ultrapassar...

70 Quem tiver lançado as mãos ao arado e voltar para trás não serve para o reino de Deus

Lc 9,
57-62

A leitura do Evangelho é exigente: pelo próprio Jesus, é clarificada a ideia de que seguir o Mestre implica alguma aventura e risco e não se compadece com demasiadas hesitações. Não significa que não tenhamos dúvidas e reticências. Significa que, quando elas nos baterem à porta, devemos “chamar-lhe um nome” mas não ficar delas reféns. O caminhar pressupõe sempre um certo “andar sem ver”, pelo menos, em determinadas fases da nossa vida espiritual. Se, nós próprios, nos sentirmos mais hesitantes em acreditar e viver segundo o amor, ajudar-nos-á esta sugestão de “pegar no arado”. Pensemos que **demos passos por uma ponte que, atrás de nós, já caiu**. À frente, vejamos claro ou não, espera-nos o próprio Jesus... que nos dá a mão.

71 O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado

Mc 2,
23-28

Opõe-se a este bom senso de Jesus a mentalidade farisaica segundo a qual as leis valem por si próprias. Para os fariseus, a lei está acima do homem e importa viver quase como escravos da lei. As leis foram feitas para o homem e não o contrário. Na sociedade civil, no interior de uma família ou na Igreja existe um conjunto de regras, para nos ajudarem a sermos mais felizes (que é diferente, como sabemos, de nos ajudar a fazermos tudo aquilo que nos apetece...). O que Jesus nos diz é que, por vezes, em nome de um bem maior, é preciso **quebrar algumas leis**, ser original face a alguns princípios instituídos, **para promover o amor** e a liberdade.

72 Somos (...) daqueles que perseveram na fé

Hebr
10, 32-
39

A fé não é “um dado adquirido”. É um dom que precisa da nossa conquista, da nossa vontade e da nossa perseverança. Na epístola aos Hebreus, os Cristãos, particularmente provados e humilhados, são incitados à confiança inabalável no Senhor. Ainda que a vida da maioria de nós não nos obrigue, pelo facto de termos fé, a públicas perseguições, todos temos, quanto mais não seja ao nível interior, momentos de deserto em que é o risco que nos anima. A fé precisa de ser alimentada, como uma flor precisa de ser regada. **Permanecer é fundamental**, ainda que, tantas vezes, tal signifique “amar sem perceber”.

73| Jesus, ao ver a cidade, chorou sobre ela

Lc 19,
41-44

Na história da Igreja, na história do homem, parece ter sido esquecida esta passagem do Evangelho, em que Jesus chora. Não se compreende, por exemplo, como permitiu a tradição judaico-cristã, que prevalesse tão enraizado um dizer popular como: “um homem não chora!” Ainda hoje, muitas vezes, apresentamos aos outros (e vivemos nós próprios) um Cristo hirto, desencarnado, “clean”. Jesus é Este que sente, que encarna, que sofre e que chora. A alegria e a plenitude de Jesus não estão nos olhos secos mas sim nas lágrimas fertilizantes. Abeiremo-nos assim dos outros, principalmente dos que sofrem: Choremos, **choremos com eles**, para, então, os elevarmos a Deus.

74| Até o vento e o mar Lhe obedecem

Mc 4,
35-41

Jesus está tranquilamente com a cabeça numa almofada enquanto a tempestade assusta os homens. Acordado pelos Seus discípulos, Jesus manda parar o vento mas aproveita para apelar não ao facto extraordinário de dominar a natureza, mas sim à falta de fé dos seus companheiros. Eles não entendiam ainda que bastava estar com Ele. Por vezes, ocorre-nos também o desejo de um “deus bombeiro”, que aparece quando é preciso para nos superproteger dos problemas, dos desafios da vida. O mais importante, porém, é a fé. Naquele tempo, como hoje, mesmo experiências extraordinárias como calar o vento, não chegam para a revelação. **É sempre preciso a fé dos homens...** graças a Deus!

75| E vi a cidade santa (...), que descia do Céu, bela como noiva adornada para o seu esposo

Ap 20,
1-4.11-21

A leitura do livro do Apocalipse é tão rica quanto simbólica, tão complexa quanto figurativa. Percebe-se o recurso a tão forte simbologia para falar sobre Deus, para representar o indizível. Esta linguagem pode até assustar-nos, mas o mais importante é fixarmo-nos na glória do encontro com o paraíso a que o amor de Deus nos tenta levar. E vale a pena não esperar pela nossa morte nem pela de ninguém. Vale a pena construir, já hoje, a “cidade santa, bela como noiva adornada para o seu esposo”. **Cada acto de amor é um tijolo** dessa cidade!

76 *Talitha kum!*

Mc 5,
21-43

“Talitha kum” quer dizer: “menina, levanta-te e anda”. Foram as palavras de Jesus para a filha do chefe da sinagoga, supostamente morta na casa do seu Pai. O feito de Jesus é extraordinário e significa, desde logo, um prelúdio da ressurreição de Jesus, que nos arrasta também para a eternidade. Mas o “**levanta-te**” de Jesus, serve também para as pequenas mortes do dia-a-dia, para as pequenas quedas da vida. Viver em harmonia com o ressuscitado é sentir o segredar da sua voz, que em cada queda nos sussurra: “levanta-te e anda”. Por isto se diz que os santos não são os que não caem mas os que se sabem levantar, que escutam esta palavra de Jesus, esta palavra de perdão.

77 *Que eu guardei num lenço. pois tive medo de ti*

Lc 19,
11-28

O servo do rei que guardou tudo para devolver, intacto ao seu senhor, nem sequer se apercebia de que não estava a agir bem. O seu erro, em verdade, era deixar passar a vida sem a tocar, chegar ao mundo e deixá-lo como o encontrou. Ao reprovar esta atitude na Sua parábola, Jesus convida-nos, de facto, a fazer render os nossos talentos (sem medo). Deus quer que marquemos a história, a nossa e a dos outros. **Existimos para fazer um mundo melhor** e seríamos “servos preguiçosos” se nos “devolvêssemos” ao Senhor numa forma estática, sem crescermos e sem fazermos crescer!

78 *Não leveis nada para o caminho*

Lc 9, 1
- 6

O envio que Jesus faz dos discípulos, para “proclamar o reino de Deus e curar os enfermos”, está repleto de sugestões edificantes. Concentremo-nos, hoje, no estilo de simplicidade sugerido por Jesus: “Não leveis nada para o caminho”, é uma expressão que nos pode fazer pensar nas nossas máscaras sociais, nas malas excessivas com que nos precavemos, nas defesas exageradas com que jogamos, nos escudos pesados com que nos movemos. Apostemos em **não levar nada para o caminho**, anunciando com simplicidade a bondade do Senhor. Se não formos de mãos vazias, o que poderemos trazer, para oferecer ao Senhor?

79 | Os últimos serão os primeiros

Mt 20,
1-16a

Lemos do Evangelho de Mateus a célebre parábola do “trabalhador da última hora”, um dos mais desconcertantes ensinamentos de Jesus. A lógica de Deus, de facto, não é a nossa. A “**contabilidade do amor**” não é produtivista. A Deus importa o encontro de cada um consigo próprio e com o Criador. Ele é o nosso pastor e alegra-se com qualquer ovelha que desperta para o Seu rebanho. Ter inveja de quem recebe o mesmo, apesar de chegar mais tarde é fazer contas mesquinhas. Isto significa, de certa forma, que nem sequer há estatutos adquiridos...

80 | Os que seguem deuses estranhos redobram as suas penas

Slm 15,
1-11

O salmo que rezamos fala-nos de “falsos deuses” e alude para as “penas” que estão associadas a quem aposta nesses mesmos “falsos deuses”. Pensemos que este aviso não é para os outros, que não são Cristãos, mas para cada um de nós que, pese embora a opção, o desejo e a esperança que depositamos no Senhor, muitas vezes o preterimos como Deus. E quando as “penas” nos tocarem, quando a alma perder ânimo, talvez possamos ver que “deuses falsos” estamos a seguir: queremos “aquela coisa”, perseguimos “aquela vontade”, procuramos “aquela saúde”. **Será Deus que seguimos?**

81 | Dai antes de esmola o que está dentro e tudo para vós ficará limpo

Lc 11,
37-41

A expressão do Evangelho que sublinhamos, resulta de uma conversa entre Jesus e um fariseu. O Mestre tinha ido tomar uma refeição e **prescindira de um ritual externo** dos judeus, tendo, por isso, sido criticado. Jesus aproveita o ensejo para valorizar o que é interior, em detrimento do que é externo. Uma boa ocasião para, também nós, estarmos atentos a valorizar mais o nosso interior e, particularmente, a nossa capacidade de sermos generosos. Coloquemos no seu devido lugar, relativo e secundário, alguns rituais, algumas cerimónias, alguns hábitos e atitudes que mais fazemos pelo que os outros pensam ou porque sempre se fazem e não tanto pelo seu conteúdo.

82 | Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho,
a não ser o bastão

Mc 6,
7-13

As palavras que Jesus dirige aos Seus companheiros, por ocasião do envio, são de importância vital. Ele prepara os discípulos e estabelece algumas condições para o apostolado. Enquanto apóstolos de Jesus, devemos meditar nestas palavras e “afinar” o nosso “estilo apostólico”, que deve ser o de Jesus. Lembremo-nos, nomeadamente, que o caminho deve ser feito **de mãos vazias**, “só com o bastão”, prontos a acolher os outros e as suas vidas. Partindo para a vida, partindo para ser apóstolos, deixemos em casa o que nos pode pesar...

83 | Ao julgares os outros, condenas-te a ti próprio, pois tu,
que te fazes juiz, cometes as mesmas acções

Rom 2,
1-11

As palavras de S. Paulo aos Romanos, sobre a atitude de julgar, são incisivas e fazem-nos pensar. Jesus Cristo disse “**não julgueis** para não serdes julgados” e, de facto, se reflectirmos com honestidade e humildade, quando julgamos os outros, alegamos motivos, que, com formato eventualmente diferente, também seriam imputáveis a nós próprios. Muitos cristãos, por exemplo, tendem a julgar com severidade certos sacerdotes, pelo exemplo que não dão. Mas esses cristãos, nós próprios, não são também falíveis na prática das virtudes? Aquele padre parece não dar testemunho coerente, mas se alguém entrasse em minha casa e me visse descontrolado a berrar com o meu filho, veria um gesto cristão? E não se diga que “os padres têm mais obrigação”, porque isso é clericalista, medíocre e pouco cristão.

84 | Não acumuleis tesouros na Terra

Mt 6,
19-23

Acumular tesouros no céu em vez de o fazer na Terra é a ideia principal do Evangelho que hoje lemos. Tesouros no céu não são tesouros adiados mas sempre presentes. Partilhar os bens, por exemplo, é colocá-los no céu, gozando-os não só na liberdade imediata de dar como também na vida eterna. Mais difícil mas igualmente caminho é, por exemplo, não guardar nesta Terra os nossos filhos de sangue ou qualquer outra pessoa. Autênticos tesouros de beleza que são, ganham mais luz quando não possuídos e encaixados por nós mas oferecidos a si próprios e assim aos outros e a Deus, como “**tesouros do céu**”.

85 Marta, Marta...

Lc 10,
38-42

Deixemos hoje estas palavras de Jesus “Marta, Marta...” ecoar dentro de nós. Olhemo-nos como “martas”, atarefados com afazeres, medindo produtividades, operacionalizando a nossa vida. Reflictamos sobre as vezes em que fizemos muita coisa no dia e não demos tempo e atenção aos nossos filhos, as vezes em que produzimos muito trabalho e não guardámos tempo para a oração, as vezes em que executámos muitos projectos e nos passou ao lado Jesus. Ouçamos “Marta, Marta” e tentemos escutar a voz do Espírito Santo, **escolher a melhor parte...**

86 Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda

Mt 5,
38-42

Dar a outra face, podemos dizer, não é “natural”. É o segredo, porém, para quebrar as espirais de violência que existem no mundo: as das guerras à escala dos países mas também as das pequenas “guerras” do dia-a-dia. Dar a outra face não é ter olhos imediatamente perfeitos para aqueles que nos ofenderam, não é ser ingénuo, nem tão pouco forçar relações inconvenientes ou não queridas. Dar a outra face é até compatível com naturais maus sentimentos por outras pessoas. A originalidade está no coração, na oportunidade que sempre podemos reservar para quem nos faz mal. **Rezar por quem nos ofende** é também um bom caminho...

87 Profundamente enraizados na caridade

Ef, 3,
14-21

Quais as nossas raízes? Nascemos num local e vimos duma família que nos dá identidade. Somos alguém, temos um corpo, uma missão, um quotidiano. Mas onde vamos buscar água, mesmo quando não chove? Onde nos seguramos quando o vento sopra? Como tomamos para nós os nutrientes da existência? Façamos como Paulo quando incita os Efésios: “profundamente enraizados na caridade”. Em alegria ou tristeza, com mais ou menos clareza na visão, com mais ou menos robustez no corpo, **tenhamos na atenção a todos os outros, na caridade, as nossas raízes.**

88 | “Abba, Pai”

Rom 8,
12-17

Paulo fala aos cristãos de Roma do espírito de Deus, que se opõe ao medo e à escravidão e nos coloca no amor filial, bem patente na expressão: “Abba, Pai”. Viver no pressuposto que temos um Pai, que nos ama e nos quer bem, é um tesouro que temos e que nem sempre “usamos”. Seirmos bem, a raiz dos nossos desencontros, das nossas dores, dos nossos vazios, tem a ver com o esquecimento que vamos fazendo em relação ao Pai. Colocamo-nos sozinhos no tempo, no espaço e nas situações e não chamamos a nós Aquele que está, afinal, sempre presente. Na tempestade ou na bonança lembremo-nos que somos filhos de Deus, confiemos e suspiremos: **“Abba, Pai”**.

89 | Foi hospedar-se em casa de um pecador

Lc 19,
1-10

Ao chamar e ficar em casa de Zaqueu, Jesus fornece-nos, entre outras, duas pistas importantes relacionadas com a sua própria missão de revelar Deus aos homens, revelando-Se: primeiro, não fez “o que é comum”, o que todos fazem ou, como é agora costume dizer, o “politicamente correcto”. Por outro lado Ele aceita (neste caso até procura) aqueles tidos como pecadores públicos, indo ao seu encontro, aceitando ficar em sua casa. Esta passagem impele-nos hoje a privilegiar **contactos com os mais excluídos** que precisarem de nós: marginalizados na escola ou na família, estrangeiros, pessoas de diferentes etnias, paroquianos mais “originais”, vizinhos mais difíceis, são “Zaqueus” que esperam por nós.

90 | Vê, a tua fé te salvou

Lc 18,
35-43

A cura do cego é uma passagem evangélica que ultrapassa em muito o facto de alguém que não via e pedia esmola para passar a ver. De facto, o alcance deste episódio é o da cegueira espiritual, para a qual todos precisamos de médico. O primeiro passo para ver, para ver bem, ver “por dentro”, é querer ver. Assim fez o cego que se aproximou de Jesus e lhe disse “que eu veja”. Ver como Jesus vê, apurando a misericórdia e a mansidão, é meio caminho andado para viver como Ele vive, fazer como Ele faz, estar perto de Deus como Ele está, carregar a cruz como Ele carrega, **ressuscitar como Ele ressuscita**.

91 Deus viu que era bom

Gen 1,
1-19

O início do livro dos Génesis relata de forma belíssima, de acordo com os critérios do tempo dos seus autores, a criação do mundo. De entre os vários aspectos que podemos focar, salientemos a insistência na expressão “Deus viu que era bom”. Com efeito, depois de criar a Terra, o mar ou o firmamento, Deus contemplou a Sua obra e apreciou a beleza das coisas criadas. Deus criou uma **natureza** bonita que o homem, muitas vezes, tem usado mal e até destruído. Cuidemos nós, enquanto pessoas de fé, de contemplar, proteger e promover a natureza. Saibamos ver em cada gota de orvalho, em cada grão de areia ou em cada pedaço azul de céu, um **rasto do amor** de Deus que tudo criou.

92 Nenhum sinal será dado a esta geração,
senão o sinal de Jonas

Lc 11,
29-32

Todos temos diante de nós a tentação de esperar “sinais fáceis” de Deus, actos de “magia” que nos revelam de forma infantil e não participativa as maravilhas de Deus. Na realidade **o sinal é a Ressurreição**, isto é, a vitória da vida. Às vezes parece que esquecemos isto mesmo e gostávamos duma revelação mais fácil, aqui e agora, sem a nossa participação, sem o nosso empenho. E, afinal, cada segundo está repleto de sinais claros: a “ressurreição do Sol”, a “ressurreição do sorriso”, “a ressurreição das flores”, a “ressurreição sobre a tristeza e a morte”.

93 A mulher era pagã...

Mc 7,
24-30

Esta mulher a quem Jesus curou a filha, era pagã mas não deixou de ser tocada por Jesus e tomar parte no Povo de Deus. Jesus não fazia acepção de religiões na forma como se aproximava das pessoas. Ele não se importa se são escribas, centuriões, judeus ou pagãos que querem ir ao Seu encontro. Importa-Lhe o que querem e **o que são as pessoas “por dentro”**. Quantas vezes ainda somos diferentes de Jesus, neste aspecto! Quantas vezes nos importa (e não devia importar) se alguém é português, se é desta ou daquela cor, se vai à missa ou não vai?

94 Comeram e ficaram saciados

Mc 8,
1-10

A multiplicação dos pães operada por Jesus tem um significado que ultrapassa a dimensão, também importante, de saciar a fome física da multidão. “Nem só de pão vive o homem”... As pessoas ficaram saciadas por comerem o pão que Jesus multiplicou; mas Ele mesmo se oferece, em cada eucaristia de hoje, como pão eterno. O efeito de comer pão, é ficar saciado. É essa a dimensão que devemos procurar na **eucaristia**, “comendo” o amor, a verdade e a esperança que, afinal, são tudo o que precisamos para **saciar**mos a nossa fome.

95 Pediram-Lhe um sinal do céu

Mc 8,
11-13

Partiu dos Fariseus este desejo de ver sinais extraordinários vindos do céu. Os fariseus solicitaram um milagre espectacular a Jesus, para o porem à prova. Isto significa que, mesmo que tal sinal viesse, não teria grande efeito nos seus corações empedernidos, já que faltava o terreno de fé e o desejo de se aproximarem do Senhor. Jesus, como ouvimos no Evangelho, recusa ser o “deus mágico e fácil”. Ainda hoje, cada um de nós, tem, por vezes, um desejo secreto duma **revelação espectacular do divino**. Jesus recusa essa exibição. Ele esconde-se na nossa existência, em cada irmão, no milagre do nascer do sol, em cada dia...

96 Como é bom estarmos aqui! Façamos três tendas

Mc 9,
2-13

Um dos aspectos que se pode abordar do texto de Marcos é o comentário de Pedro face à transfiguração. Pedro é um homem espontâneo e convida o Mestre a permanecer ali, sugerindo a montagem de três tendas. Também nós, como Pedro, principalmente no domínio do grupo religioso, tendemos a querer montar tendas no “bem bom”, no “quentinho da fé”. Sabemos, porém, que tudo o que nos fecha não vem de Deus e que, sendo útil o conforto comunitário para crescermos na fé, somos sempre impelidos a **voltarmos-nos para fora**, já que a fé, sem evangelizar, não tem sentido.

97 | Farei aparecer o meu arco sobre as nuvens

Gen 9,
1-13

Deus “zangara-se” com o homem mas reconciliou-se com o mundo, por via de Noé, que foi fiel ao Senhor. O arco íris no céu representa o arco invertido, gesto usado pelos guerreiros como sinal do fim da guerra e do convite à paz. É isto que Deus fez com Noé e que nos quer comunicar também a nós. Tentemos nós também pousar alguns “arcos” de batalhas que ainda travamos, deitar fora algumas flechas apontadas a alguns “inimigos”. Quais são as “guerras” que ainda existem na minha vida? Quero colocar o **arco das flechas invertido**, como sinal de paz?

98 | Eu digo-vos que não jureis em caso algum

Mat 5,
33-37

Quanto mais não fosse em crianças, todos nós já acrescentámos a uma intervenção a expressão “eu juro”. A necessidade de jurar, surge de alguma quebra na confiança, da parte de quem emite ou de quem recebe uma mensagem. A linguagem que Jesus nos sugere é outra. Sem “arredondamentos”, é sugerida a estratégia “sim, sim, não, não”. Jurar, neste sentido, é falar a mais, é desnecessário. É justificar-se prescindivelmente. Ainda que arriscando más interpretações, fuja de repisar o que já foi dito, fuja de “jurar”. Sejam claros: “sim, sim; não, não”.

99 | Portanto, vigiai e orai em todo o tempo

Lc 21,
34-36

Uma das possíveis más interpretações deste trecho do Evangelho é achar que vigiar e orar é remédio só para a vida eterna, só para depois da morte, cartão de visita para S. Pedro. Vigiar e orar pode descansar-nos da morte e, pela fé, acreditando numa vida plena depois desta vida na Terra, manter-nos tranquilos face à contingência da própria morte. Mas vigiar e orar, é, muito mais, um convite para a **felicidade no “já”**, o paraíso nesta vida. Vigiar, é estar atento ao essencial. Orar, é estar em relação com Aquele que nos dá a vida, ajudando-O na missão de fazer feliz cada um dos nossos irmãos.

100 *Tudo aquilo que te aconteça, procura aceitá-lo*

Sir 2,
1-13

O convite à aceitação de tudo aquilo que nos acontece, vem já do Antigo Testamento. A vinda de Jesus até nós reforça este convite e dá-nos mais pistas para aceitar o que nos acontece: sermos humildes como as crianças. Dispor o coração a aceitar o que nos acontece pode ser confundido com passividade ou incapacidade de sonhar. Pelo contrário, aceitar a vontade de Deus, é construir (oposto de ser passivo) um mundo melhor com os Seus critérios e desejar ardentemente (ou seja, sonhar) o Seu reino. Aceitar o que nos acontece é **fazer uma escultura com o barro que existe**, e não com o barro que gostaríamos de ter... e que não existe!

101 *Escolheu doze para andarem com Ele e para os enviar a pregar*

Mc 3,
13-19

A dimensão de se ser **discípulo** e **apóstolo** de Jesus, à qual todos os batizados são convidados, tem vários estádios: o primeiro é o amor prévio de Deus, que nos criou desde o princípio com o seu infindável amor. Depois há a nossa disponibilidade de nos abirmos a sermos companheiros de Jesus. O gosto e a plenitude que vivemos por estar a Seu lado, faz com que Ele nos chame e convoque para a Sua companhia. Nada mais podemos fazer do que, encantados com a Sua verdade, levarmos a outros irmãos a boa nova. Somos, então, apóstolos do Senhor, porque Ele é nosso Amigo.

102 *Saudai-vos uns aos outros com o ósculo santo*

Rom
16, 3-9.
16-27

A Epístola de S. Paulo aos Romanos está repleta de nomes de colaboradores do apóstolo, a quem ele envia sinceras e profundas saudações: Prisca, Áquila, Epéneto, Andrónico, etc,etc. Retamos esta ideia de uma Igreja não incógnita em que cada um sabe o nome, isto é, conhece o outro. Façamos o esforço de memorizar os nomes das pessoas que se cruzam connosco. Peguemos também nas palavras de Paulo para valorizar os beijos que, certamente, vamos dando uns aos outros. Que cada beijo que damos à mulher, ao marido, aos filhos, aos irmãos, aos amigos, seja sentido, seja verdadeiro, seja acolhimento, seja “**ósculo santo**”.

103 Retirou-Se para um sítio ermo e aí começou a orar

Mc 1,
29-39

Jesus tem um dia estafante, curando a sogra de Pedro e muitos outros doentes que d'Ele se abeiraram. Sentiu necessidade de se retirar para rezar, escondendo-se até, de tal forma que os discípulos O procuravam. Este dia de Jesus pode inspirar-nos a nós, que tantos dias estafantes vivemos. Podemos, como Ele, dedicar-nos aos doentes, doentes do corpo, doentes do espírito ou doentes de amor. Convém, contudo, não cair no activismo, que nos esgote fisicamente para além do possível e que nos descentre do essencial. É bom estarmos atentos Àquele por quem amamos e agir ao Seu estilo. É bom, pois, **retirarmo-nos para descansar e orar**.

104 Gostam de se exhibir nas praças e de ocupar os primeiros assentos

Mc 12,
38-44

Nesta acutilante denúncia, Jesus desvaloriza a ostentação dos fariseus e enaltece a **simplicidade** da viúva indigente. O que mais nos pode impressionar, hoje, é que individualmente e como comunidade eclesial, estamos repletos deste “resquício farisaico”. Quantos de nós, militando na mesma Igreja que Jesus fundou, este Jesus que combateu os gestos hipócritas dos fariseus, procuramos a exibição nas praças e os primeiros assentos? Procuremos, no dia-a-dia, em oposição, fixarmo-nos nos antípodas da ostentação, no gesto do lava pés.

105 Quando orardes, não digais muitas palavras

Mt 6,
7-15

O Evangelho apresenta-nos hoje a oração do “Pai Nosso”, a oração das orações, simples e essencial. Jesus antecede as palavras do “Pai Nosso” duma sugestão coerente e importante: “Quando orardes, não digais muitas palavras”. Trata-se de um bom pretexto para rever a nossa forma de rezar e, nomeadamente, o “silêncio interior” que fazemos (ou não fazemos) quando rezamos. Os grandes santos e padres da Igreja, falam quase sem excepção na importância de “ouvir” (mais do que falar) na oração. Façamos também nós este exercício, de **envolver a nossa oração de alma à escuta**. Estejamos mais preocupados em receber luz do Espírito Santo do que em “despejar” as grandes listas das nossas (limitadas) intenções...

106 *Porque, quando sou fraco, então é que sou forte*

2 Cor
12, 1-
10

As palavras que Paulo dirige aos seus irmãos de Corinto são de grande força e utilidade para nós. O apóstolo passa a ideia de “ser forte, porque fraco”, na sequência de uma clara tentação, à qual renuncia, de se vangloriar a si próprio. De facto, quando estamos cheios de nós próprios, deparamos com a fraqueza da solidão e da auto-suficiência. Pelo contrário, a tomada de consciência da nossa fraqueza, da nossa “precisão de Deus”, enche-nos de companhia e vigor. Por Ele, somos capazes de coisas maiores do que nós mesmos. **Por Ele, somos fortes!**

107 *E não reparas na trave que está na tua vista*

Mt 7,
1-5

Todos nós temos tendência para olhar o mundo e os outros sem nos vermos bem a nós próprios. É natural, podemos dizer, porque nem sempre temos um espelho diante de nós. As palavras de Jesus escritas por Mateus, ajudam-nos a purificar este olhar, nunca perdendo de vista as nossas próprias fragilidades, levando-nos a um olhar mais tolerante, um olhar que pode (e deve) ser crítico mas que não julga e não condena. Esta purificação do olhar tem consequências na vida cristã. Olhar assim, pode significar, na dimensão apostólica, preocupar-nos mais em convertermos a nós próprios do que em converter os outros. E não bastará a **conversão pessoal** para se ser instrumento da conversão do mundo?

108 *Esta viúva pobre deu mais que todos os outros*

Lc 21,
1-4

A “máquina de calcular de Deus” é diferente das nossas! Este facto é difícil de encarar para nós, seres para quem 1+1 é 2 e mil é maior que cem. A viúva era pobre, mas deu tudo o que tinha. Outros ricos, deram objectivamente mais do que ela, mas menos, porque uma pequena parte do que possuíam. Esta passagem do Evangelho confronta-nos com a radicalidade da vida cristã, com a ideia de que dar tudo é “o mais” de cada um de nós. Ao mesmo tempo, tratando-se de uma graça e não de um peso ou de uma opressão, temos sempre mais para dar, **porque todos nós somos ricos**, quanto mais não seja, “ricos de nós próprios”.

109 | Não fecheis os vossos corações

Hebr 3,
7-14

Na carta aos Hebreus, alude-se à passagem do livro do Êxodo e à quebra de confiança que o povo terá tido para com Deus, face às contradições do deserto. A vida de cada um de nós, hoje, apresenta autênticos desertos, diante dos quais se percebe que vacilemos. É um **coração manso** que pode substituir a “refilice” para com Deus, pela confiança inabalável, que, pela Sua graça, somos capazes de ter. Diante dos pequenos e grandes desertos da nossa vida, saibamos rasgar o nosso coração. Calar a nossa dor, pondo-nos ao serviço e dando alívio à dor dos outros, pode ser o oásis do nosso deserto.

110 | Eu venho, Senhor, para fazer a vossa vontade

Slm
39, 7-
10.17

A **vontade de Deus** é uma ideia muito central na vida cristã. Podemos cair na tentação de a banalizar ou desgastar, não lhe dando, afinal, o devido valor e significado. Principalmente para os que não têm fé, fazer a vontade de Deus pode coincidir com uma perda de personalidade ou uma dispersão. Procurar a vontade de Deus, porém, é o encontro maior conosco próprios e com a nossa felicidade, homens feitos à imagem e semelhança de Deus. A vontade de Deus não se manipula. A vontade de Deus, embora possa não coincidir com os nossos instintos, não se opõe à nossa vontade mas antes nos eleva, com a nossa humanidade, para um bem maior.

111 | Os Seus parentes diziam: “está fora de Si”

Mc 3,
20-21

Podemos usar estas palavras para estarmos mais imunes às críticas que nos fazem, quando mergulhamos “na loucura do amor”, que, tantas vezes vai **contra a corrente**. Estas críticas vêm, não raras vezes, como aconteceu com Jesus, da própria família. Jesus, porém, não vacila e segue o Seu caminho, impelido por um bem maior do que ser alguém “muito certinho”. É importante não entender esta passagem como um convite a colocarmos em segundo plano o amor aos nossos Pais ou irmãos de sangue. Não se trata disso e seria um mau testemunho cristão, amar o mundo sem amar “os nossos”. Mas, nalguns casos, temos mesmo que romper com alguns laços ou ouvir algumas palavras mais duras, para podermos, como Jesus, realizar a aventura de “estar fora de nós”.

112 | Como pode Satanás expulsar Satanás?

Mc 3,
22-30

Satanás, belzebu, demónio, diabo, são designações “fora de moda” que, muitas vezes, incomodam até os cristãos. É certo que ao longo dos tempos muito mal se fez com o exagero destas figuras, aproveitando-as para, de forma indirecta, fazer passar Deus pela negativa, pelo temor, pelo medo. Por outro lado, hoje, muitas vezes, ignora-se a existência de uma força contrária ao amor, que, como sabemos, mora, essencialmente, dentro de cada um de nós. A consciência de pecado, por outro lado, vai-se dissipando e dando lugar ao “vale tudo”, que afasta as pessoas da felicidade. Tentamos viver equilibrados neste dilema. Não importa gastar palavras com as forças do mal, mas convém estar atento, porque, a todo o momento, dentro de nós, na história, no que hoje existe, o demónio espreita para nos tentar ao mais fácil. **Combatê-lo é amar.**

113 | Eis minha Mãe e meus irmãos

Mc 3,
31-35

Jesus apresenta Sua Mãe e Seus irmãos à multidão como todos aqueles que fazem a vontade de Deus. Este grupo contém a Sua Mãe, bem entendido, que Ele “usa” para fazer passar a dimensão universal do Seu amor. Imaginamos a intensidade com que Jesus amaria Sua Mãe. Ele enaltece, porém, que o que caracteriza Maria é ter feito a vontade de Deus, ter aceite os desafios do Criador. Todos os homens e cada um de nós, é então candidato a ser irmão e Mãe de Jesus, por via de uma vida que não esquece a vontade de Deus, que **faz dessa vontade a sua bússola.**

114 | Saiu o semeador a semear

Mc 4,
1-20

A parábola do semeador é uma das tais parábolas de Jesus, escrita há dois mil anos, que é de uma acutilante actualidade. Ao contrário de outras parábolas usadas por Jesus, é por Ele próprio explicada, o que facilita a sua percepção para nós. Façamos silêncio e tentemos reconhecer em nós os quatro tipos de terreno que moram dentro de nós: quantas vezes a palavra de Deus nos passa ao lado? Quantas vezes a palavra de Deus não tem raízes no mais fundo de nós e nos faz vacilar? Quantas vezes a palavra de Deus se torna mais fraca do que certas tentações modernas? Vezes haverá, porém, em que somos bom terreno. Expandamos esta área e **daremos muito fruto!**

115 Saulo, Saulo, porque Me persegues

Mc 16,
15-18

Perseguir os Cristãos, é perseguir Cristo ressuscitado. Dito de outra forma, quem perseguia Jesus, como Saulo, irritava-se com a glória de Cristo, com a vitória sobre a morte, com a vida, com a alegria. Paulo terá sentido tudo isto, tendo agido em conformidade e martirizando muitos cristãos. Jesus, Ele próprio, se pôs no caminho de Paulo de forma inequívoca, mobilizando-o para levar o Evangelho a toda a parte. Talvez por conhecer o que é estar “do outro lado”, Paulo foi de um fervor e de uma eficácia ímpares no apostolado e é modelo para nós. Serve a sua história, igualmente, para estarmos atentos a que **qualquer perseguidor, se pode tornar seguidor**, pela graça de Jesus...

116 Tende coragem e animai-vos

Slm
30, 20-
24

As palavras do salmo são para nós um estímulo ao recomeço a à confiança. Elas servem principalmente para os momentos em que a vida se torna mais difícil e em que, interior ou exteriormente, sofremos algum abandono, alguma dor, alguma nostalgia. A história do homem e a história de cada um de nós, é repleta de fracassos e de vazios. Mas também de sucessos e de autênticas colaborações num mundo melhor. Estes gestos positivos de cada um só são possíveis graças à palavra de Deus que nos chegou pelos profetas e que nos dá força nos momentos mais difíceis: **“tende coragem e animai-vos”**.

117 Maria e José levaram Jesus a Jerusalém, para O apresentarem ao Senhor

Lc 2,
22-40

Dando cumprimento à Lei de Moisés, Maria e José levaram o Menino ao templo. O gesto central de Maria e de José, é o de **oferecer** o seu filho e, desta forma, estabelecer uma cumplicidade com a missão salvadora de Jesus e a sua doação a todos nós, até à morte. Opõem-se ao gesto de oferecer, as atitudes de possuir, manipular, controlar. Quantas vezes, em relação aos nossos filhos, às nossas ordens religiosas, à nossa paróquia, às nossas coisas, aos nossos talentos, não temos esta atitude de possuir, em vez de oferecer?

118 | O Senhor é meu pastor: nada me faltará

Slm
22, 1-6

O refrão do salmo pode ser colocado de uma outra forma: para que nada me falte, para ter o coração cheio de amor e sentir plenitude, é bom fazer com que Deus seja o meu pastor. Para ser feliz, é bom deixar-me conduzir pelos Seus critérios, iluminar-me pela Sua luz, **ir para onde Ele vai**, amar como Ele ama. Todos nós temos sede e procuramos que nada nos falte. Às vezes tentamos saciar-nos do que não sacia, deixando-nos guiar por outros pastores que não Jesus.

119 | Façamos o homem à nossa imagem e semelhança

Ge 1,
20 – 2,
4a

Deus criou-nos para “gerir” o belo da natureza e, uma vez feitos à sua imagem e semelhança, deu-nos a missão de continuar a criação. Deu-nos a capacidade de dominar “os peixes do mar” e “as aves do céu”, isto é, viver com tudo o que existe à face da Terra. Muitas vezes, cada um de nós, usa mal aquilo que pode dominar: as coisas, os outros, as situações. Dito de outra forma, o homem usa o bem criado para além dos fins previstos: (ab)usa - e subtrai alegria à sua felicidade e à dos outros. Tentemos viver como “continuadores de Deus”, **usando e não abusando**, das maravilhas que Ele nos dá.

120 | Colheu do seu fruto e comeu-o

Gen 3,
1-8

O gesto que Eva fez, o de comer o fruto proibido e de o dar a comer também ao seu marido, simboliza o mesmo pecado (original) que ainda hoje existe em cada um de nós: a tentação de “possuir Deus”, de controlar, de “ter tudo na mão”. Opõe-se a esta atitude de Eva o “deixar-se guiar”, confiar, caminhar na vida e no bem. Reflectamos sobre as tendências que temos em imitar Eva, possuindo e precipitando soluções para este ou aquele problema. Embora activos e de mãos livres para descobrir, tentemos **caminhar em vez de possuir!**

121 | O Senhor abençoará o seu povo na paz

Slm 28,
1-4.
9b-10

As palavras do salmo são para nós um estímulo e um sinal de confiança em Deus. “Ele nos abençoará”, diz o salmista, confirmando que, apesar do pecado do homem, Deus está connosco. O modo como Deus nos abençoa, no entanto, tem um cunho específico, que é o cunho da paz. Podemos entender esta paz em dois sentidos: a paz que é o próprio Deus e a paz em que devemos estar para O acolher. Tentemos, pois, ser povo de Deus abençoado, criando espaços de paz à nossa volta: comecemos connosco próprios, passemos pelos que estão mais próximos de nós e **sejamos igualmente sinais de paz** para todos aqueles com quem nos cruzamos todos os dias.

122 | O Senhor confundiu a linguagem de todo o mundo

Gen
11, 1-9

A leitura do livro dos Génesis foca um ponto importante na vida de todos nós: o problema da comunicação. Neste texto bíblico é dito que a confusão da linguagem fez com que os homens não se entendessem. É uma grande verdade! Quantas zangas e mal entendidos, hoje mesmo, resultam de problemas de comunicação? De palavras mal entendidas ou ditas inoportunamente? Quantas pessoas não são tocadas hoje pela Boa Nova, pelo facto de nós, Igreja, usarmos uma linguagem caduca e não nos formarmos e crescermos o suficiente na arte de comunicar? Melhoremos o uso da palavra, meçamos as palavras que dizemos: acutilantes ou de conforto, sejam **palavras filtradas pelo amor!**

123 | Toda a sabedoria vem do Senhor

Sir 1,
1-10

Há pessoas que sabem muito: ou são bons intelectualmente, numa área específica ou até na generalidade. Há pessoas que são muito boas a jogar futebol, ou a cozinhar. Há pessoas que sabem escalar montanhas ou que sabem observar as estrelas do céu. Cada um de nós pode perguntar a si mesmo: para além dos talentos que tenho e daquilo que domino, o que me interessa saber? O livro de Ben-Sirá fala insistentemente na sabedoria. A **sabedoria é diferente “do saber”**. A sabedoria vem de Deus e é preferencialmente relevada aos “mais pequeninos”. Temos sabedoria quando alinhamos a nossa vontade com a d’ Ele. Há uma forma de confirmar se o nosso espírito e os nossos passos são inspirados pela sabedoria: se há aumento de fé, esperança e caridade.

124 | A vossa lei faz as minhas delícias

Slm
118,
165-175

“A vossa lei faz as minhas delícias”. São palavras extraídas do salmo 118. As leis, no sentido jurídico e na sensação que causam nas pessoas, têm uma carga pesada. Embora feitas, em princípio, para ajudar o homem e para lhe dar segurança, provocam constrangimentos. É curioso ver no Antigo Testamento a palavra “delícia” associada à lei de Deus. Procuremos, pois, entender e saborear a lei do Senhor como uma delícia. E Jesus resumiu a sua lei capaz, de facto, de se tornar preciosa delícia. Quatro letras apenas sintetizam a lei de Deus: **amor... uma delícia!**

125 | O amigo fiel não tem preço

Sir 6,
5-17

Na leitura do livro de Ben-Sirá faz-se uma belíssima incursão nos valores da amizade. A amizade é algo com muito sentido. A fé no Senhor confere à amizade humana um sentido ainda maior. Neste texto do Antigo Testamento diz-se que quem ama a Deus será capaz de uma amizade mais profunda e desinteressada. É bem verdade que tudo o que é verdadeiramente divino é também verdadeiramente humano. A fé nada subtrai à amizade entre os homens, antes a purifica e intensifica. Sabemos que é importante “amar os inimigos” mas sabemos igualmente ser **amigos dos nossos amigos**, conscientes de que o seremos mais e melhor, na medida da nossa amizade para com Deus.

126 | Deixai vir a mim as criancinhas

Mc 10,
13-16

Jesus manifesta uma simpatia e um grande privilégio pelas **crianças**. Fá-lo contrariando a tendência dos discípulos, que tentavam afastar as crianças (muitas vezes elas incomodam). A atenção particular de Jesus às crianças tem duas componentes: por um lado, o amor específico que Jesus lhes tem e o bem que lhes quer. Por outro lado, o exemplo e o modelo que elas representam para os adultos no seu confronto com a fé. Saibamos ser simples e alegres como as crianças e tenhamos, à semelhança de Jesus, toda a paciência e amor para com os mais pequenos. Aos Pais em casa, aos professores nas escolas, aos padres nas missas e nas actividades pastorais, **Deus pede carinho, também firmeza, mas sempre muita paciência...**

127 Como é difícil para os que têm riquezas
entrar no reino dos céus!

Mc 10,
17-27

O repto lançado por Jesus ao jovem rico é, também hoje, lançado a cada um de nós. Ao cristão que se encanta e se aproxima de Jesus, querendo segui-Lo, é sempre pedido mais. As riquezas de que fala Jesus não representam essencialmente, embora também, o dinheiro e as coisas. Temos riquezas quando estamos cheios: de objectos, de projectos, de instintos possessivos, de nós. E alguém **cheio de coisas dificilmente passa por uma porta estreita**. A não ser que Deus ajude e nos alivie, tomando Ele o nosso jugo e deixando-nos leves para o amor.

128 Receberá cem vezes mais

Mc 10,
28-31

Nós temos fé por vários motivos: primeiro, porque há um dom prévio, que vem de Deus, e que nos dá essa possibilidade. Em segundo lugar porque, consolidando essa fé no seguimento de Jesus Cristo, sentimos “na pele” que somos mais felizes. A fé não é negócio de quem dá para receber. Mas seríamos inconscientes se déssemos o passo de deixar várias coisas (principalmente o nosso “eu”) e tal nos deixasse na mesma ou pior. Sabemos, porque Jesus no-lo disse e porque o experimentamos, que, deixando muita coisa para seguir o amor, recebemos, de facto, cem vezes mais, isto é, infinitamente mais! Façamos o exercício de **ver em nós**, ao longo da nossa vida e hoje mesmo, as **vezes em que recebemos cem vezes mais**. Louvemos a Deus por isso.

129 Ditoso o homem que se compadece e empresta

Slm
111,
1-6

Podemos concentrar-nos nas palavras do salmo e reflectir sobre a forma como lidamos com o “empréstimo” de que fala o salmista. As estruturas sociais em que vivemos estão em progresso mas longe ainda dos modelos das primeiras comunidades cristãs, em que “ninguém chamava a nada seu”. Fazem-se muros e vedações, seguros de roubo, preservam-se os bens numa redoma para não estragar. Os próprios dons e a cultura, nem sempre se emprestam como deviam. Cultivemos em nós maior capacidade de emprestar, prontos para que a devolução não seja imediata e impecável. E porque não pensar em “**emprestar a própria vida**”?

130|Reparte com largueza pelos pobres

Slm
111, 1-
2. 7-9

“Feliz o homem que espera no Senhor”, é um mote frequente nas nossas orações mas cuja insistência se entende, já que esta esperança é o respirar da fé. O mesmo salmo convida-nos a “**repartir com largueza pelos pobres**”. Significa repartir com generosidade e não apenas “lavar as mãos” e partir sem o compromisso firme de dar francamente. Dar coisas mas, principalmente, dar-mos a nós próprios. Tentemos ter esta medida, em particular, para com os inúmeros emigrantes e refugiados que têm vindo para o nosso país e aqui tentam ficar.

131|Ele não é Deus de mortos mas de vivos

Mc 12,
18-27

Os saduceus colocaram a Jesus uma questão difícil mas assente num equívoco que o próprio Jesus esclareceu, chamando à atenção de que o nosso Deus “não é um Deus de mortos mas de vivos”. O problema dos sete maridos irmãos para a mesma mulher, que ressuscitados na eternidade a teriam de partilhar, tem base numa limitação dos homens, que projectam os seus critérios meramente humanos na idealização da eternidade. Há também subjacente um sentimento de posse. Será que também nós temos tal sentimento? Seremos esposos que possuímos as nossas mulheres? Mulheres que possuímos os maridos? Pais que possuímos os filhos? Mestres que possuem discípulos? Na vida eterna, **ninguém tem direito a ninguém** e não era má ideia que fosse assim nesta Terra...

132|Louvarei o Senhor toda a minha vida

Slm
145,
2-10

Podemos sublinhar, hoje, as palavras do salmo e, nomeadamente a expressão “**toda a minha vida**”. A sociedade em que vivemos, como a própria contingência do homem, é muito virada para o provisório. A nossa felicidade, por outro lado, tem muito a ver com o futuro. Sem deixar escapar o presente (antes potenciando o “já”), vale a pena viver se a nossa vida for uma vida com futuro! Louvar o Senhor, hoje, é bom. Melhor ainda, expressão de fidelidade libertadora, é louvar o Senhor, hoje, querendo também louvá-Lo “toda a minha vida”. Ser feliz, não só pelas (tantas) coisas boas que tenho hoje, materiais e espirituais, mas, principalmente, porque a fé me dá a graça de saber que serei feliz amanhã, aconteça o que acontecer...

133 Recebestes de graça, dai de graça

Mt 10,
7-13

Uma dimensão muito importante no (natural e “obrigatório”) apostolado de um cristão, é a **gratuidade**. No Evangelho ressalta uma característica dinâmica mas nem sempre fácil do cristianismo: a não instalação. De facto, Jesus não disse aos apóstolos: “recebeste de graça e agora vivei dos rendimentos e não vos perturbeis a gozar a alegria de Me conhecerdes”. Isto é, há uma inquietude saudável que nos leva a apresentarmos aos outros (mais com actos do que com palavras) a Boa Nova de Jesus. É que recebemos de graça e, nada tem mais sentido do que dar de graça.

134 Não se acende uma lâmpada para colocar
debaixo do alqueire

Mt 5,
13-16

Jesus convida-nos, como lemos no Evangelho, a sermos a “**luz do mundo**”. Chama-nos à atenção para não confundirmos discrição e humildade com aniquilamento e vergonha. Daí o alcance de não deixar de evidenciar “as boas obras”, que são d’Ele e não nossas, para que o mundo Lhe dê Glória. É um autêntico desafio articular esta proposta do próprio Jesus com a sugestão implícita de humildade mas tentemos, hoje, viver nessa medida.

135 Andamos perplexos, mas não desesperados;
perseguidos mas não abandonados;
abatidos mas não aniquilados

2 Cor
4, 7-15

A segunda epístola de S. Paulo aos coríntios faz de uma forma muito actual, aquilo a que poderíamos chamar o “diagnóstico do cristão”. De facto, ainda hoje, “andamos perplexos, mas não desesperados; perseguidos mas não abandonados; abatidos mas não aniquilados”. Seremos homens e mulheres, de carne, osso e sentimentos, confere-nos perplexidade, perseguição e abatimento. Pela graça da fé, nunca são absolutos, em nós, o desespero, o abandono e o aniquilamento. Há sempre a **mão de Jesus**, que nos quer amparar!

136 *Senhor, sois um Deus clemente e compassivo*

Slm
102,
1-12

As palavras do salmo, mais uma vez, convidam-nos a rever as nossas “imagens de Deus”. Este salmo, escrito antes da vinda de Jesus ao mundo, mas ganhando vigor com a encarnação de Deus, fala-nos de um **Deus clemente e compassivo**. Indulgente, bondoso, benigno, temperado, suave, brando, eis algumas palavras relacionadas com a clemência de Deus. Compassivo, por sua vez, prende-se com compaixão, compadecimento e bondade. É assim, o nosso Deus. É assim que o devemos ver e com Ele viver. Na dificuldade em falar sobre os atributos de Deus (“O indisível”), convém não esquecer que Ele é amor!

137 *Mostremo-nos em tudo como ministros de Deus*

2 Cor
6, 1-10

Façamos hoje uma reflexão original, rezando e “mastigando” as palavras que Paulo dirigiu aos Coríntios. Vejamos até que ponto nos reve-mos, hoje, no diagnóstico do apóstolo. As suas considerações têm duas partes (aquilo que se diz dos cristãos e aquilo que os primeiros cristãos eram). Avaliemos até que ponto somos **semelhantes aos primeiros cristãos**, como seria desejável: “Somos considerados como impostores, embora verdadeiros; como desconhecidos, embora bem conhecidos; como agonizantes, embora estejamos com vida; como condenados, mas livres da morte; como tristes, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como não tendo nada, mas possuindo tudo”...

138 *Ele fez nascer o sol sobre bons e maus*

Mt 5,
43-48

O Evangelho fala-nos de uma das maiores originalidades cristãs, que se prende com o **amor aos inimigos**. Não é fácil mas é o apelo mais profundo de Jesus, Ele, cujo Pai fez nascer o sol sobre maus e bons. Olhe-mos para a nossa vida e vejamos aqueles que são nossos “inimigos”, de quem gostamos menos ou que gostam menos de nós. Abramos, antes de mais no coração, uma oportunidade para eles. Sem forçar, abramos igualmente portas na nossa vida para cada um destes “menos simpáticos”, se nos pedirem algo que possamos dar e que possa ser bom para eles.

139 | Deus ama aquele que dá com alegria

2 Cor
9, 6-11

Paulo escreve aos Coríntios e apela à generosidade dos cristãos. O nosso “estilo” de **dar**, porém, é um “estilo” diferente: é envolto em **alegria**, não só para quem recebe mas também, igualmente, para quem dá. Um dizer popular nosso conhecido chama à atenção que não vale “dar e tornar a tirar”. Dar sem alegria e com opulência, é, de facto, dar a si próprio, é não dar! Procuremos que a nossa generosidade seja influenciada por esta sugestão de Paulo (alegria) e pela ideia de **discrição**, expressa no Evangelho pelo próprio Jesus (“não saiba a tua mão direita...”). Dar assim, é dar mais, é receber cem vezes mais!

140 | Tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-o vós também

Mt 7, 6.
12-14

A sugestão de Jesus é repleta de utilidade e matéria suficiente para ser propósito deste nosso dia. O que Jesus nos sugere é algo mais do que prático, mas representa uma atitude espiritual de abertura, de não condenação e de misericórdia. Podemos, aliás, levar esta frase excessivamente à letra e vivê-la, assim, de forma limitada ou mesmo incorrecta: é que às vezes, temos tendência para fazer aos outros como gostaríamos que fizessem a nós, quando os outros podem ter estilos, carências e procuras diferentes das nossas. Isto pode acontecer num casal, no trabalho ou noutro grupo qualquer. Cada um tem as suas necessidades e nós devemos ir ao encontro dessas necessidades, fazendo “**como é melhor para os outros**” e não “como seria para mim se fosse eu no seu lugar”.

141 | Dai graças ao senhor porque Ele é bom

Slm
105,
1-5

As palavras do salmo que hoje rezamos têm dois elementos muito importantes: por um lado, a sugestão de darmos graças (agradecermos, devolvermos a própria gratuidade de Deus), por outro lado, os motivos pelos quais agradecemos e louvamos a Deus – porque Ele é bom! Mais um pretexto para (re)visitarmos as nossas imagens de Deus e avaliar o que nos aproxima de Deus: se a Sua bondade, se a Sua gratuidade, se o medo, se o temor, se o “interesseiríssimo”. Os critérios deste convite são muito simples. Nós, por vezes, complicamos quando nos perguntam porque acreditamos. Aqui está uma boa pista: **acreditamos porque Deus é bom!**

142 | Pelos frutos os conhecereis

Mt 7,
15-20

Todas as pessoas, todas as atitudes e todas as coisas sobre a face da terra estão sujeitas a um jogo onde nem sempre o que parece é. Não só nos nossos dias mas desde sempre, há, de facto, homens “vestidos de cordeiros que escondem lobos”. E é difícil, neste desafio, distinguir o que é bom, do que não vale, separar o trigo do joio. Jesus dá-nos um critério para essa escolha: **é bom o que dá fruto**. Não usemos só esta frase para fora de nós mas também para dentro, vendo bem as coisas, as atitudes e os estilos que não dão fruto, isto é, que não fazem felizes os outros nem nos fazem felizes a nós próprios. Esses ramos da nossa vida podem ser cortados. Sim, devemos cortá-los porque não dão fruto.

143 | O Senhor libertou-me de toda a ansiedade

Slm
33, 2-9

Uma das marcas dos nossos tempos é, com toda a certeza, o grande número de estados ansiosos. A ansiedade é caracterizada pelo receio e pela perturbação. Todos nós, em certo sentido, experimentamos estes estados. Quando não se consegue lidar com eles, entra-se em descompensação, perde-se o controlo. A psicologia (análise, auto-análise, etc.) é um excelente elemento para nos ajudar a perceber um pouco melhor (talvez nunca totalmente) as causas da nossa ansiedade. Convém não desprezar estes contributos. O salmo, porém, fala-nos numa outra “frente” de combate de ansiedade que, podendo não bastar, nos ajudará sempre, de mãos dadas com todas as terapias e ajudas: a confiança no Senhor. Como diz o salmista, foi o **Senhor que o libertou da ansiedade**.

144 | Aos que procuram o Senhor
não faltará riqueza alguma

Slm
33, 7-
13

As palavras do Salmo que hoje rezamos, têm um rico conjunto de invocações que nos podem ajudar a viver e a reflectir sobre a nossa própria vida. A quem procura o Senhor, a quem aposta no Amor, nenhuma riqueza faltará. Associado à **procura de um sentido**, à procura de uma esperança, de um Pai, está a plenitude de um encontro. Lendo esta ideia do Salmo, podemos, de certo modo, concluir que se sentimos alguma falta de riqueza, de bens, sentimentos, pessoas ou coisas que queremos possuir, então não estamos a “procurar o Senhor”...

145 Sara já tinha passado a idade de ser Mãe

Gén
18, 1-
15

A história relatada no Antigo Testamento conta-nos a forma como Abraão e Sara, já de avançada idade, se tornaram pais. “Há porventura alguma coisa impossível ao Senhor?”, está escrito nesta passagem. Uma confiança que está acima das nossas próprias possibilidades e nos permite, de facto, fazer coisas “maiores do que nós”. Este convite à confiança não se reduz à fecundidade relacionada com os filhos mas à aventura a que todos somos chamados, a aventura de “**dar fruto**”. À luz deste texto, apostemos na confiança que nos merece o Senhor, que nos merece o Amor. Ele, connosco, de uma forma ou de outra, hoje ou amanhã, nos fará dar muito fruto, o fruto que Ele entender.

146 Segue-me e deixa (...)

Mt 8,
18-22

As palavras de Jesus são libertadoras mas exigentes. O escriba que desejava seguir Jesus tinha ainda uma tarefa para fazer (sepultar o Pai) mas o Mestre sugere-lhe que **deixe** esse compromisso para **O seguir**. A ideia de “deixar para seguir” é fundamental para o cristão. Pode ser difícil deixar algumas coisas, alguns projectos e algumas pessoas mas a própria experiência e o consolo espiritual de seguir Jesus justificam uma “perda para ganhar mais”. Peçamos a Deus que nos ajude a ver a que realidades estamos ainda “agarrados”, que pessoas, projectos e coisas materiais ainda nos pesam e nos inibem de seguir Jesus.

147 O Senhor providenciará

Gen
22, 1-
19

A narração do Livro do Génesis conta-nos uma história radical vivida por Abraão. Ele foi convidado pelo Seu Senhor a oferecer em holocausto (dar) o seu próprio filho (o que de mais rico tinha). Na “hora H”, porém, o Senhor providenciou um carneiro e poupou “que algum mal fosse feito ao menino”. Em muitas situações da nossa vida, nos são pedidas coisas ou opções em que nos parece perder, perder sempre, perder infinitamente, numa espiral sem fim à vista. O passo de confiança, porém, é sempre seguido por **um Deus que providencia o necessário** ou, como dirá Jesus, nos oferece cem vezes mais.

148 *Prefiro a misericórdia ao sacrifício*

Mt 9,
9-13

Foi Jesus quem disse “preferir a misericórdia ao sacrifício”, na sequência do apelo a Mateus, o cobrador de impostos, o pecador. O sacrifício, no sentido em que aqui é empregue, pode ser feito individual e superficialmente. A **misericórdia**, por seu turno, envolve sempre o perdão, a abertura e o amor a outro homem, sendo em si própria **profunda, comunitária e renovadora**. Procuremos, assim, a conversão que sempre precisamos pela via da misericórdia, da abertura do coração aos outros, mais do que por ritos superficiais, aparentemente heróicos, mas, talvez, individualistas.

149 *Não se deita vinho novo em odres velhos*

Mt 9,
14-17

O vinho novo é o próprio Jesus, o Seu sangue, sinal de um amor novo e radical, libertador, que Ele derramou por nós. Os odres somos nós. Muitas vezes não renovamos o suficiente para conservar e dar sabor ao vinho novo. Por vezes o odre velho (o “homem velho”) impera e o egoísmo, a instalação, o medo e o calculismo, estragam a Boa Nova. Renovemos “odres velhos” da nossa vida: rituais, vícios, formas velhas de pensar e agir. Rancores, materialismos, manipulações que ainda temos e que estragam o “vinho do Amor”. **Sejamos odres novos**, para acolher esse vinho.

150 *Sois o meu refúgio e a minha cidadela*

Slm 90,
1-4.
14-15

O Senhor é a nossa cidadela! O espaço em que vivemos, de facto, determina muito a nossa qualidade de vida, que no sentido mais exterior do termo (poluição, trânsito, stress, acesso a bens e serviços, etc.) quer no sentido mais interior (“qualidade de alma”). À luz das palavras do Salmo, coloquemo-nos sempre na cidade virtual do Senhor, na sua segurança (“sois o meu refúgio”) e beleza. Ou, melhor ainda, **façamos do nosso espaço**, cidade, vila ou aldeia, a “**cidadela do Senhor**”.

151 | *A seara é grande mas os trabalhadores são poucos*

Mt
9,32-
38

A seara de que fala Jesus são as pessoas que podem ser mais felizes se lhes for transmitida a Boa Nova. São muitas as pessoas ainda amarradas ao seu egoísmo, com fome, derrotadas e sem esperança. Nós próprios, apesar do dom da fé, somos trabalhadores da seara, mas, ao mesmo tempo, somos também seara já que, de forma mais ou menos intensa, temos “arestas de felicidade” por limar. Peçamos a Deus, mais **trabalhadores para a seara**. Que a alegria de trabalharmos em tal seara desafie por si mais “operários”.

152 | *Hei-de edificar-te novamente*

Jer 31,
1-7

O livro de Jeremias fala-nos das tribos de Israel chegadas ao repouso. O Senhor, que “amou com amor eterno”, continua ao lado do Seu povo. A Igreja e cada um de nós, somos também esta cidade que vai ruindo mas conta sempre com um Senhor que edifica novamente. Contemos com Ele, como reconstrutor, insistindo com fé, como fez a mulher de Cananea com Jesus (Evangelho). Se ruírem algumas construções interiores do nosso eu, **contemos com o Senhor como edificador**.

153 | *Não adquirais ouro, prata ou cobre, para guardardes nas vossas bolsas*

Mt 10,
7-15

Jesus Cristo dá várias “dicas” aos seus companheiros sobre a forma como deviam fazer apostolado. Estas palavras são para todos nós e para todos os momentos da nossa vida, porque somos povo em missão. O ouro, a prata e o cobre de que fala Jesus simbolizam tudo aquilo que tem valor aos olhos do mundo mas que é inanimado e não essencial. “Guardar na bolsa” tais bens significa concentrar, chamar a si e não colocar ao serviço da felicidade dos outros. Cada um de nós veja os “metais nobres” que guarda (coisas não essenciais) e tente pô-los **ao serviço dos irmãos** em vez de os “guardar nos bolsos”.

154 | Agora posso morrer porque vi o teu rosto
e tu ainda estás vivo

Gén
46, 1-7.
28-30

Israel, pai de José, descansa a sua alma quando vê o rosto do filho (quando se encontra a razão de existir) e exclama: “Posso morrer”. Transportando esta passagem para o Evangelho, também nós vimos já o rosto da nossa razão de viver, tivemos já – e vamos tendo – o encontro que nos dá sentido, precisamente com Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Podemos, pois, exclamar e viver **como quem “pode morrer”**, aproveitando com vigor e paz, cada segundo que passa.

155 | Nada há encoberto que não venha a descobrir-se

Mt 10,
24-33

Jesus fala-nos hoje de incentivos à rectidão e à transparência das nossas intenções e da nossa alma. Na vida social e mesmo nas relações afectivas, muitas vezes, procedemos a alguns “jogos” e encobrimos situações que nos inquietam e que, na maioria, são, como previne Jesus, “tiros no pé”. Concentremo-nos hoje, porém, a verificar os encobrimentos que fazemos de nós, para nós próprios. Analisemos (se possível com a ajuda de alguém indicado) aqueles assuntos sobre os quais “não queremos pensar”, aquelas situações de experiências que queremos encobrir. **Em vez de encobrir ou pressionar interiormente**, chamemo-las pelo nome, usemos do perdão e do discernimento para fazer do que estava escondido (recalcado) dentro de nós próprios, espaços repletos de fé, esperança e caridade.

156 | Quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim,
não é digno de Mim

Mt 10,
32-39

Principalmente para quem tem filhos ou filhas as palavras do Evangelho podem parecer chocantes. De facto, é difícil imaginar que se possa amar algo mais do que um filho. Pelos filhos, realmente, dão-se noites, dá-se o corpo, dá-se tudo, dá-se a vida! Jesus pede-nos para O amarmos mais ainda. Ele “usa” a realidade do amor paternal e do amor maternal para colocar a fasquia da entrega a Ele próprio. Há uma coerência “humanizante” nesta (difícil e exigente) proposta: é que **amando assim a pessoa de Jesus ama-se mais e melhor**, de facto, os **filhos e as filhas!**

Atolei-me na lama do abismo (...),
157 cheguei até ao fundo das águas

Slm
68, 3.
30-34

O Salmo que hoje rezamos faz-nos pensar nos momentos, muitos ou poucos, em que **“nos atolamos na lama do abismo”**. Foi essa também a experiência de Moisés, que lemos na primeira leitura, e que o faz partir para Madiã. A nossa liberdade, é sabido e experimentado por todos, não está na ausência destes abismos, mas no “saber estar” e “saber tirar proveito” quando se chega até ao fundo das águas. Saibamos viver estas experiências de “vale” olhando já a alegria da montanha, mais perto de Deus, buscando-O, como sugere o final do Salmo.

Tira as sandálias dos pés porque o lugar que pisas
158 é Terra Sagrada

Ex 3,
1-6. 9-
12

Deus apareceu a Moisés que, deparando com uma sarça ardente sem se consumir, avançou para ver. O Senhor, porém, disse-lhe para tirar as sandálias. Vejamos a nossa vida pessoal como um “Moisés” que caminha e se deslumbra com as maravilhas de Deus. A terra que pisamos, porém, é sagrada e sensível. **Tirarmos as sandálias** é, para nós, hoje, apurar a nossa sensibilidade, sentir o chão, tocar nos outros e, sem solas isoladoras, sentir que é mesmo sagrado o caminho que percorremos.

159 O Meu jugo é suave e a Minha carga é leve

Mt
11,28-
30

Jesus explicita no Evangelho a ideia de “leveza” e “alívio” de Si próprio. Esta mensagem colide, muitas vezes, com o ar infeliz, carregado, pesado e fastidioso com que transportamos o Cristianismo. Cada um de nós carrega a sua cruz, é certo, mas mesmo sofrendo contrariedades e desencontros, será a suavidade e a leveza que deverão estar nos nossos olhos e no nosso coração. O Evangelho atesta: se é **Jesus que levamos connosco**, é de liberdade que falamos. Porquê, tantas vezes, tornar as coisas difíceis?

160 Intimou-os a todos
que não descobrissem quem Ele era

Mt 12,
14-21

Por mais esforço que façamos, temos sempre uma certa tendência para enaltecer os nossos feitos. Directa ou indirectamente, às vezes com jogos aparentemente discretos mas com segundas intenções de ostentação, “puxamos a brasa à nossa sardinha”. Muitas vezes, depois destas experiências, sentimo-nos mal porque pesados de honras e de méritos que são de Deus. Precisamos de “feedback” positivo dos outros, de elementos que robusteçam a nossa auto-estima, mas façamos, como Jesus, com que estes “rebuçados” sejam consequência natural (e não forçada) dos nossos actos.

161 Porque lhes falas em parábolas?

Mt 13,
10-17

Os discípulos, que já tinham percebido o tesouro que Jesus tinha para lhes dar, perguntaram ao Mestre porque usava parábolas para comunicar. Jesus explicou porquê e continuou, de facto, a usar parábolas para passar a palavra de Deus. Tudo isto nos faz pensar sobre a forma como comunicamos a Boa Nova. Que tipo de linguagem usamos, que parábolas (analogias, “pontes”) usamos com o universo, as vivências e o vocabulário de quem nos ouve, principalmente dos jovens. Não fechemos os olhos e os ouvidos ao que hoje se vê e fala, estejamos criticamente abertos para comunicar “liberdades” **com a linguagem presente**.

162 Não terás outros deuses diante de Mim

Ex 20,
1-17

Antes de reflectirmos e “catapultarmos” para a vida uma frase escolhida do Livro do Êxodo, atentemos numa ideia que não raras vezes nos incomoda e que não raras vezes aparece no Antigo Testamento: é posta na boca de Deus: “Eu castigo as ofensas dos pais nos filhos”. Ora, tem-se insistido nestas linhas que importa eliminar as imagens (negativas) de um Deus castigador. E Ele, de facto, não castiga! Devemos, pois, ouvir estas palavras no contexto histórico-temporal em que se inserem, na linha de uma relação “Homem-Deus” imatura, que está a crescer e que vai abrindo portas para a grande revelação em Jesus Cristo. Para nós, não haverá “outros deuses”.

163 | Oferece a Deus sacrifícios de louvor

Slm
49, 14-
23

O refrão do Salmo pode não colher simpatia imediata dos cristãos. Tal refrão encerra, porém, um propósito muito bonito, muito actuante e muito cristão. Sacrifício significa “tornar santo”. Por vezes temos uma ideia muito “pela negativa” de sacrifício, associando oblações humilhantes e mortificações estéreis. Mas “oferecer sacrifícios” é “fazer santos os momentos”, tornar eterno, envolver em amor, enaltecer a felicidade do “outro” e assim de Deus. Ofereçamos, hoje, sacrifícios de louvor. Façamos morrer algumas ideias e “preguiças” próprias para proporcionar mais felicidade a alguém. Estaremos a “**tornar santos**” tais momentos e a trabalhar por sermos santos, como é próprio da vocação de qualquer cristão.

| O Reino dos Céus

Mt 13,
31-35

164 | pode comparar-se ao grão de mostarda

São muitas (e belas) as imagens associadas ao Reino de Deus. É bom perceber, ou melhor, ir percebendo, como é este Reino, onde somos chamados a viver, que somos chamados a edificar. A imagem do grão de mostarda, algo que é muito **pequeno mas que se torna grande**, é uma boa “imagem de marca” do Reino. A fé e o amor espalham-se no mundo à custa de uma pequena semente, frágil e insignificante, que pode ser cada um de nós. Sejamos hoje, neste sentido, um pedaço do Reino de Deus. Sejamos, hoje, “um grão de mostarda”.

| Vendeu tudo quanto possuía para comprar

Mt 13,
44-36

165 | aquele campo

O Evangelho fala-nos de uma das parábolas do Reino dos Céus. Este reino é uma pérola, um tesouro, que justifica que tudo vendamos para o ter. O certo é que, muitas vezes, o Reino dos Céus, o critério do amor, não é o nosso “tudo”, não é o nosso “mais”, nem nos leva a relativizar tudo o resto, que passa e se corrói. Façamos hoje esta experiência com o tempo: “vender tudo para ter o tesouro”, cada minuto que experimentarmos, seja de dor ou alegria, seja com esta ou aquela pessoa, seja de luz ou de escuridão, seja vivido intensamente, **como se nada mais houvesse do que esse mesmo minuto...**

166 | *Escolhem os bons para os cestos e o que não presta* Mt 13,
deitam-no fora 47-53

O Evangelho, à semelhança de outras passagens, como a que se refere a separar o trigo do joio, por exemplo, convida-nos a pensar sobre as nossas escolhas e, em particular, para a inevitável experiência de **deitar fora** o que não nos faz mais felizes. Pensemos nas coisas e nas atitudes que podemos ir excluindo do nosso quotidiano. Há realidades que podemos deitar fora para nós e partilhar com outros que delas necessitem: roupa, objectos de decoração, electrodomésticos, medicamentos. Podemos usar o critério empírico de que se não usamos algo há mais de uma ano, é por que talvez as possamos partilhar. Espreitemos igualmente a possibilidade de deitar fora o mais difícil: vaidades, orgulhos, invejas e honras.

167 | *Nenhum de vós prejudique o seu próximo* Lev 25,
1. 8-17

A leitura do livro do Levítico dá-nos conta das palavras que o Senhor dirigiu a Moisés, a propósito do Jubileu, festa de alegria e perdão, celebrada de cinquenta em cinquenta anos. Entre outras “sugestões jubilares” interessantes o Senhor propõe: “**Nenhum de vós prejudique o seu próximo**”. Como compreendemos, o jubileu deve ser vivido todos os dias. É preciso grande sensibilidade ao próximo para o não prejudicar. Não entendamos o gesto de “não prejudicar” como um gesto passivo: passar ao lado de alguém que precisa sem nada fazer, perder uma oportunidade de promover ou “abandar” alguém é, neste sentido, prejudicá-lo...

168 | *Enquanto orava, alterou-se o aspecto do Seu rosto* Lc 9,
28b-36

A transfiguração de Jesus é algo que fascina e perturba os Seus companheiros, como nos fascina e perturba também a nós. A transfiguração é uma passagem, uma ponte, uma Páscoa, entre o provisório e o definitivo, entre o humano e o divino, entre “o hoje” e “o sempre”. Uma ideia importante e que podemos “levar para a vida”, é o entendimento de que vivemos para, também nós, nos transfigurarmos. Pelo amor, pela forma como olhamos e vivemos, **cada um de nós se vai transfigurando** e vai sendo actor da transfiguração do mundo, querida por Deus. A eucaristia, em particular, é um sacramento facilitador desse processo.

169 | Começando a afundar-se, gritou: «salva-me, Senhor» Mt 14, 22-36

Imaginemos o quadro relatado no Evangelho e, em particular, a personagem de Pedro caminhando sobre as águas, cativado pelo Mestre e dirigindo-se a Ele. Pedro fascina-se por Jesus e, em ambiente de tempestade, lança-se à “loucura” de fazer como Jesus, caminhando sobre o mar. Começou, no entanto a afundar-se. Na realidade, Pedro não tinha depositado toda a confiança naquele gesto, não estava “todo” naquele caminhar. Foi invadido por medo e receio, não controlou a situação. Pediu, então, ajuda ao Senhor. Este, chamando-lhe a atenção pela sua falta de fé, deu-lhe a mão. Projectemos este quadro na nossa vida: lançamo-nos na fé, pecamos por calculismo e afundamo-nos. Clamamos por Jesus, porém, e **Ele lá está para nos dar a mão** e nos fazer crescer a partir de uma experiência de fragilidade.

170 | Mulher, é grande a tua fé Mt 15, 21-28

A mulher a quem Jesus dirige as palavras «é grande a tua fé: faça-se como desejas», é uma mulher gentia, exterior ao povo judeu. Depois de insistir para que Jesus a visse e atendesse, ela vê confirmada a sua aposta no Mestre e é atendida pela Sua misericórdia. Uma das ilações a tirar deste texto é que **fora da esfera formal e institucional da Igreja, há muita fé**, que é atendida! Esta passagem pode ajudar-nos a abrir horizonte e vistas, reprimindo qualquer fundamentalismo religioso. É ecuménico e apostolicamente saudável perceber que há salvação (há fé, há verdade, há vida, há felicidade), fora da tradição. Dito de outra forma: toda a fé, toda a verdade e toda a vida autêntica, com ou sem rótulo, coerente com o amor, é de Deus.

171 | É eterna a sua bondade Slm 135, 1-24

O refrão do Salmo que hoje rezamos é repetido inúmeras vezes: “É eterna a Sua bondade”. Esta repetição não significa só uma intenção poética mas quer dizer que se trata de algo que é, por um lado, muito importante e, por outro, algo que precisamos de repetir para nós próprios. Se acreditamos em Deus e, nessa medida, se entendemos que “é eterna a Sua bondade” encaremos cada situação e cada momento em coerência. Como se, traduzindo o refrão do Salmo para o quotidiano, cantássemos repetidamente: “isto é bom para mim, isto é bom para mim...”.

172 | *Pois nem a circuncisão nem a incircuncisão* Gal 6,
valem alguma coisa: o que tem valor é a nova criatura 14-16

A frase da epístola de S. Paulo aos Gálatas, que hoje sublinhamos, poderia ser dita desta forma: vale pouco (por si só) a forma, o rito, a tradição; o que importa é renascer, recomeçar uma vida nova continuamente em relação com Jesus ressuscitado. O apóstolo insiste, como já o fizera Jesus, na desvalorização do que é exterior e na importância do que é interior, do que é escolha profunda, verdadeira e frutuosa. A circuncisão e a incircuncisão de que falava Paulo, diziam respeito a rituais instituídos que, muitas vezes, eram sobrevalorizados. Estejamos nós atentos, também, a não “institucionalizar o nosso Deus”, focando sempre o nosso olhar no essencial, que é o amor...

173 | *O Senhor é a minha herança* Slm 15,
1-11

Podemos, à luz do refrão do Salmo, reflectir sobre as heranças, isto é, aquilo que nos foi deixado pela geração anterior ou o que deixaremos para outras gerações. Se perguntarmos o que mais precioso nos foi legado pelos nossos pais, pelos que estiveram antes de nós, a resposta será “o Senhor” (o dom da fé)? Ou serão outros bens, casas ou terrenos, posições sociais ou diplomas? E o que gostaríamos de deixar aos que vêm, à geração seguinte, aos filhos, se os tivermos? Estamos conscientes de que a esperança, a **esperança no Senhor, é o mais precioso legado** que podemos deixar a alguém?

174 | *Amai, portanto, o estrangeiro, porque vós também* Deut
fostes estrangeiros na terra do Egipto 10, 12-22

Amar o estrangeiro pode significar para nós, portugueses, nesta fase em que muitas pessoas de fora vêm procurar trabalho no nosso país, acolher cada russo, cada moldavo, cada árabe, cada africano. A título individual ou em grupos de acolhimento, **receber e amparar estes estrangeiros**, tantas vezes maltratados, é um sinal dos tempos que Deus nos pede. O “estrangeiro” de que fala o livro do Deuterónimo, porém, é mais do que o habitante de outro país. Pode ser um qualquer português, homem como nós, que está onde não costuma estar, eventualmente sozinho. Há “estrangeiros” para amar, no meu bairro, numa festa, na minha escola, no meu trabalho, na minha família.

175 Quem semeia abundantemente,
também colherá abundantemente

2 Cor
9, 6-10

Há nos textos bíblicos um conjunto significativo de imagens relacionadas com actividades agrícolas e, concretamente, com o gesto de semear, sempre necessário para colher. Uma das atitudes fundamentais de quem semeia é a paciência, já que é preciso esperar para que a terra faça crescer e nos dê o fruto. Nós, por vezes, queremos ser agricultores muito instantâneos: queremos semear hoje e colher já! **A sementeira que é a caridade é paciente.** Saibamos dar sem ter o retorno imediato, saibamos esperar, às vezes, pela vida eterna, pelos frutos visíveis do amor que semeamos. Saber que a terra é boa e ter esperança de que dela brotará abundância, é já, no entanto, felicidade.

176 Segurando-o começou a apertar-lhe o pescoço,
dizendo: “paga o que deves”

Mt 18,
21-19

A parábola que Jesus hoje nos conta ajuda-nos a compreender o significado de perdoar 70x7, isto é, com uma medida grande. Fixemos esta imagem do servo que segura quem pouco lhe deve e lhe aperta o pescoço. Pensemos nas vezes em que **“apertamos o pescoço” a nossos irmãos**, pais, filhos, cônjuges, familiares, amigos, desconhecidos. Nesses momentos, em intolerância espiritual, não perdoamos a honra, a atenção, a consideração que julgamos que nos devem. Esquecemos o que devemos a tantos outros e esquecemos a frase que rezamos no Pai Nosso: “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”.

177 “Vende tudo o que tens”

Mt 19,
16-22

Este jovem rico estava inquieto, insatisfeito com a sua “normalidade”, com “fome” de aventura. Jesus, o “radical”, propõe algo de ousado: “vende tudo o que tens e segue-Me”. Não sabemos o que fez o jovem mas o Evangelho dá-nos conta da sua tristeza e do seu dilema em face desta proposta, confrontado com o facto de ele ter muitos bens. É fácil deprender, porém, que o jovem se terá mantido entristecido até dar o passo de “vender tudo”. Independentemente do nosso estado de vida, teremos sempre diante de nós este desafio. “Vender tudo” é **libertar o coração** de outras “posses”. Que tenho eu, ainda, para “vender”?

178 Leva o que é teu e segue o teu caminho

Mt
20,1-
16a

O episódio que hoje lemos no Evangelho é conhecido como “o **trabalhador da última hora**”. Esta parábola coloca diante de nós a desconcertante misericórdia de Deus que, numa lógica que não é a nossa, perdoa, de facto. Ele vê com olhos novos e não valoriza as “manchas no curriculum”. Por outro lado, pela boca dos trabalhadores que começaram mais cedo, estão os laivos da nossa inveja, da nossa “refilice”, da nossa atitude tipo “eu merecia mais do que aquele vizinho tão mau”. Acompanhemos o Senhor nesta recolha de trabalhadores de última hora, prontos, nós também, a não distinguir os que só nesse instante começaram a trabalhar para o Reino.

179 O banquete estava pronto
mas os convidados não eram dignos

Mt 22,
1-14

Mais uma parábola usada por Jesus nos questiona hoje. A reflexão que podemos fazer, desde já, é esta: “que convidado sou”? Certamente cada um de nós é um pouco dos dois estilos: ora ingrato, não aproveita os convites para o banquete, desperdiçando graça e aventura, ora, por outro lado, não sendo digno de convite, lança-se e aceita o convite do Senhor, desfrutando da abundância. Cientes de que somos convidados mais por graça de quem nos convida e nos “pesca” na encruzilhada da vida, do que pelos nossos méritos, **vamos ao banquete do Senhor**. Não esqueçamos o traje nupcial, que não é mais do que a caridade.

180 Aquele que for maior, entre vós, será o vosso servo

Mt 23,
1-12

O Evangelho é forte e incisivo. Uma das piores maneiras de ler este texto é achar que ele é para os outros...De facto, convém “olhar para dentro” e **detectar** os pequenos ou grandes **marcos farisaicos que possuímos**: os “doutores” que queremos ser, as normas que forçamos para nós, os primeiros lugares que cobiçamos. O antídoto para toda esta tendência auto-promotora é o serviço, tão magnificamente simbolizado na cerimónia do lava pés, que o próprio Papa realiza anualmente. Hoje, “lavemos os pés dos nossos irmãos”.

181 Cegos!

Mt 23,
13-22

“Cegos!” Assim chama Jesus aos fariseus, desmascarando-os por aquilo que, de facto, não vêem. A **hipocrisia dos fariseus** (como ainda, por vezes, a nossa) é a de obstem, verdadeiramente, à salvação dos homens, promovendo, em nome de Deus, a manipulação e a opressão (“vós não entrais nem deixais entrar os que desejam” – no Reino). Jesus, nesta como noutras atitudes, é algo violento e perturbador. Esta autoridade que possui, porém, vem-lhe do amor, da força e vontade do Pai. Começemos por aqui, na imitação de Cristo, por fazer a vontade de Deus. Só nessa base poderemos, eventualmente, denunciar a cegueira de alguém.

182 Sabeis quando me sento e quando me levanto

Slm
138,
1-6

O Salmo convida-nos a uma tomada de consciência da **intimidade de que podemos ter com Deus**. Ele “sabe quando me sento e levanto”, isto é, quer estar sempre comigo. Cada um de nós, em muitas ocasiões, esquece esta potencialidade que nos é dada na fé, esta oferta de um “Amigo sempre à mão”. Estou triste? Preocupado(a)? Tenso(a)? Incrédulo(a)? Duvidoso(a)? Ele aqui está, sentado comigo ou caminhando, “dizendo” sempre: confia em Mim, confia no Amor. Vive!

183 ... para não sermos pesados a nenhum de vós

1 Tess
2, 9-13

A epístola de S. Paulo aos Tessalonissenses dá conta do esforço (“trabalhos e canseiras”) e da sensibilidade (“para não sermos pesados”) com que os apóstolos trabalhavam nas primeiras comunidades cristãs. Já sabemos, dos ensinamentos dos nossos Pais e da própria vida, que, sem persistência e sem trabalho, nada se realiza, mesmo no plano apostólico. O que podemos hoje rever é se **os nossos gestos e as nossas palavras**, mesmo que resultantes do nosso esforço, **são pesados para alguém**. Os apóstolos eram sensíveis e delicados e exigiam das suas relações frutos de liberdade e não de peso e opressão. Com os nossos filhos, Pais, irmãs, colegas de trabalho e amigos seremos, por vezes, pesados?

184 *Vigiai, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor*

Mt 24,
42-51

Uma das formas de entender mal o Evangelho é cultivar o receio e o medo, como se o Senhor fosse um ladrão. Outro erro no acolhimento das palavras de Jesus é catapultar esta recomendação de “vigiar” apenas em relação à nossa morte. Talvez seja melhor pensar que o ladrão está em nós próprios (quando “roubamos” ao amor) e o inferno é já aqui (quando o egoísmo quebra o paraíso). Vigiar, pois, é um gesto de presente e de liberdade e não de morte e de medo. **Vigiar é aproximar-se de Jesus, viver no amor.**

185 *A vontade de Deus é que vos santifiqueis*

1 Tess
4, 1-8

Na vida cristã insiste-se com frequência na vontade de Deus. Fazer a vontade de Deus é, como sabemos, o nosso caminho. Mas é difícil obtermos uma receita para saber qual a vontade de Deus para nós, em cada momento e em cada circunstância. Nas palavras que Paulo diz hoje aos colossenses há uma boa pista: “a vontade de Deus é que vos santifiqueis”. Santificarmo-nos, neste sentido, é **sermos perfeitos na arte de sermos cada vez melhores**, mais autênticos. Santificarmo-nos contempla ainda duas dimensões que não podemos esquecer: a santificação é sempre um processo pessoal, que se faz na relação individual com Deus. Ao mesmo tempo, santificar-se envolve sempre o gesto de fazer feliz o outro, santificá-lo, estar em comunhão com os irmãos.

186 *Mas Deus escolheu o que é louco aos olhos do mundo*

1 Tess
4, 9-11

Podemos reflectir sobre o facto de sermos, por vezes, demasiado “normais” ou, se quisermos, demasiado “normalizados”. Na Epístola aos Coríntios, S. Paulo chama à atenção para a escolha das pessoas que Deus fez para revelar a Boa Nova. De facto, hoje, como no tempo de Paulo, **pode ser uma loucura acreditar no amor**, acreditar no perdão, acreditar nas pessoas ou, em certo sentido, acreditar que numa hóstia está vivo Jesus Cristo. Será o caso de cada um perguntar: “E eu, tenho alguma coisa de «louco»?” Se a resposta for não, é bom ver que “loucura” me pedirá Deus, em que aventura de fé Ele me quer.

187 Deus levará com Jesus os que em Jesus
tiverem morrido

1 Tess
4, 13-
18

A morte sempre constituiu para o homem fonte de angústia e dor. A morte, a minha como a dos meus irmãos, foi, é e será sempre mistério. A fé pode ajudar-nos a viver de forma (sobre)natural essa passagem para uma outra forma de existência. A paz, face à morte, tem muito a ver com a vida. Uma vida de amor, de escolhas e gestos envoltos em amor, é a marca eterna que sela com tranquilidade a existência, **conferindo à morte não mais do que uma ponte**. É esta a cumplicidade que “nos levará com Jesus”, não como anjos, mas como homens e mulheres que não choram sozinhos.

188 Como é bom o vosso nome

Slm
51, 10-
11

Paremos nas palavras simples do salmo e saboreemos a frase: “como é bom o vosso nome”. Sentir que Deus é bom é um excelente “termómetro” de uma imagem saudável de Deus (convém referir que a história, não só a de ontem mas também a de hoje, aos níveis comunitário, institucional e pessoal, está repleta de “más imagens de Deus”). Se Deus é bom (como é!), Ele é tolerante para connosco, Ele perdoa, Ele encoraja sempre, Ele levanta. Se Deus é bom, está presente, é companheiro, é incentivador, dá-nos protagonismo à Sua imagem e semelhança. **Se Deus é bom**, Deus é amor!

189 Deixaram tudo e seguiram Jesus

Lc 5,
1-11

O relato de Lucas que hoje lemos fala-nos de pesca, de abundância, de deixar tudo e seguir Jesus. A pesca corria mal mas a presença de Jesus trazia abundância. Fascinados com essa plenitude resultante da amizade com Jesus, os discípulos mudaram a orientação da sua pesca, deixaram tudo e tornaram-se “pescadores de homens”. Tentemos viver esta história simples como se tivéssemos presentes naquele lago. Depois transportemos a situação para a nossa vida. Que pesca fazemos? Como “convocamos” Jesus para nos acompanhar naquilo que nos importa? Como sentimos a abundância da Sua presença? Que mudanças somos capazes de fazer para O seguir, **“pescando” de outra forma?**

190 | Quereis vós obrigar a jejuar os companheiros do noivo, enquanto o noivo está com eles?

Lc 5,
33-39

Os discípulos de Jesus comiam e bebiam, fazendo festa e gozando a presença do Mestre. Os fariseus, sugerem a interrupção desta alegria com propostas de jejuns forçados. Jesus indica claramente o caminho de saborear os bons momentos, de desfrutar, de viver intensamente também os espaços de júbilo, perguntando: “Quereis vós obrigar a jejuar os companheiros do noivo, enquanto o noivo está com eles?”. Por vezes, também há preconceitos dentro de nós (farisaicos) que nos impedem de fazer festa quando é de fazer festa. Às vezes até nos acontece estar a pensar nos maus momentos que hão-de vir quando **“o noivo está connosco”**. “Dias virão em que o noivo vos será tirado”, isto é, a cruz aparece como que naturalmente, sem agoiros, sem forçar. E a festa com o noivo ajudará a saber, nesses momentos mais difíceis, como estar também em plenitude.

191 | A virgem conceberá e dará à luz um Filho

Mt 1,
1-16.
18-23

O nascimento de Maria, pela graça de Deus, foi prelúdio da vinda de Jesus ao mundo, da “intromissão particular” de Deus na história dos homens. Foi porque Maria nasceu, que cresceu virtuosa e se foi preparando para o desafio da aceitação, do serviço, do “sim” à vontade de Deus. Aproveitando esta data reflectamos e saboreemos o nosso próprio nascimento. Este facto de termos nascido, não só pela bioquímica das células dos nossos Pais, é verdadeiro milagre. Dêmos graças a Deus por “sermos gente”. Peçamos-Lhe ainda que nos ajude a **saber sempre louvá-Lo**, até à hora da nossa morte (outro nascimento), **por nos ter feito vir ao mundo**.

192 | O Senhor é bom para com todas as criaturas

Slm
144, 1-
2. 8-11

Em algumas partes do Antigo Testamento percebe-se já toda a força e autenticidade da revelação que se consumará em Jesus Cristo. Exemplo disso são as palavras do salmo “O Senhor é bom para com todas as criaturas”, como quem diz “Deus faz nascer o sol sobre maus e bons” ou mesmo “Pai Nosso”, porque Pai de todos nós. Vivamos hoje com esta dimensão universalizante da fé, que nenhum dos que se cruze ao nosso lado fique de fora, já que o Senhor, também por nosso intermédio, **quer ser bom para com todos!**

193 | Agora alegre-me com os sofrimentos
que suporte por vós

Col
1, 24
– 2, 3

As palavras que Paulo dirige aos Colossenses são de uma originalidade e de uma força enormes. **Associar sofrimento e alegria** é algo que só em Jesus Cristo se consegue plenamente. Esta associação, portanto, só se entende na fé. Não significa nem que procuremos o sofrimento, nem que nos tornemos espectadores inoperantes de quem sofre. Serve, principalmente, para o sofrimento pessoal de cada um, ainda que este possa ser despoletado pela dor de alguém que se ama. A alegria de que fala Paulo não é um dado adquirido, é paz que se conquista. É algo que se procura, que emerge da nossa realidade, da nossa fraqueza e da nossa vontade e que nem sequer exclui uma certa batalha interior, como se confirma nas palavras de Paulo “é grande a luta que sustento por vós”.

194 | Aspirai às coisas do alto

Col 3,
1-11

As palavras de S. Paulo aos colossenses são tão libertadoras quanto exigentes. O apóstolo anima e aponta caminhos aos membros daquela comunidade, que servem também para nós. “Aspirai às coisas do alto”, diz Paulo aos Cristãos. “Aspirai” é a palavra certa, por quanto faz ligação entre o que está na Terra e o que vai “mais para cima”. Aspirar é, neste sentido, “puxar” pela nossa humanidade (sem a negar mas potenciando-a) e aceitar aquilo a que poderíamos chamar a nossa “divinização”. Tenhamos como propósito para hoje uma purificação dos nossos objetivos, para que aquilo que nos “faz correr” não seja muito “rasteiro” mas antes pertença ao **que é do alto**.

195 | Revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição

Col 3,
12-17

Um bom propósito para hoje (e para todos os dias) é **revestirmo-nos de caridade**. Se quisermos, “vestirmo-nos de caridade”. De manhã, quando acordamos, vestimo-nos antes de sair. Pois bem, a roupagem, por excelência, é a própria caridade. O apóstolo Paulo ajuda-nos a escolher “as cores” e “os feitios” desta roupa de caridade: misericórdia, bondade, humildade, mansidão e paciência. É esta a roupa que nos cai bem, é esta a roupa da harmonia, é esta a roupa que não nos deixa sós e nus (como Adão e Eva), é esta a roupa que constitui o “vínculo da perfeição”.

Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo,

Jo 3,
13-17

196 *mas para que o mundo seja salvo por Ele*

As palavras de Jesus a Nicodemos constituem uma síntese impressionante, feita pelo próprio Jesus, sobre as razões da Sua vinda até nós. Uma vinda centrada no amor, não na condenação, mas na libertação (salvação) de todos os homens. Por isso, Jesus tornou-se semelhante aos homens e “obedeceu até à morte e morte de cruz” (carta aos Filipenses). Agradecemos ao Senhor esta dádiva. Levemos para a vida este tesouro, carregando a nossa cruz, ajudando os outros a carregar a sua e assim colaborando com Deus na dádiva de felicidade a todos os homens. **A cruz não é condenação, é a resposta de amor**, é a porta, se não o corredor, do próprio paraíso!

197 *Jamais Se esquecerá da sua aliança*

Slm
110,
1-6

No salmo, repetimos uma ideia chave da confiança em Deus: o Senhor “jamais Se esquecerá da sua aliança”. Nós sabemos (na teoria) que Deus não se esquece de nós, mas a vida, por vezes, coloca-nos em “becos”, aparentemente sem saída e faz-nos vacilar diante desta aliança de amor que Deus fez connosco. A nossa vida é este caminho, sempre muito pessoal, que não prescinde da contrariedade e mesmo da solidão. A solidão, porém, é sempre **uma solidão** especial, a não fugir, a saborear, a **“usar para crescer”**. Uma solidão paradoxal, porque acompanhada com Aquele que não esquece a Sua aliança connosco.

198 *Jovem. Eu te ordeno: levanta-te!*

Lc 7,
11-17

A história relatada no Evangelho passa-se em Naim. Uma grande multidão assistiu àquela interrupção do funeral, transformado por Jesus na devolução à vida de um jovem. Aquele gesto de Jesus tem um significado importante, porque antecipa o coração da mensagem do próprio Jesus, enquanto “Senhor da vida”. Por outro lado, esta passagem convida-nos a uma reflexão sobre **“o outro lado da morte”**, que é a vida em Jesus Cristo. Nesta cena que hoje lemos, a vida eterna manifestou-se objectivamente. Pela fé, acreditamos que a vida vence a própria morte, a nossa e a dos que nos são queridos. Viver com esta confiança gera frutos em cada instante, pois liberta-nos o coração para saborear e viver bem cada momento.

199 *E assentou os alicerces sobre a rocha*

Lc 6,
43-49

O homem prudente, na parábola de Jesus, é aquele que, ouvindo a palavra de Deus, a põe em prática e realiza obras coerentes. A “rocha” não é a fé (embora a pressuponha) mas as obras! Também não devemos confundir a obra com “grandes obras” (aos olhos do mundo). As consequências de acreditarmos e vivermos o Evangelho são o que são e não estão sujeitas a medidas contabilísticas segundo os nossos critérios (parábolas como a do trabalhador de última hora ou como a esmola da senhora pobre desmontam este pragmatismo). Se houvesse medida, porém, talvez valessem mais os **pequenos e frequentes gestos que somos capazes de fazer, pensando nos outros em primeiro lugar**. Eis a rocha, pequena ou grande, sempre, ao fim e ao cabo, mérito prévio do próprio Deus.

200 *Não sou digno que entres em minha casa,
mas diz uma palavra e o meu servo será salvo*

Lc 7,
1-10

As palavras do centurião para Jesus são consideradas pelo próprio Cristo como expressão original de fé (“nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé”). A liturgia “usa” estas palavras do militar romano para a preparação imediatamente anterior ao grande acto de fé que é a comunhão. Na sequência da fé deste homem, a saúde voltou ao seu servo. **A fé é dom de Deus** e sopra por todo o mundo. Temos muito a aprender, por exemplo, com as culturas orientais, onde uma vivência coerente e pacificadora com a criação confere a muitos homens uma harmonia, uma paz e um equilíbrio (também corporal) impressionantes. A fé em Jesus Cristo pode levar-nos por um caminho paralelo!

201 *Celebraram alegremente
a dedicação ao templo de Deus*

Esd 6,
7-20

A leitura do livro de Esdras conta a história da continuação da construção do templo de Jerusalém, autorizada pelo rei da Pérsia. O templo de Jerusalém tem um significado muito forte em todo o Antigo Testamento. A vinda de Jesus pode representar, em certo sentido, a “encarnação do templo”. Assim como o povo hebreu celebrou e se alegrou (e se dedicou) ao templo de Jerusalém, também nós podemos celebrar e alegrarmo-nos com o nosso templo, a Igreja, as “pedras vivas do Senhor”. **Cada nosso irmão, de facto, é um tijolo do templo** que hoje trataremos de forma “sagrada”.

202 | São-lhe perdoados os seus muitos pecados,
porque muito amou

Lc 7,
36-50

Somos convidados, pela leitura do Evangelho, a uma reflexão sobre o pecado. Não só a uma reflexão mas, nessa sequência, a uma conversão que nos ajude a caminhar e dar pequenos passos de liberdade. O que mais poderemos entender sobre o perdão? Nesta leitura está implícito um aspecto do perdão que algumas vezes nos passa despercebido: a alegria de Deus em perdoar. Ele, de facto, alegra-se com o nosso arrependimento e **rejubila com o nosso recomeço**, independentemente do “volume de matéria de pecado”. Quando sentirmos o perdão de Deus, em oração pessoal, na confissão ou em qualquer momento penitencial, alegremo-nos, pois, com a alegria de Deus.

203 | Paz a esta casa

Lc 10,
1-12

Os enviados de Jesus, para anunciar a Boa Nova, tinham a recomendação de dizer, quando chegavam a uma nova habitação, “Paz a esta casa”. Depois de dizer estas palavras, bem entendido, deveriam viver em coerência com elas. Façamos hoje uma revisão de como está a “**paz de nossa casa**”. Consideremos que, face aqueles “nichos de menos paz”, temos sempre algo a fazer: mais descrição, mais paciência ou até mais emancipação e não aniquilamento, já que quem se anula não ama. Inspiremo-nos em S. Francisco que, com a sua simplicidade, fazia pequenas grandes revoluções.

204 | Ouvem (a palavra), a conservam
e dão fruto pela sua perseverança

Lc 8,
4-15

A parábola do semeador – das poucas explicadas passo a passo pelo próprio Jesus – oferece um conjunto grande de pontos a reflectir e a transportar para a vida. A pergunta sempre presente é “que tipo de terreno sou” ou, melhor ainda “que tipos de terreno sou” já que, cada um de nós, é uma espécie de terreno “multitipo”, ora espinhoso, ora pedregoso, ora bom. Fixemos, hoje, uma característica importante da boa terra: a **perseverança**. O terreno pedregoso não dá fruto porque um entusiasmo inicial vai esmorecendo devido à falta de raízes. Mas no terreno bom, há caminho mesmo na aridez do tempo, há perseverança, há convicção, há exercício. E as raízes se alargam e os frutos aparecem...

205 *És o Messias de Deus*

Lc 9,
18-22

À pergunta “quem dizeis vós que Eu sou?”, Pedro, em ambiente de certa intimidade com os discípulos, refere Jesus como o Messias (o enviado por Deus). Acoplado a este envio, porém, Jesus faz questão de mencionar a perseguição, a morte e a ressurreição desse mesmo Messias (a Sua própria Páscoa). Todos nós, em certo sentido, somos **messias de Deus**, porque enviados e tendo a nosso cargo uma missão. Saboreemos, desde já, esse dom. Percebamos, porém, que é na cumplicidade com Jesus que a nossa missão se realiza e, por via dessa cumplicidade, também a cruz é elemento de vida. Interpretemos cada cruz deste dia, cada contratempo e cada “morte” como **elementos da missão**, confrontados com a companhia de Jesus.

206 *O seu poder é eterno, não passará jamais*

Dan 7,
9-14

Cada um de nós tem a sua relação com os anjos, enquanto mensageiros de Deus. As crianças, em particular, sentem-se confortadas com estas figuras que conferem protecção (Miguel), força (Gabriel) e saúde (Rafael). O seu imaginário adere particularmente bem a sinais divinos, um tanto mais consubstanciados, com asas e brancura... Talvez possamos “puxar” pela criança que há em nós e aumentar a nossa confiança. Se nos ajudar, pensemos que um batalhão de anjos nos rodeia (todos muito pessoais) e que tal é suficiente para **aumentar a confiança** que podemos ter em Deus. Se nos sentirmos acompanhados por anjos, seremos capazes de amar mais os nossos irmãos.

207 *Não lho proibais, pois quem não é contra vós é por vós*

Lc 9,
46-50

Concentremo-nos, hoje, na última parte do Evangelho. O discípulo João vai fazer uma “queixinha” ao Mestre, dizendo-Lhe que um homem anda a expulsar demónios em Seu nome. Jesus responde: “Não lho proibais, pois quem não é contra vós é por vós”. Esta “linha pedagógica” de Jesus parece ir contra alguma tendência nossa, de excessiva intervenção e tomada de posição, quer como pessoas, individualmente, quer, por vezes, como Igreja enquanto instituição religiosa. A síntese desta ideia é que mesmo **os que não são “dos nossos”, podem agir no bem**. Assim, havendo frutos de caridade e não se ofendendo o amor, não devemos “proibir” ninguém.

208 *Não há nada oculto que não se torne manifesto*

Lc 8,
16-18

Jesus fala à multidão sobre critérios de verdade, convidando-nos a mostrar as coisas como elas são. Nomeadamente, os bons frutos são para se verem, assim não se ofenda a modéstia e a humildade. Viver critérios de verdade não significa, ao contrário do que alguns pensam, uma frontalidade “balofa” do tipo “digo tudo o que penso, de qualquer maneira e em qualquer circunstância”. O amor e a prudência são mais verdadeiros do que a realidade nua e crua. Já o “dizer tudo” a nós próprios pode ser mais exigente: reprimir ou escamotear sentimentos e experiências é acumular tensões ocultas que se manifestarão. Perguntemo-nos: **de que verdades fujo?** Não seria o caso de as fazer emergir, num diálogo face-a-face com a misericórdia de Deus?

209 *...servindo deuses falsos*

Bar 1,
15-22

As palavras confessas dos judeus deportados para a Babilónia apontam os vícios e os desvios deste povo em relação à lei do Senhor. Um bom resumo dessas desvirtudes, que serve também para nós, é a expressão “...servindo deuses falsos”. Também em cada um de nós, ainda hoje, existem desvios, quando fazemos determinadas coisas (relativas) como se de um “tudo” (deus) se tratasse. Uma casa, uma carreira profissional, um automóvel, uma honra pessoal, um qualquer objecto ou até um filho, não são Deus. Às vezes, de facto, rejeitamos a fidelidade a Jesus, Ele que é o Amor! Podemos rever, hoje, **quais os nossos “deuses falsos”**.

210 *Buscai o Senhor e o vosso coração se reanimará*

Slm
68, 33-
37

Há certos momentos da nossa vida, mais longos ou mais curtos, em que o nosso coração desanima. Nesses momentos, podemos ser chamados a perguntar ao nosso coração (que simboliza o nosso centro, o nosso essencial): o que me “faz correr”?, o que é importante?, o que procuro?. A frase do salmo pode ajudar-nos: **“Buscai o Senhor e o vosso coração se reanimará”**. A nossa reanimação está, pois, no Senhor. No entanto, esta reanimação “joga” vitalmente com o que somos, sendo de evitar a magia de um “deus que tudo faz” (que manipula) e a repressão de prescindir “do que sinto e do que sou”.

211 Terás razão para te irritares por causa do rícino?

Jon 4,
1-11

A conversa de Jonas com o Senhor, a propósito da destruição de Ninive, revela um Jonas tão “aparentemente infantil”, quanto real. Às vezes, somos nós próprios, como Jonas. A “birra” do profeta, de facto, repete-se hoje connosco. Por um lado, a importância excessiva dada àquilo que é fugaz: é o caso da planta de rícino, que o próprio Deus fez crescer, e que, uma vez desaparecida, irritou Jonas. Por outro lado, uma colisão da ira e da mesquinhez humanas com a grande misericórdia de Deus que quer perdoar e salvar a Sua cidade. Neste dia, **façamos um esforço por não sermos mesquinhos.**

212 Dar-se-vos-á

Lc 11,
5-13

As palavras do Evangelho são fortes e fazem-nos meditar. Ditas pelo próprio Jesus, são um incentivo claro **à confiança em Deus**. Em que sentido? Se eu acredito que Deus é Pai, acredito que, o que eu Lhe peço, Ele mo dará. Com uma ressalva, claro, que, por vezes, esquecemos: se for bom para mim. Por vezes, “encharcamos” a nossa oração de excessivo pragmatismo, fazendo da nossa vontade e dos nossos projectos, os de Deus. Não deixando de levar a nossa vida concreta até Deus, de rezar “com o que somos”, saibamos contar essencialmente com a bondade de Deus, em que acreditamos. Nem sempre é bom o que julgo que é melhor para mim...

213 Afundaram-se as nações no fosso que abriram

Slm 9,
2-9

Extraímos do salmo uma frase curiosa: “Afundaram-se as nações no fosso que abriram”. De uma forma equivalente podemos dizer que, muitas vezes, “escavamos a nossa sepultura”, podendo ser os piores inimigos de nós próprios. Estas ideias podem ser tão arrepiantes quanto são uma graça. De facto, a liberdade com que Deus criou cada um de nós permite-nos “jogar connosco próprios”. Muitas vezes culpamos as circunstâncias externas quando abrem “fossos” na nossa vida, mas **muita coisa está na nossa mão**. Até porque, como muitas vezes dizemos, e bem, Deus está dentro de cada um de nós.

214 *Mas felizes são os que ouvem a palavra de Deus,
e a põem em prática* Lc 11,
27-28

Jesus ouve um “piropo” a Sua Mãe, Maria, por O ter gerado e amamentado. Ele aproveita para reorientar o essencial da vida de Maria, isto é, a escuta e o “sim” à palavra de Deus. Para além de podermos aproveitar esta passagem evangélica para nos aproximarmos de Maria, nossa Mãe e modelo de virtudes, pensemos também nos “piropos” que nos dão, nas virtudes que possuímos. E, quando as coisas correm bem, quando fazemos os outros mais felizes, saibamos que isso tem a ver com a **escuta e a vivência da palavra de Deus**, com o amor de Deus que por nós passa.

215 *Feliz o homem a quem Deus atribui a justiça,
independentemente das obras* Rom 4,
1-8

Ao relativizar as obras em relação à fé, S. Paulo parece introduzir um paradoxo na mensagem cristã, por confronto com a valorização da caridade explícita, já que “pelos frutos se vê a árvore”. A nossa fé, de facto, é repleta de paradoxos, o maior dos quais é Jesus pendurado numa cruz. Mas aproveitemos o enaltecimento da fé para reflectirmos e colocarmos **travão a um certo “produtivismo”** que se instalou na nossa sociedade. Se é verdade que as obras interessam, afastemos de nós qualquer activismo “contabilístico” de caridade.

216 *A vida de uma pessoa não depende
da abundância dos seus bens* Lc 12,
13-21

O Evangelho fala-nos do desprendimento e do desapego espiritual dos bens. É uma linha de rumo que serve para os bens materiais, mas não só. Certos dons, relações, afectos são também para serem partilhados. A parábola do agricultor que, em vez de partilhar a sua abundância, constrói maior celeiro para mais acumular é de uma grande força, pela explicitação de quanto é estéril “guardar para si”. E nós, quando temos muito, **partilhemos, ou construímos “novo celeiro”?**

217 Onde abundou o pecado superabundou a graça

Rom 5,
12-21

As palavras de Paulo aos Romanos são para cada um de nós. Elas espelham a misericórdia de Jesus. Ele, na sua passagem pela Terra, olhou cada **“foco de pecado” como “foco de perdão”**. Assim fez com a mulher adúltera, com Zaqueu ou com Paulo. Um convite para também nós, no que toca ao nosso próprio pecado, nos olharmos como templos onde superabundou a graça. Por outro lado, “educarmos” o nosso olhar a ver naquela pessoa que perverte, naquele colega egoísta, naquele familiar maldizente, naquele amigo “malabarista” focos da misericórdia de Deus.

218 Vim trazer a divisão

Lc 12,
49-53

As palavras de Jesus escritas no Evangelho de Lucas parecem um equívoco. O mesmo que diz “Eu dou-vos a minha paz” anuncia também que a sua vida-morte-ressurreição vem trazer uma divisão entre os homens. Este aspecto da proposta de Cristo deve-nos fazer pensar que a postura, afinal passiva, do tipo “está tudo bem”, pode não ser a mais indicada. Por vezes, em nome da caridade, importa não ser ingénuo, separando o “trigo do joio” e, neste sentido, dividir. A liberdade dos homens abre espaço ao bom e ao mau e devemos esperar, face a muitos gestos e posturas, que algumas propostas nossas, feitas **em nome da paz, gerem a divisão dos homens**.

219 Não faço o bem que quero mas pratico o mal que não quero

Rom 7,
18-25a

Paulo confessa aos Romanos um aspecto da sua vida, da sua condição humana, que é comum a todos nós: não fazer, muitas vezes, aquilo que se deve e que se quer fazer! A primeira constatação é, pois, encarar de frente e com naturalidade este facto: nenhum de nós pratica de modo irrepreensível os seus propósitos! Muitos de nós tendemos a dramatizar esta “incoerência” e auto-penalizarmo-nos obsessivamente (“que grande fracassado (a) que eu sou!”). Por outro lado, também é bom não “dormir” demasiado nesta constatação, isto é, não nos contentarmos com “o mal que praticamos”, sem reflectir, sem progredir e, principalmente, sem **pedir ajuda a Deus para ser melhor**.

220 Julgais que por terem recebido tal castigo (...)
eram mais pecadores

Lc 13,
1-9

O Evangelho de Lucas reproduz palavras importantes de Jesus. Elas têm bastante incisão e novidade teológica mas, entendidas na alma, têm consequências profundas na vida: Jesus separa as ideias de dor, sacrifício e morte das concepções de culpa e de pecado. Aliás, a sua própria vida é uma afirmação disso mesmo: Ele, sem pecado, é vítima de sofrimento. Na linha deste ensinamento de Jesus, progredimos numa atitude diferente face ao nosso sofrimento: seja uma dor de dentes, uma doença, um fracasso ou o desencontro de alguém que amamos, estejamos sempre abertos a esperar. **Esperar** como o agricultor que lava de novo em volta da figueira para dar oportunidade aos frutos... aos frutos do sofrimento.

221 Recebemos nos céus uma habitação eterna

2 Cor
4, 14-5

Invocamos, a pretexto da leitura bíblica, os nossos irmãos que já morreram. Pela fé e pelo amor que nos liga a todos os que já partiram, acreditamos que eles estão bem. Associamos à nossa saudade e às nossas lágrimas uma esperança límpida de ligação não quebrada. Pedimos a Deus para, em coerência com essa fé, vivermos, nesta terra, a nossa habitação eterna dos Céus. Morrendo para nós, vivendo para o amor, **ligados**, assim, a todos os nossos defuntos.

222 Não tomes o primeiro lugar

Lc 14,
1. 7-11

Jesus utiliza os hábitos sociais do seu tempo para falar de humildade e de uma “lógica diferente” que Ele veio anunciar. Não obstante a realidade social diferenciada que hoje vivemos, a tentação de “**tomar o primeiro lugar**” mantém-se no coração de cada um de nós. Sermos exaltados ou, numa perspectiva psico-afectiva, sermos reconhecidos ou valorizados, não só não é mau como é fundamental. O que é negativo, de facto, é forçar a visibilidade, “armar-se”, fazer as coisas mais pelos dividendos de honra consequentes do que por discretas e simples causas de serviço gratuito.

223 Praticai genuinamente a hospitalidade

Rom
12, 5-
16a

A Carta aos Romanos é um autêntico hino ao que nos faz ser verdadeiramente felizes, como pessoas e como comunidade. Foquemos a nossa atenção na hospitalidade. A **hospitalidade** tem a ver com receber o outro no meu espaço (seja a minha casa, o meu tempo, as minhas coisas ou os meus projectos). A hospitalidade, para ser tal, tem a ver com o acolhimento de alguém como ele é e não como desejaríamos que ele fosse. Sem deixarmos de ser nós próprios e exprimindo, sem monopolizar, o que somos, saibamos hoje ser hospitaleiros com os outros... como eles são.

224 Quem não renunciar a todos os bens
não pode ser meu discípulo

Lc 14,
25-33

As palavras do Evangelho são para todos nós. Poderíamos pensar que aqueles que não têm voto de pobreza não podem renunciar a todos os bens. A verdade é que, também num estado de vida não religioso, se pode e deve ser radical. Bens como casas, carros, computadores, etc. devem ser renunciados, isto é, não se devem absolutamente possuir, mas antes administrar, usar e partilhar, precisamente na medida de ser discípulo, amigo dos homens, amigo de Jesus. Também quem tem votos de pobreza não tem a **renúncia** dos bens como facto consumado. Até porque estes bens são também os dons que, muitas vezes, monopolizamos e não pomos a render.

225 Quer vivamos quer morramos vivemos para o Senhor

Rom
14, 7-
12

Esta ideia de “**vivermos para o Senhor**” basta para encher a nossa alma e a nossa vida. Rimando com a expressão anterior, tem o mesmo significado dizer: “vivermos para o amor”. O Senhor Deus é precisamente o Amor. Viver para o amor significa, neste mesmo sentido, estar pronto para morrer. Que bom seria se nas relações com os outros homens e mulheres nos entregássemos prontos a morrer. Como se cada segundo partilhado com a minha esposa, o meu marido, o meu filho ou a minha filha, o meu Pai e a minha Mãe, o meu amigo, com cada pessoa, fosse o último da minha vida.

226 *Em todo o tempo e lugar bendirei o Senhor*

Slm 33,
2-3.
16-19

Rezemos as palavras do Salmo e pensemos, mais uma vez, sobre a intensidade com que podemos louvar o Senhor (“em todo o tempo e lugar”, isto é, sempre). Meditemos, em particular, na expressão do refrão “**todo o lugar**”. Significa que a nossa liberdade é grande e que podemos estar em qualquer lugar e bendizer o Senhor. Pode ser numa casa, num jardim, numa discoteca, num estádio de futebol, numa “tasca”, ou noutra sítio qualquer. Bendizer o Senhor, é ser coerente com o amor e com a felicidade do próximo, pelo que devemos estar atentos e colocar a possibilidade de “vir embora”, se essa sensibilidade para com o próximo não for viável.

227 *Voltou atrás, glorificando a Deus*

Lc 17,
11-19

A leitura do Evangelho que hoje lemos fala-nos de “**voltar atrás para agradecer**”, fala-nos de gratidão e humildade. Agradecer, de facto, e agradecer a Deus, em particular, é um “exercício” indispensável a uma vida de fé. Nem todos nós agradecemos com a devida proporção. Possivelmente também connosco acontece termos dez motivos para dar graças e nós só tomarmos atenção a um deles... Insistamos em agradecer a Deus tantas coisas boas que nos dá, começando pelo dom da vida. Até ao último segundo da nossa vida o podemos fazer e, assim, veremos o mundo de uma forma parecida à d’ Ele.

228 *Mas a maldade nada pode contra a sabedoria*

Sab
7, 22
– 8,1

À Sabedoria de Deus são conferidas pelo escritor sagrado características importantes: multiformidade, subtileza, lucidez, amizade, firmeza, serenidade, agilidade. Em certo sentido, tratam-se de atributos do próprio Deus. Neste texto é referida a maldade, a ausência de bem, a meia-verdade que emerge da liberdade humana. Contra esta maldade, diz a escritura, basta a Sabedoria, basta Deus. Quando sentimos vestígios desta inclinação para o mal, que existe e que, muitas vezes, está dentro de nós, vivamos com a tranquilidade de quem **se inspira na Sabedoria...** que basta!

229 | A grandeza e a beleza das criaturas conduzem,
por analogia, à contemplação do seu Autor

Sab
13, 1-9

A forma como vemos e olhamos o que nos rodeia, a natureza, os outros e nós próprios, influencia muito aquilo que somos e a nossa “qualidade de vida”. Muitas vezes, de facto, a plenitude interior que possuímos, ou não, depende mais desta forma de ver do que das próprias circunstâncias da nossa vida. Ser contemplativo é focar os nossos olhos para “ver como Deus vê”, para ver a verdade e o bem, escondidos em cada coisa. Ao “vermos assim” estamos habilitados a viver com a liberdade de quem “vê o amor”, sendo úteis aos nossos irmãos. Inspirados pelo livro da sabedoria, vejamos, na grandeza e na beleza das criaturas, a **plenitude do seu Autor**.

230 | Orar sempre sem desanimar

Lc 18,
1-8

Lucas explica a razão de ser da parábola de Jesus, uma palavra que nos convida ao ânimo na oração e à penitência. De facto, a nossa oração é todos os dias e todas as horas, como é a todo o momento da nossa vida, a morte do “nosso eu”, o recomeço, o caminhar. Como respiramos, assim podemos rezar, isto é, insistir, sem desanimar, em “jogar a nossa vida com a vida de Deus”. Termos que **insistir e persistir**, na oração e em tantos aspectos da nossa vida, não deve ser visto como um mistério aborrecido, como uma “chatice”. A vida pede-nos esta fidelidade e este exercício porque, graças a Deus, não somos produtos acabados, mas obras primas em construção.

231 | Tudo, no céu e na Terra, vos pertence

1 Mac 4,
36-37.
52-59

Tentemos confrontar o nosso quotidiano com a frase: “Tudo, no céu e na Terra, vos pertence”. Viver com esta consciência de fé é portarmo-nos como administradores, gestores e não como proprietários da nossa vida, dos nossos compromissos, das nossas coisas e dos nossos afectos. Carros, empregos, filhos, corpo, dinheiro, maridos e esposas são parte do todo que, no céu e na Terra, pertencem ao Senhor. **Não são meus**, eu só sou o “administrador”.

232 Mas agora me lembro do mal que fiz a Jerusalém

1 Mac
6, 1-13

As palavras do rei Antíoco para os seus amigos em vésperas da sua “morte de angústia”, falam-nos de arrependimento e consciência do pecado. Mas poderíamos reflectir, a este propósito, sobre as consequências do mal, principalmente do mal que as nossas limitações induzem aos outros e a nós próprios. A misericórdia de Deus e o incitamento ao recomeço são o farol da nossa vida e vão sempre “à frente”. Mas é bom também termos **consciência das consequências das nossas recusas ao amor**. Há agressões que fazemos aos outros ou a nós próprios, que carregamos sempre connosco (perdoar e sentir-se perdoado não é esquecer). Recusando sempre a “via do medo”, tais experiências devem robustecer-nos para ocasiões futuras, dando-nos confiança e treino para certas renúncias que inibem “males praticados” e são prelúdio de bens maiores.

233 Pede-me o que quiseres

1 Re, 3,
4-13

O rei Salomão foi visitado por Deus que lhe disse: “**Pede-me o que quiseres**”. A esta oferta, Salomão respondeu com simplicidade e pediu um coração inteligente, capaz de distinguir o bem do mal. Podemos dizer que Salomão pediu discernimento. Deus ficou contente com esta solicitação, distante das riquezas ou de vida longa, e fez de Salomão um homem feliz. Façamos, hoje, o exercício de Salomão: coloquemo-nos diante de um Deus que nos diz para Lhe pedirmos o que quisermos. A nossa resposta é uma boa auto-avaliação espiritual...

234 Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra

Lc 21,
5-11

As palavras de Jesus, referidas no Evangelho, podem parecer fatídicas ou dramáticas. São palavras essencialmente de prudência e de coerência com um Deus que ama e não manipula, que dá liberdade à criação, que é Pai, mas não controlador. No Antigo Testamento, é dito que todos os reinos serão reduzidos a nada. Às vezes, a nossa própria vida ou os edifícios que circundam os nossos afectos parecem desmoronar, “não ficando pedra sobre pedra”. O mais importante, porém, é fixarmo-nos nas próprias palavras de Jesus, do Evangelho: “**mas não será logo o fim**”.

235 Sol e lua, bendizei o Senhor

Dan 3,
62-67;
Lc 21

O texto que lemos vale por si no convite que faz a saborearmos e contemplarmos a natureza. Este gesto é comum a muitos santos (lembramo-nos do irmão sol, irmã lua, etc. de S. Francisco). Os elementos referidos na Profecia de Daniel estão aí, ainda hoje, à nossa mercê: estrelas do céu, chuvas e orvalhos, ventos, fogo e calor, frio e geada. Vendo e sentindo estes pedaços de Universo, bendigamos o nome do Senhor. A nossa fé suporta a convicção que, mesmo na tempestade, mesmo sob a cruz, **bendiremos o Senhor pelo dom da natureza.**

236 Não suceda que os vossos corações se tornem pesados... com as preocupações da vida

Lc 21,
34-36

Associado a “vigiar”, a estar atento na vida, para o encontro com o Senhor, Jesus sugere-nos um estilo de vida com o coração leve e não pesado. “Pesado com as preocupações da vida”, diz Ele. Olhemos, hoje, as preocupações da nossa vida. A melhor forma de as fazer não pesar no nosso coração pode ser tirar o “pre”, isto é, fazer com que as preocupações passem a ocupações. **Preocupar-se** tem uma carga stressante, obsessiva, auto-suficiente e controladora. **Ocupar-se**, por seu lado, envolve empenho e profundidade mas sempre na paz e na confiança em Deus, que alivia o coração.

237 Eles largaram logo as redes e seguiram-No

Mc 1,
14-21

O Evangelho oferece-nos a experiência dos primeiros discípulos de Jesus. “Eles largaram logo as redes e seguiram-No”. Um bom “mote” para iniciarmos o nosso “Tempo Comum”. Pensemos nas redes que ainda nos prendem e que não largámos (**que redes são as minhas?**). Sublinhemos também a palavra “logo”, principalmente se somos do tipo indeciso e, arriscando um pouco mais, larguemos o que nos prende.

238 Exulta o meu coração no Senhor

I Sam
2 – 7

Nos textos sagrados há um convite a alegrarmo-nos e a pormos em lugar de destaque, na vida, o nosso Deus. O tempo não extraordinário, não quer dizer “tempo menos especial” e muito menos “tempo banal”. São dias, são horas para “tornar santas”, para viver intensamente. São momentos para deixar exultar o nosso coração no Senhor, são desafios intensos e sempre especiais. O Tempo Comum, as coisas comuns, as pessoas comuns, os hábitos comuns, os gestos comuns são para **os tornarmos especiais**, um de cada vez.

239 Falai, Senhor, que o vosso servo escuta

I Sam
3, 1-10.
19-20

A leitura do livro de Samuel dá-nos conta de um intenso diálogo entre Deus e o profeta, onde a persistência e o desejo de aproximação a Deus são uma evidência. “Falai, Senhor, que o Vosso servo escuta” pode ser o lema do nosso dia de hoje. Às vezes corremos demais e não escutam. Deus chama-nos, ora para reflectirmos sobre nós próprios, ora para reorganizarmos a nossa alma e a nossa vida, ora para repararmos nas maravilhas que Ele cria e que nos passam despercebidas. Hoje, sejamos servos que escutam, **que ouvem** o convite à liberdade e gozam a alegria.

240 Quero: fica limpo

Mc 1,
41-42

Ao repto do leproso “se quiseres podes curar-me”, Jesus responde: “Quero: fica limpo”. Aqui está um “jogo” entre Deus e o homem sobre o qual convém reflectir. São elementos importantes: o **desejo** do homem **em ser curado** e a resposta pronta do próprio Deus. Seguem-se a cura propriamente dita e até uma recomendação de descrição (não conseguida), bem como um rastilho de testemunho e propagação da fé. Inspirados no Evangelho identifiquemos a nossa “lepra” e manifestemos a Jesus o desejo de sermos limpos. Poderemos colaborar com Jesus na cura de outros homens que desejem ser curados, mas com a humilde postura de quem sabe que, apesar da certeza da cura, também é doente.

241 | Descobriram o tecto por cima do lugar
onde Ele se encontrava

Mc 2,
1-4

O Evangelho que hoje lemos é explorado com frequência na sua vertente do poder e da liberdade, da capacidade de perdoar atribuída a Jesus Cristo. Hoje, porém, fixemo-nos na imagem de quatro homens que, transportando um parálítico, contornam o obstáculo da multidão, descobrindo o tecto. Pensemos que muitos “paralíticos” à nossa volta carecem de ser apresentados a Jesus Cristo. Há muita confusão e ruído que medeia entre os homens e Deus. Nós, muitas vezes, ao contrário destes quatro homens, não “descobrimos o tecto”, não abrimos o telhado, não fazemos “o pino”, não nos esforçamos com toda a criatividade e empenho. Tentemos, hoje, descobrir o tecto por cima de Jesus, **para que todos os homens O vejam**.

242 | Eu não vim chamar os justos mas os pecadores

Mc 12,
13-17

Por mais que a nossa catequese tenha insistido e a nossa própria consciência nos relembre, a nossa (natural) tendência é a de sermos amigos dos nossos amigos. Somos simpáticos para os simpáticos e justos para os justos. Jesus propõe-Se ir mais além. O seu gesto de aproximação aos pecadores, que podemos imitar, é um dom para nós próprios que, nesta condição de homens errantes, usufruímos do Seu amor e do Seu perdão. Perguntemos a nós próprios se não seremos **meros médicos de gente sã**. É fácil sorrir a quem nos sorri. Melhor, mais aventureiro, agradável e libertador, é rasgar um sorriso a quem, aparentemente, não o merece...

243 | Podem os companheiros do noivo jejuar
enquanto o noivo está com eles?

Mc 2,
18-22

A passagem do Evangelho que hoje lemos pode ajudar-nos a viver bem o momento presente e, particularmente, o que é também preciso, os instantes agradáveis e gozosos em que as coisas “correm bem”. De facto, há também um “estilo cristão” de **gozar os momentos bons**. Estes devem ser intensos, saborosos, despreocupados e, claro, ter como fronteira de expressão o amor aos outros (principalmente cuidados na ofensa – o cristão não goza à custa do outro). Há que viver cada segundo, em certo sentido, sem o pressionar com o “dia de amanhã”. Sobrenatural e naturalmente, “dias virão em que o noivo lhes será tirado: nesses dias jejuarão”.

244 | O homem vê as aparências,
mas o Senhor olha o coração

I Sam
16, 1-
28

As palavras que Samuel ouve revelam um Deus que tem uma lógica diferente da nossa: “O homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração”. Não é errado dizer que a nossa realização mais humana corresponde à nossa divinização. Isto é, quanto mais parecida com Deus, mais humana é a nossa existência. Se Deus vê o coração, saibamos também nós ver o coração e valorizar menos as aparências. Isto vale para a forma como olhamos os outros mas também com as nossas apostas pessoais, que são tanto **mais cristãs quanto mais se afastarem das aparências...**

245 | Em Deus confio e nada temo

Slm
55, 2-
12

Não ter medo, em absoluto, é sempre um estado preocupante. Qualquer psicólogo infantil reconhece a necessidade das crianças terem “medos” que, entre outras coisas, funcionam como balizas do perigo. Também em “gente grande” o medo é necessário. Em certo sentido, quem não tem medos, inseguranças, fragilidades,... não “precisa” de Deus. O refrão do Salmo não contraria este facto, esta realidade de sermos frágeis e termos os nossos receios, de nós próprios, dos outros, da dor, da morte, do futuro. Mas aponta-nos a confiança em Deus como a liquidação espiritual do medo. Nem sempre confiamos em Deus e, como tal, por vezes, temos medo. Mas é ali, no calor das Suas mãos, **que o medo se dissipa...**

246 | Ergue-te

Act 9,
1-20

Apareceu a Paulo uma luz muito intensa. Esta luz interrompia o caminho daquele que perseguia os cristãos, mas que viria a converter-se e a viver em nome do Jesus que perseguira. As palavras do Filho do Homem colocaram a nu a vida sem sentido deste homem. Paulo perguntou ao Senhor: “que hei-de fazer?”. Jesus respondeu a Paulo aquilo que nos responde quando o nosso pecado nos entristece e quando perseguimos outras coisas que não a Sua luz. **“Ergue-te e vai...”**, são palavras para nós.

247 Mostrai-nos, Senhor, o Vosso rosto

Slm
79, 2-5

“Mostrai-nos, Senhor, o Vosso rosto”, cantamos no refrão do Salmo. Conhecer o rosto de alguém é condição para uma relação, para uma entrega, para um compromisso de amor. O rosto de Deus é, para nós cristãos, o rosto de Jesus. A imagem de Jesus que nos é transportada pela História, pela tradição, pela arte, ou até pelos filmes que recriam a Sua vida pode não corresponder fielmente à realidade. Há traços, contudo, que convém ter presentes: o rosto da misericórdia, o rosto da tolerância, **o rosto da paz**, o rosto do incentivo para recomeçar. Estes traços do rosto do nosso Deus deverão ser observados por nós e evitar visões faciais que Deus não tem, como o medo, a imposição ou a austeridade inconsequente.

248 Ouvem a palavra, a aceitam e frutificam

Mc 4,
1-20

A parábola do semeador, que lemos no Evangelho de Marcos, é a parábola de cada um de nós e do mundo. A semente é o próprio amor (Deus) que se propõe crescer. Terrenos há, dentro e fora de cada um de nós, que não escutam essa proposta e a deixam no caminho. Outros, alegram-se superficialmente mas não rezam e não radicam o amor. Sem raízes não frutificam. Há terrenos ainda que acolhem, mas sufocam de espinhos (outros desejos) e não fazem crescer o amor. Outros terrenos, que queremos alargar em nós próprios e à volta de nós: **“Ouvem a palavra, aceitam-na e frutificam”**.

249 Porque nada há escondido que não venha a descobrir-se

Mc 4,
21-25

A parábola da lâmpada chama-nos à atenção de não nos fecharmos demasiado a fim de que, de alguma forma, sejam vistas as boas obras. Sabemos como é difícil conciliar este propósito de “mostrar” com a descrição cristã. Há também nesta parábola um apelo à verdade. Qual de nós não teve já experiências de uma pequena inverdade, que se lança e que depois compromete progressivamente e “puxa” outras mentiras, num processo de se “enterrar progressivamente”? A verdade, ainda que possa não ser dita de forma abrupta e inoportunamente, acaba sempre por vir ao decimo. Não nos interessa, pois, entrar em esquemas e jogos, com eventual proveito no presente mas sem futuro, já que **“nada há escondido que não venha a descobrir-se”**.

250 *Pecámos, Senhor: tende compaixão de nós*

Slm 50,
3-11

O Salmo 50 oferece-nos uma oração bonita e eficaz de arrependimento. Fala-se hoje da falta de consciência do pecado na nossa sociedade, na banalização dos desvios e das ofensas. Esse, porém, é um problema do homem, que sempre existiu. Cada um de nós, porque é soberbo ou agressivo, insensível ou egoísta, está, de alguma forma, a esquecer-se que erra e que precisa da misericórdia de Deus, isto é, que não pode ser o “centro do mundo”. Ao dizermos: **“Pecámos, Senhor, tende compaixão de nós”**, importa estarmos atentos à segunda parte da frase e até a uma terceira parte aqui omissa, que diz “recomeçar”. Seria insuficiente e não cristão dizer apenas: “pecámos, Senhor, pecámos, Senhor, pecámos, Senhor”...

251 *... Porque os meus olhos viram a Salvação*

Lc 2,
22-32

Simeão tinha sido avisado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ver o Messias. Assim aconteceu e este homem justo e piedoso **confrontou-se com Jesus reforçando a sua paz interior**, sentindo-se pronto “para partir”. Peçamos também a Deus esta mesma tranquilidade de Simeão. Nós “já vimos” Jesus, já temos um sentido. Como tal podemos ganhar serenidade para viver cada minuto, ganhar paz para lidar com cada pessoa e, assim, ganhar tranquilidade “para partir”.

252 *Deito-me, adormeço, e me levanto:
sempre o Senhor me ampara*

Slm 3,
2-7

As palavras do Salmo inspiram-nos. Diz o salmista: “Deito-me, adormeço e me levanto: sempre o Senhor me ampara”. Por um lado, como que em grande escala, esta ideia dá-nos conta de um Deus que esteve (deito-me), está (adormeço) e que estará (me levanto). Um Deus que nos ampara e dá coerência ao que fui, ao que sou e ao que serei. Por outro lado, numa escala de tempo menor, Deus acompanha-me e ampara-me quando penso em decisões (deito-me), quando actuo (adormeço) – bem ou mal – e quando caminho e recomeço (me levanto). **O Senhor me ampara sempre**. Este “sempre” é importante, pois se fosse só de quando em vez, não seria Deus.

253 A menina não morreu, está a dormir

Mc 5,
21-43

As curas de Jesus realizam-se num quadro de fé e confiança (“se tiveres fé...” – diz Jesus ao chefe da Sinagoga). É pela fé, que podemos chamar adormecimento à morte e assim, de facto, pela graça de Deus, pela experiência própria de Jesus, liquidar a morte. A frase que destacamos do Evangelho tem um carácter “desdramatizador” e pode ajudar-nos na vida como na morte. É quase uma comédia ver o amor onde ele não é óbvio mas é, para nós, o caminho. Quando pequenas e grandes mortes nos atingem, ouçamos Jesus dizer que são “adormecimentos”. **Ele nos acordará**, como fez à filha do chefe da Sinagoga, porque Ele ressuscitou...

254 Ele invocou o Senhor Altíssimo

Sir 47,
2-13

Ouvimos enaltecer o rei David, escolhido entre os homens para libertar o povo. Do rol de elogios a David é destacado o facto de ele invocar o Senhor e contar com a sua força. Nos “detalhes” da nossa vida não deixemos de invocar o Senhor, de chamar por Ele, de contar com Ele, de ter esperança n’ Ele. Porque Ele é grande e poderoso, sabe como fazer. **Nem precisamos**, sequer, **de Lhe dizer como fazer...**

255 Perfurou-lhe o lado com uma lança e logo saiu sangue e água

Jo 19,
28-37

Não deixamos de lembrar momentos fortes da vida de Jesus. As cinco chagas do Senhor representam **a crueldade a que se deixou sujeitar o Salvador**. Do corpo de Jesus, perfurado por uma lança, saiu sangue e água, sinais de ressurreição. Daquela morte, emerge a água do nosso baptismo, pertença de um reino de plenitude. Do lado de Jesus, brota igualmente o sangue da eucaristia, sinal de um Deus que fica com o homem e nos alimenta todos os dias.

256 *Todos os que O tocavam ficavam curados*

Mc 6,
53-56

Os habitantes de Genesaré tentavam tocar Jesus, de quem já conheciam a fama. Ao fazê-lo, curavam as suas enfermidades. “Tocar Jesus” quer dizer mais do que contactar fisicamente com Ele. Possível em Genesaré, mas impossível hoje. Tocar Jesus é aproximar-se d’Ele, deixar-se encantar e, naturalmente, segui-Lo. As nossas enfermidades, as nossas insatisfações, as nossas necessidades de cura, os nossos vazios não são mais que “molas” para o salto grande, agradável e libertador de **“tocar Jesus”**.

257 *Anulais a palavra de Deus com a tradição que transmitis*

Mc 7,
1-13

A Igreja não é um intermediário entre Deus e os homens e, muito menos, um obstáculo entre Deus e os homens. Ela é precisamente o caminho pelo qual Deus chega a cada um de nós. Não estaríamos a ler estas palavras, neste momento, a animarmo-nos, a caminhar e a sermos mais felizes, se não fossemos Igreja. Para algumas pessoas, contudo, e por motivos sérios e coerentes com a sua consciência, nós (Igreja) somos um tanto farisaicos, que **“anulamos a palavra de Deus com a tradição que transmitimos”**. Estejamos atentos para viver e passar o essencial da Igreja, o Cristo resuscitado e libertador.

258 *Eu creio, mas ajuda a minha pouca fé*

Mc 9,
14-29

Aproximou-se de Jesus um menino com problemas graves, juntamente com seu Pai, que pedia ao Mestre que o curasse. A “empreitada” era difícil, porque o problema era muito delicado. Um tanto a medo perguntou-se a Jesus: “Será possível?”. Jesus responde “Sim, tudo é possível. Tu crês?”. Paremos um pouco aqui e contemplemos esta última pergunta de Jesus “tu crês?”. Os milagres de Jesus não são mágicos e ocorrem com a colaboração de quem deles beneficia. Ninguém fique, pois, “sentado” à espera deles. Há depois as humildes e deliciosas palavras do Pai da criança, que podem ser ditas por cada um de nós: **“Eu creio, mas ajuda a minha pouca fé”**.

259 *Confia ao Senhor os teus cuidados*

Slm
54, 7-
11a23

Ao longo do nosso dia, muitas vezes, perdemos ânimo e oportunidades de praticar o bem, por causa dos nossos “cuidados”. As nossas preocupações, em alguns casos, afogam a generosidade, para conosco próprios e para com os outros. O refrão do salmo pode ajudar-nos a lidar melhor com os nossos problemas. Ao rezar “**confia ao Senhor os teus cuidados**”, queremos dizer que é em Deus, no Seu “colo”, que reside o nosso (activo) descanso. Na prática, confiar no Senhor é ter em conta também as indicações de Jesus, patentes no Evangelho de Marcos: ser servo, ser “o último”.

260 *Mas vós não sabeis o que traz o dia de amanhã*

Tg 4,
13-17

Podemos tirar muitos ensinamentos do trecho de S. Tiago. Alertando-nos para a eventual presunção com que encaramos a nossa existência, Tiago adverte-nos para a contingência da vida: “Mas vós não sabeis o que traz o dia de amanhã”. Esta certa dúvida em que vivemos não deve ser encarada como uma fatalidade mas como um desafio. Com alguma simplicidade, uma criança recordou, com voz meiga: “se soubéssemos o que vai acontecer, a vida não tinha graça nenhuma...”. Assim, além de evitar a soberba e o controlo da vida (que felizmente não temos) dêmos graças a Deus por nos ter feito **peças de uma história de aventura**.

261 *Vivei em paz uns com os outros*

Mc 9,
41-50

Jesus fala aos discípulos com grande dureza. Quase parece ofuscar a Sua misericórdia. As Suas palavras de paz, porém, são simples e amáveis. Uma vez entendidas com a nossa inteligência, acolhidas no nosso coração e espelhadas na nossa vida, bastam para não nos aproximarmos da Geena (inferno), que é tanto os desencontros de cada dia como o desencontro eterno. “**Vivei em paz uns com os outros**” é propósito suficiente para compreender e viver bem a nossa vida. Um existir não inosso, mas, como diz Jesus, “tendo sal em nós mesmos”, dando sabor a cada respirar dos nossos pulmões.

262 Não vos queixeis uns dos outros

Tg 5,
9-12

Qualquer pessoa que já foi solicitada a ter gestos educativos – talvez todos nós – terá tido oportunidade de convidar uma criança a não ser “queixinhas”. O certo é que “essa criança que existe dentro de nós” também mantém o resquício infantil de um dedo acusador que enfatiza o pior do outro, projectando, provavelmente, as inseguranças próprias de quem precisa de fazer descer os demais para se sentir elevado. Maria, modelo de virtudes que tentamos imitar, era perita na arte oposta, aquela de elevar os outros, servindo. Inspirados nas palavras de Tiago, tentemos ser pedras vivas do lema sugerido pelo apóstolo: **“Não vos queixeis uns dos outros”**.

263 Quem não acolher o reino de Deus
como uma criança não entrará nele

Mc 10,
13-16

Queremos fazer desta vida, deste mundo em que vivemos, um Reino de Deus. Isto é, feito à Sua imagem e semelhança, queremos construir um universo onde quem reine seja Ele, seja o amor. Para tal, diz-nos o Evangelho, precisamos de imitar as crianças. Elas, as crianças, confiam. As crianças brincam e usufruem da vida. As crianças são frágeis e precisam de quem as proteja. As crianças são generosas, curiosas e vivas. As crianças desejam e sonham. **As crianças fazem por crescer! E nós?...**

264 O Senhor jamais esquecerá a Sua aliança

Slm
110, 1-
10c

O Salmo foca a aliança que Deus estabelece com o homem e que jamais esquecerá. A amizade de Deus pelo homem, de facto, é ímpar e eterna porque radica neste “jamais”. Olhemos, hoje, as nossas relações de amizade e façamos um esforço por não as esquecermos. Como diz Saint-Exupéry, a amizade, como as plantas, tem de se alimentar, isto é, não se pode esquecer. Regularizemos, nas nossas agendas, os aniversários dos nossos amigos, escrevamos cartas, façamos telefonemas. **Os nossos amigos sentirão que não estão esquecidos** e seremos pedacinhos de Deus na Terra.

265 Todo aquele que tiver deixado (...)
receberá cem vezes mais

Mc 10,
28-31

Deixar algumas coisas por amor, a fim de seguir alguém, só tem sentido se “valer a pena”. Assim acontece, por exemplo, com um homem que quer fazer feliz uma mulher e deixa algumas coisas para alimentar esse amor. Não podemos dizer que é um amor interesseiro porque, sendo verdadeiro amor, este homem daria a vida pela sua amada sem olhar a meios. Mas ele mergulha nesta doação porque, de facto, vale a pena realizar assim a sua vocação. Nós não deixamos tudo para seguir Jesus “na mira” do paraíso material, como se de um negócio se tratasse. Ainda que partamos da nossa fraqueza e da nossa fragilidade, nós só podemos seguir o amor por amor. Mas é bom saber – e experimentar – que **vale a pena deixar tudo**.

266 Por Vós suspiro, como terra árida, sequiosa, sem água

Slm
62, 2-6

Encontramos no Salmo uma imagem muito real de nós próprios: “terra árida, sequiosa, sem água”. De facto o nosso coração tem uma “sede eterna do eterno”. Quando as nossas apostas se dirigem ao provisório, ao precário, ao passageiro, a terra é regada mas logo seca com o Sol árido da vida. É a secura que se torna constante. Há que procurar, pois, para esta terra sedenta que somos, uma fonte, uma fonte de água viva. É o Senhor que é esta nascente contínua, que **nos rega a cada instante**, que nos mata a secura, agora e para sempre.

267 Jesus concedeu-nos tudo o que é necessário

2 Pe 1,
2-7

Na segunda epístola de S. Pedro há uma frase subtil mas forte: “Jesus concedeu-nos tudo o que é necessário”. Os nossos estados de alma mais fragilizados, que se associam a gestos menos generosos para os outros ou mesmo a ausência de acção, têm sempre como base, em certo sentido, algo que falta. A uma alma mais “murcha” falta, de facto, ânimo. À pergunta interior “o que me falta”, responde o texto da 2ª leitura: nada falta, pois Jesus dá-nos o necessário. Que Jesus é este, cuja doação é tudo o que é necessário para nós? Ele é a confiança, a vitória da morte. Relacionar-se com Ele e imitá-Lo, é, francamente, **“tudo o que é necessário”**.

268 *Dai a Deus o que é de Deus*

Mc 12,
13-17

A cilada dos fariseus, como em muitos outros quadros da vida pública de Jesus, era dividir, “entalar” o Mestre face a perguntas difíceis, cujas possíveis respostas pareceriam comprometer ou a simpatia das pessoas por Jesus ou a violação de regras sociais elementares. **A resposta de Jesus é inteligente, incisiva, descomprometida e desafiadora.** A nós próprios são colocadas, hoje, como no tempo de Jesus, situações de difícil resolução, concretamente ligadas ao cumprimento de normas de vida social e económica. Peçamos a Deus a luz inspiradora para “ver como Deus vê” e para sermos capazes de respostas verdadeiramente eficazes e evangélicas.

269 *Para vós, Senhor, levanto os meus olhos*

Slm
122, 1-
2bcd

Aquilo que nós somos e fazemos tem muito a ver com o que vemos. No sentido inverso, é também verdade que as nossas acções influenciam a forma como “vemos o mundo”. Muitas vezes, não “vemos bem” e é um gesto de amor ou um mergulho na caridade que nos abre os olhos. De manhã, quando acordamos, a luz invade as nossas pálpebras e despertamos para o dia. **Para quem levantamos os nossos olhos?** Inspirados no salmo, olhemos para o Senhor, para um Cristo de braços abertos que nos chama a um dia vivido na Sua companhia.

270 *Não há nenhum mandamento maior do que este*

Mc 12,
28b-34

Um dos distintivos da sociedade moderna é a abundância de apelos, de solicitações, de “mandamentos”. Há muita informação e demasiadas ofertas. O risco de dispersão é imenso. Também ao nível espiritual nos podemos dispersar, principalmente elaborando um conjunto demasiadamente grande de propósitos, muitos deles suficientemente ambiciosos ou místicos, para não serem transformados em vida. Sejam mais simples nas nossas metas, mais concretos nas intenções. Escolhamos, para hoje, um objectivo alcançável e prático. O amor a Deus e ao próximo, de facto, nos basta, **mas há que concretizá-lo.**

271 | Esta pobre viúva deitou na caixa
mais do que todos os outros

Lc 2,
41-51

Sabemos da nossa catequese que os critérios de Deus são diferentes dos critérios do mundo. Na nossa vida, porém, custa muito a aprender, interiorizar e viver esta mesma diferença. O que significa, aos olhos do mundo de hoje, a palavra “**mais**”? Algo de semelhante aos escribas de que Jesus fala no Evangelho: mais dinheiro, mais ostentação, mais poder, mais corpo, mais honras. Seria bom que lêssemos repetidamente esta passagem de Marcos e perguntássemos a nós próprios o que resta em nós de “estilo escriba”. Confrontemos este critério de “mais” dos homens, com aquilo que é “mais” para Deus. É certo que conseguimos despojarmo-nos, oferecermo-nos, tanto mais quanto nos aproximamos de dar tudo o que possuímos.

272 | Curai os enfermos

Mt 10,
7-13

O primeiro envio apostólico de Jesus referido no Evangelho de Mateus é bem claro e conciso. Cada uma das recomendações de Jesus, de certa forma, resume o perfil de uma verdadeira missão. Fixemo-nos hoje na linha de “**curar os enfermos**”. Quem são os enfermos? Um “deles”, muito especial, é cada um de nós. Há pois, por dever apostólico, que cuidar de nós: alimentar-se, descansar, reflectir, escutar, rezar. Esta “auto-cura” sensibilizar-nos-á para os outros enfermos, não só os que exteriormente manifestam pobreza visíveis mas todos os outros com enfermidades mais escondidas, incluindo aqueles que não têm muita consciência de que são enfermos.

273 | Amai os vossos inimigos

Mt 5,
43-48

É por nós conhecida a centralidade e a originalidade cristãs, patentes nesta passagem do Evangelho de Marcos que hoje lemos no Evangelho. Amar os nossos inimigos é trampolim de liberdade! Concentremo-nos, hoje, num inimigo especial, aquele que mora dentro de nós, que erra e nos prejudica. De facto, muitas vezes, somos inimigos de nós mesmos. Há que lutar contra esse “inimigo”, é certo, mas, também aqui, importa “amar este inimigo”. Significa perdoarmo-nos a nós mesmos, sermos misericordiosos conosco próprios, darmos-nos novas oportunidades. Significa, afinal, abrir portas ao perdão de Deus. Não **amar este nosso inimigo, que está em nós**, seria a força do inimigo. O mal, também “cá dentro”, só se combate com o bem!

274| Sai e permanece no monte à espera do Senhor

I Re
19, 9-
16

A leitura do Livro dos Reis relata uma curiosa experiência de Elias. Ele foi convidado por Deus a ficar à espera. Veio o vento, um terramoto e até o fogo, mas Deus não chegou senão numa brisa seguinte. Reflectamos, hoje, sobre esta capacidade que nos é pedida de esperar. Há quem diga, com razão, que a forma como estamos a criar as nossas crianças e jovens, os ajuda pouco na virtude fundamental de **saber esperar**. A vida de correria e o consumo fácil diminuem drasticamente o que os psicólogos infantis chamam “tolerância à frustração”. Neste sentido, todos nós somos um pouco crianças e, muitas vezes, queremos aqui e agora, já e como desejamos, toda a solução. Estar em Deus, porém, como nos ensina o próprio Elias, é saber esperar pela brisa...

275| Quem virá a ser este menino?

Lc 1,
57-
66.80

Por ocasião do nascimento de João, o povo comentava: “Quem virá a ser este menino?”. João havia de revelar-se, de facto, o precursor do Salvador, aquele que, humildemente, abriu o trilho a Jesus. O nascimento de João é motivo para **louvarmos a Deus pelas crianças que vão nascendo** neste mundo. Afinal, todas elas poderão vir a ser precursoras do amor de Jesus. Cada criança que nasce é uma flor que dará fruto, se soubermos cuidar o jardim da humanidade, com a rega do amor. Por isso, defendemos a vida. Sabemos que parte do futuro de cada criança depende de nós...

276| Não vos inquieteis com o dia de amanhã

Mt 6,
24-34

A sugestão do texto do Evangelho que lemos não representa a ausência de futuro mas a aposta “num outro futuro” mais essencial e consequente. Inquietamo-nos, com frequência, com resquícios de um futuro provisório que, de facto, não tem futuro nenhum: roupas, casas, contas bancárias, comida, cursos, são exemplos de algumas apostas que, se tomadas como nossas preocupações centrais, não serão mais do que inquietações. Podemos estar mergulhados em uma ou mais destas coisas, tarefas ou projectos, mas como pretextos de um presente contextualizado de louvor a Deus (“a cada dia basta o seu cuidado”). A preocupação com o dia de amanhã poderá ser totalmente preenchida com a **confiança no nosso Deus**.

277 Não toques a trombeta diante de ti

Mt 6,
1-6.
16-18

A imagem de “tocar trombeta diante de nós próprios” pode ajudar-nos a crescer na descrição que deve envolver os nossos gestos de amor. Mais tímidos ou mais extrovertidos, todos nós, com legitimidade, desejamos aprovação. Nisto não há qualquer mal, pelo contrário (preocupante é achar que nada importa o que os outros pensam de nós). A aprovação dos outros, porém, neste sentido evangélico, deve ser **consequência e não causa dos nossos gestos**. Deve ainda não ser forçada ou precipitada por nós próprios. A aprovação nunca deve aparecer por via da ostentação. Saibamos não “tocar trombetas”, negando a publicitação da nossa caridade, quando a vaidade é o motor. Mesmo que ninguém tome conhecimento, sabemos, no nosso íntimo, da alegria e da aprovação da pessoa que servimos e d’Aquele por quem agimos.

278 Edificai a casa sobre a rocha

Mt 7,
21-29

Ouvir a palavra de Deus e colocá-la em prática é equiparado, pelo próprio Jesus, a construir sobre a rocha. Quem não deseja uma **casa sólida e um abrigo perene e seguro**? Há aventura e escape, há chuva e vento, mas a casa sempre nos acolhe. A minha rocha, a minha força é, pois, escutar, acolher e viver a palavra de Deus. No centro deste triângulo de escuta – acolhimento – está o meu próximo. Por ele, por cada pessoa a meu lado, passa a “minha rocha”.

279 ...E fez-se grande bonança

Mt 8,
23-27

Lembramos a intenção pacificadora de Jesus no meio da tempestade. Ele acalmou o mar e, assim, transmitiu toda a confiança aos discípulos. Há muitas tempestades na nossa vida, dentro de nós e à nossa volta. Aceitemos de Jesus a sua pacificação. **Ele pode estar dormindo, mas está presente e hospeda o nosso medo**. Recebendo a Sua força, sejamos capazes, nós também, de acalmar o mar agitado da vida dos nossos irmãos, não fazendo mais do que sendo instrumentos da bonança de Deus.

280 *Glorificava a Deus por ter dado tal poder aos homens* Mt 9,
1-8

Jesus curou o paraplégico perante a eventual incredulidade da multidão e a ironia dos fariseus. Ao ver tal poder fantástico, a multidão “glorificava a Deus por ter dado tal poder aos homens”. De facto, por Jesus e “atrás d’Ele”, todos nós fomos investidos de poderes extraordinários. A graça imensa de Deus pode fazer de nós grandes homens e mulheres do nosso tempo. Em certo sentido, poderemos participar da grandeza de Deus, como Ela participa da nossa humanidade. Esta **nossa “divinização”**, que se segue à “humanização de Deus” (em Jesus Cristo), não deve ser confundida com qualquer prepotência existencial, até porque o ponto de partida é o humilde reconhecimento da nossa “precisão de Deus”.

281 *Deita-se o vinho novo em odres novos* Mt 9,
14-17

Deus fala de paz a quantos de coração a Ele se convertem. Quer dizer que Deus não faz tudo e precisa – felizmente – de nós próprios. Não basta uma semente boa mas também terreno fértil, isto é, um coração aberto. Como diz Jesus no Evangelho: “Deita-se o vinho novo em odres novos”. Para que a Boa Nova tenha frutos em nós, temos pois, nós também, que ser **homens novos**. Não esperemos miraculosamente por Deus, mas aceitemos a Sua vida, o seu “vinho novo”. Sejamos, contudo, “odres novos”. Façamos a nossa parte.

282 *O Senhor é bom para com todos* Slm
144,
2-9

Há uma frase simples no Salmo, que nos pode passar despercebida, mas que pode dar muito fruto se encontrar bom terreno no nosso coração. “O Senhor é bom para todos”, diz o salmista. A primeira implicação deste verso é que Deus é bom para mim, que me quer muito bem. Mas a bondade de Deus não é só para mim. Ele ama a todos e como tal, também o que está a meu lado, mesmo que me tenha ofendido. Que a minha vida, hoje, espalhe um Deus que “**é bom para com todos**”.

283 Ide por todo o Mundo

Mt 9,
32-38

É particularmente conhecido e usado o texto do Evangelho de Mateus que hoje lemos para o apostolado das missões. Sabemos já que **“a missão é comum a todo o cristão”**, independentemente do seu estado, do seu estilo de vida, do ponto do planeta onde se encontre. Um missionário contemporâneo das terras do Congo disse numa entrevista uma frase que pode ser programa de vida de todos nós: “Eu vim para aqui, não para não morrer, mas para dar a vida por esta gente”.

284 Ide primeiramente às ovelhas perdidas da casa de Israel

Mt 10,
1-7

Jesus envia os seus discípulos com uma indicação concreta de procurarem, em particular, **“as ovelhas perdidas da casa de Israel”**. O próprio Cristo dissera da Sua missão ser “médico dos doentes” e não dos que não precisam de médico. Procuremos, hoje, as “ovelhas perdidas” da nossa missão, sem complexos de pastores superiores (de “ovelhas perdidas” todos temos um pouco...): amigos, familiares, companheiros de comunidade ou pessoas da nossa paróquia que há muito não vejamos e que estejam abertos ao contacto connosco. Rezemos por eles e ofereçamos o que lhes possa ser útil entre aquilo que temos.

285 Eu respondi: Eis-me aqui: podeis enviar-me

Is 6,
1-8

Isaias responde à questão colocada por Deus, depois de um processo de purificação. O Senhor pergunta: “Quem enviarei?” e o profeta responde “eis-me aqui”. Estas mesmas palavras são ditas por Maria e convidam-nos à disponibilização para o amor. Digamos, hoje, com a vida, **“eis-me aqui”**. A alguém que me pede para por a mesa, a um dever que me pede para estudar, a um pobre que me pede esmola, a alguém triste que me pede um sorriso.

286 | *Escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes* Mt 11,
e as revelaste aos mais pequeninos 25-27

Sendo claro o nosso desejo de seguir Jesus, nós queremos, no sentido evangélico do que hoje lemos, ser “pequeninos”. Evitemos ser “sábios e inteligentes”. Nós somos “**sábios e inteligentes**” quando só contamos connosco próprios e achamos que não precisamos de Deus e dos outros. Somos “sábios e inteligentes” quando achamos que só nós é que sabemos e não acolhemos humildemente cada pessoa, com os seus limites e riquezas. Mas “ser pequenino” é ser filho de Deus e, assim, servir os irmãos.

287 | *Vinde a Mim todos os que andais cansados* Mt 11,
e oprimidos 28-30

Não somos mansos e humildes de coração “à cabeça”, nem sequer como resultado voluntarioso de o querermos ser. Da nossa condição de “cansados e oprimidos”, partimos para uma relação com Jesus, que **nos oferece a Sua mansidão**. O jugo de Jesus é suave e a Sua carga é leve. Com Ele, “transportamo-nos” melhor, com mais sentido e com toda a nossa humanidade (potenciada). E os outros, vêem em mim esta mansidão que é graça de Deus, ou vêem alguém “(des)graçado”, sem alegria, sem descanso?

288 | *Senhor, livraste da morte a minha vida* Slm
38, 10-12

O salmo que hoje rezamos é extraído do livro de Isaías a que reporta a leitura. O nosso Deus é o Deus que “livra da morte”, de forma não mágica mas verdadeira e que pode ser experimentada por nós. Esta referência do Antigo Testamento é clarificada, para nós, com a própria vida de Jesus que, morrendo e ressuscitando, dá um outro sentido à morte (e, assim, um outro sentido à vida). Há quem diga que a marca distintiva do homem, comparado com os outros animais, **é a sua capacidade de prever a própria morte**. Essa percepção pode voltá-lo para o amor, já que é amando que da morte pode fazer vida, que da vida (eternizante) pode fazer “vida sem morte”, que, da morte, faz ponte para outra vida.

289 Não quebrará a cana já fendida

Mt 12,
14-21

Mateus refere a profecia de Isaías para enquadrar a descrição e misericórdia com que actuava Jesus. Para anunciar a justiça às nações – diz o profeta – há que “não quebrar a cana já fendida”. Diz-se das pessoas de personalidade teimosa e destrutiva que preferem “quebrar que torcer”. Pois bem, o estilo de Cristo, na linha de Isaías é “**não quebrar a cana já fendida**”. Situações delicadas, mesmo que envolvendo pessoas que não merecem a nossa simpatia, são “canas fendidas” diante das quais importa repor verticalidade e não dar o golpe fatal para partir...

290 Esse dá fruto e produz cem por um

Mt 13,
18-23

A explicação da riquíssima parábola do semeador, feita pelo próprio Jesus, ajuda-nos a elaborar uma boa revisão da vida. Trata-se, afinal, de ver o “estado do nosso terreno”, a fim de o melhorar, **para que dê mais fruto**. Quantas vezes deixamos sementes pelo caminho, porque apostamos na lateralidade da vida? Quantas pedras (coração duro) não permitem que o amor radique no nosso coração? Quantos espinhos são as nossas burguesias que ofuscam a simplicidade? Sejamos, hoje, terra boa que dá frutos, que dá vida para os outros.

291 O grão de mostarda torna-se árvore

Mt 13,
31-35

A parábola do grão de mostarda revela-nos esta faceta belíssima do reino de Deus, onde o pequeno e o grande se ligam pela graça da fé. Pode servir esta imagem para nos colocarmos na nossa existência e no mundo. Um mundo controverso, com focos de horror, de guerra, de ganância e de fome. Como responder a este apelo de uma Terra já bela mas com jardins por florir? O texto do Evangelho diz-nos para **sermos pequenas sementes**. Partículas minúsculas de amor que contagiarão pelo mundo um sentido novo para todos os homens. Sementes que serão árvores, capazes de alojar aves do céu.

292 | *Aquele que semeia a boa semente,
é o Filho do Homem*

Mt 13,
36-43

Mais do que um apontamento sobre o fim dos tempos, a explicação da parábola do trigo e do joio serve para apoiar e reforçar a qualidade de vida do nosso presente. Todos nós experimentamos o trigo belo, eficaz e perene que brota dos nossos actos de amor, das experiências em que nos descentramos de nós próprios. Também experimentamos o joio pesado e incómodo de fazermos de nós próprios o centro de tudo. Esse egocentrismo é joio que importa queimar. Separar trigo e joio nem sempre é fácil. Às vezes confundem-se. Peçamos a Deus o discernimento necessário para **encher de bom trigo o celeiro da nossa vida.**

293 | *Foi vender tudo quanto possuía,
e comprou essa pérola*

Mt 13,
44-46

Quando algo de muito importante (precioso) se nos depara, somos capazes de largar o resto (vender) para o conquistar. Diz-se isso mesmo, por exemplo, em relação à saúde no dito popular “vão-se os anéis, ficam os dedos”. O nosso tesouro espiritual é o privilégio do amor. **Que terrenos somos capazes de vender**, para privilegiar o amor? Que sucessos profissionais “vendemos”? Que benefícios sociais vendemos? Que imagens exteriores “vendemos”? Que lateralidades “vendemos” para nos focarmos no amor?

294 | *Não é Ele o filho do carpinteiro?*

Mt 13,
54-58

O ensinamento directo do Evangelho que hoje lemos prende-se com a educação do nosso “ver”. A forma como olhamos o mundo e as outras pessoas influencia decisivamente o nosso estado de espírito e os nossos gestos. O preconceito é, em particular, uma autêntica venda nos olhos do amor. Assim como os nazarenos desconfiavam do “filho do carpinteiro” e se fechavam à salvação, também nós hoje, por vezes, **suspeitamos e não acolhemos várias pessoas.** Aquele familiar que nos ofendeu, aquele vizinho que não me cumprimentou, aquele colega de trabalho que me ultrapassou, aquele padre que me escandalizou, aquele transeunte que me desgostou.

295 O Senhor ouve os pobres e não despreza os cativos

Slm
68, 15-
34

Rezamos no salmo vários clamores ao nosso Deus. Entre estes apelos, dizemos: “O Senhor ouve os pobres e não despreza os cativos”. É claro que só precisamos de Deus se tivermos **consciência da necessidade de uma libertação, daquilo de que estamos cativos** (na realidade, se não sabemos o que nos “prende”, é mais difícil a liberdade...). O que me mantém cativo? Que bens materiais? Que sonhos? Que afectos desordenados? Que projectos? Que carreiras? Que “posses de pessoas”, me inibem a liberdade de uma maior confiança no amor?

296 Manda embora toda esta gente,
para que vá às aldeias comprar alimento

Mt 14,
13-21

Tentemos situar-nos no quadro relatado no Evangelho que hoje lemos: Jesus, os discípulos e uma multidão faminta. Os discípulos, realisticamente, fazem o diagnóstico da situação, “contam armas” e concluem que não podem ajudar. Esqueceram-se, de facto, que ao pé deles estava Jesus, que nos fez ir mais além. É nesta sequência que se assiste ao milagre da multiplicação dos pães, “aperitivo evangélico” da Eucaristia, neste sentido de alimento que nos torna mais fortes para o amor. Impulsionados por esta ideia, sejamos menos calculistas quando os famintos se nos deparam e **contemos com Jesus ao nosso lado**, que multiplica pães para os saciar...

297 O Seu rosto ficou resplandecente como o Sol

Mt 17,
1-9

A transfiguração de Jesus revela com clareza a filiação de Jesus, mostra-nos o Filho de Deus. Implícito, está igualmente o convite aos que viam Jesus para se deixarem transfigurar a eles próprios. É este também o desafio que se coloca a cada um de nós: **transfigurarmo-nos, vivermos como Filhos de Deus**, assemelharmo-nos a Ele, na forma de ver e viver o amor. Que bom que seria que, fruto desta alegria, os outros vissem o nosso rosto resplandecente como o Sol...

298 | Porque vou perdoar os seus pecados,
e não mais recordarei as suas faltas

Jer 31,
31-34

O Livro de Jeremias anuncia uma “aliança nova”, um Senhor que fará pacto definitivo com os homens. Para nós, esta aliança é consubstanciada na vida de Jesus Cristo. É por Ele que perpassa a mensagem de “perdoar os pecados e não mais recordar as nossas faltas”. Demos graças a Deus por esta misericórdia e tentemos, também nós, ser instrumentos da nova aliança para outras pessoas. Sejamos capazes de “não recordar as faltas” dos outros, incrementando em nós a capacidade de ver com olhos novos. Sem tanger a ingenuidade, façamos um esforço por ver os outros como Deus vê. Em particular, **que as faltas dos nossos irmãos sejam mais pretextos de misericórdia do que matéria para “carimbos”...**

299 | Mas, para não os escandalizarmos...

Mt 17,
21-26

Jesus aceita contribuir com a capitulação anual para o templo, embora sendo Filho d’Aquele em nome de quem se cobrava. Argumenta o próprio Cristo, que não quer escandalizar. Para tal, faz coisas que não seriam da “sua condição”. Nos dias de hoje podemos cair numa certa leviandade, na capa de uma pseudo-frontalidade, onde não importa o que os outros pensam ou sentem. É verdade que, muitas vezes, é preciso romper com o que está instituído e até, deliberadamente, escandalizar. Em muitas situações, porém, se não se ofender a honra e o respeito por nós próprios e pelos outros, **é razoável não escandalizar**, ainda que procedendo “abaixo da nossa condição”.

300 | Agradecei ao Senhor

Slm Is
12, 2-6

O salmo responsorial é extraído do livro de Isaías. Um verso mais discreto pode merecer a nossa atenção e “alimentar o nosso dia”. “Agradecei ao Senhor”, diz o profeta. De facto, a nossa capacidade de ver as coisas boas que Deus fez, pode dar sentido à nossa vida. Nos momentos de luz, lucidez, saúde e robustez, reconforta-nos e anima-nos para o amor. Nos momentos de vazio, **“agradecer ao Senhor”** é preencher um “sem sentido”, é luz na escuridão!

301 Bem aventurados os que sofrem perseguição,
por causa da justiça

Mt 5,
1-12a

As bem-aventuranças enchem o nosso coração de conforto. São em si próprias mistério de amor e podem até submeter-nos a um certo constrangimento, mas são palavras de esperança e de sentido. Neste dia, escolhamos aquela que mais tem a ver com a circunstância em que nos encontramos e levemo-la para a vida. É bom ter alguma atenção para não entender mal o sermão da montanha: procurar deliberadamente a fome e o sofrimento, são um bom exemplo do que Jesus não quer dizer. A perseguição de que poderemos ser alvo pode ser também um sinal de bom caminho, mas se for **por causa da justiça**. Sermos perseguidos ou não gostarem de nós, por causa da nossa vaidade ou prepotência não será, com toda a certeza, uma bem-aventurança!

302 O jovem retirou-se entristecido,
porque tinha muitos bens

Mt 19,
16-22

Especula-se sobre o que aconteceu a este jovem rico que, na sequência da sua sede de perfeição, ouviu um repto de Jesus que o terá perturbado. Alguma coisa de “jovem rico” existe em nós: o desejo de sermos melhores, o fascínio por Jesus, algum património de fidelidade ao amor, muitas obras por fazer, receio de arriscar mais. Na nossa mão está, hoje, a continuação deste Evangelho. Alguns “convites” de Jesus perturbam-nos e até nos entristecem. **O que fazemos depois?...**

303 Eu sou o Senhor da morte e da vida

Deu
32, 26-
36ab

O livro do Deuteronómio, fala-nos do Deus “da morte e da vida”. Este é o nosso Deus, porque **liga os “contrários”** da nossa existência. Ele, que é amor, nos conduz à vitória do bem nas dicotomias que nos caracterizam. Somos fracos mas fortes, pequenos mas grandes. Com vasos de barro transportamos um tesouro e, pequenos, fazemos obras maiores do que nós. Limitados e quase “cegos”, vemos o amor pela graça da fé.

Nestes dois mandamentos se resumem
304 toda a Lei e os Profetas

Mt 22,
34-40

O mandamento do Amor, a Deus e ao próximo, resume a resposta essencial e simples à eterna questão: “para que existo?” É, além disso, uma linha de força muito ecuménica, porque comum a todas as religiões. Tudo o que sair para fora deste amor a Deus e ao próximo, tudo o que for valorizar aspectos externos a este ensinamento, não é fundamental! Os nossos propósitos não devem ser vagos (arrumar a cozinha pode ser um propósito mais eficaz do que “amar a minha Mãe”...) mas deverão ter como cenários, a jusante e a montante, este mandamento de amor.

305 Anunciai a todos os povos as maravilhas do Senhor

Slm
95, 1-5

O refrão do salmo enquadra-se no persistente apelo que todos sentimos, todos os dias, quando arrancamos para um novo dia: “o que fazer? Para onde correr? Para onde “apontar as baterias”? Sim, todos os dias é preciso definir bem para onde queremos ir. Aliás, muitos dos nossos estados de alma menos leves têm como base uma certa falta de orientação em relação aquelas questões. “Para anunciar a todos os povos as maravilhas do Senhor” (ainda que sem palavras) é uma resposta à pergunta “para onde apontar este dia?”. Esta postura carece de um exercício prévio: **descobrir as maravilhas do Senhor**, em mim, nos outros, no mundo.

Limpais o exterior (...) quando por dentro
306 estais cheios de rapina e iniquidade

Mt 23,
23-26

O texto do Evangelho insere-se num vasto conjunto de críticas ao farisaeísmo, feitas directamente por Jesus e relatadas no Evangelho de Mateus. As recomendações aos fariseus, tipicamente duras e tendentes a desmascarar hipocrisias, podem ser sempre usadas por nós como elementos de auto-crítica. Na realidade, todos nós temos “facetar farisaicas” e seria precisamente farisaico não o assumir. Esta diferença entre o que somos e o que parecemos, marca todas as pessoas! Não se trata de não cuidar do que é exterior, de não nos importarmos com o que parecemos, trata-se de perceber que é a conversão interior que importa, que é o interior que vale e assim concorrer para uma maior **coerência entre o exterior e o interior de nós próprios**.

307 Para não sermos pesados a nenhum de vós

2 Tes 3,
6-10.16-
18

Da segunda carta aos Tessalonicenses ouvimos algumas pistas de cautela em relação à preguiça e à desordem. É nesse contexto que se chama a nossa atenção para “**não sermos pesados**”. Não sermos pesados a ninguém é difícil e há situações em que tal é mesmo inevitável, como sejam as situações de dependência física ou doença. Mesmo nesses casos, porém, podemos fazer toda a nossa parte no sentido de aliviar quem nos serve. Uma atenção especial podemos ter sempre para, adaptados às circunstâncias e com bom senso não sermos sogros ou pais que pesam aos filhos, filhos que pesam aos pais, amigos que pesam a amigos, etc. De facto, imitando Jesus, o nosso jugo deverá ser leve...

308 O que é tido como loucura de Deus é mais sabido que os homens

I Cor 1,
17-25

Paulo coloca em oposição a proposta de Jesus Cristo e as expectativas de judeus e gregos (os primeiros exigiam milagres e os segundos – pagãos – procuravam tão só um sistema filosófico interessante). Talvez hoje existam igualmente “judeus e gregos” dos nossos tempos, incluindo algumas áreas de nós próprios. Também se procura, hoje como ontem, sinais fáceis ou simples saberes para um encontro pessoal que, por essa via, parece sempre fugir. Jesus Cristo é, para nós, esse **encontro de amor que vai além do visível e da razão**, é “o que é tido como loucura de Deus” mas “é mais sabido que os homens”.

309 Senhor, sempre te conheci como homem duro

Mt 25,
14-30

A parábola dos talentos é de uma riqueza enorme e pode ser lida de muitas formas. Fixemo-nos, na personagem do “servo mau e preguiçoso”, que se aninhou sem dar fruto no seu único talento. Notemos que ele diz ao seu deus: Senhor, sempre te conheci como homem duro. Isto é, o que esteve na base da sua inércia e da sua ineficácia foi o medo do senhor. Uma má imagem de Deus, que passe ao lado da Sua abundante misericórdia, gera retracção e falta de vida. Deixemo-nos encantar por este Deus que perdoad, encoraja e ama e veremos como **Ele (em nós) frutifica tantos talentos**.

310 | Apresentei-me diante de vós,
cheio de fraqueza e de temor

I Cor 2,
1-5

Enfatizamos a explicitação de Paulo em relação aos seus sentimentos e emoções na actividade apostólica. Ele não era o “herói de Cristo”, sem mácula e sem dúvidas, mas o ser frágil que se faz forte pela esperança e não pela impecabilidade. “Não me apresentei com sublimidade de linguagem ou sabedoria”, diz Paulo, como que dizendo, a todos nós, que para se ser apóstolo não é preciso dons extraordinários mas antes **humildade e confiança**, fé num Deus que é amor que se quer revelar a todos, também por via de cada um de nós.

311 | O Senhor é bondoso e compassivo,
lento para a ira e cheio de amor

Slm
144,
8-11

Tentemos ler o salmo que hoje se reza na missa com toda a calma e profundidade. Escutemos, em particular, a conhecida frase: “O Senhor é bondoso e compassivo, lento para a ira e cheio de amor”. Neste tempo em que começam as aulas, façamos um esforço por imitar o Senhor na compassividade, na lentidão para a ira. Professores, educadores, pais, mestres, tenhamos em mente, hoje, **sermos lentos para a ira**. Na gíria diz-se, com algum humor, que vale a pena “contar até dez” antes de nos aborrecermos com alguém. Nós, cristãos, até deveríamos contar até 490... que são 70 x 7!

312 | As multidões (...) tentavam retê-Lo

Lc 4,
38-44

Depois de curar a sogra de Simão e muitos doentes que, sabendo de tal, se aproximaram d’Ele, Jesus retirou-Se para um lugar solitário. Fica, para nós, este primeiro ensinamento de Jesus que, sendo Deus, não prescinde de um espaço mais retirado para reencontro com o Pai, para restabelecimento de forças e de propósitos. A multidão quis retê-Lo (possuir Deus) mas Ele retirou-Se para anunciar noutras cidades. Pensemos na nossa vida e nas vezes em que queremos reter, quer Deus, quer outras pessoas que, muitas vezes, não deixamos livres. **Amar**, de facto, pode ser **partir ou deixar partir...**

313 ...mas, porque Tu o dizes, lançarei as redes

Lc 5,
1-11

A experiência de Simão com Jesus, no contexto de uma pesca, é relatada no Evangelho que hoje lemos. Observemos com atenção este discípulo que lança as redes ao mar, não obstante ter feito muitas tentativas anteriores sem qualquer proveito. Está em causa persistir, obedecer, arriscar, amar sem ver de imediato os frutos. Os resultados desta atitude são óbvios: abundância de peixe, chamamento de Jesus, vida cheia, vida eterna. Numa palavra: tudo... quando seria de pescar pouco ou nada. Saibamos nós também **lançar as redes** (amar) mesmo quando a luz é pouca, tão só porque este Jesus de Nazaré, nosso Amigo, o solicita. Gozemos depois a abundância de peixe, a abundância de vida...

314 Todos nos devem considerar.
servos de Cristo e administradores

I Cor 4,
1-5

A carta de S. Paulo aos Coríntios apresenta-nos ideias interessantes não só para o nosso “ser apostólico” como também para a vida de cada dia. **Ser administrador** (e não possuidor) das coisas, das instituições e até das pessoas é um excelente projecto de vida. Há Pais que possuem os filhos em vez de “os administrarem”, há párocos que possuem os recursos e os serviços de uma paróquia, em vez de os administrarem, há pessoas que possuem o dinheiro, em vez de o administrar, há patrões que possuem as empresas, em vez de as administrarem. Há homens que possuem mulheres e vice-versa. Há quem possua a vida, em vez de a administrar...

315 Que possuis que não tenhais recebido?

I Cor 4,
6b-15

Paulo adverte os Coríntios, confrontando o seu estilo de vida com as propostas de Cristo. Continuemos a saborear os ensinamentos do apóstolo e levá-los para a nossa vida. Pergunta Paulo: Que possuis que não tenhas recebido? De facto, tivéssemos nós consciência disto e subia em flecha a **qualidade da nossa generosidade**. Ao dar uma esmola, por exemplo, não estamos a dar nada mas tão só a retribuir. Santo Inácio reforça esta mesma tónica na conhecida expressão “Vós mo destes, a Vós, Senhor, o restituo”.

316 Vós protegeis e alegrais os que amam
o vosso nome

Slm 5,
5-12

Destacamos o último verso do salmo cinco: “Vós protegeis e alegrais os que amam o vosso nome”. Amar o nome de Deus é escolher o amor em primeiro, antes da razão, da lógica, da percepção total ou até escolher o amor antes mesmo da própria vida. O que acontece a quem “ama o amor”? Duas palavras chave ressaltam daquele verso: protecção e alegria. É natural que a vida nos ofereça momentos em que nos sentimos desprotegidos ou tristes. Saibamos viver esses momentos, sem deles fugir mas sem nelas nos escravizarmos, “saltando” para **acreditar no amor**.

317 O Senhor ama o Seu povo

Slm
149,
1-9b

“O Senhor ama o Seu povo”, cantamos no refrão do salmo. Que é este Senhor, este Deus de onde vimos, para onde vamos e de quem somos? A Bíblia diz-nos que é um Senhor, O Senhor, que ama! Toda a história da salvação é esta revelação do Seu amor, que assume particular evidência no nascimento, na vida, na morte e na ressurreição de Jesus. A pergunta interior que poderemos fazer é esta: quem é o Senhor em quem acredito. Arredemos do nosso coração (e assim da nossa vida) “o senhor... que castiga”, “o senhor...que julga”, “o senhor que condena” e aproximemo-nos do “Senhor que ama o Seu povo”.

318 Amai os vossos inimigos

Lc 6,
27-38

Poucos duvidam que a leitura da passagem de Lucas que lemos congrega a mais difícil (mas também a mais original) “empreitada cristã”. Tentemos progredir na vida concreta de cada um e tomemos como lema uma das frases do texto: “**Amai os vossos inimigos**”, “fazei bem aos que vos odeiam”, “abençoi os que vos amaldiçoam”, “orai por aqueles que vos injuriam”, “a quem te bater com uma face, apresenta-lhe a outra”, “a quem te levar a capa, deixa-lhe também a túnica”, “ao que te levar o que é teu, não reclames”.

319 Tira primeiro a trave da tua vista

Lc 6,
39-42

É típico do ser humano ser mais acutilante e crítico para os outros do que para si próprio. São inúmeras as vezes, porém, em que criticamos nos outros aquilo que, de forma mais ou menos subtil, também fazemos. O Evangelho lembra-nos a grandeza da auto-conversão. Não se trata, obviamente, de nos centrarmos em nós mas sim de sermos capazes de parar, de **reflectir sobre nós**, de nos rasgarmos. Só assim, conhecendo-nos a fundo e gostando francamente de nós próprios, poderemos amar os irmãos. As “fugas para a frente”, passando ao lado do que somos, mesmo à sombra de bandeiras religiosas, será sempre inconsistente...

320 Quando vos reunis para comer a ceia do Senhor, esperai uns pelos outros

I Cor
11, 17-
26

S. Paulo exorta os seus irmãos de Coríntio à unidade. “Esperar uns pelos outros” é uma expressão plena de significado, que vale para a eucaristia e não só. Um pedagogo numa assembleia sabe que deve nivelar o seu discurso pelo último dos presentes, isto é, falar para que todos entendam. Também os nossos passos na fé devem ser passos numa comunidade onde **“uns esperam pelos outros”**. Não que todos tenham passos iguais ou mesmo que estejam no mesmo ponto, mas há que caminhar como “gente que se ama”, que se incentiva, que se compreende e que espera reciprocamente.

321 Eu te ordeno: levanta-te!

Lc 7,
11-17

As palavras de Jesus para um jovem que estava no caixão são sinal forte de um Deus que enviou o Seu Filho para dar vida, para vencer a morte. Pensemos na nossa morte, não só naquela que nos espera mais radicalmente e diante da qual podemos ter legítimos receios mas também daquelas “pequenas ou grandes mortes” do dia a dia. Quando seguimos no nosso “caixão quotidiano”, entristecidos ou desorientados, connosco próprios ou com os outros, Alguém nos diz com muita compaixão: **“Eu te ordeno: levanta-te!”**.

322 Se não tiver caridade, nada sou

I Cor
13, 2-
13

A epístola de Paulo aos Coríntios que hoje lemos é verdadeiro hino da caridade. O termo caridade foi algo desgastado ao longo da história e não é muito querido, por exemplo, entre a juventude. Na realidade a sociedade confunde muitas vezes a caridade com a “caridadezinha”, versão perversa de gestos avulsos e distantes, mais focados nas necessidades de salvação própria e na imagem social do que nas necessidades reais dos outros. Saibamos nós, com a graça de Deus, sermos verdadeiros instrumentos da **caridade** de que nos fala Paulo: **fresca, airosa, autêntica e renovada**.

323 A tua fé te salvou, vai em paz

Lc 7,
36-50

Simão era um homem bom que recebera Jesus em sua casa. Este discípulo não tinha ainda aprendido o alcance da missão de Cristo. Incomodou-se com a consideração dada à mulher pecadora, chocou-se com a infinita misericórdia de Deus, manifestada pelo Seu filho. Este Deus que amamos não tem limites no Seu perdão! Mais ainda, alegra-se particularmente quando alguém desavindo regressa à esfera do amor. E nós, alegramo-nos sempre com os sucessos e as oportunidades dadas a todos, particularmente aos mais errantes? Somos capazes de pedir perdão, enquanto homens e mulheres pecadores? Se assim fizermos, ouviremos no coração as palavras sublimes ditas àquela mulher: **“A tua fé te salvou, vai em paz”**.

324 Se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa fé

I Cor
15, 12-
20

A frase de Paulo aos coríntios “Se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa fé” é bem conhecida dos cristãos e mote de muitas pregações e escritos espirituais. Propõe-se, hoje, uma ligeira mudança no sujeito da frase, ainda que só pela graça da ressurreição de Cristo tal seja possível: “se eu não ressuscito é estéril a minha fé”. Esta frase, traduzida em vida, significa um claro respeito pelas minhas lágrimas, pelas minhas tristezas e pelas minhas “mortes”, mas um olhar sobre o horizonte, mais do que para os próprios pés cansados. **Ressuscitar é recomeçar!**

325 | *Humildade, paciência e mansidão*

Ef, 4,
1-7. 11-
19

A epístola de São Paulo aos Efésios que hoje lemos aborda a questão da unidade e da consciência de Igreja. Mais do que os templos, a instituição ou a hierarquia, a Igreja, é, como sabemos, o **povo de Deus que caminha na fé**, constituindo um Corpo cuja cabeça é o próprio Cristo. Os membros deste corpo devem obedecer aos “comandos” da cabeça e não podem furtar-se a uma harmonia com os restantes elementos, Humildade, paciência e mansidão” são imprescindíveis. Estas virtudes, porém, não devem ser confundidas com ausência de um construtivo e oportuno espírito crítico.

326 | *Não há nada secreto que não venha a ser conhecido à luz do dia*

Lc 8,
16-18

Os códigos sociais em que vivemos, levam-nos, muitas vezes, a omitir aspectos importantes relativos a dimensões positivas ou negativas do nosso quotidiano. Percebem-se algumas protecções que gerariam escândalo ou ofenderiam a modéstia. **Mas porque não hão-de outros saber**, se for oportuno e construtivo, que a minha família está numa situação económica mais débil, que o meu filho não entrou, de facto, no curso em que queria, ou que a minha filha estava grávida quando casou? Ou que gasto uma hora por dia a visitar presos, ou que me desfiz de uma peça em ouro para ajudar alguém, ou que todos os dias “encaixo” o mais bizarro comportamento da minha sogra? De facto, “não há nada secreto que não venha a ser conhecido à luz do dia”.

327 | *Dai-me entendimento para guardar a vossa lei*

Slm
118,
1-44

O salmo que rezamos é um incentivo ao seguimento do caminho do Senhor. Sabemos, porém, que, para O seguir, não basta só querer. Seguimos o Senhor connosco próprios e, sem nos conhecermos, não seremos capazes de amar. Diz pois o salmista: “Dai-me entendimento para guardar a vossa lei”. Não basta a lei, é preciso entendimento para encarnar a lei. Dito de outra forma, há que ter “conhecimento interno de si mesmo” para progredir na graça. Nunca é de mais insistir nesta personalização da caminhada cristã, até porque muitas histórias sob a capa do religioso podem ser histórias tristes de mero voluntarismo, onde se enforma uma ascética moralista, independente da **especificidade complexa mas maravilhosa de cada um**.

328 Qual deles seria o maior

Lc 9,
46-50

Ser o “maior” é uma expressão (e uma intenção) bastante actual na linguagem contemporânea. Existem ainda algumas verbalizações e linhas de acção equivalentes como “ser o primeiro”, “ser o melhor”, ou ainda “ser campeão”. Estes desejos são intrínsecos ao homem, atravessam toda a história e estão presentes nos nossos dias. A “competição connosco próprios”, aliás, é uma virtude indispensável ao crescimento. O que Jesus vem propor é um critério para se ser maior. Um critério novo: ser criança, ser pequeno, servir. **É com essa humildade que podemos ser “grandes”...**

329 Não leveis bolsa nem alforge nem sandálias

Lc 10,
1-12

Nas sugestões de Jesus para o estilo apostólico dos Seus enviados, há um traço comum que podemos reter: a vida apostólica – a nossa vida – é uma vida que deve ter marcas de despreocupação. “Não leveis bolsa nem alforge nem sandálias”. Este “improviso de vida”, contrasta com os hábitos modernos de calculismos, necessidades e burguesias imensas. Contraste-se esta confiança com as bagagens que fazemos, onde, muitas vezes, nem o termómetro esquecemos... Saibamos, hoje, **andar sem sandálias**, libertos do que não importa, livres para o essencial, que é amar!

330 Ensinai-me o bem, o discernimento e a ciência

Slm 118,
66-91.
125. 130

Os Salmos têm uma componente forte de petição, de súplica. Pedir, a Deus como aos homens, é uma condição para nos ligarmos, para nos situarmos no amor. No entanto, há várias formas de pedir: há formas de pedir manipuladoras ou instrumentalizadoras que, em certo sentido, não atendem à pessoa a quem se pede. Um dos nossos vícios, particularmente com Deus, é transformar o legítimo e importante “pedir”, na degradante e provisória “pedinchice”. Mais do que “pedinchar” coisinhas de superfície, peçamos o conhecimento interno de nós, **para que saibamos lidar com tudo aquilo que nos sucede...**

331 Quem é o meu próximo?

Lc 10,
25-37

A réplica do doutor da lei, quando Jesus invocou o antigo mandamento (“...e ao teu próximo como a ti mesmo”) é uma pergunta que devemos colocar a nós próprios continuamente: **“Quem é o meu próximo?”**. Na teoria, conhecemos já a resposta, sabiamente transmitida por Jesus na parábola do bom samaritano. Mas, na prática, quantas vezes nos esquecemos dos nossos próximos? Quantas vezes estamos envolvidos em heróicas missões apostólicas e esquecemos os que vivem em nossa casa, no nosso bairro ou no nosso trabalho, precisando de nós?

332 Marta atarefava-se com muito serviço

Lc 10,
38-42

“Atarefar-se com muito serviço” é uma atitude que Marta teve e que encaixa bem nos padrões da vida de hoje. No trabalho, **atarefamo-nos com muitos assuntos** e podemos deixar ao lado um colega que precisa de nós. Em casa, arrumamos louça e decoramos, limpamos e cozinhamos, e podemos distrair-nos face aos que moram debaixo do mesmo tecto. A educar, arranjamos múltiplas actividades, atarefamo-nos em programas e perdemos qualidade na relação com os mais novos. Na organização do tempo, enchemos a nossa agenda com pouco tempo para Deus. Atarefamo-nos no trânsito sem contemplar a luz do dia ou a beleza da noite.

333 Mas depois deles chegarem retirava-se e mantinha-se à parte

Gal 2,
1-2, 7-
14

Lemos, na epístola de S. Paulo aos Gálatas, a narração de um diferendo entre Paulo e Pedro. Judeus e gentios eram tratados diferentemente na comunidade cristã de Antioquia, o que para Paulo (e bem) era motivo de censura, por não ser conforme o Evangelho. As “capelinhas” não são, pois, apenas um desvio criado ao longo da História. Também as primeiras comunidades se confrontaram com esse problema. Como Paulo, estejamos prontos a denunciar tratamentos diferenciados nas nossas comunidades, sejam eles relacionados com a raça, a cultura ou a proveniência social. **Só podemos denunciar se vivermos a unidade**, se não nos “retirarmos e mantivermos à parte”.

334 *E jamais se esquecerá da Sua aliança*

Slm
110,
1-6

Destacamos do salmo a profecia de que o Senhor jamais se esquecerá da aliança que fez com a humanidade. É bom termos fé num Deus que não se esquece de nós, que não se esquece da aliança que conosco fez. O que pode turvar um pouco esta convicção é não focar bem que aliança é esta. Não é a aliança da varinha do condão segundo a qual tudo corre “benzinho”. A Sua aliança é a de construir um mundo novo, por Ele, com Ele e n’Ele. Nesta aliança, neste pacto de vida, podemos apostar. **Deus jamais se esquecerá de cada um de nós!**

335 *Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher*

Gal 3,
22-29

São Paulo comunica aos Gálatas a verdadeira mensagem de liberdade. **Uma liberdade que “vem de dentro”** e que pode ser vivida mesmo sem a total liberdade mais exterior. A liberdade interior é cúmplice do Amor, que considera todos dignos de atenção. Como Paulo, bem que podemos dizer que não há ucraniano nem português, não há africano nem europeu, não há criados nem senhores, não há homem nem mulher. Todos somos um só em Jesus Cristo e podemos viver “como um”.

336 *Nem a circuncisão nem a incircuncisão têm qualquer valor, mas só a fé, que actua pela caridade*

Gal, 4,
31b; 5,
1-6

As palavras de Paulo aos cristãos da Galácia podem ser transportadas para os nossos dias e fazer eco dentro do coração de cada um: “nem a circuncisão nem a incircuncisão têm qualquer valor, mas só a fé, que actua pela caridade”. Perguntemos a nós próprio que “circuncisões”, **que tradições valorizamos mais do que a fé?** Que ritos? Que nomes de família, que modas, que sonhos curtos, que hábitos ou regras, valem, para nós, mais do que a fé, “que actua pela caridade”?

*Ai de vós (...) porque impondes aos homens fardos
insuportáveis e vós próprios.*

Lc 11,
42-46

337 *nem com um só dedo tocais nesses fardos!*

As palavras de Jesus aos doutores da lei, podem servir como espécie de “recado interno” para cada um de nós, enquanto educadores, enquanto construtores sociais e enquanto Igreja. Por vezes, pressionamos filhos, alunos, cidadãos, cristãos, **forçando a carga de um fardo que se torna pesado** e duro e que, muitas vezes, não ajudamos a carregar. Pelo contrário, há que propor aos outros um “fardo que é leve”, o próprio Jesus. Não se trata de caminho fácil, mas sempre libertador, em que uns se ajudam aos outros. Propor fasquias altas e não avaliar se podem ser transpostas ou não ajudar a subir, é um presente envenenado.

A graça e a paz de Deus, nosso Pai, e de Jesus Cristo,

Ef 1, 1.
3-10

338 *nosso Senhor, estejam convosco*

A carta que Paulo escreve aos cristãos de Éfeso começa com todo um conjunto de louvores a Deus e encorajamentos. Paulo dirige-se ao Povo do Senhor para animar, para entusiasmar, para em conjunto contemplar a Deus. Revejamos as nossas motivações, quando nos dirigimos aos outros, por carta, pessoalmente, privada ou profissionalmente: temos esta **preocupação de animar, de “puxar para cima”**, ainda que criticando ou denunciando, ou temos mais tendência para “cascar”?

339 *Lembrando-me de vós nas minhas orações*

Ef 1,
15-23

Das várias riquezas propostas na liturgia destaquemos um pormenor das palavras de Paulo, que pode ajudar a melhorar a nossa oração. Diz o apóstolo que se lembra dos seus irmãos de Éfeso nas suas orações. Imaginamos, pois, que as orações deste discípulo de Jesus estejam repletas de invocações que envolvam os outros. Na verdade” para que o Espírito Santo nos ensine o que havemos de dizer (o que havemos de rezar), podemos e devemos envolver-nos a nós próprios, pedindo ajuda, precisamente, para que, **rezando e vivendo, nos lembremos dos outros**.

A vida de uma pessoa não depende
340 da abundância dos seus bens

Lc 12,
13-21

A parábola que Jesus hoje nos apresenta é um desafio ao nosso despreendimento. Parece universal a tendência que temos para acumular bens. Não só os bens materiais, mas também outros bens, como as honras, os sucessos e até os afectos. Para nós, todos estes bens são para “devolver” a Deus, através dos nossos irmãos. Jesus, na sua parábola, confronta o agricultor que acumulara num gigantesco celeiro com a contingência da sua própria vida. Ele mesmo nos dá o tom para a melodia que não se baseia em acumular: **“tornar-se rico aos olhos de Deus”**.

341 Tende as lâmpadas acesas

Lc 12,
35-38

O Evangelho que lemos fala da vigilância, pela boca de Jesus, que nos apresenta uma bela parábola. Andar de rins cingidos e de lâmpadas acesas é estar no amor para, assim, estar pronto para o encontro com o amor. A nossa vigilância não é de medo mas de libertação! Acender a lâmpada é amar quando se acorda, amar quando se toma banho, amar quando se diz “bom dia”, amar quando se trinca uma torrada. É amar quando se sofre e amar quando se vive uma alegria. **É amar sempre!**

342 O Senhor é a minha força

Is 12,
2-6

O salmo que rezamos é extraído do livro de Isaías. O profeta evidencia as raízes da sua fé dizendo **“o Senhor é a minha força”**. Todos nós, por vezes, temos falta de forças. Podemos ter falta de força física numa doença ou numa dor corporal. Mas podem ser faltas de força espiritual, falta de ânimo, falta de coragem para sermos pacientes com os nossos irmãos. Termos “falta de forças” é, para nós, à luz da fé, um pretexto e um convite para nos virarmos para a “força das forças” que é o próprio Deus, nossa esperança.

343 Procedei com toda a humildade, mansidão e paciência Ef 4,
1-6

Boa “dica”, aquela que Paulo nos sugere para o nosso procedimento: **humildade, mansidão e paciência**, são os três ingredientes de um menu de bom sabor. Sem desprezar as emoções e a própria faculdade de errar, que emerge da liberdade que Deus nos dá, basta sustentar a nossa conduta nestes três pilares, para saborear a vida. Humildade para nos aceitarmos a nós próprios, mansidão para nos pacificarmos a nós próprios e aos outros e paciência para esperar no amor... o amor que sempre vem!

344 Maridos, amai as vossas esposas Ef 5,
21-33

Destacamos uma frase de S. Paulo, que pode ser luz para as famílias. A par dela há uma outra, que pode não ter sentido se for descontextualizada dos códigos culturais da época: “As mulheres devem em tudo submeter-se aos seus maridos”. A muitas mulheres cristãs e não só, importa gritar o contrário e promover a sua felicidade, que se pode esconder debaixo de uma submissão escravizante. O caminho cristão para o conseguir passa por um amor que contempla a cruz mas que não pode deixar de espreitar a liberdade. Paulo profere estas palavras no contexto social e familiar da época, onde a promoção da mulher era duvidosa, como o é, infelizmente, ainda, em alguns cantos do mundo. Mas temos no texto aos Efésios um bom lema para muitos de nós: «**Maridos (acrescentemos “e mulheres”) amai as vossas esposas (acrescentemos “e os vossos esposos”)**».

345 Não façais nada por rivalidade nem por vanglória Filp 2,
1-4

As palavras de Paulo aos Filipenses são incentivo a uma reflexão sobre as causas profundas dos nossos actos. Pode repugnar-nos a nós próprios mas, possivelmente, fazemos muita coisa por rivalidade e por vanglória. O Evangelho converge também para uma certa purificação dos nossos actos. Jesus diz-nos para não vivermos na mira da retribuição. Às vezes não é fácil mas a gratuidade do amor passa, de facto, por **dar sem esperar receber**. Neste sentido, a expressão “mal-agradecido” pode ser banida da nossa “gramática espiritual”.

346 *Feliz de quem tomar parte no banquete do reino de Deus*

Lc 14,
15-24

Jesus relata à mesa a parábola do banquete. As escusas que muitos apresentaram afastaram-nos do reino de Deus. Nós somos os “pobres, cegos, aleijados e coxos” para quem sobra a refeição. Mas somos também, por vezes convidados com muitas desculpas, que nos repelem do banquete. Quais os campos, as “juntas de bois” e os casamentos que nos afastam do Senhor? **Que obstáculos** nos impedem de tomar parte no pacífico e alegre banquete de Deus?

347 *Quem não tomar a sua cruz para vir após Mim, não pode ser Meu discípulo*

Lc 14,
25-33

Sabemos o quanto tem pouco futuro confundir os nossos projectos e expectativas com um mundo cor de rosa, sem sacrifício e sem luta, que, afinal (graças a Deus) não existe! A sugestão de preparação para a vida, feita por Jesus na parábola relatada por Lucas, vale, na realidade, para todos os homens e mulheres deste tempo. O engenheiro faz os seus cálculos antes das obras e o rei militar conta armas antes da guerra. Nós, somos convidados a **fazer os nossos cálculos e preparar a nossa batalha do amor**. A conta para a empreitada da felicidade dá como resultado muitas cruces a levar, mas faz-se a prova inversa e a prova dos nove, isto é, experimenta-se, e verifica-se que a conta está certa: é possível uma vida cheia!

348 *Este homem acolhe os pecadores e come com eles*

Lc 15,
1-10

A nossa faceta de fariseus e escribas também se escandaliza com os pecadores. Olhamos os outros e julgamos a sua vida colocando-nos com toda a leviandade do lado dos bons. A parábola da ovelha perdida é um convite para um outro olhar. Cada pessoa “desalinhada” social, afectiva, física ou religiosamente (que podemos ser nós mesmos) não é mais do que uma ovelha perdida, muito amada por Deus. Uma das coisas bonitas que o pastor faz à ovelha perdida é nada lhe perguntar sobre o seu passado: **apenas se alegra com o seu regresso...**

349 | Detiveram-se os nossos passos,
às tuas portas, Jerusalém

Slm
121,
1-5

Os leitores menos novos reconhecem o salmo que hoje lemos numa canção muito frequente há uns anos nas celebrações litúrgicas. Além da mensagem óbvia da alegria que está implícita nestas palavras, há uma outra, mais subtil, que podemos depreender. Refere-se à “**paragem**” que podemos fazer às portas de Jerusalém, ao “travão” que somos convidados a accionar diante das maravilhas de Deus. De facto, numa vida de correria louca e de activismo, há que parar (ver, contemplar, saborear) diante do templo. E o que é o templo, para nós? Qual a nossa Jerusalém? Em Jesus Cristo, esta cidade do Senhor é indubitavelmente o rosto de cada pessoa que connosco se cruza!

350 | Porque o templo de Deus é santo,
e vós sois esse templo

I Cor 3,
9b-11.
16-17

Cada pessoa humana que connosco se cruza é o templo do Senhor. As palavras de Paulo aos Coríntios vão nesse sentido, desta vez convidando-nos a reflectir sobre nós próprios, enquanto templos de Deus: “Porque o templo de Deus é santo e vós sois esse templo”. Sendo templo de Deus, poderei não me perdoar? Sendo templo de Deus, poderei não descansar e não tratar do meu corpo? Sendo templo de Deus, poderei gastar tempo sendo palco de maledicência? Sendo templo de Deus, não deverei ser um **sinal vivo da Sua paz?**

351 | Se te ofender sete vezes num dia (...) tu lhe perdoarás

Lc 17,
1-6

A carga do número sete nos textos bíblicos é forte. Sabemos que, em certo sentido, “sete” é quase sinónimo de “sempre”! Na pessoa de Jesus, mais importante do que o pecado, é o perdão. Dito de outra forma, o pecado, bem real e plasmado na vida dos homens, serve para chegar a Deus, por via do perdão. O perdão de Deus, por sua vez, não prescinde do nosso arrependimento em liberdade. Maior do que a tristeza que Deus sente com o nosso pecado é **a Sua alegria com o nosso arrependimento**. E nós, com os nossos irmãos que nos ofendem e se arrependem, comportamo-nos assim?...

352 Somos inúteis servos:
fizemos o que devíamos fazer

Lc 17,
7-10

Colocarmo-nos como “servos inúteis” pode parecer um tanto radical e até violento. O significado destas palavras, porém, é de crucial importância na nossa vida espiritual. Se não tivéssemos consciência de que tudo é graça, se não devolvéssemos a Deus os frutos da nossa caridade, se não ligássemos a Jesus Cristo o fundamento dos nossos actos, estaríamos, tão só, cheios de nós próprios. Não seríamos nem servos ... **nem úteis!**...

353 Não digam mal de ninguém, não sejam conflituosos,
mas pacíficos

Tit 3,
1-7

As palavras de S. Paulo apontam para as virtudes sociais a empreender. As atitudes, porém, só se explicitarão se forem suportadas interiormente, uma vez que só um coração misericordioso pode conduzir à pacificação das relações. Para crescermos interiormente tenhamos em atenção aquilo a que os psicólogos chamam “**efeito espelho**”. Quando, usando as palavras de S. Paulo, dizemos mal de alguém, estamos a ver nesse alguém aspectos que explícita ou implícitamente não gostamos em nós próprios. Para isto, pode servir a crítica: acho-o vaidoso? E eu, que aspectos de mim têm a ver com a vaidade? Acho-o ganancioso? E eu? Acho-o fútil? Que aspectos em mim têm a ver com futilidade? Acho-o orgulhoso? E eu? E eu?

354 O reino de Deus está no meio de vós

Lc 17,
20-25

Jesus é confrontado com o desejo, por parte dos homens do seu tempo, de um reino de Deus visível, fácil, e mágico. As suas palavras “o reino de Deus está no meio de vós” revelam o caminho que somos convidados a percorrer. O reino de Deus está dentro de nós próprios e entre nós e os outros. Dito de outra forma, o meu encontro pleno, a concretização da minha fé, passa pelo amor aos irmãos. É aqui, **entre nós**, que eu procuro o reino de Deus?

355 Abri, Senhor, os meus olhos

Slm
118,
1-18

Dos versos ricos do salmo foquemo-nos no penúltimo: “**Abri, Senhor, os meus olhos**”. A raiz do nosso pecado, de facto, está nos nossos olhos: quando pensamos só em nós, não estamos a ver o amor de Deus por nós, que nos leva a amar também os irmãos. Quando estamos pessimistas, estamos cegos para ver as maravilhas de Deus, que se escondem na natureza e na nossa própria história. Quando criticamos causticamente os outros, sem misericórdia, não estamos a ver um filho de Deus, nosso irmão em Jesus Cristo. Quando deixamos o mundo como o encontramos, sem dinamismo, sem correcção fraterna, sem obra, não estamos a ver a nossa missão de co-construtores do reino de Deus.

356 Devemos, portanto, ajudar esses homens, para sermos cooperadores da verdade

III Jo,
5-8

A epístola de S. João incita-nos à atenção aos nossos próximos, aos cuidados concretos a ter para com os outros. É interessante a relação feita pelo autor do texto entre a caridade aos irmãos e a própria verdade. Todos nós procuramos “a verdade”. É muito natural que pensemos, elaboremos e filosofemos sobre a verdade. A leitura conduz-nos àquilo que já vamos experimentando: que a adesão à verdade, que é Jesus Cristo, não é primeiro da ordem da razão mas sim da vida. **Ama-se e compreende-se (e não o contrário)**. Nas palavras de João: ajudar os homens e, assim, tocar a verdade.

357 Senhor, que eu veja

Lc 18,
35-43

O cego que pedia esmola apercebeu-se da passagem de Jesus e gritou por Ele. Pensemos nas nossas cegueiras e coloquemo-nos na pele deste homem, fazendo uma primeira pergunta: “Gritamos” por Jesus? À pergunta do mestre “Que queres que Eu te faça”, o cego responde: “Que eu veja”. E nós, e cada um de nós, quer ver? Quer **espreitar o que não vê em si próprio**? Quer parar para melhor se conhecer e melhor amar? Ou quer continuar sem ver? A correr para a frente, à toa, cego?

358 | *Senhor, aqui está a tua mina, que eu guardei
num lenço, pois tive medo de Ti*

Lc 19,
11-28

A parábola que Jesus nos apresenta é um apelo a que façamos render os nossos talentos. A nossa “forretice” material e espiritual pode resultar do medo: o medo do futuro, o medo de ficar sem nada, o medo de fazer má figura. Os dons materiais e espirituais que, de graça, recebemos são para dar... de graça. Podemos até estar de mãos vazias e limitados nas coisas que temos. Teremos sempre, porém, a **criatividade para amar**, como bem maior. Há que a fazer render...

359 | *Não é um Deus de mortos, mas de vivos,
porque para Ele todos estão vivos*

Lc 20,
27-40

Os sadoceus colocam a Jesus uma pergunta deveras difícil. Qual dos sete irmãos que casaram sucessivamente com a mesma mulher a irá “possuir” depois de morrer. A lógica e a “aritmética” dos sadoceus tem todo o sentido e é um bom ingrediente para justificar o seu cepticismo quanto à Ressurreição. Jesus apresenta-nos uma ideia diferente, que aponta para uma outra lógica e um outro quadro de referência depois da morte. Nenhum de nós sabe o que se passará mas acreditamos que esta nova vida que nos espera terá a ver com o Amor, que é o próprio Deus. Podemos experimentar um aperitivo, já nesta vida, quando estamos em união com Deus, o “**Deus dos vivos**”...

360 | *Ele nos fez, a Ele pertencemos*

Slm
99, 2-5

Destacamos do Salmo 99 um verso forte e cuja meditação nos pode fazer crescer e melhorar a nossa vida. Diz o Salmista, a propósito de Deus: “Ele nos fez, a Ele pertencemos”. Esta frase tem, pelo menos, duas focagens possíveis: uma diz respeito a nós próprios, à nossa consciência de que somos “barro nas mãos do oleiro”, que somos seu templo e, portanto, nos devemos respeitar e cuidar, no corpo e no espírito, como tal. A outra implicação, não menos importante, é que este Salmo é universal e, assim, todos os nossos irmãos são de Deus e a Ele pertencem. Filhos, cônjuges, familiares e amigos, bem como os mais distantes e até os “nossos inimigos”, **pertencem a Deus**. E se os outros não me pertencem, eu não os posso manipular!...

361 *Tende presente, em vossas orações,
que não deveis preparar a vossa defesa*

Lc 21,
12-19

Escutamos do Evangelho de Lucas os avisos de Jesus para as dificuldades e perseguições de que seremos alvo, por causa do Seu nome. Está latente uma sugestão, quase paradoxal, de **vivermos essas tribulações com alguma tranquilidade**. Podemos até não nos preocupar muito em reagir (“tende presente, em vossas orações, que não deveis preparar a vossa defesa”) já que, como diz o ditado popular “quem não deve, não teme”. Curiosos e não evangélicos são os conhecidos mecanismos psicológicos que todos temos e que nos levam a desculparmo-nos, apresentando explicações, quando ninguém nos pede. Reflectamos também, à luz do Evangelho, sobre as (por vezes excessivas) reacções institucionais que fazemos como Igreja, principalmente em nome da “moralidade” e que, tantas vezes, são só uma ajuda publicitária do que não queremos valorizar...

362 *Como são doces ao meu paladar as vossas palavras*

Slm 97,
103-
104

A leitura faz referência à doçura da palavra de Deus. De facto, se a proposta contida na Bíblia não confere doçura e sabor à nossa vida, se não é sinónimo de progresso e liberdade, então é palavra mal comunicada ou mal entendida. Se é palavra que oprime, que pesa e que constrange, não é a palavra que Deus quer passar. A palavra de Deus é saborosa (diferente de fácil), é “**doce ao meu paladar**”.

363 *Passará o céu e a Terra,
mas as Minhas palavras não passarão*

Lc 21,
29-33

Não é difícil apercebermo-nos, pela própria experiência da nossa vida, de que tudo o que é acessório e precário, passa. Tudo o que não é amor, é vaidade das vaidades. Só o amor permanece. A palavra de Deus, que é o amor encarnado, sela cada momento e dá à vida um valor eterno. O que é do amor, não passa! Por isso encham a nossa alma as palavras de Jesus com que termina o texto evangélico: “Passará o céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão”. E os nossos sonhos, e a nossa vida, são espelho do desejo de **deixar um rasto de amor...** que não passa?



MUDANÇAS

364 *Porque nos dias de jejum correis para os vossos negócios e oprimis todos os vossos servos*

Is 58,
1-9a

O convite à autenticidade e verdade dos gestos religiosos vem já do Antigo Testamento. No livro de Isaias que hoje lemos, chama-se já à atenção para a incoerência que é jejuar e **fazer penitência** sem viver uma vida de caridade, “sem repartir o pão com o faminto, sem dar pousada aos pobres sem abrigo, sem levar roupa aos que não têm de vestir e **sem voltar as costas ao teu semelhante**”. Está tudo neste texto antigo, um bom mote para o estilo de arrependimento e penitência que somos convidados a ter, para preparar a Quaresma.

365 *Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão*

Mt 5,
20-26

Determinadas relações são absolutamente difíceis. Há pessoas perto ou longe de nós que estão mesmo fechadas ao encontro connosco. Assim foi com Jesus Cristo, também. Devemos ver se podemos fazer alguma coisa para **desbloquear esses relacionamentos problemáticos** e se temos ou não responsabilidades no corte que se verificou. Em certos casos não podemos fazer mais do que já fizemos, não podemos forçar o que o outro não quer. Nestas situações a proposta de Jesus deixa-nos, ainda assim, alguns caminhos: rezar por essa pessoa, abrir o nosso coração para o caso de haver um sinal de aproximação, corresponder sem ressentimento se houver alguma solicitação a que possamos corresponder e que não ofenda a nossa dignidade nem faça de nós instrumentos manipulados de ninguém.

366 *Teu Pai, que te vê no segredo, te dará a recompensa*

Mt 6,
1-6,
16-18

Jesus fala, Ele próprio e de forma bem directa, sem usar parábolas, no modo como devemos fazer jejum e caridade. Apela a um estilo discreto em oposição ao espectáculo e às honras procuradas pelos fariseus, na prática religiosa. Uma primeira questão se nos coloca: **que vestígios tenho ainda de prática religiosa de ostentação?** Ironicamente há uma atitude pública e de exposição a que somos convidados no dia de cinzas: a de reconhecermos a nossa condição de pecadores. Vale a pena, neste particular do reconhecimento das nossas fraquezas, expor todas as limitações. É um ponto de partida fundamental para a prática discreta das virtudes cristãs.

367 *Não desprezeis, Senhor,
o nosso coração humilhado e contrito*

Slm 50,
3-4.
12-19

As palavras do salmo são apropriadas ao tempo quaresmal, em que a conversão tem um lugar especial. “Coração contrito” é uma expressão forte. A palavra contrito, significa “contraído” ou mesmo “esmagado”. Porque pode estar assim o nosso coração? Quando é que nos sentimos com um coração contrito? Muitas vezes é quando somos esmagados pelas nossas próprias faltas. Quando nos **esmagamos connosco próprios** e não abrimos o coração aos outros. O coração que ama, pelo contrário, é livre. Por isso Santo Agostinho nos diz: “ama e faz o que quiseres”. Reconheçamos o nosso coração contrito e **ofereçamo-lo ao Senhor**. Ele não o desprezará e o tornará leve para o amor.

368 *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*

Mt 25,
31-46

Quaresma é tempo de conversão, de oração, de revisão de vida. Estes três aspectos estão intimamente ligados, uns reforçam os outros. Parar faz-nos rever a vida que, olhada com “Jesus ao lado a ver também”, constitui uma boa oração. A conversão ao amor ajuda a oração e é ajudada pela oração. Às vezes queremos amar o próximo e não conseguimos e por vezes os “próximos mais próximos” tornam-se os mais difíceis de amar. Tomemos consciência das **relações que podem melhorar** e peçamos ao Senhor que nos ajude a amar quem está ao nosso lado. Jesus, Ele próprio no-lo diz: “O que fizerdes a cada um destes mais pequeninos, é a mim que o fazeis”.

369 *Proponho-vos a vida e a morte, a bênção e a maldição*

Deut
30, 15-
20

As palavras de Moisés extraídas do livro do Deuterónimo colocam a ênfase em dois contrários que sempre existiram e estão no centro da nossa vida: de um lado, a **morte**, a auto-suficiência, os vários deuses que tomamos para “tudo” e que não são o amor. Do outro lado, a **bênção** e o cumprimento do mandamento do amor. Tomemos consciência desta **dualidade** que, como diz Moisés, sempre está diante de nós. Esforcemo-nos por escolher os caminhos de Jesus e gozemos a felicidade que daí espregueia. Mesmo que, para tal, seja preciso tomar a nossa cruz.

370 | Amai os vossos inimigos e amai
aqueles que vos perseguem

Mt 5,
43-48

A originalidade cristã tem o seu cerne num amor mais ousado do que ser “amigo do seu amigo”. Jesus insiste, na passagem belíssima de Mateus, que Deus faz nascer o sol sobre bons e maus, pelo que a nossa amizade (que não é subserviência) deve tocar aqueles com quem não simpatizamos. Amar os inimigos não é um mandamento a cumprir sem quaisquer frutos. Do amor por aqueles que não nos são tão agradáveis pode resultar a abertura dos seus corações e resulta, com toda a certeza, a nossa própria aproximação a Deus, Pai de **todos os homens**. Procuremos identificar pessoas que não têm merecido a nossa amizade e procuremos contrariar a nossa tendência de indiferença, sorrindo sinceramente àqueles que algo têm contra nós.

371 | Pai nosso

Mat 6,
7-15

O Evangelho oferece-nos hoje a importante oração que Jesus nos deixou. Esta oração é rezada por todas as denominações cristãs e constitui, em si própria, uma oração ecuménica. Uma das “técnicas” de rezar o Pai Nosso (como outras orações) é fazê-lo paulatinamente, muito devagar e “mastigando” cada frase no nosso coração. Pode mesmo passar-se um dia inteiro com uma só frase. Propomos isso mesmo para hoje, tendo presente, apenas, “**Pai Nosso**”. Sabemos das consequências de esta frase não ser “Pai meu”, uma vez que se o Pai é nosso, é meu e de outros, assim constituídos meus irmãos. Se o Pai é nosso e não meu, hoje, tratarei todos os outros como irmãos.

372 | Tudo está consumado

Jo 19,
28-37

Jesus na cruz sofre o abandono e a dor. Ele sabe, porém, que “tudo está consumado” e que, assim, se oferece aos homens e cumpre a vontade do Pai. Em Portugal, a festa das cinco chagas de Jesus têm grande tradição e significado. Sabemos que esta experiência crucial de Jesus não serve para “termos peninha d’Ele” mas para, de olhos postos na ressurreição, cantarmos a Sua vitória sobre o sofrimento e a morte. Neste dia, tentemos **cicatrizas as nossas feridas na ressurreição de Jesus**: os nossos contratempos e as nossas dores, do corpo e da alma.

373 Quando Vos invoco, sempre me atendeis, Senhor

Slm
137, 1-
3. 7c-8

A vida de oração de um cristão, porque é uma relação com a pessoa de Jesus Cristo, pressupõe a petição. **Pedir** é uma atitude fundamental em qualquer relação, embora pressuponha humildade. Quem acha que tem tudo, é auto-suficiente e não pede. É altura de nos perguntarmos quantas oportunidades perdemos de pedir a algumas pessoas um conselho, um apoio e uma ajuda? Quantas vezes o nosso orgulho nos faz desperdiçar preciosas colaborações? E quantas vezes desperdiçamos a oportunidade de pedir Àquele que sempre dá, que sempre nos abre a porta? Pedir a Deus com um coração puro é certeza de receber. Basta só não manipular, pedir “o que for melhor para mim e para os outros”, pedir “**passando um cheque em branco**”. A quem pedir assim, ser-lhe-á dado.

374 Quem entre vós quiser tornar-se grande, será vosso servo

Mc 10,
32-45

Perante o anúncio da paixão de Jesus, feita pelo próprio Cristo, Tiago e João pedem ao Mestre uma “cunha”: Queriam um lugar “quentinho”, no céu, junto do Redentor. É então que Jesus aproveita para fazer uma clarificação importante aos discípulos e a nós próprios: os primeiros são os últimos, chefiar é servir. Todos nós, em casa, no trabalho, na paróquia, na vida política e social, podemos ter lugares de chefia. Interpretemos e vivamos essas missões de responsabilidade neste sentido cristão: que, para nós, pequenas ou grandes **chefias não sejam promoções mas sempre serviço aos irmãos.**

375 Não te digo sete vezes mas até setenta vezes sete

Mt 18,
21-35

É esta dimensão radical de perdão que constitui marca cristã. Perdoar setenta vezes sete significa perdoar infinitas vezes. Este precioso e original convite de Jesus significa, para cada um de nós, um enorme dom de liberdade, já que perdoar é ser livre. O cerne do perdão está no não ressentimento, está na oportunidade que continuamos a dar ao outro que nos ofendeu. Quem perdoa pode repreender ou até punir. Exteriormente, pode até ser duro ou tanger a violência, mas no coração de quem perdoa, como no de Jesus, há espaço para **(re)acolher quem se quiser aproximar.**

376 Eles dizem e não fazem

Mt 23,
1-12

A maioria dos nossos pecados, dos pecados da Igreja, têm a ver com a incoerência entre a palavra e os actos. É esta incoerência, também, a responsável pelo afastamento de muitas pessoas da Igreja que observam nos seus fieis (nós) duas medidas: de um lado, as palavras piedosas e “santas”, do outro lado, uma vida quotidiana sem marca cristã. “Eles dizem e não fazem”, diz Jesus sobre os fariseus, prevenindo-nos para não enveredarmos por esse caminho. Não pensemos que esta mensagem é para os outros mas reconheçamos “zonas farisaicas” na nossa vida e na nossa Igreja. Sabemos o que queremos ser mas, tantas vezes, não somos o que queremos. Usemos de auto-crítica, de correcção fraterna e de perdão e peçamos a Deus a graça de **“fazermos o que dizemos”**...

377 Ensinai-o aos vossos filhos
e aos filhos dos vossos filhos

Deut 4,
1. 5-9

O trecho do livro do Deuterónimo termina com um apelo à educação para a fé. “Qual a nação que tem a divindade tão perto de si?”, pergunta o profeta. Com a vinda de Jesus até nós esta proximidade entre Deus e o homem toma ainda mais vigor. Passar para as gerações mais novas a ideia de um Deus que está perto de nós é nosso dever e nossa alegria. Transmitir a filhos e netos um Deus que está próximo e que não é senão o amor, é amar! Em tempo de Quaresma, de reflexão e conversão, **apostemos nos pequenos gestos de amor** que, por si, falam aos mais novos de um Deus que está próximo.

378 O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor

Os 14,
2-10

A escolha de outros deuses, que não o Senhor, pode sintetizar todo o pecado do homem. Desde Adão e Eva que o pecado de cada ser humano se resume a virar costas ao amor, a escolher outros “tudo” que não Deus. Perguntemo a nós próprios, hoje, quais os nossos principais “outros deuses”. Que carreira, que imagem, que casa, que honra nos move em vez da partilha gratuita. Peçamos a Deus a graça de (re)escolhê-Lo como Senhor, **dando-Lhe prioridade nos nossos desejos**, nas nossas apostas e nos nossos gestos.

A medida que usardes com os outros
379 será usada também convosco

Lc 6,
36-38

A nossa capacidade de perdoar nunca será equivalente à infinita misericórdia de Deus. Mas imitar o Senhor na Sua bondade e na Sua complacência pode ser motivo de grande alergia para nós. Parte das nossas irritações mais profundas advêm de ausência de perdão, em relação a outras pessoas ou em relação a nós próprios. Se estamos zangados interiormente com alguém é porque, de facto, não tentámos compreender o seu ponto de vista e, em rigor, não lhe perdoámos. Quando Jesus apela a uma medida generosa de perdão da nossa parte, prometendo igual “tratamento” de Deus para connosco, não se refere só à vida eterna: hoje e aqui, aquele que **praticar o perdão**, sentirá logo liberdade interior e, com paciência, sentirá o perdão dos outros em relação a si.

380 Todo aquele que se exalta será humilhado

Lc 18,
9-14

A parábola da oração do fariseu e do publicano é de uma actualidade sublime. Podemos confrontá-la, hoje, com a forma como **olhamos a nossa Igreja** e certas práticas religiosas com que discordamos. É muito útil termos um espírito crítico e, na hora certa e de forma construtiva, ajudarmos a edificar uma renovação sempre necessária. Estejamos atentos, contudo, a não cair na atitude do fariseu, que acha que ele é que pratica bem a sua religião e os outros a praticam mal. Saibamos **valorizar outros pontos de vista** e tenhamos como o critério dos critérios o amor recíproco.

381 ...a uma cidade da Galileia chamada Nazaré (...)

Lc 1,
26-38

A descrição da Anunciação feita por Lucas é muito concreta: refere o local preciso onde foi feito o anúncio do Anjo (Nazaré, na Galileia), o nome da virgem, Maria, o nome de seu esposo e a sua descendência: José, da casa de David. Estes aspectos introdutórios do texto da anunciação do Senhor são de importância extrema. Eles significam que o anúncio de Deus (e depois a encarnação) são realizados num local preciso da Terra, num tempo e, muito importante, numa pessoa. O nosso Deus “joga”, pois, com a realidade humana, com o nosso tempo e o nosso espaço. Que as nossas palavras e os nossos actos não falem de um deus teórico. Que as nossas palavras e os nossos actos **anunciem um Deus que se instala em cada homem**.

382 Ele ficou ressentido e não queria entrar

Lc 15,
1-3. 11-
32

A parábola do filho pródigo é muito rica e permite múltiplas abordagens para nos fazer reflectir e crescer. Centremo-nos, hoje, na pessoa do irmão do filho pródigo. A sua reacção é natural e todos nós temos um pouco da lógica deste irmão ressentido. Quantas vezes achámos injusto que aquela pessoa tão rude tivesse tantos benefícios? Quantas vezes pensámos ser injusto a saúde ou a vida fugir a “gente boa”, deixando outras pessoas “menos boas”, segundo os nossos critérios, sorrindo ao sol? Imitemos a medida do nosso Deus, um Pai generoso para todos mas mais atento ainda aos que fugiram da Sua graça. Rezemos ao Pai pródigo e peçamos-lhe para viver na sua medida, sempre **alegrando-nos com a alegria dos outros**, sejam eles quem forem.

383 O Deus de Jacob é a nossa fortaleza

Slm
45, 2-9

Podemos perguntar-nos, inspirados no salmo, **quais são as nossas fortalezas**. Há fortalezas boas e fortalezas más. As primeiras, filtram o que é mau e rasgam-se ao que é bom. As segundas estão sempre fechadas e não se abrem ao amor... o que é mau! Que fortalezas tenho que não são Deus? Que obstáculos tenho à entrada do bem na minha vida? Orgulho? Preconceito? Falta de confiança? Tentemos, neste dia, fazer de Deus a nossa fortaleza. Um “muro robusto” que não vacila, uma construção sólida que nos dá segurança, uma estrutura firme assente sobre a rocha. Um espaço com uma porta rasgada, uma fortaleza aberta com o filtro do amor...

384 Eu te formei (...) para renovar a aliança do povo

Is 49,
8-15

Qualquer ser humano pergunta a si mesmo, mais do que uma vez na vida, **“para que existo?”**, “o que faço aqui?”. Para esta questão existencial profunda, que não tem resposta definitiva mas que com a vida se vai aclarando, nos ajudam as palavras do livro de Isaías, colocadas na boca do Senhor. “Para renovar”, diz Deus. Existimos com uma missão definida, a de renovar o mundo e, jogando com a nossa liberdade e com a liberdade dos homens, fazer a nossa Terra mais conforme os desígnios de Deus e, assim, mais feliz para todos. Perguntemo-nos, sem medo: para que existo?

385 Por que razão, Senhor, se há-de inflamar a Vossa indignação?

Ex 32,
7-14

A leitura, extraída do livro do Êxodo, pode ajudar-nos a reflectir sobre a persistência e a fidelidade na adesão às coisas de Deus. É interessante, já no Antigo Testamento, Moisés não “seguir o caminho fácil” de abandonar o seu povo ou excluir os mais frágeis. Pelo contrário, Moisés insiste para que sobre os errantes caia benevolência. Esta mesma **persistência**, muitas vezes em quadros de profunda contrariedade e mesmo dor, inspirou muitos santos ao longo da história, que sempre “renovaram por dentro”, recusando o abandono fácil. Peçamos a Deus, para nós também, a coragem de levar até ao fim o nosso caminho e os nossos compromissos.

386 ... evitando andar pela Judeia, porque os judeus procuram dar-Lhe a morte

Jo 7,
1-2.
10-30

Podemos incorrer no erro de confundir doação e espírito de sacrifício com masoquismo e procura da dor. Jesus Cristo, que veio ao mundo para morrer por nós, esquivou-Se dela algumas vezes e colocou a sua inteligência ao serviço da missão profética de que estava investido. Na realidade, não tinha chegado a Sua hora. Procuremos estar preparados para suportar a dor mas não busquemos o sofrimento. Deus sabe quando nos há-de pedir maior capacidade de dar testemunho d'Ele e quando é o momento de carregarmos a nossa cruz. **Não procuremos nós antecipar qualquer drama ou contratempo**, sem ter chegado a nossa hora...

387 Senhor, meu Deus, em Vós espero

Slm 7,
2-3.
9bc-12

O refrão do salmo pode levar-nos à seguinte questão: “em quem espero eu?”. Várias respostas, que não “em Deus”, poderemos dar. Espero em mim próprio, espero neste ou naquele acontecimento, espero em que eu ou o meu filho entre para a universidade, espero pagar a casa, espero em ver-me livre desta doença, etc. Embora respeitando a essência dos nossos desejos, dos nossos sonhos, somos convidados a redireccionar, pela fé, os nossos caminhos e as nossas íntimas aspirações. As palavras do salmo propõe-nos um sonho maior, sem forma mas com uma certeza. Um cenário de esperança, de confiança, de amor, que é Deus. **Alinhemos todas as nossas preocupações nesse pano de fundo divino.**

388 | Também Eu não te condenoJo 8,
1-11

A passagem da mulher adúltera é das mais expressivas da vida de Jesus, já que revela facetas da sabedoria (por “desmontar” a cilada dos fariseus) e de grande misericórdia (“também eu não te condeno”). Sabemos que a lição principal é a de **não julgarmos os outros e estarmos atentos às nossas próprias fragilidades**. Reflectamos nas palavras que proferimos sobre as atitudes dos outros à luz do Evangelho, nomeadamente às suas vivências de sexualidade. “Olha aquela depravada que anda com todos!”, é uma expressão ainda do nosso tempo, muitas vezes saída da boca dos crentes, sobre a qual convém reflectir, pela “anti-misericórdia” que representa.

389 | Porque nos fizeste sair do Egipto,
para morrermos no deserto?Num
21, 4-9

As palavras extraídas do livro dos Números dão conta da indignação do povo Hebreu, para com Moisés e para com Deus, face às dificuldades que estavam a passar. A ira deste povo era suportada por dois “esquecimentos”: por uma lado, o esquecimento de que, no Egipto, eram escravos e não tinham liberdade; por outro lado, o facto de **que as dificuldades, os obstáculos e as provas são incontornáveis na nossa vida e podem ser pretexto de crescimento** e manifestação de fidelidade. Diante dos desertos da nossa vida, quando alguma “refilice” para com Deus e para com os homens nos assalta, saibamos entender que a vida sem este caminho seria um antro de solidão, um poço de escravatura. E avancemos com confiança para a terra prometida.

390 | Será uma aliança para sempreEz 37,
21-28

A aliança que Deus fez com os homens, através de Abraão, tem uma marca perpétua. Temos tendência, muitas vezes, para preferir o provisório, o “já” ou o “talvez” em vez de um compromisso para sempre. Assim é, nos nossos dias, com muitas relações e apostas que estabelecemos, com instituições como o casamento ou o sacerdócio. A preferência pelo perpétuo, porém, não deve ser uma imposição ou uma escolha teórica. A fidelidade e a **“aposta para sempre”** valem pela liberdade a que nos conduzem. Para sempre significa eterno, significa selado pelo amor e, por isso, melhor para o homem, capaz de saciar a sede de infinito, de futuro, que mora no nosso coração.

391 | ...conhecereis a verdade e a verdade vos libertará

Jo 8,
31-42

Entre Jesus e os judeus estabelece-se um diálogo interessante, onde as palavras **verdade** e **liberdade** assumem um papel central. A discussão tem muito a ver com o “pai na fé”. Os judeus vincam o seu estatuto de pertencer à descendência de Abraão e pretendem salientar uma espécie de fé instituída, um dado adquirido pelos seus antecedentes dinásticos. Jesus, por outro lado, reforça que o Pai, que O enviou, se dá a conhecer pelo Filho (que eles – judeus – perseguem) que conduz à verdade e que, pelo amor, pode fazer sair o homem da escravidão. É bom saber que, por sermos “dinasticamente católicos”, não temos a revelação do Pai assegurada. Percebamos que a verdade e a liberdade são uma procura constante, que vem do Pai na pessoa de Jesus, e que nenhuma instituição pode monopolizar esse dom.

392 | Farei deles um só povo

Ez 37,
21-28

A profecia de Ezequiel pode ser sintetizada na frase: “farei deles um só povo”. A vida de Jesus Cristo, ao fim e ao cabo, vem reforçar o desígnio de **unidade**. O Filho de Deus, que não veio substituir mas dar força à lei do Antigo Testamento, reflecte este desígnio, agora com a marca de um Deus que se encarna e que pede ao Pai para que “todos sejam um”. Sermos “um” não significa sermos iguais. A unidade faz-se na diferença, potenciando os dons diversos que brotam da criatividade divina. Quantas vezes nos excluímos deste “barco da unidade”? Quantas vezes deixamos de ver os nossos semelhantes como “companheiros de viagem”? Quantas vezes somos nós próprios e sozinhos e não construtores da unidade, o fulcro do viver?

393 | Sentia-Se intimamente perturbado

Jo 13,
21-33,
36-38

Em vésperas de ser entregue para a morte, Jesus vive experiências de real humanidade mas, em simultâneo, de evidente divindade. O texto de João descreve um sentimento que nos é comum e que podemos “usar” para nos aproximarmos de Jesus. Ele sentia-Se “intimamente perturbado”. Não era para menos, podemos comentar, em vésperas de tamanho sacrifício e em quadro de traição ou falta de fidelidade por parte dos discípulos. Este mesmo Jesus, porém, não perde o controlo da situação, nem vacila nos caminhos que o Pai quer para Ele, Jesus Cristo. Saibamos nós também, **mesmo que perturbados, levar até ao fim** a nossa vocação.

394 *Na minha angústia invoquei o Senhor*

Slm
17, 2-7

O tempo quaresmal pode servir para aprofundar em nós os espaços de vazios e de angústia (não conhecer estas “áreas interiores” pode ser preocupante já que o pior inimigo é o desconhecido). A par do diagnóstico pessoal que com a ajuda do Espírito Santo podemos fazer, podemos perguntar-nos: quem invocamos quando o medo, a angústia e a dúvida nos invadem? Há mecanismos psicológicos que apenas adiam a resolução de alguns problemas e angústias: fazer compras, trabalhar loucamente ou discutir, são alguns exemplos. Peçamos ao Senhor para nos ajudar a parar, chamar as nossas angústias pelo nome. Pedir ajuda, procurar psicológico e/ou apoio espiritual, chorar no ombro de alguém mas, acima de tudo, **invocar o Senhor!**

395 *E a casa encheu-se com o perfume do bálsamo*

Jo 12,
1-11

A passagem do Evangelho que relata o encontro de Maria com Jesus pode ser alvo de múltiplas considerações. Concentremo-nos na atitude de Jesus e, concretamente, na forma como valoriza e saboreia o gesto de Maria. Já ciente da Sua morte, o Mestre deixa-Se abordar por Marta e delicia-Se com a carícia dos seus cabelos, que Lhe enxugam os pés. Ele e todos, em vésperas de morte, cheiram o perfume que o tempo presente lhes oferece. Em tempo de mudança e conversão, procurando o recolhimento que nos faz cúmplices da paixão, saibamos, como Jesus, ao mesmo tempo, saborear as experiências do tempo. Hoje e também no futuro, ainda que vislumbrando angústias e desertos, **não deixemos passar o tempo sem cheirar o perfume do amor.**

396 *O jejum que Me agrada...*

Is 58,
1-9a

Mais uma vez em tempo pré-quaresmal, é a autenticidade do jejum que lança o mote da liturgia. Saboreemos as palavras do Livro de Isaías que valem como se hoje fossem escritas: **“O jejum que me agrada não será antes este: quebrar as cadeias injustas, desatar os laços de servidão, pôr em liberdade os oprimidos, destruir todos os jugos? Não será repartir o teu pão com o faminto, dar pousada aos pobres sem abrigo, levar roupa aos que não têm que vestir e não voltar as costas ao teu semelhante?”**

397 *Judas procurava uma oportunidade de O entregar*

Mt 26,
14-25

A Bíblia é para nós um livro muito importante, diferente de outros livros que nos permitem adquirir muitos ensinamentos e até muito prazer. Além destes aspectos, o Livro Sagrado é a palavra de Deus. Esta palavra vale para nós na medida em que a transformamos em vida. Ao rezarmos a Bíblia podemos, entre outras coisas, perguntar-nos como é que determinada personagem ou aspecto se implica na nossa vida e como poderíamos melhorar confrontados com essa passagem. Em jeito de mergulho profundo na nossa fragilidade não deixemos de nos questionar sobre algumas **facetras de Judas que possuímos**. Isto é, apurar quais as nossas experiências equivalentes a “entregar o Senhor”, quanto mais não seja por não denunciar as situações em que Ele, escondido nos que sofrem, continua a morrer. Este “mergulho”, porém, só deve ser feito de mão dadas com a misericórdia de Deus.

398 *Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos*

Joel 2,
12-18

As palavras ditas pelo Senhor no livro da profecia de Joel podem marcar um estilo de viver a Quaresma. **“Rasgai o vosso corações e não os vossos vestidos”**, como quem diz, a conversão a empreender vem de dentro e não de fora. De outra forma, poderíamos dizer: todos os gestos e símbolos exteriores típicos da Quaresma só têm sentido se tocarem o nosso íntimo, se “rasgarem o coração”. Se eu deixo colocar sobre a minha cabeça as cinzas do arrependimento e volto a casa igual, sem uma determinação clara e visível de corrigir alguns aspectos da minha vida, então estarei simplesmente a “rasgar os meus vestidos”.

399 *Tome a sua cruz todos os dias e siga-me*

Lc 9,
22-25

Jesus Cristo não foi só crucificado em quinta-feira Santa pois, em certo sentido, toda a Sua vida foi vida de doação, de entrega aos outros. Se O queremos seguir teremos, de facto, que tomar a nossa cruz. Tomar a nossa cruz é aceitar (diferente de rejeitar) as contrariedades e os obstáculos da própria vida. Mas este gesto não se faz só uma vez, mas sim “todos os dias”, como consta do Evangelho de Lucas. Muitos Santos, para nós “especialistas” na arte de amar, foram particularmente “competentes” neste propósito. Ao contrário do que nós tantas vezes fazemos, uma vez confrontados com a cruz, diziam “outra vez uma cruz: **aceito-a e tomo-a com amor**”.

400 | Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes Lc 5, 27-32

O chamamento do pecador público e cobrador de impostos Levi foi ocasião para Jesus clarificar a Sua (e a nossa) missão. “Não são os que têm saúde que precisam de médico mas sim os doentes”, diz Jesus, como que nos dizendo, neste dia da Quaresma: “**converte-te**, sim, para sorrir a quem te não sorri, para amares quem te não ama. Se o teu colega de trabalho é marginalizado por todos e te aceita, é com ele que deves ir ter. Se aquele paroquiano é “chato” mas vem ao teu encontro, acolhe-o. Se aquele teu familiar é rejeitado mas deseja a tua companhia, vai tu ao seu encontro”.

401 | Porque tive fome e Me deste de comer Mat 25, 31-45

Apesar de associarmos à Quaresma as ideias de conversão, oração, revisão, etc., o Evangelho proposto para o primeiro de 40 dias antes da Páscoa coloca a tônica na ideia concreta e nos gestos de amor. “Tive fome e deste-Me de comer” quer dizer que Jesus - o nosso Deus – se encontra, Ele próprio, nos que precisam da nossa atenção. Podemos rezar muito, pensar muito, filosofar ainda mais. Mas, se queremos encontrar Deus, é bom perceber que Ele está ali, n’aqueles que têm fome, **que precisam da minha atenção**.

402 | O Senhor está perto dos que têm o coração atribulado Slm 33, 4-7, 16-19

Encontramos nos versos do Salmo que hoje rezamos uma ideia central do período quaresmal: “O Senhor está perto dos que têm o coração atribulado”. Esta frase faz lembrar as bem-aventuranças que marcam o estilo de vida cristão. Elas reflectem a nossa necessidade de Deus, a nossa ânsia de O procurar, de O encontrar e de O amar. O nosso coração, sem Ele, fica necessariamente atribulado. Este Deus que procuramos é o resto de nós, é Aquele que “**salva os de ânimo abatido**”.

403 Quando Vos invoco, sempre me atendeis, Senhor

Slm
137,
1-8

É um acto de fé **invocar o Senhor**. Mas a fé não termina no pedir e invocar. A fé mantém-se na leitura que fazemos da resposta de Deus. Dizer que Deus nos atende pressupõe a nossa fé. Deus não nos atende sem a nossa participação e nós só nos decepçionamos com Ele quando não confiamos, quando queríamos que tudo acontecesse à nossa própria imagem, quando d'Ele esperávamos magia fácil e não amor. Jesus diz: “quem pede recebe”, mas, como um Pai, “educa” em liberdade e não dá o que não julga bom... mesmo que apeteça a quem pede!

404 Sede perfeitos como o Pai celeste é perfeito

Mt 5,
43-48

A sugestão de Jesus de “sermos perfeitos como Deus é perfeito” vem na sequência do mais ousado dos mandamentos cristãos, que nos impele a **amar os inimigos**. Todos sabemos como é difícil amar e abrir o coração àqueles que nos tenham ofendido. É este o caminho, porém, para nos “parecermos com Deus”, que é Pai de todos e “faz nascer o Sol sobre maus e bons”. Seleccionemos nas nossas relações uma pessoa com a qual antipatizamos ou mesmo que nos ofende mas que parece aberta a uma reaproximação (esta condição é fundamental, pois o amor não se força nem se impõe). Tentemos amar essa pessoa, como Deus a ama...

405 Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso

Lc 6,
36-38

A Quaresma é marcada pela superação do pecado. A primeira condição para este caminho é o reconhecimento da condição de pecador: “nós pecámos, cometemos injustiças e iniquidades, fomos rebeldes”. Depois desta consciência pessoal somos convidados a lidar com a infinita misericórdia de Deus. Uma das formas de “tocar” a misericórdia de Deus é exercê-la com os nossos irmãos, experimentando igualmente o perdão daqueles que nos ofendem. Qual de nós nunca sentiu o coração pesado por alimentar a raiva contra alguém? Pelo contrário qual de nós não experimentou a leveza de coração e a alegria de perdoar verdadeiramente outra pessoa?
Deus alegra-Se igualmente com o perdão que lhe pedimos!

406 *Ainda que os vossos pecados sejam como escarlate, ficarão brancos como a neve* Is 1, 10. 16-20

Escutamos do Livro de Isaías um anúncio da misericórdia de Deus. Diz o profeta que os nossos pecados, mesmo que sejam vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã. Esta certeza da superação dos nossos pecados é proferida antes da vinda de Jesus Cristo. A morte e a Ressurreição de Cristo dão sentido redobrado ao Antigo Testamento, já que a sua vida é verdadeiro anúncio de **misericórdia**. Vivamos hoje, olhando de forma diferente os nossos pecados e os erros da humanidade: com a vontade humana de crescer, tudo será “branco como a neve.”

407 *Porventura assim se paga o bem com o mal?* Jer 18, 18-20

O “desabafo” de Jeremias corresponde a um sentimento que certamente já morou no nosso coração: “Porventura assim se paga o bem com o mal?” De facto, a nossa vida é recheada de experiências em que fazemos bem a alguém e temos como resposta clara indiferença. Como viver estes quadros de ingratidão? É bom tomar consciência de que também nós, de uma forma ou de outra, já respondemos mal ao bem que nos é feito. E se não nos ocorre que tal tenha acontecido com os homens, é certo que já aconteceu com Deus: Ele derrama eterno bem sobre cada um e nós nem sempre correspondemos praticando o bem. Como “resolve”, Ele, esta nossa resposta? Insistindo no bem. Talvez seja o nosso caminho para quando nos sentirmos como Jeremias: (sem forças) **insistir com o bem!**

408 *Aí vem o homem dos sonhos: vamos matá-lo* Gen 37, 3-4. 12-28

Parece trágica a história contada no Livro do Génesis: José, o filho mais novo e preferido de Jacob é capturado pelos seus quatro irmãos. Estes, possuídos de inveja, queriam dar-lhe a morte. O irmão Ruben conseguiu salvá-lo e José acabou por ser vendido para Galaad, no Egipto. Deste facto se desenhou também a História da Salvação. Assim é, também, na nossa vida. Acreditamos que **de factos aparentemente negativos, se faz igualmente a “salvação”** de cada um de nós. Não seria de esperar outra coisa de uma vida abençoada por um Deus, que não quer outra coisa que não seja o nosso encontro com a felicidade.

409 | Ele (...) levará para o fundo do mar todos os nossos pecados

Miq 7,
14-15.
18-20

A profecia de Miqueias contém um anúncio simpático em relação aos nossos pecados: **o seu destino é o fundo do mar**. Este “depósito irreversível”, o mar, é o próprio Deus, água imensa de misericórdia. Neste tempo pascal é bom ligar sempre o pecado ao perdão. Podemos mesmo dizer que não importa tanto o pecado mas sim o perdão. O pecado do homem é visível e está na origem da nossa humanidade. Trata-se de um mistério que se vai compreendendo, precisamente, com a experiência do perdão, do perdão do Bom Deus em relação a nós, que tentamos imitar quando somos ofendidos.

410 | A minha alma tem sede do Deus vivo

Slm 41,
2-3;
42-44

O refrão do Salmo coloca-nos na temática central da Quaresma, preparação para o Baptismo. Trata-se de um exercício sempre contínuo, mesmo depois desse sacramento acontecer. Conhecer mais e melhor a palavra de Deus, **promover a nossa própria catequese**, é um bom propósito quaresmal. Vejamos, nomeadamente, se não perdemos oportunidade de ler livros interessantes sobre Deus, participar em encontros ou retiros profícuos. Muitas vezes apresentamos aos outros e a nós próprios “desculpas” que não são mais que isso mesmo: desculpas.

411 | Não te digo até sete vezes mas até setenta vezes sete

Mt 18,
21-36

Sabemos que a expressão de Jesus “setenta vezes sete” significa “sempre”. Com efeito há números ou expressões numéricas na Sagrada Escritura que têm um significado profundo. Os quarenta dias que perfazem o tempo quaresmal, por exemplo, significam, em certo sentido, a totalidade da nossa vida. A vida que nos é oferecida é, pois, uma Quaresma, uma preparação para a ressurreição, para a eternidade. **Perdoar setenta vezes sete é difícil mas libertador**. Perdoar sempre é também abrir portas ao acolhimento do perdão dos outros e de Deus.

412 *Não vim revogar mas complementar*

Mt 5,
17-19

Jesus diz de Si próprio não ser um revogador mas antes um complemento da Lei e dos Profetas. É certo que, por outro lado, Jesus desencadeia autêntica revolução na felicidade dos homens. Mas estas palavras podem servir para **moderarmos alguns gestos e atitudes mais radicais**, para evitarmos, algumas vezes, revogar, preferindo “torcer” (complementar). Não precisamos de sair do mundo para sermos cristãos. Não são obrigatórias descontinuidades para a coerência. Há que complementar, sem ser obrigatório “partir a loiça toda”...

413 *Segui sempre o caminho que vou indicar-vos e sereis felizes*

Jer 7,
23-28

As palavras do Senhor anunciadas pelo profeta Jeremias podem ser simplistas mas reproduzem, em certo sentido, uma “receita de vida”. Diante de cada desafio da vida há sempre vários caminhos a seguir. Em muitos casos é francamente difícil decidir, até porque se pode optar por um mal menor. Para nós, porém, há um caminho. Esse caminho é, antes de mais, uma aprendizagem, um dom, um mistério e uma aventura. Um modo de estar e de agir que é pacificador, humanizante, confiante. Cada um tem o seu caminho, mas ele converge para o mesmo Senhor, o **Senhor do Amor que nos diz “sereis felizes”**.

414 *Porque são rectos os caminhos do Senhor*

Gs 14,
2-10

A liturgia da Quaresma insiste na importante questão do caminho, do caminho que somos convidados a seguir. É bom registar que caminho é algo dinâmico, em construção, inacabado. Este facto, que pode ser motivo de certa insegurança da nossa parte, deve ser vivido como um dom, um verdadeiro “presente” de Deus para nós: ainda bem que a vida é caminho, não é somatório de soluções. O caminho é doação e a solução é apoderação. O caminho é acolhimento e a solução é apreensão. **Que bom é caminhar!**

415 | (...) *Para alguns que se consideravam justos e desprezavam os outros*

Lc 18,
9-14

Bastaria hoje, “repisar” dentro de nós a frase com que Lucas descreve os fariseus, a quem Jesus dera uma lição de humildade para progredir. Eles eram os que “se consideravam justos e desprezavam os outros.” Quantas frases nossas, quantas atitudes que tomamos têm por base esta falta de humildade? Tantas vezes, até por sermos cristãos, nos consideramos justos, quando justo é o nosso Deus? Quantas vezes caímos neste equívoco de acharmos que muito sabemos e desprezamos os outros? Alguns colegas de trabalho, familiares, vizinhos nossos, padres, amigos, serão mesmo tão medíocres como os julgamos? **Não estaremos e ser farisaicos?**

416 | *Jesus perguntou-lhe: “Queres ser curado?”*

Jo 5,
1-3a,
5-16

A cena em que Jesus cura o paralisado está repleta de ideias que podem ajudar-nos a viver bem a Quaresma. Focalizemo-nos em duas pistas. Pensemos, desde logo, que Jesus nos pergunta também, a nós próprios, se queremos ser curados. A nossa resposta é importante e, para podermos responder “sim”, temos que reflectir sobre quais são as nossas principais paralisias (aspectos que nos inibem de caminhar na fé como o orgulho, a falta de perdão a determinada pessoa, a ambição de bens materiais, etc.). Em segundo lugar, como apóstolos de Jesus, saibamos também perguntar a irmãos nossos, ainda que menos com as palavras e mais com a presença não forçada **“queres ser curado?”**

417 | *O Senhor ampara os que vacilam*

Slm
144, 8-
9. 13-18

Rezamos no salmo que o Senhor é um Deus clemente e compassivo. Demos-Lhe graças por isso! E porque precisamos de um Deus assim? Porque, como é dito também no salmo, somos pessoas que vacilam. Não nascemos acabados mas como “obras-primas em construção”. Nem todos os passos que damos são perfeitos, nem todas as escolhas acertadas, nem todos os objectivos rumam ao essencial. Muitas vezes, porque somos errantes, caímos e precisamos de amparo. O salmo promete, a experiência convida e a vida confirma que o **Senhor**, de facto, **nos ampara**.

418 *Se acreditásseis em Moisés acreditaríeis em Mim*

Jo 5,
31-47

Este tempo de Quaresma presta-se a uma reflexão sobre a nossa relação com o Antigo Testamento, com a relação do homem com Deus, antes da vinda de Jesus. A linha cristã, como sabemos, é de grande novidade face aos padrões do povo Hebreu mas, também, como diz Jesus no Evangelho, de grande continuidade. A pretexto desta ideia, viajemos também nós, um pouco, em histórias do nosso passado pessoal. Façamos renovação mas não deixemos de **integrar** todas as nossas experiências naquilo que somos hoje. Não fujamos, não reprimamos, aquilo que fomos. A relação connosco próprios deve ser sempre, como com a história da salvação de “renovação na continuidade”.

419 *Armemos ciladas ao justo*

Sab 2,
1a. 22-
27

Todos nós temos certa tendência para polarizar as nossas leituras bíblicas no Novo Testamento, cientes e atraídos pela verdadeira revelação que se dá em Jesus Cristo. Não é menos verdade, porém, que todos os livros do Antigo Testamento são essenciais para perceber essa mesma revelação e, muitas vezes, possuem ensinamentos que são, em certo sentido, bastante cristãos. Em tempo de Quaresma inspiremo-nos numa ideia do Livro da Sabedoria lemos: a propósito da denúncia das “**ciladas armadas aos justos**” observemos se a nossa vida envolve alguns mecanismos idênticos, de “jogo pouco claro”, de cilada, se não aos justos, aos “injustos” que, com Jesus Cristo, não se distinguem dos justos, como alvos do nosso amor.

420 *Ainda que passe por vales tenebrosos, nada temo, porque vós estais comigo*

Slm
22, 1-6

O salmista chama “vales tenebrosos” a “zonas” da nossa vida em que a luz é pouca, por isso a visibilidade é curta, os horizontes são parcos e a opressão existe. Quem não tem estes momentos? As mesmas palavras do salmo, porém, sugerem-nos que não temamos, porque Deus está connosco. Trata-se de um bom propósito quaresmal já que a nossa preparação para a Páscoa é mesmo viver a realidade de que da morte se faz vida, de que **um vale é a condição para haver uma montanha**.

421 Investiga e verás que da Galileia
nunca saiu nenhum profeta

Jo 7,
40-53

É curiosa a exclamação de um fariseu, no âmbito duma discussão artificial a propósito da vida de Jesus. Incomodado com a Sua verdade e com a desinstalação de privilégios, este homem exclama: “Investiga e verás que da Galileia nunca saiu nenhum profeta”. Este é um traço típico dos fariseus e que, em certo sentido, também nós usamos com frequência: quando nos sentimos perturbados, questionados, incomodados. Nessas alturas, muitas vezes, usamos um preconceito, artificial, para nos deixarmos estar como estamos. A consequência disto é que se mantém ou mesmo intensifica a falta de liberdade. Desta “fuga e condenação com base nos preconceitos” não se geram quaisquer frutos mas antes revolta interior e exterior. **A Quaresma, pelo contrário, pede-nos “desinstalação”!**

422 Recordai as Suas maravilhas

Slm
104,
4-7

O salmo que hoje rezamos sugere-nos para recordarmos as maravilhas do Senhor. A jornada quaresmal prepara-nos para a Páscoa, focando a consciência de pecado, as nossas limitações e a necessidade de conversão. Nada disto é verdadeiramente cristão, porém, se não se colocar lado a lado com o amor do Pai, com a imensa misericórdia d’Aquele que sempre nos amou e nos ama. O exercício de “revisão das maravilhas do Senhor sobre nós” é essencial: sem a **sensação de termos sido (e sermos) amados**, seremos incapazes de amar alguém!

423 Jesus retirou-Se (...) e lá permaneceu

Jo 10,
31-42

O Evangelho relata uma passagem prévia à paixão de Jesus, em que os judeus O acusavam e se preparavam para O apedrejar. Jesus, refuta, sem medo, mas afasta-Se para além do rio Jordão. A importância de nos afastarmos um pouco da confusão e do rebuliço, da vida e das relações, é fundamental. Em todos os momentos e, particularmente, na Quaresma, quando nos re-visitamos e nos propomos “endireitar as veredas”. Retirarmo-nos, particularmente, quando uma ou outra pedra nos parece querer atingir. Encontrarmo-nos com O essencial e retemperar forças para **regressar mais conscientes da missão de amor de que fomos investidos**.

424 Todo aquele que comete o pecado é escravo

Jo 8,
31-42

Jesus identifica o pecado com a escravidão. Não são precisas quaisquer teorias para entendermos estas palavras. Cada um de nós vai experimentando que sempre que se centra em si próprio, se serve a si próprio, se fecha ao amor e à esperança, perde a liberdade e, assim, se escraviza verdadeiramente. A falta de consciência de pecado (segundo o Papa um dos sinais dos nossos tempos preocupante) torna-nos ainda mais cegos. Assim se sentem os fariseus que dizem “nós somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém”. Nós, fomos baptizados, mas estamos conscientes de nossa condição de escravos, escravos de nós próprios, quando nos fechamos à Páscoa, à passagem para a vida. Sem termos esta consciência, nunca poderíamos **procurar a liberdade e dar sentido à nossa vida**.

425 Para congregar na unidade todos os filhos de Deus

Jo 11,
45-56

A liturgia oferece-nos em todas as leituras da Páscoa o sabor da unidade. Este desígnio de sermos um só é o “rastilho” que fica em vésperas de Jesus Se entregar. Ele morrerá e ressuscitará para isto mesmo: **para sermos um só**, como Ele e o Pai o são. Vivamos hoje, como se fôssemos “um”, confundindo os nossos interesses, as nossas escolhas e os nossos projectos com os dos nossos filhos, dos nossos Pais, dos nossos amigos, das pessoas que estão mais próximas de nós. Uma “onda de unidade” se gerará e, sem deixarmos de ser “como somos”, seremos aquilo que devemos ser...

426 Farei de ti a luz das nações

Is 49,
1-6

O livro de Isaías proclama já o que se revelaria mais tarde na história, em Jesus Cristo: “Farei de ti a luz das nações”. O que não era conhecido no Antigo Testamento era a forma como se glorificaria o “servo de Deus”. A luz do mundo – o próprio Jesus – ter-se-ia de consumir, de se entregar até à morte, de experimentar o abandono. Contemplemos este momento chave da vida de Cristo e vivamos também nós como sendo pequenas luzes para o mundo, **que se consomem para amar**.

427 *Eles garantiram-lhe trinta moedas de prata*

Mt 26,
14-25

Na Páscoa acompanhamos a entrega e morte de Jesus, que assim Se deu por nós. Aproveitamos para rever a nossa vida e, contemplando este enorme amor de Jesus por nós, estabelecemos propósitos que farão de nós, amanhã, pessoas melhores do que hoje. Olhemos Judas que entregou Jesus, que O vendeu a troco de dinheiro. Amparando alguma violência interior, saibamos ver as vezes em que ainda “vendemos” (manipulamos, trocamos, escravizamos) sentimentos, pessoas ou afectos. Mas fixemo-nos essencialmente em Jesus, que se deixou “vender” por nós, **escravizando-se para nos amar.**



RECOMEÇAR

428 Não temais

Mt 28,
8-15

Nada de mais esplêndido poderia ter acontecido às santas mulheres, do que verem e tocarem o Senhor ressuscitado. Elas ficaram, no entanto, assustadas. Jesus acalma-as e diz: “não temais”. Viver as alegrias e as coisas boas na nossa vida tem também a sua “arte cristã”. A alegria da Páscoa não nos deve assustar ou polarizar naquele sentimento (negativo) que, por vezes, nos ocorre, de achar que, quando tudo corre bem “algum mal está para vir”. **Vivamos com simplicidade a alegria da Páscoa e as alegrias da vida.** Não temamos, como Jesus pede. Devolvamos a Deus os reflexos da Sua graça, saboreemos a festa e não tenhamos receio dos sofrimentos pois Ele, que ressuscitou, já liquidou a morte!

429 Pensando que era o jardineiro (...)

Lc 24,
13-35

Um dos traços comuns das aparições de Jesus é o facto de Ele aparecer, muitas vezes, “disfarçado”. É o caso do diálogo travado com Maria Madalena. Ela julga estar a falar com um jardineiro e com ele desabafa o seu desalento e a sua preocupação. Quantos “jardineiros”, “Jesus escondido e ressuscitado” se cruzam na nossa vida sem que nós demos conta que são o Mestre? Em nossa casa, à nossa volta, na nossa cidade, na natureza, no firmamento, quantos “jardineiros” se atravessam sem que os vejamos? Estejamos **atentos aos “jardineiros” que passam**, anunciando a ressurreição.

430 Para quem iremos, Senhor?

Jo 6,
62-69

A passagem do Evangelho que hoje lemos apresenta aspectos muito confortantes para a nossa alma. Estas palavras vêm ao encontro de uma experiência interior pela qual todos nós vamos passando: a sensação de podermos estar enganados, de estarmos a perder oportunidades numa vida mais em consonância com os critérios do mundo, o sentimento de estarmos equivocados na fé, de **termos tão só inventado Deus**. As palavras de Pedro, são as mesmas que podemos dizer quando estamos ao lado de Jesus: “Para onde iremos, Senhor, só Tu tens palavras de vida eterna?”. Disse Paulo estas palavras e queremos nós hoje dizê-las, porque **experimentámos**, com saldo eternamente positivo, **a liberdade de seguir o Mestre**.

431 Pararam, com ar muito triste

Lc 24,
13-35

Os discípulos de Emaús conversavam entre si de forma desanimada. **Seguiam tristes** e cabisbaixos. Não era para menos, já que Jesus, sua esperança, tinha morrido e a sua fé tornara-se vã. Acontece que Jesus se foi revelando e eles foram capazes, mais tarde, de **O reconhecerem**. Se olharmos bem para nós próprios, reparamos que o nosso caminhar triste tem a ver com o não reconhecimento de que Jesus caminha ao nosso lado. Soubéssemos nós reconhecer Jesus, no pobre, no rico, no familiar, no doente, na flor e no ar que respiramos e mais eficazmente nos alegráramos com a Sua presença...

432 (...) como se fosse pelo nosso próprio poder
ou piedade que fizemos andar este homem

Act 3,
11-26

O mérito das palavras de Pedro, na sequência de ter curado um doente, é colocar em evidência a gratuidade do amor. Uma das formas de tornar pesado o nosso coração é enchê-lo do bem que fizemos. Pelo contrário, a caridade ganha nova luz (eterna) quando **colocamos os frutos no coração de Deus e permanecemos de mãos vazias** depois de dar o que temos. As mãos vazias, com os méritos enviados para o Céu, de onde vieram, permitem-nos esculpir mais obras primas e receber mais dons de amor. Não “pelo nosso próprio poder ou piedade” mas por Aquele que por nós deu a vida.

433 A pedra rejeitada tornou-se pedra angular

Act 4,
1-12

As palavras de Pedro, recolhidas do livro dos Actos dos Apóstolos e repetidas no salmo, sintetizam a história de Jesus. Ele, rejeitado e morto pelos judeus, vem a ressuscitar tornando firme a nossa fé. Esta pedra angular que, uma vez ausente, seria morte e ruínas do que acreditamos, é autêntica pedra firme e preciosa. Outras pedras rejeitadas, pelo mundo, pelos outros, por nós próprios, são também pedras angulares. Procuremos uma dessas pedras hoje rejeitadas, uma pessoa, uma história, um drama, uma situação difícil. Façamos desse quadro a nossa Páscoa, **transformando tal “pedra a mais”, pela massa do amor, em verdadeira pedra angular.**

434 | Quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus

Jo 3,
1-8

As palavras de Jesus para Nicodemos são, hoje, também para nós. Quem não **nascer de novo** não é feliz, diz o Senhor. Nascer de novo, nascer para o Espírito, é completar a nossa natureza humana com uma carga divina que nos faz, de facto, renascer. A natureza do baptismo é esta mesma, a de um “segundo nascimento”, não do ventre materno para o mundo, mas da natureza humana para uma realidade humano-divina, que nos “puxa” para um bem maior. Nascer de novo, contudo, é algo inacabado. Assim como todos os dias e a todas as horas nos podemos (re)baptizar, também a todo o momento, diante de cada pequena ou grande morte, podemos nascer de novo para aquilo para que existimos, para o amor!

435 | Ninguém considerava seu o que lhe pertencia

Jo 3,
7b-15

Em alguns casos, temos motivos reais para não praticar fielmente estas palavras: “ninguém considerava seu o que lhe pertencia”. A existência de filhos, de compromissos vários no plano económico e não só, justificam alguma prudência na gestão das nossas coisas. Por outro lado, muitas vezes, só não somos mais radicais na partilha dos nossos bens por medo, excessivo calculismo ou mesmo falta de fé. Na dimensão espiritual podemos, de facto, **não considerar nosso nada do que nos pertence**. Não só o dinheiro, as casas e os carros, mas também os talentos, a saúde, a vida. Este estado de alma, ao alcance de todos os cristãos, procurado e vivido, levar-nos-á a que, entre a nossa comunidade “não haja qualquer necessitado”.

436 | O pobre clamou e o Senhor ouviu a sua voz

Slm 33,
2-9.
17-20

O refrão do Salmo que hoje lemos pode-nos suscitar algumas perguntas interessantes: Quando clamamos, quando chamamos por Deus, apresentamo-nos como pobres? Necessitados d’ Ele? De mãos vazias? Sem estarmos “ricos de nós”? Podemos perguntar-nos, igualmente: O que é necessário para sermos ouvidos pelo Senhor? Segundo as palavras do refrão do Salmo é necessário **ser-se pobre para que Deus escute** a nossa voz. Aqui está um critério simples para promover a nossa relação com Deus: ser pobre. Ser pobre, neste sentido, é um excelente caminho para viver a alegria pascal.

437 A Terra está cheia da bondade do Senhor

Slm 32,
1-5.
18-19

Tempo de Páscoa é tempo de Ressurreição, de vitória da vida, de transformação “de”, “para” e “com” o amor. Sermos capazes de ver e saborear as coisas boas é um elemento fundamental do nosso crescimento espiritual. Os Santos, em particular, são contemplativos, isto é, tentam ver com os olhos de Deus. Olhemos a nossa vida, os outros, a História, as situações e a Terra, salientando no que vemos “a bondade do Senhor”, conforme as palavras do Salmo. Não somos ingênuos e sabemos da existência do mal, dentro e fora de nós. Mas não conseguimos caminhar sem “atestar o depósito” da alegria, com a **bondade do Senhor**.

438 Trabalhai, não tanto pela comida que se perde,
mas pelo alimento que dura até à vida eterna

Jo 6,
22-29

A Páscoa coloca grande ênfase na Eucaristia e na força que o “pão do Céu” nos pode dar. Jesus fala, concretamente, nas motivações do trabalho e sugere-nos que não trabalhem só pelo pão (pelas coisas) que precisamos para sobreviver. Uma boa ocasião para **reflectirmos sobre o nosso trabalho**. Trabalharei só para ter “pão”? Ou para ter “mais pão”? Trabalharei demais? E trabalhar demais tirar-me-á tempo para descansar e para trabalhar por outra causa, de trabalhar pelo “alimento que dura até à vida eterna”, pelo amor?

439 Houve muita alegria naquela cidade

Act 8,
1b-8

O resultado das palavras de Filipe, na construção da Igreja para além da Judeia, foi a alegria que se instalou. O relato dos Actos dos Apóstolos descreve os gestos e as verbalizações de Filipe em terras onde, como hoje, há “fome e sede de um sentido”. Nesta Igreja por construir tenhamos igualmente a ousadia e o vigor dos primeiros apóstolos. E tenhamos na “**alegria gerada**” o critério de avaliação de um autêntico anúncio evangélico.

440 Quem Me vê, vê o Pai

Jo 14,
6-14

O homem tem sede de Deus. Feito à Sua imagem e semelhança é um ser em contínua procura, em busca do “resto de si”. Deus, porém, é o indizível. Deus é amor, bem o sabemos, mas o próprio amor nem sempre se consegue “ver”. Para nós, cristãos, é possível ver Deus, já que, como disse o próprio Filho de Deus, quem vê Jesus, vê o Pai. Na Páscoa, Jesus faz a passagem da morte à vida e envia-nos à missão de continuar a História e a transformação do mundo. Que a nossa cumplicidade na fé nos permita ser luz para os outros, gerando uma cadeia de amor para o Pai. Que **“quem me vir, veja Jesus”** e assim veja o Pai!

441 Quem comer deste pão viverá eternamente

Jo 6,
52-59

As palavras de Jesus, por ocasião da explicação aos discípulos de como se poderia “dar a comer”, podem constituir grande ensinamento para nós. Um convite, com toda a certeza, **a saborear com maior intensidade o pão da eucaristia**. Dar-se “a comer” é uma forma de interpenetração e de intimidade sem precedentes na história. Uma “loucura”, porque não dizê-lo, geradora dum dinamismo humano-divino em que o Amor se doa a cada homem e impulsiona o mesmo homem a dar-se, a ser alimento para os outros. Quanto à promessa de Jesus, “quem come o pão do Céu tem a vida eterna”, não nos fiquemos pela vida eterna no sentido de vida depois da morte. Percebamos e gozemos o eterno já, aquela leveza, aquela liberdade eterna que experimentamos quando, alimentados por Deus, somos capazes de alimentar os homens, nossos irmãos!

442 Eu vim para que as Minhas ovelhas tenham vida e a tenham em abundância

Jo 10,
1-10

A liturgia enfatiza Jesus como Mestre e guia, como o (Bom) Pastor do rebanho que é o povo de Deus. O nosso Pastor, Jesus Cristo, tem um amor universal e particular por cada um dos elementos do Seu rebanho. Ele quer que tenhamos vida. Não uma vida qualquer, não “uma vida e pronto!” mas uma vida de abundância. A vida de abundância representa também a vitória sobre a morte, experimentada pelo próprio Jesus. Perguntemo-nos se a nossa vida espelha a abundância que Jesus quer para nós. E façamos do tempo, do espaço e dos nossos gestos **abundância para os nossos irmãos**.

443 | Eu conheço as Minhas ovelhas e elas seguem-Me

Jo 10,
1-21

Os apóstolos têm no Apóstolo dos apóstolos, o Bom Pastor, o seu modelo. Jesus conhece “as suas ovelhas”. Cada um de nós, na sua missão apostólica deverá começar por conhecer as pessoas. Isto é, ouvi-las, “perder tempo” com elas, saber da sua vida, interessar-se pelos seus problemas. Será nessa medida que essas pessoas poderão seguir Jesus e que nós poderemos deixar um rasto apostólico na nossa vida. Ninguém ama o desconhecido e **conhecer os nossos irmãos** é um aspecto incontornável, para que alguém que não se relacione com Deus possa receber o tesouro libertador de conhecer Jesus Cristo.

444 | Separai Barnabé e Saulo para o trabalho
a que os chamei

Act 12,
24-23,
5a

Barnabé e Saulo foram missionários conjuntamente em Jerusalém. Certamente teriam afinidades e um prazer grande na companhia recíproca. Mas a circunstância pediu-lhes que se separassem. Coloquemo-nos nós próprios, na nossa missão, livres para partir. Não entendamos estas palavras só para os missionários das ordens religiosas mas para todos nós. Não nos instalemos nos nossos “grupinhos” e nas relações “quentinhas” que neles estabelecemos. A amizade é vital e terá sempre o selo da eternidade. Mas estejamos dispostos a **interromper no tempo e no espaço algumas boas relações, se a nossa missão morar noutra lugar.**

445 | (...) nem o enviado é maior do que quem o enviou

Jo 13,
16-20

Se, por vezes, nos sentimos enviados por Jesus, actuando em Seu nome e transmitindo a Sua libertação, isso é um bom sinal apostólico. A leitura do Evangelho, porém, chama-nos à atenção da importância de estarmos conscientes d’Aquele por quem somos enviados. Esta postura (apostólica) permite-nos declinar honras, prémios e vanglórias pelo eventual bem que praticamos. É Jesus, que nos envia, que queremos glorificar. É Ele o Bom Pastor, é Ele o Salvador. Nós somos instrumentos da Sua mensagem. Esta **“colagem” a Jesus** não é um artifício moral. Se assim não fosse, se “fossemos por nós”, o nosso rio desaguava na solidão e no deserto e não no “amor ligante” que a tudo dá sentido e que é o próprio Deus.

446 | *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*

Jo 14,
1-6

Jesus apresenta-se como caminho, verdade e vida. Esta explicitação segue-se às dúvidas de Tomé, quanto a saber “o caminho” por onde seguir. Cada um de nós, na sua existência e nas suas interrogações mais interiores procura, afinal, um **caminho**, uma **verdade**, uma **vida**. Jesus é em Si próprio, esta estrada. Não é solução rápida e pré-fabricada, não é verdade matemática e meramente racional, não é elixir de vida. Jesus é caminho. Jesus é amor. Demos graças a Deus por nos ter oferecido o Seu Filho. Vejamos, igualmente, na nossa vida, quando é que seguimos, outros caminhos, outras verdades e outras vidas, que não a d’ Ele.

447 | *Voltamo-nos para os gentios*

Act 13,
44-52

A Páscoa tem associada uma liturgia que convida à reflexão sobre a acção pastoral e sobre a formação de comunidades cristãs. O retorno à essência, sem fundamentalismos e com a adequação aos nossos tempos, é um movimento necessário à Igreja que somos. A forma como os primeiros cristãos se organizavam e viviam constitui para nós uma referência de autenticidade, simplicidade e radicalidade. Paulo e Barnabé tinham a atitude de se voltarem para quem os queria acolher. O nosso coração apostólico deve estar sempre aberto mas a insistência, o “ser-se chato”, o “chover no molhado” não tem dimensão apostólica. **O Cristão não se impõe e não força** a sua voz no ouvido de quem não o quer escutar.

448 | *Deixo-vos a paz. dou-vos a Minha paz*

Jo 14,
27-31a

No Evangelho, escutamos a paz dada por Jesus. Não uma paz qualquer, mas a Paz, a paz de Jesus. A paz de Jesus não é mortíça nem passiva, antes é aventureira e missionária. Não é constrangedora mas liberta. A paz de Jesus é Ele próprio, presente, ainda hoje, na vida de cada um de nós que O queira receber. Paz, convém dizer, não é tranquilidade ou, com alguma ironia “tranquilidadezinha”. A tranquilidade é um sentimento mais superficial, cutâneo, que pode até ser preguiça e que os tempos de hoje raramente permitem. A paz é interior, é profunda. Esta paz “de dentro” é compatível, inclusive, com a intranquilidade. As águas da vida estão agitadas mas a **paz de Jesus é a bonança** eterna que, em segredo, **nos suporta**.

449 | Ele corta todo o ramo que está em Mim e não dá fruto Jo 15, 1-8

As plantas, como sabemos, necessitam de uma poda com alguma regularidade para que brotem as flores e os frutos e para que brotem em abundância. Assim é na nossa vida, também. Muitos ramos vão secando e começam a não dar fruto ou a diminuir a sua produção e a sua beleza. Jesus vem dizer que o próprio Deus faz a poda, assim nós deixemos e estejamos dispostos a perder alguns ramos secos de nós mesmos. Pensemos hoje, quanta televisão, quanta telenovela, quanto futebol, quanta instalação, quantas coisas que temos e não precisamos, poderemos podar na nossa vida. Não podar por podar, não para podar e chorar, não podar porque tem de ser. **Podar para dar mais fruto e gozar com abundância**, com o perfume e as cores das flores, com o sabor dos frutos.

450 | É este o Meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei Jo 15, 12-17

Cada um de nós pode pensar qual a frase do Evangelho que mais o toca e melhor resume, afinal, a Boa Nova de Jesus. A frase “É este o Meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei” pode ser uma dessas expressão-chave da mensagem Cristã. Estas palavras dizem tudo o que Jesus fez e quer fazer, hoje, por cada um de nós. Para não nos dispersarmos há um só mandamento, o mandamento do amor. **A medida desse amor é a do próprio amor que Jesus teve por nós**: esquecer-se de si, até à morte, para nos fazer felizes!

451 | Cantem jubilosos em suas casas Slm 149, 1-6a, 9b

Estas palavras do salmo 149 estão bem adaptadas à quadra pas-cal onde cantar e alegrar-se (pela ressurreição de Jesus, pela vitória da vida) tem todo o sentido. Esta alegria, como sabemos, é mais interior e mais profunda do que alguns contentamentos exteriores que podem ser superficiais e fugazes. Mas o júbilo interior, convém ter em conta, não pode deixar de se manifestar para fora, de implicar, como diz o salmo “que se **cante jubilosamente em nossas casas**”. Como são as nossas casas, sejam casas de famílias, de ordens religiosas, de instituições? Nota-se por lá a alergia pascal? Canta-se? Se ninguém notar essa alegria não poderá tal significar que ela não está presente?

452 | Não se devem importunar os gentios convertidos

Act 15,
7-21

Simão Pedro, chefe da Igreja, foi chamado a pronunciar-se sobre um dilema surgido a propósito da imposição ou não das tradições judaicas aos gentios. É o próprio livro dos Actos dos Apóstolos que atesta a decisão do chefe da Igreja, uma decisão no sentido de valorizar o essencial, de respeitar as especificidades das culturas de então, uma decisão de tolerância, uma decisão de não imposição. Alegremo-nos, antes de mais, com a liberdade evangélica da Igreja espelhada nesta atitude do seu primeiro chefe (mas nem sempre trilhada na história da Igreja). Olhemos para nós próprios, também, e afinemos as nossas decisões: será que, por vezes, **nos impomos a outras pessoas ou grupos, não respeitando** características próprias que em nada ofendem a lei do amor?

453 | Se me perseguiram a Mim, também vos perseguirão a vós

Jo 15,
18-21

A Páscoa é liturgicamente marcada pelas revelações de Jesus Ressuscitado aos discípulos. No Evangelho, Jesus previne os seus companheiros (e cada um de nós) para as consequências de O seguirem. A perseguição está muito presente na prática apostólica. Quando resulta da denúncia das injustiças e de uma sugestão autêntica e positivamente perturbadora, a **perseguição** pode até servir para nos **robustecer e confirmar na fé**. Convém estarmos atentos, contudo, para não colocar tudo no “mesmo saco” e observar se quem nos persegue o faz por causa do nosso amor ao Evangelho ou por outras causas não evangélicas, como o excessivo protagonismo, a provocação ou a intolerância, bandeiras que às vezes, erradamente, içamos em nome de Cristo.

454 | Mas se Eu for, Eu vo-Lo enviarei

Jo 16,
5-11

A Páscoa, no sentido litúrgico, é tempo também do Espírito Santo. Jesus diz que irá junto do Pai mas promete deixar-nos o Espírito Santo. Pelo mistério da Trindade, do fluxo de Amor que circula entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, podemos dizer que Jesus parte mas, ao mesmo tempo, se deixa a Si próprio. Somos pois, pela Fé, templos do Espírito Santo. É esta a fasquia do respeito que podemos ter por nós: a de sermos templos do Espírito Santo; corpos, sentidos, gestos e palavras que existem para o Amor.

455 Havemos de te ouvir falar disto outra vez

Act 17,
15-22.
18, 1

Paulo pregou em Atenas, anunciando Jesus ressuscitado aos gregos. Eles que amavam “um Deus desconhecido” tinham agora a possibilidade de O conhecerem em Jesus Cristo. Alguns dos que ouviam Paulo ridicularizavam a hipótese da ressurreição. Outros, porém, intrigados, comentavam: “havemos de te ouvir falar disto outra vez”. Serve-nos esta narração dos Actos dos Apóstolos para percebermos que a propagação da Fé não é instantânea. Vai-se fazendo. Cada gesto, cada palavra, é uma “**semente perturbadora**” que pode questionar o que não acredita sobre a verdade do Amor. Pode “abrir o apetite”, para abrir as portas ao Ressuscitado.

456 Estareis tristes mas a vossa tristeza converter-se-á em alegria

Jo 16,
16-20

Jesus falou aos discípulos na conversão de tristeza em alegria, no contexto de quem “parte mas fica” e fica para sempre. Esta transformação, esta Páscoa da tristeza à alegria, da morte à eternidade, é o centro da vida de Jesus. Sugere-nos a forma de viver as nossas tristezas (quem não as tem?) e de ajudar os outros nas suas tristezas. Respeitando as nossas lágrimas e as dos nossos irmãos, deixando que verta dos olhos a água salgada que encharca a alma, podemos, pela Fé, chorar com a convicção, com a esperança, de que tais lágrimas se “**converterão em alegria.**”

457 Nesse dia não Me fareis nenhuma pergunta

Jo 16,
20-23a

Por vezes, o silêncio domina certos momentos intensos, como o restabelecimento de uma amizade, encontro ou reencontro amoroso entre um homem e uma mulher, ou o regresso de um filho a casa de seus pais. Nesse momento nem os poetas inventariam palavras mais sábias do que um sorriso, um abraço ou um beijo. Nesses momentos, não há lugar para perguntas. Jesus sugere algo de equivalente na vida espiritual, que teremos no encontro definitivo com Ele, na vida eterna, mas que podemos já saborear hoje. Às vezes, e bem, apetece-nos fazer perguntas a Deus. Façamos este silêncio com Jesus, de encontro pleno, **sem lugar para perguntas.**

458 Povos todos, batei palmas

Slm
46, 2-
3. 8-10

As palavras do Salmo que lemos convidam-nos a alegrar-nos com as maravilhas que Deus fez e vai fazendo em nós próprios, nos outros e com toda a criação. Fixemos a ideia de “bater palmas” a Deus e guardemo-las como mote para este dia. Saibamos “**bater palmas**” às maravilhas de Deus. O facto de Jesus ter ressuscitado depois da Sua morte de cruz vai-nos permitir “bater palmas” (estas “baixinho” por respeito), a qualquer outra cruz que surja na vida. Nós acreditarmos que essa mesma cruz se transformará em glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

459 Para que em Mim tenhais a paz

Jo 16,
29-33

A paz é referência quase obrigatória em todos os relatos do Evangelho que se referem a encontros de Jesus Ressuscitado. Como saudação inicial (“A Paz esteja convosco”) ou em tom de despedida (“para que em Mim tenhais a Paz”), Jesus insiste neste dom que é a Paz, sobre o qual se pode partir em Missão, com o auxílio do Espírito Santo. Muitas vezes temos propósitos de Paz que não se concretizam: um berro com uma criança, uma intolerância com um familiar, uma palavra azeda para um amigo. O que o Evangelho nos propõe é a **Paz de Jesus**, a ideia de que mais perto d’ Ele, n’ Ele, está a Paz.

460 Há mais felicidade em dar que em receber

Act 20,
28-38

S. Paulo lembra aos Cristãos de Éfeso as bonitas palavras de Jesus: “Há mais felicidade em dar do que em receber”. Todos nós conhecemos e já experimentámos esta realidade. De facto, a felicidade autêntica, a que não morre, tem a ver com a plenitude que recebemos, pelo facto de nos darmos. Esta proposta, porém, estende-se à nossa própria relação com Deus, a Quem, também, podemos dar mais. Dar as nossas fraquezas e os nossos pecados (Ele alegra-se por nos dar perdão), dar as nossas alegrias, as nossas canseiras, as nossas dúvidas e as nossas convicções. Experimentemos “**dar a Deus**” o nosso ser, as nossas coisas, os nossos problemas e os nossos sucessos. Sentiremos grande felicidade e receberemos muito em troca!

461 Acrescentou: «Segue-Me»

Jo 21,
15-19

No fim da Páscoa os textos litúrgicos focam o corolário da ressurreição de Jesus: o envio em missão, seguindo o próprio Deus na pessoa de Jesus. Seria difícil para nós **seguir Jesus** tendo apenas como “dica” esta conversa de Jesus com Pedro. Mas sabemos como Jesus quer que O sigamos e onde Ele está: em cada um dos irmãos, escondido em cada coisa, no rosto de um “mais pequenino”. Procuremos pois, neste dia, seguir Jesus, amando cada próximo que se cruza no nosso caminho.

462 Anunciava o reino de Deus com firmeza,
e sem nenhum impedimento

Act 28,
16-20

A leitura do livro dos Actos dos Apóstolos fala-nos da interessantíssima experiência de Paulo que, durante dois anos, anunciou a Boa Nova, não obstante o facto de estar preso. Poucos de nós, que lemos estas palavras, estaremos presos no sentido físico do termo. Com toda a certeza, porém, todos nós temos as nossas “prisões”, que nos condicionam e roubam liberdade, que nos mantêm presos a nós mesmos. A prisão do nosso egoísmo, do nosso consumismo, das nossas limitações, da nossa timidez. A prisão da angústia que tantas vezes nos invade e cujas raízes não vislumbramos. A palavra de Deus encoraja-nos a imitar Paulo e, **mesmo presos, anunciar com firmeza o reino do amor.**

463 Vi o Senhor

Jo, 20,
11-18

Em tempo de Páscoa, saboreemos a bondade do Senhor, que encheu a terra. Vivamos uma **vida “cheia”**, numa terra “abundante” de bondade. Os sítios sem aparente bondade e as pessoas ao nosso lado que não se sentem “cheias”, são “restos de Páscoa”, que nós próprios somos convidados a realizar. Anunciemos em gestos e palavras a alegria da ressurreição. Que a nossa vida seja a exclamação de Maria de Magdala: “Vi o Senhor!”.

464 Fervilhar o coração

Lc 24,
13-35

A aparição de Jesus ressuscitado aos discípulos de Emaús é-nos proposta pela liturgia. Trata-se de um encontro muito realista com Jesus, já que os discípulos simbolizam os traços de desânimo que sempre caracterizaram o homem e que, ainda hoje, não obstante a Boa Nova, nos assaltam inúmeras vezes. Também nós, tantas vezes, como aquelas duas personagens, “**paramos, com ar triste**”. Não está escrito que não o devamos fazer, que não devamos sentir desânimo. O que podemos, por graça da própria Páscoa, é aceitar Jesus, companheiro de caminho, que nos relembra que está connosco sempre, que reparte o pão e que nos faz “**fervilhar o coração**”.

465 Assim está escrito, que o Messias
havia de sofrer e ressuscitar

Lc 24,
35-48

Perguntamos com frequência a nós próprios, com toda a lógica, o porquê do sofrimento. E podemos estender esta especulação à própria vida de Jesus, Ele, Deus feito homem: porquê a cruz, porquê esta entrega? Trata-se de matéria de fé. Só a própria fé, vivida, dá sentido a este profundo mistério. Agradeçamos hoje ao Senhor o facto da frase que hoje destacamos não vir truncada e ser apenas: “Assim está escrito, que o Messias havia de sofrer”. Agradeçamos a última parte, que ilumina a primeira: “...e **ressuscitar**”.

466 ...tornou-se pedra angular

Slm 117,
1-4. 22-
27a

A forma como Pedro explica aos sacerdotes a cura de um coxo termina numa das sínteses mais completas da morte e ressurreição de Jesus: Pedro diz que Ele, rejeitado pelos homens, tornou-se **pedra angular**. Alguns atributos de uma pedra angular fazem-nos perceber melhor o próprio Jesus: a pedra é forte e resistente, é segura e, com a massa e outras pedras, constrói o edifício que somos nós. A pedra angular, por sua vez, está na esquina e une as duas direcções perpendiculares (Deus e o homem). Demos graças a Deus por esta pedra que Ele nos oferece em Jesus Cristo.

467 Nós é que não podemos calar o que vimos e ouvimos Act 4,
1-12

Perante as ameaças dos homens do Sinédrio, Pedro e João recusam pressões e afirmam que não se podem calar face ao que viram e ouviram (de Jesus). Nós vivemos num mundo de liberdade de expressão mas não deixemos de ter os nossos focos de pressão, alguns convites ao silêncio, às vezes dentro da nossa própria casa. A leitura dos Actos dos Apóstolos que lemos, encoraja-nos a romper o silêncio e a embarcar na **irresistível aventura de viver e de falar sobre o que sentimos e sobre o que Jesus nos ensinou.**

468 Como pode um homem nascer, sendo já velho? Jo 3,
1-8

O diálogo de Jesus com Nicodemos é revestido da temática morte-vida, traço da semana pascal que vivemos. São conhecidas histórias da imaginação de muitas crianças que, face à morte, assumem naturalmente que regressarão ao ventre da Mãe. Estes processos são reveladores da nossa sede de eternidade, da nossa vontade de viver. O que Jesus nos diz, desde logo e principalmente com a Sua ressurreição, é que a “morte da morte” se faz com o nascer para uma vida nova, nascer para o amor. **E todos os dias vale a pena “nascer para o amor”.** Não nascer, não nascer de novo, é morrer.

469 Mas tudo entre eles era comum Act 4,
32-37

Os primeiros Cristãos, como sabemos, viveram com particular autenticidade o Evangelho e criaram verdadeiras comunidades cristãs. Nestas comunidades, como é descrito, **tudo é de todos.** Não se trata de uma uniformidade desinteressante mas de uma unidade na diversidade, onde a partilha e a caridade potenciam aquilo (muito) que cada um vale. Saboreemos, hoje, a diversidade da Igreja que se foi construindo: sintamo-nos franciscanos em África, Jesuítas na América, servas de Deus na Índia ou cristãos leigos na Europa. Com carismas diferentes, completemo-nos e apreciemo-nos porque “tudo entre nós é comum”.

Os homens que metestes na cadeia,
470 estão no templo a ensinar o povo

Act 5,
12, 17-
26

Os apóstolos estavam presos por anunciarem a Boa Nova. O anjo libertou-os para darem sequência à sua missão. O diálogo entre prisão e liberdade tem muito a ver com o coração do tempo pascal que vivemos, sendo uma das formas de expressão da relação morte-vida, que a própria Páscoa nos vem trazer. A passagem (Páscoa) entre as “nossas prisões” e “a nossa liberdade” já foi trilhada por Jesus com a Sua morte e ressurreição. A leitura vem-nos dizer que, à semelhança dos primeiros apóstolos, **passamos da prisão à liberdade quando nos entregamos aos outros.**

471 Deve obedecer-se antes a Deus que aos homens

Act 5,
27-33

As palavras de Pedro face ao sumo-sacerdote, que proibia os apóstolos de falarem em nome de Jesus, podem ajudar-nos, hoje, a sermos mais autênticos. Vivemos num mundo de liberdades políticas mas existem na nossa sociedade muitas “proibições”, que não nos devem deter: há quem nos “proíba” de falar em Jesus pela vergonha de sermos minoria, há quem nos “proíba” de falar em Jesus pelo fundamentalismo da laicidade, há quem nos “proíba” de falar de Jesus pela inconveniência que muitas vezes trás a vontade de viver conforme o Evangelho. Como Pedro, tentemos **“obedecer antes a Deus”**.

472 Uma só coisa peço ao Senhor: habitar na Sua morada

Slm 26,
1. 4. 13-
14

O Salmo que lemos faz-nos pensar na forma e naquilo que pedimos ao Senhor. “Uma só coisa peço ao Senhor: habitar na sua morada”, diz o salmista. Pedir ao Senhor é, pois, pedir ao Senhor para habitar na Sua morada. Não quer dizer que não se possa (e até se deva) colocar nas mãos de Deus aquela viagem, aquela pessoa ou aquela dor de cabeça. Mas não na insistência para que “a dor passe”, “aquela pessoa faça o que eu quero” ou “aquela viagem corra bem”. Talvez pedir a Deus para **“habitar na Sua morada”**, isto é, estar na Sua paz, com aquela dor, com aquela pessoa ou naquela viagem mesmo se (e principalmente) se a dor persistir, a pessoa em causa se desencontrar ou se houver um furo no pneu...

473 | ... e tiveram medo. Mas Jesus disse-lhes:
"Sou Eu. Não temais."

Jo 6,
16-21

A frase de Jesus "Sou Eu. Não temais" servia, por si só, para inspirar toda a nossa vida. Jesus diz estas palavras na sequência do encrespamento do mar. Ele, morto e ressuscitado, não tira o medo mas ampara-nos e ajuda-nos a não temer. Assim o acolhamos, vindo sobre as águas mais ou menos encrespadas da nossa vida, com a Sua presença apaziguadora. Deixemos ecoar dentro de nós estas pacificadoras palavras: **"Sou Eu. Não temais."**

474 | Porque comestes dos pães e ficastes saciados

Jo 6,
22-29

Aproveitemos a leitura do Evangelho para fazer o sempre necessário exercício de **(re)descobrir a eucaristia**. Notemos o que Jesus disse à multidão quando esta o procurou: "procurais-me porque comestes dos pães e ficastes saciados". Esta é uma alusão à dádiva do próprio Jesus na eucaristia. E nós, quando comemos o Pão do Céu, ficamos saciados? Se não saímos da missa saciados, carregando a nossa cruz mas plenos e contentes, talvez não estejamos a tirar todo o partido desta oferta de Deus.

475 | Eu sou o pão da vida

Jo 6,
30-35

Jesus é "pão da vida", como repetimos tantas vezes na missa. Jesus dá-se, é nosso alimento, pode incorporar-nos e ser a nossa energia para viver. Não é um pão que se coma e se esgote mas é pão para sempre, pão para a vida. A insaciedade própria da nossa condição precisa deste pão, como a nossa insegurança carece da "rocha divina que é o nosso refúgio". Vivamos, hoje, como pessoas alegres, porque **alimentados com o pão da vida**.

476 *Quem vem a Mim nunca mais terá fome*

Jo 6,
35-40

“Fome” é algo que todos os homens têm, um estado comum a cada um de nós. Têm fome aqueles a quem falta pão para comer, têm fome os que são privados de carinho e afecto, têm fome os que não puderam ter cultura e oportunidades. Têm fome os que gostariam de ter melhores condições de vida, os que desejariam ser melhores. Têm fome os que sofrem por desencontros e mortes, os que não percebem grande parte do que os rodeia, os que não dominam todas as variáveis do jogo da vida. Temos fome todos nós! O Evangelho convida-nos à pergunta interior “que fomes tenho?” E, como pista, sugere-nos que **caminhemos até Jesus para nos saciarmos**.

477 *Ali está água, o que me impede de ser baptizado?*

Act 8,
26-40

Destacamos as palavras do eunuco etíope a Filipe, para usar uma espécie de “truque” vivencial, que nos ajude a lembrarmo-nos mais de Deus durante o nosso dia. A água tem um significado forte nas escrituras: é límpida, cristalina, vital, lava e é abundante. Foi desta água que o etíope convertido recebeu para o seu baptismo, na sequência do seu entendimento da Boa Nova de Jesus. Nós perdemos muitas oportunidades de sermos mais felizes porque nos esquecemos de Deus. Usemos hoje esta imagem da **água para nos lembrarmos d’Ele**. Sempre que virmos água: na chuva, num rio, num copo, na televisão, no mar, lembremo-nos de Deus e vivamos com a consciência de que Ele, que é amor, existe! Os nossos gestos serão mais intensos, saborosos, autênticos e frutuosos.

478 *Quem comer deste pão viverá eternamente*

Jo 6,
53-60

Há uma sede de eterno em todos nós! A angústia, a dor, o absurdo de um fim, inquietam-nos o coração. A eucaristia pode ser para nós, cristãos, uma pista para essa fome de infinito. É um erro, contudo, pensar na eucaristia como uma espécie de plano de poupança-reforma, capaz de nos deixar tranquilos depois da nossa morte. A eucaristia é “capital” disponível já, capaz de nos fazer rentabilizar a vida. Sim, vive da esperança de um Sol que não tem ocaso mas é pão que, nessa confiança, **nos dá a luz de cada dia**.

479 Para quem iremos, Senhor?
Tu tens palavras de vida eterna

Jo 6,
61-70

Ao ouvirem algumas palavras mais exigentes do Mestre, nomeadamente as referentes àquilo que seria o fundamento da eucaristia, muitos dos discípulos se afastaram de Jesus. Nunca se impondo, Jesus perguntou aos doze: “Também vós quereis ir embora?”. Estes 12 apóstolos certamente estranhavam alguma da dureza de Cristo mas já tinham experimentado algo de muito profundo que os impediria de ir por outro caminho. **Era uma espécie de ponte já passada e ruída**, que impedia o regresso a uma vida sem a liberdade de seguir Jesus. Será assim, por vezes, também connosco?

480 Se for um estranho, não o seguem

Jo 10,
1-10

A Páscoa apresenta-nos Jesus Cristo como o Bom Pastor. Percebe-se a utilização da figura do pastor, tão comum no Antigo Testamento e no tempo de Jesus, para nos ajudar a perceber o Filho de Deus. No texto do Evangelho podemos encontrar a ideia de que as ovelhas seguem o seu pastor mas não um estranho (“se for um estranho, não o seguem”). Crescer em direcção ao Bom Pastor é, pois, conhecê-lo e amá-lo cada vez mais e melhor. Vale a pena, pois, apostar na **relação pessoal** com Jesus Cristo, um amigo, com quem falo, a quem dou e de quem recebo, um “não estranho”.

481 O Senhor ama a cidade

Slm 86,
1-7

As palavras extraídas do salmo que hoje rezamos podem ajudar-nos a sermos mais contemplativos em relação ao espaço onde habitamos. Particularmente para os que moram em meios urbanos, é bom estar ciente que “**o Senhor ama a cidade**”. Às vezes parece que não, tal é a falta de qualidade de vida que nos grandes meios se respira. Mas muito depende de nós e dos nossos olhos. Vale a pena, por exemplo, olhar com encanto e deslumbramento para as pessoas que se cruzam connosco, nos autocarros, nas filas de trânsito ou nos passeios. Mesmo que muitas das vezes os seus rostos sejam tristes, são rostos, são vidas, são irmãos. E descobrir numa planta escondida que, de facto, “o Senhor ama a cidade”?

482 *Eu vim ao mundo como luz*

Jo 12,
44-50

Em tempo pascal gozemos Jesus como “**luz do mundo**” e luz da nossa vida. Como Ele próprio diz, veio para romper as trevas. Olhar as zonas escuras da nossa vida e as trevas do próprio universo que habitamos com a Sua luz, é ver mais longe, nunca fixados na morte, mas, passando pela cruz, de olhos postos na ressurreição de Jesus. O que em nós não é claro, como as relações mais difíceis com familiares ou amigos, as dificuldades económicas, um mundo incompleto onde a fraternidade está por esculpir, são aspectos que, vistos e vividos com a luz de Cristo, podem fazer sentido.

483 *Eu sou o caminho*

Jo 14,
1-6

O Evangelho de S. João poderia originar três livros, embora convergentes: Jesus é caminho, Jesus é verdade, Jesus é vida. Vamos deter-nos num resumo breve do primeiro: Jesus é caminho. A liturgia e todas as palavras de Santos e Doutores da Igreja insistem – e bem – na ideia do caminho. Viver cristãmente, de facto, não é mais do que caminhar, caminhar com Jesus. Não caminhar é parar, é correr sem ver, é possuir, é fazer “birras” por não apreender metas e soluções fáceis e mágicas. Caminhar é aventurar-se, alegrar-se, **arriscar a companhia eterna do Amor!**

484 *... e fará obras ainda maiores*

Jo 14,
7-14

As palavras de Jesus que lemos no Evangelho de João são quase arrepiantes, não só pela força e a maravilha da relação entre o Pai e o Filho (“quem Me vê, vê o Pai”) mas também porque nos implicam a nós próprios, já que Jesus diz que faremos obras ainda maiores do que Ele. De facto, se nos deixarmos levar pelo Seu amor, faremos, em Seu nome, **a continuação da Sua obra na Terra**. É esta a natureza da nossa existência, a nossa divinização. Quem vê Jesus, vê o Pai e nós, se nos abandonarmos “no colo” do amor, faremos a obra do Reino de Deus.

485 O Paráclito vos recordará tudo o que Eu vos disse

Jo 14,
21-26

Os textos Pascais dos últimos capítulos do Evangelho de S. João, focalizam os discursos de Jesus na última ceia. Lembremo-nos do legado que Jesus nos deixou na sequência da Sua ressurreição: o Espírito Santo, o Paráclito. O Espírito Santo é a terceira peça de um puzzle que seria incompleto sem esse sopro. Nas palavras de Jesus, o Paráclito existe para nos recordar, **para recordar sempre e a todo o instante, tudo o que Jesus disse e viveu**. Convém, pois, estarmos atentos ao Espírito Santo que a toda a hora nos fala.

486 Eu sou a videira, vós sois os ramos

Mt 13,
54-58

A imagem que Jesus revela hoje no Evangelho, colocando-nos em relação a Ele como os **ramos de uma videira**, tem bastante significado. Vários aspectos estão associados aos ramos de uma videira: primeiro, o ramo não vive por si só, alimenta-se pelo tronco da videira, dele depende e, em certo sentido, lhe deve a vida. O ramo, por sua vez, tem uma missão específica e tende a albergar frutos, podendo participar na maravilha de se doar, respirando o aroma das uvas, saboreando a sua doçura. Um ramo, por outro lado, não é o único da vinha. Finalmente, o ramo é inútil se estiver seco, se não se deixar penetrar pela seiva. Dessa forma, não vive e não dá fruto.

487 ... E a vossa alegria seja completa

Jo 15,
9-11

A alegria que Jesus nos propõe, a mesma que experimenta na união com o Pai, é a alegria completa. Todos nós já experimentámos alegrias incompletas, isto é, superficiais e provisórias. Há coisas que nos dão satisfação fazer, que nos dão contentamento, mas, passado algum tempo, nos trazem nostalgia ou mesmo vazio, porque não tiveram o selo do amor. Estar numa festa, por exemplo, pode ser palco de “duas alegrias”: Se sinto prazer centrado em mim, sem me preocupar com os outros, tenho contentamento mas depois solidão. Se gozo igualmente mas pensando nos outros, filtrando os meus gestos pela peneira do amor, tenho **alegria... e completa!**

488 O firmamento anuncia a obra das Suas mãos

Slm, 18,
2-5

As palavras do Salmo são apelo para a nossa atenção aos sinais, à forma como Deus Se quer anunciar: “O firmamento anuncia a obra das Suas mãos”. Usemos esta imagem do salmista para reforçar o nosso louvor a Deus. Em particular, quando não tivermos o privilégio de ver as estrelas no céu, vejamos também o anúncio do Senhor. As estrelas são a morte e ressurreição anunciadas a todos nós. E, se o céu estiver encoberto, será que é preciso muito para acreditar que **as estrelas cintilam** atrás das nuvens?

489 Quando vier o Paráclito...

Jo 15,
26 – 16,
4

No Evangelho de João lemos o anúncio da assistência do Espírito Santo, feito pelo próprio Jesus, que diz: “Quando vier o Paráclito...”. Pois bem, já não estamos sequer na esperança mas, passada e presente a morte e ressurreição de Jesus, **o Paráclito chegou... e está!** Paráclito, que na sua génese significa “defensor” pode ser entendido como Espírito Santo. É tema forte do tempo pascal. Louvemos a Deus por este espantoso legado que nos é facultado, vértice do triângulo que, juntamente com o Pai e o Filho, exprime a perfeição do Amor.

490 A Vossa mão direita me salvará

Slm
137,
1-8

A nossa vida, de facto, está cheia de altos e baixos. Nos momentos piores, de que ninguém está isento, por motivos interiores ou exteriores a nós, precisamos de quem nos puxe, de quem nos salve, de quem nos estenda a sua mão. No Salmo que rezamos ouvimos a confiança de que a mão direita do Senhor nos salvará. “Mão direita” quer dizer, aqui **a melhor mão, a mais perfeita**. Isto é, Deus dá-se-nos com o seu melhor, como a ajuda perfeita e completa. Quando estivermos mais em baixo contemos com esta mão forte de Deus. Ela lá está, há que confiar. É uma questão de fé...

491 *Ele vos guiará para a verdade plena*

Jo 16,
12-15

Jesus faz, indirectamente, uma alusão clara à Santíssima Trindade. “Tudo o que o Pai tem é Meu”, diz Jesus, ao mesmo tempo que refere que o “Espírito Santo nos falará de Si próprio”, deste amor perfeito entre o Pai e o Filho. Entre outras imagens ricas do Espírito Santo, como a pomba da paz ou a água do Baptismo, lembremo-nos desta **energia que transporta um amor imenso**, como o que existe entre o Pai e o Seu Filho. Se falta amor em alguma das nossas relações, ouçamos o Espírito Santo que nos convida a um coração que se doa e que recebe, como acontece entre Jesus e o Seu Pai.

492 *A vossa tristeza converter-se-á em alegria*

Jo 16,
16-20

Converter tristeza em alegria é, em certo sentido, a Páscoa de Jesus. A paixão de Cristo, a passagem da morte à vida, não é mais do que esta conversão. Não se trata de aniquilamento fácil da tristeza mas da sua conversão em alegria, pela fé, confirmada na ressurreição. Bastaria um propósito baseado nesta intenção (conversão da tristeza em alegria) para motivar e encher de ânimo o nosso dia. Hoje, vivamos só para isto: uma doação simples de converter tristezas – nossas e de outros – em sinceras alegrias.

493 *Ninguém vos poderá tirar a vossa alegria*

Jo 16,
20-23a

Faz parte da natureza humana a ambição de uma realização, de um encontro. Para nós, a fé é o caminho para **um tesouro que não perde valor**, para uma casa que, assente na rocha do amor, não desmoronará. Através do Evangelho de João, Jesus continua a aflorar a temática da alegria falando-nos, da alegria que ninguém nos poderá tirar. Demos graças a Deus por este dom de alegria, da alegria verdadeira e plena que não tem ocaso. Pode passar-se pela dor, como a dor do parto referida no texto, mas logo a criança (a alegria) nasce e a mãe goza indizivelmente a fecundidade do seu esforço...

494 Saí de Deus e vim ao mundo

Jo 16,
23b-28

A forma como termina o texto de João que hoje lemos pode ser considerada uma espécie de síntese autobiográfica de Jesus: “saí de Deus e vim ao mundo. Agora deixo o mundo e vou para o Pai”. Aquilo que a vida de Jesus nos quer dizer é isto mesmo: alguém que sai do Pai para nos revelar o amor esplêndido que é Deus. A força deste amor passa pela doação total – até à morte – e tem como fruto o tudo da eternidade, a vitória da vida, a ressurreição. Pensemos e vivamos hoje com este mesmo dinamismo de Jesus: **vimos do Amor, vamos para o Amor e, portanto, vivamos este Amor!**

495 Por título nenhum eu dou valor à vida

Act 1,
15-17.
20-26

A frase de Paulo sobre a sua própria missão quase nos escandaliza: “Por título nenhum eu dou valor à vida”. Pode parecer desprezo pela vida mas é precisamente o contrário, uma vez que, para o Cristão, ganhar a vida é perdê-la, isto é, implicar-se e comprometer-se no amor é doar-se, doar a vida. Com efeito, Paulo dá este mesmo sentido à frase transcrita dos Actos dos Apóstolos quando, mais adiante, diz: “... contanto que dê testemunho do Evangelho da graça de Deus”. Isto é, dar a vida por esta causa. Hoje, em cada gesto que fizermos **façamos por perder a vida, ou seja, por dar a vida...**

496 Para que sejam um

Jo 17,
11b-19

Lemos no Evangelho de João palavras fortes de Jesus por ocasião da Última Ceia. “Para que sejam um” pode ser a resposta e, mais ainda, a resposta vivida face à mais central questão de cada pessoa humana: “Para que existo?”. De facto, existimos para sermos “um”, como Jesus e o Pai são um só. Ser um com o meu irmão não é ser igual a ele mas ser capaz de alegrar-se e chorar com ele, trabalhar com ele e por ele, se necessário dar a vida por ele. Ser “um” é perceber que o outro faz parte da minha história. Hoje, **sejamos “um” com os outros.**

497 Bendiz, ó minha alma, o Senhor

Slm 102,
1-2. 19-
20ab

Destacamos um verso do Salmo: “Bendiz, ó minha alma, o Senhor”. Levemos para a nossa vida esta afirmação através de duas formas: primeiro, bendizendo mesmo o nosso Deus, por tudo aquilo que nos dá, a começar na nossa existência. Depois, façamos a dedução simples de que todos somos filhos de Deus e, nesse sentido, bendizer a Deus é bendizer os homens nossos irmãos. O contrário de bendizer é dizer mal, uma “especialidade” de todos nós... Hoje, **digamos bem dos nossos irmãos**.

498 Paulo ficou dois anos inteiros no alojamento (...)
e ensinava o que se refere ao Senhor

Act 28,
16-20.
30-31

Paulo ficou numa espécie de prisão domiciliária, enquanto aguardava o resultado do apelo a César, a propósito de um crime que afinal não praticara. A experiência de Paulo é a de estar onde não escolheria mas aceitar essa circunstância e aí continuar essa missão apostólica, dando largas à sua razão de existir. Também nós, muitas vezes, estamos “presos” onde não queremos, devido a factores que nos ultrapassam e que não podemos contornar. Saibamos estar, nesses quadros, onde e como podemos estar: **Amar, podemos sempre!**

499 Para que também eles sejam um em nós
e o mundo acredite

Jo 17,
20-26

A parte final da liturgia pascal insiste na temática da unidade. Foi assim que Jesus ergueu ao Céu e dirigiu ao Pai a Sua súplica, nas vésperas de ser entregue a quem o crucificaria. Jesus pede para que sejamos um, como Ele é um com o Pai. Assim o mundo acreditará. O mundo acreditará se vir a unidade (“vede como se amam”). Podemos, pois, ser pedras de unidade. **Façamos hoje experiências de unidade**, experiências de fazer morrer “o meu Eu”, para “ser um” com o outro que está ao meu lado na vida.



HÁ GENTE ESPECIAL QUE NOS ANIMA

Santo Agostinho

500 | *Se hoje ouvirdes a voz do Senhor,
não fecheis os vossos corações*

Slm 94,
1-2. 6-9

O pecado inquieta-nos, o afastamento do amor não nos traz paz ao coração. As palavras do salmo apelam à abertura dos nossos corações, ao chamamento do Senhor, ao amor de Deus. Santo Agostinho exprime de forma belíssima o confronto entre a sede de infinito e a abertura a Deus. Diz ele: “Tu, Deus, fizeste o meu coração para Ti e o meu coração não terá paz se não repousar em ti”. Tentemos hoje, confrontados com os nossos limites, com os limites dos outros, com os limites do mundo, **repousar a nossa inquietude em Deus.**

Santo André

501 | *Eles deixaram logo as redes e seguiram-No*

Mt 4,
18-22

Celebramos hoje André, irmão de Pedro, fiel seguidor de Jesus que deu a vida pelo Senhor, morrendo também crucificado. De André, como de seu irmão Pedro, recordamos a prontidão da resposta ao apelo de Jesus. O apelo de Jesus é o apelo do Amor. Tentemos, hoje, imitar André que “**deixou logo as redes**”. Estejamos prontos para deixar o que deve ser deixado e atender Jesus nos nossos irmãos, deixar o ritmo de trabalho para atender melhor os filhos, deixar de ter algo, para partilhar, deixar um rancor para atender alguém, deixar a televisão para conversar mais em casal, são só alguns exemplos.

Santo Anjo da Guarda de Portugal

502 | *O Senhor mandará aos seus Anjos que te guardem,
os teus caminhos*

Slm 90,
1-11

É bom sabermos que o Espírito do Senhor acompanha o nosso caminhar! Como Deus ama especificamente cada um de nós, é natural que a linguagem simbólica dos anjos aponte para o anjo da guarda, pessoal, que envolve a nossa vida. Também o nosso país, tem o seu anjo protector, particularmente a partir das aparições de Fátima. Peçamos-lhe a graça para colaborar num Portugal melhor, mais justo, mais cristianizado, mais humanizado. **Sermos “o anjo” de outras pessoas**, que precisam de nós para o seu caminho, é também uma boa pista...

Santo António de Lisboa

503 | *Vós sois o sal da Terra*

Mt 5,
13-19

Jesus pediu a todos nós para sermos “**sal da Terra**”, para darmos “sabor” à vida dos homens, para atribuir “gosto” à nossa própria vida. Santo António, em particular, pelos seus dotes e pela sua caridade, ou melhor, pela forma como colocou ao serviço esses mesmos dotes e caridade, terá deixado um rasto de condimento na história dos homens. Uma das aventuras da sua vida foi ter ido parar a Sicília, por causa de uma tempestade e lá ter feito muito bem. Aproveitemos as tempestades da nossa vida, que nos levam para lugares e situações não previstas, para, à semelhança de António e de tantos santos, sermos “sal da terra”.

S. Bartolomeu

504 | *Verás coisas maiores do que estas*

Jo 1,
45-51

Jesus admira-se por Bartolomeu (Natanael) acreditar no Filho de Deus tão só porque o Mestre o tinha visto debaixo de uma figueira. Perante este facto Jesus anuncia o que, noutras passagens do Evangelho, está também patente: “Verás coisas maiores do que estas!”. Às vezes também são insignificantes os motivos da nossa fé: um elemento da natureza, um sorriso de um bebé, a maravilha das estrelas ou mesmo a nossa fragilidade nos fazem apostar em Deus. À medida que vamos experimentando viver “na suposição do amor”, vamos “**vendo coisas maiores**”.

S. Bento

505 | *Saboreai e vede como o Senhor é bom*

Slm 33,
2-11

S. Bento inspirou o estilo de todos os mosteiros da cristandade. O seu carisma, porém, extravasa a clausura dos mosteiros e pode ser saboreado (como diz o Salmo) também por nós. Em particular, diz-nos muito a máxima beneditina “*ora et labora*” (reza e trabalha). Façamos do nosso mundo esse “mosteiro” em que se reza e trabalha. Se quisermos, em que se reza trabalhando, ou ainda, em que se trabalha rezando.

Santa Brígida

506 | *Se alguém permanecer em Mim e Eu nele,*
esse dará muito fruto

Jo 15,
1-8

Santa Brígida foi Mãe de oito filhos. Ficou viúva e tornou-se religiosa. A sua vida inspira directamente pessoas com filhos de sangue mas também todos aqueles que, não tendo filhos biológicos, dão “fruto em abundância”. Muitos de nós, pelos filhos biológicos ou pelos “outros filhos”, damos a vida. É bom estar pronto a fazer o mesmo. O Evangelho sugere-nos para permanecermos em Cristo. Alguns de nós levamos uma vida excessiva e, desgastados, não podemos estar em Cristo que é Paz. Não dormir, não fazer exercício, não descontrair e gozar a natureza, é um equívoco. É achar-se “super-homem” ou “super-mulher”, é “derrapar” e, paradoxalmente, embora privando-se (excessivamente) pelos outros, é não ficar em **condições de bem-servir!**

S. Cirilo e S. Metódio

507 | *A palavra do Senhor divulgava-se por toda a região*

Act 13,
46-49

S. Cirilo e S. Metódio são os padroeiros da Europa. Numa altura em que o “espaço europeu” se consolida, é bom reflectirmos sobre a originalidade cristã na comunidade europeia. Quando se fala na comunidade económica, política ou até militar, façamos nós a nossa parte pela unidade nos valores cristãos. Ajudemos a nossa Europa a ser verdadeiramente fraterna, não só entre os países que a constituem, mas também com outros povos. Como serei construtor de uma **Europa fraterna** se não o sou com o meu vizinho, com o meu familiar, com o meu colega de trabalho?

S. Francisco de Assis

508 | *O Senhor está sempre na minha presença*

Slm 15,
1-11

Somos convidados a reflectir sobre esta companhia eterna e sistemática que o Senhor nos faz e que, tantas vezes, não aceitamos: “O Senhor está sempre na minha presença”. Nada melhor do que não deixar o tempo passar em vão, vivendo intensamente cada minuto. Trata-se, em certo sentido, de eternizar os instantes. Olhemos S. Francisco, “competente” na arte de bem viver as coisas, não lhe escapando a “irmã natureza” e outras **coisas simples às quais atribuía todo o significado.**

Santo Estevão

509 *Em Vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito*

Slm 30,
3 - 8ab.
16bc.17

As palavras com que Estêvão, primeiro mártir da Igreja, acompanhou o seu próprio martírio merecem-nos reflexão. São as mesmas palavras do refrão do salmo. Talvez com menor heroicidade e radicalidade, cada um de nós tem os seus martírios, os seus momentos de sofrimento que, directa ou indirectamente, podem ser vividos em união com Cristo. Saber sofrer pode mesmo ser o segredo de saber viver e, para o conseguir, vale a pena repetir as palavras de Estêvão nos “terrenos de dor”, do mapa da nossa vida: “Em Vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito”.

Fiéis Defuntos

510 *Sabemos que Aquele que ressuscitou Jesus
também com Ele nos há-de ressuscitar*

II Cor 4,
14-5

Lembramos os que já partiram para outra vida. Não seria humano fazer deste dia um dia de rasgados sorrisos e euforia externa. É possível, porém, divinamente humano, fazer deste dia um dia de recolhimento tranquilo e confiante. A fé coloca-nos num plano capaz de saber chorar os que partiram, acrescentando à tristeza pela sua ausência, uma confiança na sua felicidade. Mais ainda, ligando-nos aos que de outro lado nos vêem, com eles nos relacionamos, adivinhando que desejem para nós, aqui, uma vida parecida com a que gozam, **um reino de amor eterno**.

Santo Inácio de Loiola

511 *O Senhor falava com Moisés face a face*

Ex 33,
7-11

Deus fala “face a face” connosco! Isto é, eu posso (e devo) ser eu próprio diante de Deus. Diante d’ Ele, posso apresentar-me sem defesas, sem esquemas, sem subterfúgios. Assim deveria ser, também, entre os homens, assim nos deveríamos relacionar com os outros e connosco próprios: face a face. Santo Inácio foi instrumento de promoção de auto e hetero conhecimento, particularmente por via dos “Exercícios Espirituais”. Tentemos hoje imitar Deus nas relações com os outros. Haverá maior amizade do que fazer sentir ao outro que ele **pode ser “o que é”** diante de mim?

Santos Inocentes

512 | Herodes mandou matar em Belém todos os meninos de dois anos ou menos Mt 2, 13-18

As crianças mortas por Herodes simbolizam o martírio de inocentes, que precedeu a vida pública de Jesus. Fazer mal a crianças, desde a sua concepção, ou, inclusive, matá-las, é um quadro horrendo que desafia a nossa fé e justifica as nossas lágrimas. Ainda hoje, em África ou na Ásia, pelos quatro cantos do mundo, crianças inocentes são mortas em desertos áridos ou ventres desamados. Não é fácil responder a este quadro doloroso, diante do qual pode apetercer pensar num Deus que, sendo onipotente, abandona o Seu povo. Na realidade, a liberdade do Homem tem este preço e a nossa missão é desinstalar-nos e **promovermos a vida**, completando a missão que Deus, por graça, connosco quis partilhar.

S. João

513 | Chegou primeiro ao sepulcro (...) mas não entrou Jo 20, 2-8

Sobre o apóstolo e evangelista João muito pode ser dito e tomado como exemplo para nós. Olhemos para um pormenor relatado no Evangelho do próprio Santo: ele correu com Pedro, já chefe da Igreja, até ao sepulcro de onde desaparecera Jesus. Chegou primeiro, mas não entrou. Esperou por respeito e por achar que assim devia ser. Depois entrou, viu e acreditou. Aproveitemos esta história para evitar apostas, típicas do mundo actual, que nos “empurram” para chegar primeiro. No trabalho, em casa, na sociedade, no apostolado, mesmo chegando primeiro, não façamos questão de ter pressa e, se for o caso, deixemos **que outros entrem antes de nós**.

S. Marco Evangelista

514 | Pregai o Evangelho a toda a criatura Mc 16, 15-20

Na festa de S. Marcos, damos graças ao Senhor por ter colocado no caminho da História tantos homens e mulheres que nos trouxeram Jesus ao tempo presente. Louvamos Deus, também, por nós próprios termos essa missão anunciadora. De S. Marcos diz-se (e com razão) que era particularmente concreto e realista, o que se constata no Evangelho que escreveu. Usemos do mesmo **realismo** e do mesmo **espírito concreto** para “escrever o Evangelho da nossa vida”, animando os nossos irmãos.

S. João Baptista

515 | A quem não sou digno de desatar a correia das sandálias

Jo 1,
19-28

A forma como João Batista se apresenta faz-nos pensar na **discrição e humildade** com que devemos encarar os nossos méritos. João faz questão de vincar que não é mais do que um precursor d'Aquele que realmente é o Filho de Deus. Aprendamos do primo de Jesus a declinar todas as honras. Ao protagonizarmos os nossos gestos, mais espectaculares ou absolutamente discretos, tomemos consciência que apenas somos veículos de um amor maior, que chegou até nós através de Alguém a quem não somos dignos de desatar a correia das sandálias...

S. João Bosco

516 | O Senhor corrige aqueles que ama

Hebr
12, 4-7.
11-15

Na carta aos Hebreus a comunidade cristã é convidada a reflectir sobre o modo como Deus ama e corrige o Seu povo. Como um Pai corrige o seu filho, assim também Deus procede connosco. Este entendimento, contudo, nunca deve confundir-se com “um deus castigador”, que corresponde a uma objectiva má imagem de Deus. É a própria liberdade do homem que o confronta com as consequências dos seus actos, com a solidão que brota do seu pecado. S. João Bosco tinha esta dimensão na educação que promovia (e promove) nas crianças e jovens. A **autoridade e a correcção** (necessárias) e o **amor** (fundamental) devem andar **de mãos dadas!**

S. José

517 | Resolveu repudiá-la em segredo

Mt 1,
16-24

A experiência central de José, Pai adoptivo de Jesus, é a de ter acolhido um projecto divino sem compreender totalmente os seus contornos. José é modelo não só para os Pais mas para todos os homens e mulheres, já que todos temos diante de nós, a todo o momento, desafios equivalentes. O próprio desafio da fé, envolve risco. Um futuro ou mesmo um presente indefinido, um problema de saúde, uma mudança de vida, um contratempo inesperado, são quadros de vida que nos pedem confiança em Deus e aposta no Seu amor. Como José, saibamos, discreta mas convictamente, **mergulhar no desafio**, mesmo com um só ténue raio de luz a iluminar o nosso caminho.

S. Lourenço

518 *Mas se morrer, dá muito fruto*

Jo 12,
24-26

S. Lourenço é um mártir da Igreja que viveu no séc. III. Foi poupado ao martírio, no papado de Sisto II, por guardar os bens da Igreja. Os sequestradores teriam esperança de conseguir obter alguns tesouros por intermédio deste diácono. Ele pediu-lhes um tempo para reunir os seus tesouros e apresentou-se ao juiz com os pobres e marginalizados da comunidade, apoiados pela Igreja. Duas notas importantes poderemos reter: por um lado, aquele que guardava os bens da Igreja estava bem consciente de que os verdadeiros tesouros são os nossos irmãos. Por outro lado, foi capaz de **levar até ao fim** a coerência da sua fé. Notar também a ousadia, a **criatividade** e o rasgo de Lourenço, que nos pode inspirar enquanto Igreja.

São Lucas

519 *Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho*

Mc 16,
15-20

Foi Jesus quem, antes de subir ao Céu, confiou aos homens a missão de anunciar a “Boa Nova”. Lucas acompanhou Paulo e relatou, com um realismo particular, a vida de Jesus naquele que é o segundo dos quatro Evangelhos. A “Boa Nova” tem dois significados fortes: é “**Boa**”, porque nos faz bem, porque, acolhendo no coração e expressada na vida as suas inspirações, nos torna melhores. É “**Nova**” porque contraria o “homem velho” que há em nós. Porque, em cada dia, tem sempre algo mais, algo de novo para nos dizer. E se uma notícia é “Boa” e é “Nova” que mais podemos fazer que não seja anunciá-la?!

Santa Maria Madalena

520 *Mulher: porque choras?*

Jo 20,
1, 11-18

O encontro de Jesus com Madalena nas imediações do sepulcro é pleno de humanidade mas também da força do espírito. Nós, como Madalena, passamos por muitos momentos em que não encontramos um sentido para a nossa vida, em que perdemos tesouros preciosos. Nesses momentos, há “um Jesus” que se abeira de nós e pergunta “**porque choras?**” (diferente de “não chores!”). Então o encontro com Ele, já ressuscitado, fará luz nas nossas vidas. Ele prenunciará o nosso nome e nos incentivará a levar a outros a Boa Nova, isto é, a viver com aquela alegria interior que questionará os outros: “vede como se amam”...

Nossa Senhora do Rosário de Fátima

521| Estava junto à cruz de Jesus sua Mãe

Jo 19,
25-27

Celebram-se hoje em Portugal as aparições de Nossa Senhora aos três pastorinhos de Fátima. Independentemente da maior ou menor devoção que cada cristão possa ter em relação a este fenómeno, Fátima é local e pretexto para um reconhecimento e uma aproximação à Mãe de Jesus. Olhemos hoje para a forma, dolorosa mas presente, como **a Mãe de Jesus O acompanhou até à morte**. Jesus, oferecendo a Sua Mãe ao discípulo predilecto (“Eis a tua Mãe”), oferece Maria à Igreja, a cada um de nós. Espectadores ou protagonistas de uma cruz, lembremo-nos sempre de Maria que nos assiste e cujo sim da encarnação antecipa a vitória da vida.

S. Pedro

522| Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja

Mt. 16,
13-19

Jesus escolheu Pedro, homem espontâneo, autêntico e apaixonado pelo amor, para chefiar a Sua Igreja. É verdade que ao longo da História muitos sucessores de Pedro não terão sido parecidos com este apóstolo. Porém não podemos ler a História de ontem com a sensibilidade de hoje, mas sim fazendo o esforço de mergulhar na cultura de cada tempo. O certo é que foi graças à sucessão dos Papas que a unidade em Cristo se foi preservando e que a fé cristã chegou até nós. **Peçamos a Deus todas as bênçãos para o Pastor da nossa Igreja**, para que ajude o Papa a ser sempre sinal verdadeiro de Cristo na Terra.

S. Tomé, Apóstolo

523| Se não vir (...) não acreditarei

Jo 20,
24-29

S. Gregório Magno afirmou que o testemunho de Tomé foi bastante útil à nossa fé, mesmo quando comparado com o apostolado dos companheiros crédulos de Jesus. É que Tomé manifestou a desconfiança humana que, de uma forma ou outra, já morou no coração de cada um de nós. Foi a incredulidade de Tomé que levou Jesus a proferir essa bem aventurança de que “somos felizes por acreditar sem ver”. Façamos então assim: **mesmo sem ver nítido, lancemo-nos no amor**, para que, da felicidade que os nossos gestos geram nos outros, brote muita luz. Diante dessa luz diremos, como Tomé: “Meu Senhor e meu Deus!”.

S. Mateus

524 | Sentado no posto de cobrança de impostos

Mt 9,
9-13

A vida de Mateus tem um trajecto curioso. De forma simplificada, pode resumir-se a alguém que cobrava impostos (era mal visto), vê Jesus, por Ele é chamado, sobre a Sua vida escreve um Evangelho, pelo Mestre dá a vida. Aproveitemos este dia para olharmos para as nossas facetas de “cobradores”, não tanto de impostos, mas de afectos, de coisas, de gestos. É um facto que, muitas vezes, começamos a “**cobrar**” aos outros partes deles mesmos: os Pais aos filhos, os filhos aos Pais, os amigos aos amigos, entre familiares, entre companheiros de ordem religiosa ou congregação. “Dei-te isto, agora espero de ti (cobro)”. Façamos alguma conversão e percebamos que cobrar é, afinal, tornar egoísta um gesto que poderia ter sido de franca generosidade!

S. Tiago, Apóstolo

525 | Trazemos em vasos de barro o tesouro

II Cor
4, 7-15

Na festa de S. Tiago, Apóstolo fiel de Jesus, lembramos esta dicotomia entre fraqueza e força, fragilidade e robustez, perplexidade e confiança. Como lemos na carta de Paulo aos Coríntios, de facto, “trazemos em vasos de barro o tesouro “. A confiança de que há mais energias para além dos nossos limites, faz-nos fazer coisas maiores do que nós. Tiago terá morrido decapitado numa altura da vida apostólica da Igreja em que dar a vida tinha o significado próprio da letra. Provavelmente não seremos decapitados mas a nossa liberdade também está na aventura de **darmos a vida pelos nossos irmãos**.

Santa Teresa do Menino Jesus

526 | Antes fico sossegado e tranquilo, como criança ao colo da mãe

Slm
130,
1.2.3

O facto de Santa Teresa de Lisieux ter vivido apenas 24 anos, 9 dos quais num convento, é bastante curioso. De facto, bastam 24 anos para se ser santo! A vida é um dom mas não está nas nossas mãos o seu princípio e o seu fim. Melhor do que uma vida longa é uma vida em cheio, intensa na arte de fazer a vontade de Deus, como Santa Teresinha viveu. Como rezamos no salmo, Teresa viveu tranquila, sentindo-se “como criança ao colo da mãe”. Deixemo-nos nós também ser, hoje e amanhã, como “**crianças ao colo de Deus**”.

ÍNDICES

ÍNDICE REMISSIVO

Aceitar	50, 57, 64, 100, 141, 194, 343, 399, 464, 498
Acolher	34, 82, 121, 149, 174, 278, 375,
Agostinho	500
Água	87, 157, 169, 255, 266, 409, 448, 473, 473, 491
Ajuda	24, 52, 70, 99, 107, 169, 187, 191, 258, 356, 368, 416
André	501
Animar	230, 257, 267, 338, 342, 402, 464
Anjo	47, 187, 206, 381, 502,
Antigo Testamento	17, 100, 125, 162, 192, 201, 234, 288, 392, 418
Antônio	503
Aparência	2, 244,
Aposta	40, 48, 50, 80, 144, 266, 290, 334, 378, 390, 480, 504
Armas	296, 347
Atarefado	85, 332
Batismo	255, 410, 434, 477, 491,
Bartolomeu	504
Bíblia	317, 397,
Bonança	88, 279, 448,
Bondade	78, 136, 171, 195, 212, 282, 379, 437, 463
Bússola	113
Caminhar	22, 35, 70, 120, 202, 320, 414, 416, 431, 483, 502
Cantar	16, 66, 372
Caridade	322, 336, 364, 366, 432,
Casa	387, 398, 429, 435, 451, 493,
Casamento	140, 346, 390, 501
Catequese	242, 271, 410
Cegos	25, 52, 90, 303, 355, 357
Céu	231, 363, 374, 474, 488,
Chorar	56, 66, 394, 456, 496,
Coerência	65, 156, 221, 234, 252, 306,
Comer	94, 120, 401, 441

Sabor do Tempo que Passa

Consciência	295, 315, 352, 368, 405, 422, 424, 477, 515
Converter	107, 246, 456, 492
Corpo	1, 255, 325, 372,
Crescer	169, 277, 353, 480
Crianças	39, 100, 126, 263, 512, 526
Criatividade	241, 358, 513, 518
Crítica	81, 319, 355
Cruz	18, 21, 47, 67, 159, 196, 205, 369, 399, 458,
Cura	1, 53, 103, 240, 256, 272, 416
Dar	460, 495, 503, 525
Deixar	77, 118, 128, 146, 189, 265, 421, 501,
Delícia	55, 124,
Destruição	91, 211
Diálogo	208, 429
Dinheiro	127, 231, 271, 314, 427
Discípulo	313, 393, 431, 464
Divinizar	280
Divisão	218
Doce	55, 362
Educação	516
Emprestar	129
Envio	78, 82, 321, 461
Escravos	424
Esperança	173, 211, 254, 342, 387, 478, 525
Espírito Santo	46, 85, 105, 454, 485, 491
Eucaristia	68, 94, 168, 255, 296, 320, 438, 441, 474, 478
Falso	80, 209
Família	111, 174, 344, 451
Fariseus	95, 104, 190, 348, 366, 415
Fé	431, 440, 455, 490, 493, 510
Felicidade	19, 99, 119, 132, 163, 175, 226, 408
Fidelidade	10, 24, 230
Fogo	62, 235
Francisco	203, 508
Fruto	432, 486

índice Remissivo

Fuga	319
Futuro	66, 132, 249, 275, 276, 395
Generosidade	20, 130, 139, 315, 524
Glória	16, 75
Graça	358, 446, 502
Grito	357
Guerra	86, 97
Honra	49, 166, 222, 366, 378
Hospitalidade	223
Humildade	54, 64, 134, 310, 328, 343
Imagem	247, 266, 440
Insistir	230, 327, 407
Instante	178, 198, 266
Instituição	207, 325, 391
Interior	317, 379, 421, 448, 451, 520
Irmão	416, 442, 443, 496, 497, 501, 514, 518, 525
Jejum	366, 396
João Baptista	28, 35, 49
Liberdade	424, 430, 470, 479, 525
Luz	29, 33, 105, 118, 134, 246, 268, 300, 342, 426, 440, 478
Mansidão	195, 287, 343
Mãos	432, 509
Maravilha	17, 60, 119, 305, 422, 458
Maria	3, 12, 19, 31, 36, 113, 117, 285, 463, 521
Maria Madalena	429, 520
Medo	77, 88, 112, 149, 184, 245, 279, 358, 435, 473
Mentira	249
Mesquinhez	211
Milagre	95, 258, 296, 308
Misericórdia	90, 148, 178, 208, 217, 298, 388, 397, 406
Missão	13, 23, 99, 205, 283, 355, 384, 423, 444, 512
Mulher	102, 131, 152, 335, 344
Mundo	12, 25, 34, 38, 77, 107, 134, 191, 305, 426, 482
Nascimento	48, 191, 275
Obstáculo	257, 346, 383, 389

Sabor do Tempo que Passa

Ouvir	46, 85, 214, 239, 243, 323
Paciência	126, 325, 343, 348, 379
Padre	83, 126, 415
Pai	440, 484, 491, 496, 499, 524
Pai Nosso	105, 176, 192, 371
Pão	10, 94, 438, 475, 478
Papa	180, 522
Parábola	79, 114, 161, 165, 178, 248, 249, 292, 331, 340
Paraíso	47, 75, 196
Partilha	84, 166, 216, 225, 512
Pastor	118, 284, 445, 480, 522
Paz	46, 97, 121, 203, 218, 247, 251, 261, 323, 350, 448, 459
Pedir	57, 138, 330, 373, 472
Pensar	53, 129
Perdão	176, 186, 202, 273, 323, 351, 375, 379, 405, 409, 411
Perfeição	302
Permanecer	10, 41, 50, 72, 506
Persistência	183, 230, 239, 385
Plenitude	21, 73, 144, 190, 229
Pobre	19, 108, 130, 224, 272, 396, 436
Poda	63, 449
Poder	280
Política	374, 507
Prazer	397, 444, 487
Preocupação	276, 329
Primeiros cristãos	137, 447, 469
Prisão	462, 470, 498
Próximo	167, 226, 270, 278, 304, 331, 368, 461
Quaresma	364, 368, 377, 398, 400, 401, 405, 411, 421,
Recomeçar	15, 172, 250, 324
Recompensa	366
Reflexão	137, 179, 202, 345, 377, 418, 509
Regras	2, 71, 268, 336
Retorno	66, 348, 457,
Renúncia	106, 224

índice Remissivo

Ressurreição	76, 92, 205, 218, 317, 324, 372, 411, 437, 455, 468, 470, 485, 489, 494
Rezar	53, 86, 103, 105, 212, 230, 259, 272, 339, 365, 371, 401
Sabedoria	2, 123, 228, 388,
Sacerdócio	390
Sacramentos	168, 410
Sacrifício	148, 163, 347, 386,
Salvação	19, 31, 34, 40, 52, 170, 181, 196, 251, 294, 317, 322, 408, 418
Sangue	149, 255,
Santificar	185
Sede	41, 118, 266, 302, 390, 410, 439, 440, 478, 500
Segurança	150, 383
Semente	164, 248, 281, 292, 455
Sentimento	131, 393, 407, 430, 448
Serviço	109, 153, 180, 191, 332, 374, 503
Sexualidade	69, 388
Simplicidade	23, 64, 78, 104, 203, 233, 290, 447
Sinais	30, 33, 92, 95, 308, 488
Sociedade	7, 71, 132, 215, 250, 270, 322, 471, 513
Solidão	106, 197, 445, 487,
Talentos	77, 117, 123, 309, 358, 435
Tempestade	74, 88, 169, 235, 279, 503
Tempo	28, 85, 165, 204, 223, 226, 238, 332, 381, 395, 438, 443, 508,
Tesouro	88, 165, 196, 293, 525
Tradição	50, 170, 172, 247, 257, 372
Transfiguração	96, 168, 297
Trigo	142, 166, 218, 292,
Unidade	18, 320, 333, 392, 425, 469, 499,
Ver	25, 52, 90, 186, 229, 244, 251, 269, 298, 355, 357, 434, 440, 523
Verdade	42, 94, 102, 122, 137, 170, 181, 208, 229, 249, 286, 356, 364, 391, 446, 483
Vigiar	99, 184, 236
Vocação	163, 265, 393

ÍNDICE DE PENSAMENTOS

- 1 – Hoje vimos maravilhas
- 2 – Mas a sabedoria foi justificada pelas suas obras
- 3 – Faça-se em mim segundo a tua palavra
- 4 – O Senhor do Universo há-de preparar um banquete com manjares suculentos
- 5 – O meu jugo é suave e a minha carga é leve
- 6 – A vinha em flor exala o seu perfume
- 7 – Não é da vontade de meu Pai que se perca um só destes pequeninos
- 8 – Judá: tu és um leão novo
- 9 – Raquel chora os seus filhos e não quer ser consolada, porque eles já não existem
- 10 – Habitarei para sempre na casa do Senhor
- 11 – Nem todo aquele que diz “Senhor, Senhor” entrará no reino dos Céus
- 12 – Será chamado Emanuel, que quer dizer “Deus conosco”
- 13 – Curai os enfermos
- 14 – Os jovens cansam-se e fatigam-se e os adultos tropeçam e vacilam
- 15 – O Senhor é clemente e compassivo, paciente e cheio de bondade
- 16 – A minha boca cantará a vossa glória
- 17 – Na figueira começam a brotar os primeiros figos e a vinha em flor exala o seu perfume
- 18 – O lobo viverá com o cordeiro
- 19 – Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias
- 20 – Na verdade, a mão do Senhor estava com ele
- 21 – Aquele que diz conhecê-Lo mas não guarda os seus mandamentos é mentiroso
- 22 – Caminhemos à luz do Senhor
- 23 – Eu te bendigo, ao Pai, porque (...) as revelaste aos mais pequeninos
- 24 – Um povo que pratica a fidelidade
- 25 – Nesse dia os olhos dos cegos hão-de ver
- 26 – Os teus pecados estão perdoados
- 27 – Não deixará as noventa e nove nos montes para procurar a tresmalhada?
- 28 – Não apareceu ninguém mais do que João Baptista
- 29 – Quem vos segue, Senhor, terá a luz da vida
- 30 – Mas em vez de o reconhecerem fizeram tudo o que quiseram
- 31 – A virgem conceberá e dará à luz um filho que será chamado Emanuel
- 32 – Vós sois a minha defesa e o meu refúgio
- 33 – O próprio Senhor vos dará um sinal
- 34 – Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos
- 35 – Dirigir os nossos passos no caminho da paz
- 36 – Maria ficou junto de Isabel cerca de três meses
- 37 – Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec
- 38 – Mas aquele que faz a vontade de Deus permanece eternamente
- 39 – Se não vos tornardes como as crianças, não entrareis no reino dos Céus
- 40 – Todo aquele que tem n’ Ele esta esperança torna-se puro como Ele é puro
- 41 – Que procurais? (...) Vinde ver. (...) Encontrámos o Messias

Índice de Pensamentos

- 42 – Porque Deus é amor
- 43 – Nós sabemos que passamos da morte à vida, porque amamos os irmãos
- 44 – De Nazaré pode vir alguma coisa boa?
- 45 – Jerusalém louva o teu Senhor
- 46 – O Espírito Santo desceu sobre Ele como uma pomba
- 47 – Não foi aos anjos que Deus submeteu o mundo futuro
- 48 – Sabemos que conhecemos Jesus Cristo se guardamos os seus mandamentos
- 49 – Eu sou a voz que clama no deserto
- 50 – Quem permanece n' Ele não peca
- 51 – Caríssimos, não deis crédito a qualquer espírito
- 52 – Ele me enviou a proclamar a redenção aos cativos e a vista aos cegos
- 53 – Mas Jesus costumava retirar-Se
- 54 – Ele deve crescer e eu diminuir
- 55 – As vossas palavras, Senhor, são mais doces que o mel
- 56 – Cristo dirigiu preces e súplicas, com grandes clamores e lágrimas
- 57 – Pedi e dar-se-vos-á
- 58 – A nossa protecção está no nome do Senhor
- 59 – Julgarei cada um segundo as suas acções
- 60 – O Senhor fez maravilhas
- 61 – Como o barro nas mãos do oleiro, assim estais vós na minha mão
- 62 – Senhor: queres que mandemos descer fogo do céu que os destrua?
- 63 – Toda a vara que em mim não dá fruto, Ele corta-a
- 64 – Quando entrardes em alguma casa, ficai nela até partirdes
- 65 – Emendai os vossos caminhos e as vossas acções e Eu vos deixarei habitar neste lugar
- 66 – À ida vão a chorar (...), à volta vêm a cantar
- 67 – Não pensais que Eu vim trazer a paz à Terra
- 68 – Alegrei-me quando me disseram "vamos para a casa do Senhor"
- 69 – Esforçai-vos por entrar na porta estreita
- 70 – Quem tiver lançado as mãos ao arado e voltar para trás não serve para o reino de Deus
- 71 – O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado
- 72 – Somos (...) daqueles que perseveram na fé
- 73 – Jesus, ao ver a cidade, chorou sobre ela
- 74 – Até o vento e o mar Lhe obedecem
- 75 – E vi a cidade santa (...), que descia do Céu, bela como noiva adornada para o seu esposo
- 76 – Talitha kum!
- 77 – Que eu guardei num lenço, pois tive medo de ti
- 78 – Não leveis nada para o caminho
- 79 – Os últimos serão os primeiros
- 80 – Os que seguem deuses estranhos redobram as suas penas
- 81 – Dai antes de esmola o que está dentro e tudo para vós ficará limpo
- 82 – Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser o bastão
- 83 – Ao julgares os outros, condenas-te a ti próprio, pois tu, que te fazes juiz, cometes as mesmas acções
- 84 – Não acumuleis tesouros na Terra

Sabor do Tempo que Passa

- 85 – Marta, Marta...
- 86 – Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda
- 87 – Profundamente enraizados na caridade
- 88 – “Abba, Pai”
- 89 – Foi hospedar-se em casa de um pecador
- 90 – Vê, a tua fé te salvou
- 91 – Deus viu que era bom
- 92 – Nenhum sinal será dado a esta geração, senão o sinal de Jonas
- 93 – A mulher era pagã...
- 94 – Comeram e ficaram saciados
- 95 – Pediram-Lhe um sinal do céu
- 96 – Como é bom estarmos aqui! Façamos três tendas
- 97 – Farei aparecer o meu arco sobre as nuvens
- 98 – Eu digo-vos que não jureis em caso algum
- 99 – Portanto, vigiai e orai em todo o tempo
- 100 – Tudo aquilo que te aconteça, procura aceitá-lo
- 101 – Escolheu doze para andarem com Ele e para os enviar a pregar
- 102 – Saudai-vos uns aos outros com o ósculo santo
- 103 – Retirou-Se para um sítio ermo e aí começou a orar
- 104 – Gostam de se exibir nas praças e de ocupar os primeiros assentos
- 105 – Quando orardes, não digais muitas palavras
- 106 – Porque, quando sou fraco, então é que sou forte
- 107 – E não reparas na trave que está na tua vista
- 108 – Esta viúva pobre deu mais que todos os outros
- 109 – Não fecheis os vossos corações
- 110 – Eu venho, Senhor, para fazer a vossa vontade
- 111 – Os Seus parentes diziam: “está fora de Si”
- 112 – Como pode Satanás expulsar Satanás?
- 113 – Eis minha Mãe e meus irmãos
- 114 – Saiu o semeador a semear
- 115 – Saulo, Saulo, porque Me persegues
- 116 – Tende coragem e animai-vos
- 117 – Maria e José levaram Jesus a Jerusalém, para O apresentarem ao Senhor
- 118 – O Senhor é meu pastor: nada me faltará
- 119 – Façamos o homem à nossa imagem e semelhança
- 120 – Colheu do seu fruto e comeu-o
- 121 – O Senhor abençoará o seu povo na paz
- 122 – O Senhor confundiu a linguagem de todo o mundo
- 123 – Toda a sabedoria vem do Senhor
- 124 – A vossa lei faz as minhas delícias
- 125 – O amigo fiel não tem preço
- 126 – Deixai vir a mim as criancinhas
- 127 – Como é difícil para os que têm riquezas entrar no reino dos céus!
- 128 – Receberá cem vezes mais
- 129 – Ditoso o homem que se compadece e empresta
- 130 – Reparte com largueza pelos pobres
- 131 – Ele não é Deus de mortos mas de vivos

Índice de Pensamentos

- 132 – Louvarei o Senhor toda a minha vida
- 133 – Recebestes de graça, dai de graça
- 134 – Não se acende uma lâmpada para colocar debaixo do alqueire
- 135 – Andamos perplexos, mas não desesperados; perseguidos mas não abandonados; abatidos mas não aniquilados
- 136 – Senhor, sois um Deus clemente e compassivo
- 137 – Mostremo-nos em tudo como ministros de Deus
- 138 – Ele fez nascer o sol sobre bons e maus
- 139 – Deus ama aquele que dá com alegria
- 140 – Tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-o vós também
- 141 – Dai graças ao senhor porque Ele é bom
- 142 – Pelos frutos os conhecereis
- 143 – O Senhor libertou-me de toda a ansiedade
- 144 – Aos que procuram o Senhor não faltará riqueza alguma
- 145 – Sara já tinha passado a idade de ser Mãe
- 146 – Segue-me e deixa (...)
- 147 – O Senhor providenciará
- 148 – Prefiro a misericórdia ao sacrifício
- 149 – Não se deita vinho novo em odres velhos
- 150 – Sois o meu refúgio e a minha cidadela
- 151 – A seara é grande mas os trabalhadores são poucos
- 152 – Hei-de edificar-te novamente
- 153 – Não adquirais ouro, prata ou cobre, para guardardes nas vossas bolsas
- 154 – Agora posso morrer porque vi o teu rosto e tu ainda estás vivo
- 155 – Nada há encoberto que não venha a descobrir-se
- 156 – Quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim não é digno de Mim
- 157 – Atolei-me na lama do abismo (...), cheguei até ao fundo das águas
- 158 – Tira as sandálias dos pés porque o lugar que pisas é Terra Sagrada
- 159 – O Meu jugo é suave e a Minha carga é leve
- 160 – Intimou-os a todos que não descobrissem quem Ele era
- 161 – Porque lhes falas em parábolas?
- 162 – Não terás outros deuses diante de Mim
- 163 – Oferece a Deus sacrifícios de louvor
- 164 – O Reino dos Céus pode comparar-se ao grão de mostarda
- 165 – Vendeu tudo quanto possuía para comprar aquele campo
- 166 – Escolhem os bons para os cestos e o que não presta deitam-no fora
- 167 – Nenhum de vós prejudique o seu próximo
- 168 – Enquanto orava, alterou-se o aspecto do Seu rosto
- 169 – Começando a afundar-se, gritou: «salva-me, Senhor»
- 170 – Mulher, é grande a tua fé
- 171 – É eterna a sua bondade
- 172 – Pois nem a circuncisão nem a incircuncisão valem alguma coisa: o que tem valor é a nova criatura
- 173 – O Senhor é a minha herança
- 174 – Amai, portanto, o estrangeiro, porque vós também fostes estrangeiros na terra do Egipto
- 175 – Quem semeia abundantemente, também colherá abundantemente

Sabor do Tempo que Passa

- 176 – Segurando-o começou a apertar-lhe o pescoço, dizendo: “paga o que deves”
177 – “Vende tudo o que tens”
178 – Leva o que é teu e segue o teu caminho
179 – O banquete estava pronto mas os convidados não eram dignos
180 – Aquele que for maior, entre vós, será o vosso servo
181 – Cegos!
182 – Sabeis quando me sento e quando me levanto
183 – ... para não sermos pesados a nenhum de vós
184 – Vigiai, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor
185 – A vontade de Deus é que vos santifiquéis
186 – Mas Deus escolheu o que é louco aos olhos do mundo
187 – Deus levará com Jesus os que em Jesus tiverem morrido
188 – Como é bom o vosso nome
189 – Deixaram tudo e seguiram Jesus
190 – Quereis vós obrigar a jejuar os companheiros do noivo, enquanto o noivo está com eles?
191 – A virgem conceberá e dará à luz um Filho
192 – O Senhor é bom para com todas as criaturas
193 – Agora alegro-me com os sofrimentos que suportou por vós
194 – Aspirai às coisas do alto
195 – Revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição
196 – Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele
197 – Jamais se esquecerá da sua aliança
198 – Jovem, Eu te ordeno: levanta-te!
199 – E assentou os alicerces sobre a rocha
200 – Não sou digno que entres em minha casa, mas diz uma palavra e o meu servo será salvo
201 – Celebraram alegremente a dedicação ao templo de Deus
202 – São-lhe perdoados os seus muitos pecados porque muito amou
203 – Paz a esta casa
204 – Ouvem (a palavra), a conservam e dão fruto pela sua perseverança
205 – És o Messias de Deus
206 – O seu poder é eterno, não passará jamais
207 – Não lho proibais, pois quem não é contra vós é por vós
208 – Não há nada oculto que não se torne manifesto
209 – ...servindo deuses falsos
210 – Buscai o Senhor e o vosso coração se reanimará
211 – Terás razão para te irritares por causa do ríscio?
212 – Dar-se-vos-á
213 – Afundaram-se as nações no fosso que abriram
214 – Mas felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática
215 – Feliz o homem a quem Deus atribui a justiça, independentemente das obras
216 – A vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens
217 – Onde abundou o pecado superabundou a graça
218 – Vim trazer a divisão
219 – Não faço o bem que quero mas pratico o mal que não quero

Índice de Pensamentos

- 220 – Julgais que por terem recebido tal castigo (...) eram mais pecadores
- 221 – Recebemos nos céus uma habitação eterna
- 222 – Não tomes o primeiro lugar
- 223 – Praticai genuinamente a hospitalidade
- 224 – Quem não renunciar a todos os bens não pode ser meu discípulo
- 225 – Quer vivamos quer morramos vivemos para o Senhor
- 226 – Em todo o tempo e lugar bendirei o Senhor
- 227 – Voltou atrás, glorificando a Deus
- 228 – Mas a maldade nada pode contra a sabedoria
- 229 – A grandeza e a beleza das criaturas conduzem, por analogia, à contemplação do seu Autor
- 230 – Orar sempre sem desanimar
- 231 – Tudo, no céu e na Terra, vos pertence
- 232 – Mas agora me lembro do mal que fiz a Jerusalém
- 233 – Pede-me o que quiseres
- 234 – Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra
- 235 – Sol e lua, bendizei o Senhor
- 236 – Não suceda que os vossos corações se tornem pesados... com as preocupações da vida
- 237 – Eles largaram logo as redes e seguiram-No
- 238 – Exulta o meu coração no Senhor
- 239 – Falai, Senhor, que o vosso servo escuta
- 240 – Quero: fica limpo
- 241 – Descobriram o tecto por cima do lugar onde Ele se encontrava
- 242 – Eu não vim chamar os justos mas os pecadores
- 243 – Podem os companheiros do noivo jejuar enquanto o noivo está com eles?
- 244 – O homem vê as aparências mas o Senhor olha o coração
- 245 – Em Deus confio e nada temo
- 246 – Ergue-te
- 247 – Mostrai-nos, Senhor, o Vosso rosto
- 248 – Ouvem a palavra, a aceitam e frutificam
- 249 – Porque nada há escondido que não venha a descobrir-se
- 250 – Pecámos, Senhor: tende compaixão de nós
- 251 – ... Porque os meus olhos viram a Salvação
- 252 – Deito-me, adormeço, e me levanto: sempre o Senhor me ampara
- 253 – A menina não morreu, está a dormir
- 254 – Ele invocou o Senhor Altíssimo
- 255 – Perfurou-lhe o lado com uma lança e logo saiu sangue e água
- 256 – Todos os que O tocavam ficavam curados
- 257 – Anulais a palavra de Deus com a tradição que transmitis
- 258 – Eu creio, mas ajuda a minha pouca fé
- 259 – Confia ao Senhor os teus cuidados
- 260 – Mas vós não sabeis o que traz o dia de amanhã
- 261 – Vivei em paz uns com os outros
- 262 – Não vos queixeis uns dos outros
- 263 – Quem não acolher o reino de Deus como uma criança não entrará nele
- 264 – O Senhor jamais esquecerá a Sua aliança

Sabor do Tempo que Passa

- 265 – Todo aquele que tiver deixado (...) receberá cem vezes mais
266 – Por Vós suspiro, como terra árida, sequiosa, sem água
267 – Jesus concedeu-nos tudo o que é necessário
268 – Dai a Deus o que é de Deus
269 – Para vós, Senhor, levanto os meus olhos
270 – Não há nenhum mandamento maior do que este
271 – Esta pobre viúva deitou na caixa mais do que todos os outros
272 – Curai os enfermos
273 – Amai os vossos inimigos
274 – Sai e permanece no monte à espera do Senhor
275 – Quem virá a ser este menino?
276 – Não vos inquieteis com o dia de amanhã
277 – Não toques a trombeta diante de ti
278 – Edificai a casa sobre a rocha
279 – ...E fez-se grande bonança
280 – Glorificava a Deus por ter dado tal poder aos homens
281 – Deita-se o vinho novo em odres novos
282 – O Senhor é bom para com todos
283 – Ide por todo o Mundo
284 – Ide primeiramente às ovelhas perdidas da casa de Israel
285 – Eu respondi: Eis-me aqui: podeis enviar-me
286 – Escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos mais pequeninos
287 – Vinde a Mim todos os que andais cansados e oprimidos
288 – Senhor, livraste da morte a minha vida
289 – Não quebrará a cana já fendida
290 – Esse dá fruto e produz cem por um
291 – O grão de mostarda torna-se árvore
292 – Aquele que semeia a boa semente é o filho do homem
293 – Foi vender tudo quanto possuía e comprou essa pérola
294 – Não é Ele o filho do carpinteiro?
295 – O Senhor ouve os pobres e não despreza os cativos
296 – Manda embora toda esta gente, para que vá às aldeias comprar alimento
297 – O Seu rosto ficou resplandecente como o Sol
298 – Porque vou perdoar os seus pecados e não mais recordarei as suas faltas
299 – Mas, para não os escandalizarmos...
300 – Agradecei ao Senhor
301 – Bem aventurados os que sofrem perseguição, por causa da justiça
302 – O jovem retirou-se entristecido, porque tinha muitos bens
303 – Eu sou o Senhor da morte e da vida
304 – Nestes dois mandamentos se resumem toda a Lei e os Profetas
305 – Anunciai a todos os povos as maravilhas do Senhor
306 – Limpais o exterior (...) quando por dentro estais cheios de rapina e iniquidade
307 – Para não sermos pesados a nenhum de vós
308 – O que é tido como loucura de Deus é mais sabido que os homens
309 – Senhor, sempre te conheci como homem duro
310 – Apresentei-me diante de vós cheio de fraqueza e de temor

Índice de Pensamentos

- 311 – O Senhor é bondoso e compassivo, lento para a ira e cheio de amor
- 312 – As multidões (...) tentavam retê-Lo
- 313 – ...mas, porque Tu o dizes, lançarei as redes
- 314 – Todos nos devem considerar servos de Cristo e administradores
- 315 – Que possuis que não tendes recebido?
- 316 – Vós protegeis e alegrais os que amam o vosso nome
- 317 – O Senhor ama o Seu povo
- 318 – Amai os vossos inimigos
- 319 – Tira primeiro a trave da tua vista
- 320 – Quando vos reunis para comer a ceia do Senhor, esperai uns pelos outros
- 321 – Eu te ordeno: levanta-te!
- 322 – Se não tiver caridade, nada sou
- 323 – A tua fé te salvou, vai em paz
- 324 – Se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa fé
- 325 – Humildade, paciência e mansidão
- 326 – Não há nada secreto que não venha a ser conhecido à luz do dia
- 327 – Dai-me entendimento para guardar a vossa lei
- 328 – Qual deles seria o maior
- 329 – Não leveis bolsa nem alforge nem sandálias
- 330 – Ensinaí-me o bem, o discernimento e a ciência
- 331 – Quem é o meu próximo?
- 332 – Marta atarefava-se com muito serviço
- 333 – Mas depois deles chegarem retirava-se e mantinha-se à parte
- 334 – E jamais se esquecerá da Sua aliança
- 335 – Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher
- 336 – Nem a circuncisão nem a incircuncisão têm qualquer valor, mas só a fé, que actua pela caridade
- 337 – Ai de vós (...) porque impondes aos homens fardos insuportáveis e vós próprios nem com um só dedo tocais nesses fardos!
- 338 – A graça e a paz de Deus, nosso Pai, e de Jesus Cristo, nosso Senhor, estejam convosco
- 339 – Lembrando-me de vós nas minhas orações
- 340 – A vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens
- 341 – Tende as lâmpadas acesas
- 342 – O Senhor é a minha força
- 343 – Procedei com toda a humildade, mansidão e paciência
- 344 – Maridos, amai as vossas esposas
- 345 – Não façais nada por rivalidade nem por vanglória
- 346 – Feliz de quem tomar parte no banquete do reino de Deus
- 347 – Quem não tomar a sua cruz para vir após mim, não pode ser Meu discípulo
- 348 – Este homem acolhe os pecadores e come com eles
- 349 – Detiveram-se os nossos passos, às tuas portas, Jerusalém
- 350 – Porque o templo de Deus é santo e vós sois esse templo
- 351 – Se te ofender sete vezes num dia (...) tu lhe perdoarás
- 352 – Somos inúteis servos: fizemos o que devíamos fazer
- 353 – Não digam mal de ninguém, não sejam conflituosos, mas pacíficos

Sabor do Tempo que Passa

- 354 – O reino de Deus está no meio de vós
- 355 – Abri, Senhor, os meus olhos
- 356 – Devemos, portanto, ajudar esses homens, para sermos cooperadores da verdade
- 357 – Senhor, que eu veja
- 358 – Senhor, aqui está a tua mina, que eu guardei num lenço, pois tive medo de Ti
- 359 – Não é um Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos
- 360 – Ele nos fez, a Ele pertencemos
- 361 – Tende presente, em vossas orações, que não deveis preparar a vossa defesa
- 362 – Como são doces ao meu paladar as vossas palavras
- 363 – Passará o céu e a Terra, mas as Minhas palavras não passarão
- 364 – Porque nos dias de jejum correis para os vossos negócios e oprimis todos os vossos servos
- 365 – Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão
- 366 – Teu Pai, que te vê no segredo, te dará a recompensa
- 367 – Não desprezeis, Senhor, o nosso coração humilhado e contrito
- 368 – Amarás o teu próximo como a ti mesmo
- 369 – Proponho-vos a vida e a morte, a bênção e a maldição
- 370 – Amai os vossos inimigos e amai aqueles que vos perseguem
- 371 – Pai nosso
- 372 – Tudo está consumado
- 373 – Quando Vos invoco, sempre me atendeis, Senhor
- 374 – Quem entre vós quiser tornar-se grande, será vosso servo
- 375 – Não te digo sete vezes mas até setenta vezes sete
- 376 – Eles dizem e não fazem
- 377 – Ensinai-o aos vossos filhos e aos filhos dos vossos filhos
- 378 – O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor
- 379 – A medida que usardes com os outros será usada também convosco
- 380 – Todo aquele que se exalta será humilhado
- 381 – ...a uma cidade da Galileia chamada Nazaré (...)
- 382 – Ele ficou ressentido e não queria entrar
- 383 – O Deus de Jacob é a nossa fortaleza
- 384 – Eu te formei (...) para renovar a aliança do povo
- 385 – Por que razão, Senhor, se há-de inflamar a Vossa indignação?
- 386 – ... evitando andar pela Judeia, porque os judeus procuram dar-Lhe a morte
- 387 – Senhor, meu Deus, em Vós espero
- 388 – Também Eu não te condeno
- 389 – Porque nos fizeste sair do Egipto, para morrermos no deserto?
- 390 – Será uma aliança para sempre
- 391 – ...conhecereis a verdade e a verdade vos libertará
- 392 – Farei deles um só povo
- 393 – Sentia-Se intimamente perturbado
- 394 – Na minha angústia invoquei o Senhor
- 395 – E a casa encheu-se com o perfume do bálsamo
- 396 – O jejum que Me agrada...
- 397 – Judas procurava uma oportunidade de O entregar
- 398 – Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos
- 399 – Tome a sua cruz todos os dias e siga-me

Índice de Pensamentos

- 400 – Não são os que têm saúde que precisam de médico mas sim os doentes
- 401 – Porque tive fome e Me deste de comer
- 402 – O Senhor está perto dos que têm o coração atribulado
- 403 – Quando Vos invoco, sempre me atendeis, Senhor
- 404 – Sede perfeitos como o Pai celeste é perfeito
- 405 – Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso
- 406 – Ainda que os vossos pecados sejam como escarlate, ficarão brancos como a neve
- 407 – Porventura assim se paga o bem com o mal?
- 408 – Aí vem o homem dos sonhos: vamos matá-lo
- 409 – Ele (...) levará para o fundo do mar todos os nossos pecados
- 410 – A minha alma tem sede do Deus vivo
- 411 – Não te digo até sete vezes mas até setenta vezes sete
- 412 – Não vim revogar mas complementar
- 413 – Segui sempre o caminho que vou indicar-vos e sereis felizes
- 414 – Porque são rectos os caminhos do Senhor
- 415 – (...) Para alguns que se consideravam justos e desprezavam os outros
- 416 – Jesus perguntou-lhe: “Queres ser curado”
- 417 – O Senhor ampara os que vacilam
- 418 – Se acreditásseis em Moisés acreditaríeis em Mim
- 419 – Armemos ciladas ao justo
- 420 – Ainda que passe por vales tenebrosos, nada temo, porque vós estais comigo
- 421 – Investiga e verás que da Galileia nunca saiu nenhum profeta
- 422 – Recordai as suas maravilhas
- 423 – Jesus retirou-Se (...) e lá permaneceu
- 424 – Todo aquele que comete o pecado é escravo
- 425 – Para congregar na unidade todos os filhos de Deus
- 426 – Farei de ti a luz das nações
- 427 – Eles garantiram-lhe trinta moedas de prata
- 428 – Não temais
- 429 – Pensando que era o jardineiro (...)
- 430 – Para quem iremos, Senhor?
- 431 – Pararam, com ar muito triste
- 432 – (...) como se fosse pelo nosso próprio poder ou piedade que fizemos andar este homem
- 433 – A pedra rejeitada tornou-se pedra angular
- 434 – Quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus
- 435 – Ninguém considerava seu o que lhe pertencia
- 436 – O pobre clamou e o Senhor ouviu a sua voz
- 437 – A Terra está cheia da bondade do Senhor
- 438 – Trabalhai, não tanto pela comida que se perde, mas pelo alimento que dura até à vida eterna
- 439 – Houve muita alegria naquela cidade
- 440 – Quem Me vê, vê o Pai
- 441 – Quem comer deste pão viverá eternamente
- 442 – Eu vim para que as Minhas ovelhas tenham vida e a tenham em abundância
- 443 – Eu conheço as Minhas ovelhas e elas seguem-Me

Sabor do Tempo que Passa

- 444 – Separai Barnabé e Saulo para o trabalho a que os chamei
445 – (...) nem o enviado é maior do que quem o enviou
446 – Eu sou o caminho, a verdade e a vida
447 – Voltamo-nos para os gentios
448 – Deixo-vos a paz, dou-vos a Minha paz
449 – Ele corta todo o ramo que está em Mim e não dá fruto
450 – É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei
451 – Cantem jubilosos em suas casas
452 – Não se devem importunar os gentios convertidos
453 – Se me perseguiram a Mim, também vos perseguirão a vós
454 – Mas se Eu for, Eu vo-Lo enviarei
455 – Havemos de te ouvir falar disto outra vez
456 – Estareis tristes mas a vossa tristeza converter-se-á em alegria
457 – Nesse dia não Me fareis nenhuma pergunta
458 – Povos todos, batei palmas
459 – Para que em Mim tenhais a paz
460 – Há mais felicidade em dar que em receber
461 – Acrescentou: «Segue-Me»
462 – Anunciava o reino de Deus com firmeza e sem nenhum impedimento
463 – Vi o Senhor
464 – Fervilhar o coração
465 – Assim está escrito, que o Messias havia de sofrer e ressuscitar
466 – ...tornou-se pedra angular
467 – Nós é que não podemos calar o que vimos e ouvimos
468 – Como pode um homem nascer, sendo já velho?
469 – Mas tudo entre eles era comum
470 – Os homens que metestes na cadeia estão no templo a ensinar o povo
471 – Deve obedecer-se antes a Deus que aos homens
472 – Uma só coisa peço ao Senhor: habitar na Sua morada
473 – ... e tiveram medo. Mas Jesus disse-lhes: "Sou Eu. Não temais."
474 – Porque comestes dos pães e ficastes saciados
475 – Eu sou o pão da vida
476 – Quem vem a Mim nunca mais terá fome
477 – Ali está água, o que me impede de ser baptizado?
478 – Quem comer deste pão viverá eternamente
479 – Para quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna
480 – Se for um estranho, não o seguem
481 – O Senhor ama a cidade
482 – Eu vim ao mundo como luz
483 – Eu sou o caminho
484 – ... e fará obras ainda maiores
485 – O Paráclito vos recordará tudo o que Eu vos disse
486 – Eu sou a videira, vós sois os ramos
487 – ... E a vossa alegria seja completa
488 – O firmamento anuncia a obra das Suas mãos
489 – Quando vier o Paráclito...
490 – A Vossa mão direita me salvará

Índice de Pensamentos

- 491 – Ele vos guiará para a verdade plena
- 492 – A vossa tristeza converter-se-á em alegria
- 493 – Ninguém vos poderá tirar a vossa alegria
- 494 – Sai de Deus e vim ao mundo
- 495 – Por título nenhum eu dou valor à vida
- 496 – Para que sejam um
- 497 – Bendiz, ó minha alma, o Senhor
- 498 – Paulo ficou dois anos inteiros no alojamento (...) e ensinava o que se refere ao Senhor
- 499 – Para que também eles sejam um em nós e o mundo acredite
- 500 – Se hoje ouvirdes a voz do Senhor não fecheis os vossos corações
- 501 – Eles deixaram logo as redes e seguiram-No
- 502 – O Senhor mandará aos seus Anjos que te guardem os teus caminhos
- 503 – Vós sois o sal da Terra
- 504 – Verás coisas maiores do que estas
- 505 – Saboreai e vede como o Senhor é bom
- 506 – Se alguém permanecer em Mim e Eu nele, esse dará muito fruto
- 507 – A palavra do Senhor divulgava-se por toda a região
- 508 – O Senhor está sempre na minha presença
- 509 – Em vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito
- 510 – Sabemos que Aquele que ressuscitou Jesus também com Ele nos há-de ressuscitar
- 511 – O Senhor falava com Moisés face a face
- 512 – Herodes mandou matar em Belém todos os meninos de dois anos ou menos
- 513 – Chegou primeiro ao sepulcro (...) mas não entrou
- 514 – Pregai o Evangelho a toda a criatura
- 515 – A quem não sou digno de desatar a correia das sandálias
- 516 – O senhor corrige aqueles que ama
- 517 – Resolveu repudiá-la em segredo
- 518 – Mas se morrer, dá muito fruto
- 519 – Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho
- 520 – Mulher: porque choras?
- 521 – Estava junto à cruz de Jesus sua Mãe
- 522 – Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja
- 523 – Se não vir (...) não acreditarei
- 524 – Sentado no posto de cobrança de impostos
- 525 – Trazemos em vasos de barro o tesouro
- 526 – Antes fico sossegado e tranquilo, como criança ao colo da mãe